

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA CONDIÇÃO HUMANA

RUTE BUENO CAIRES

**TRAJETÓRIAS DE JOVENS MULHERES LBT:
MEMÓRIAS DE (DES)ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL,
VIOLÊNCIAS E RESISTÊNCIAS**

Sorocaba

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA CONDIÇÃO HUMANA

RUTE BUENO CAIRES

**TRAJETÓRIAS DE JOVENS MULHERES LBT:
MEMÓRIAS DE (DES)ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL,
VIOLÊNCIAS E RESISTÊNCIAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana para obtenção do título de Mestra. Área de Concentração: A condição Humana na Contemporaneidade. Universidade Federal de São Carlos. Sorocaba, 28 de fevereiro de 2023.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Viviane Melo de Mendonça

Sorocaba

2023

Caires, Rute Bueno

Trajetórias de jovens mulheres LBT: memórias de
(des)acolhimento institucional, violências e resistências /
Rute Bueno Caires -- 2023.
226f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São
Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba

Orientador (a): Viviane Melo de Mendonça

Banca Examinadora: Daniela Auad, Dulcineia de Fatima
Ferreira

Bibliografia

1. Acolhimento Institucional. 2. Mulheres LBT. 3.
Interseccionalidade. I. Caires, Rute Bueno. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -
CRB/8 6979

RUTE BUENO CAIRES

TRAJETÓRIAS DE JOVENS MULHERES LBT:
MEMÓRIAS DE (DES)ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL,
VIOLÊNCIAS E RESISTÊNCIAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Estudos da Condição Humana, Universidade Federal de São Carlos – *campus* de Sorocaba, Mestrado acadêmico.

Orientadora

Prof.^a Dr.^a Viviane Melo de Mendonça

Universidade Federal de São Carlos – *campus* de Sorocaba

Examinadora

Prof.^a Dr.^a Daniela Auad

Universidade Federal de Juiz de Fora

Examinadora

Prof.^a Dr.^a Dulcineia de Fatima Ferreira

Universidade Federal do Maranhão



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Ciências Humanas e Biológicas
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Rute Bueno Caires, realizada em 28/02/2023.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Viviane Melo de Mendonça (UFSCar)

Profa. Dra. Daniela Auad (UFJF)

Profa. Dra. Dulcineia de Fatima Ferreira (UFMA)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana.

Dedicatória

Sophia e Mariana, amores da minha vida, as crianças mais afetuosas e potentes que já conheci, a vocês dedico toda a minha luta, o meu amor e o meu desejo de transformar esse mundo em um lugar infinitamente melhor, para que vocês cresçam e floresçam em segurança, que tenham uma vida plena, com muito amor e liberdade!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, celebro as vidas, as existências e as resistências das mulheres, celebro também a possibilidade de ter (re)existido e ter ressignificado minha trajetória profissional e pessoal durante esse processo de mestrado.

Agradeço à Professora Dr.^a Viviane Melo de Mendonça, minha orientadora. Vivi, sua existência é inspiração, é acalento, potência e sinônimo de resistência! Serei eternamente grata por nossa parceria, por ter sido orientada e acolhida por você. Sem você, essa dissertação provavelmente não existiria.

Às professoras Dr.^a Kelen Christina Leite e Dr.^a Daniela Auad pelas contribuições valiosas apresentadas em minha banca de qualificação. À professora Kelen agradeço também pelas inúmeras contribuições nas matérias que ministrou no programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana, e das quais participei como sua aluna, pelas trocas semanais nos encontros do Núcleo de Estudos Gênero, Diferenças e Sexualidades (NEGDS), e no debate do II Seminário de Estudos da Condição Humana. Gratidão!

Agradeço a todas, todos e todes que participam do NEGDS e do projeto Mulheres e Luta, especialmente às minhas amigas e companheiras de luta: Daia Moura, Fernanda Ikedo, Tamiris Mazetto, Manu Barros e Fernanda Brito. Sem esses encontros permeados por diálogos tão potentes e afetuosos, meu processo de mestrado teria sido mais doloroso e solitário. Mas “quem falou que eu ando só? Tenho em mim mais de muitas, sou uma, mas não sou só” (“Povoada”, Sued Nunes, 2021).

Agradeço às (aos) colegas da linha 1 de pesquisa, “Sujeitos de Discursos, Narrativas e Mobilidade”, do programa de Pós-graduação em Estudos da Condição Humana. Nossos encontros foram apenas virtuais, mas foram extremamente significativos e possibilitaram-me ampliar o olhar sobre minha pesquisa a partir do diálogo com tantas pesquisadoras e pesquisadores engajados e comprometidos com a ética da pesquisa acadêmica.

Às companheiras (es, os) de luta do Sindicato dos Rodoviários de Sorocaba e Região, agradeço por todo aprendizado compartilhado ao longo de muitos anos e por realmente representarem a classe trabalhadora com tanto empenho e resistência. Agradeço, especialmente, às mulheres que compõem a diretoria do Sindicato, pelos enfrentamentos necessários para a ocupação desses lugares. Saudações, a quem tem coragem!

Ao presidente do Sindicato dos Rodoviários de Sorocaba e Região e do Instituto de Gestão Social e Cidadania, Paulo João Estausia, o Paulinho, grata por apoiar e acreditar na

potência e na importância dos projetos desenvolvidos em nosso Instituto, por toda confiança e respeito dedicados ao meu trabalho e pela parceria de longa data.

Betânia, companheira de trabalho, mulher aguerrida, amiga e parceira de todas as horas, grata por todo carinho e cuidados dedicados a mim, e que nossa parceria seja sempre um lugar de afeto e confiança. Gratidão!

Rodrigo e Lucilene, companheira (o) de trabalho e amiga (o) querida (o), agradeço por todo carinho, incentivo, apoio e pela “torcida organizada” demonstrada em tudo que me proponho a realizar.

Às trabalhadoras(es) que compõem a equipe do Instituto de Gestão Social e Cidadania, atendentes e professoras(es), pessoas essenciais para a realização dos muitos projetos realizados no Espaço Cultural dos Rodoviários.

Às minhas amigas Aline Marchetti e Jéssica Almeida, agradeço pelo afeto dedicado a mim, pelo apoio em todos os momentos, pelo aprendizado, pelas risadas partilhadas, jantares, conversas e, principalmente, pela parceria de vida. Vocês me inspiram!

João Mendes, meu amigo querido, nada do que eu escreva será capaz de traduzir o quanto sou grata pelo encontro das nossas trajetórias. Agradeço pelo seu “abraço-casa” que me acolhe sempre que nos encontramos, agradeço o som da sua risada maravilhosa e contagiante, pelas horas de conversas, pelas aulas de teatro, por tanto! Grata, por sua existência. E voaaaaa!!!

Patrícia, cunhada/amiga, grata pelo carinho e cuidado que dedica, não apenas a mim, mas também à minha mãe, ao meu pai e, principalmente, ao meu irmão caçula. Gratidão!

Giovana Rodrigues, irmã que a vida me trouxe de presente, agradeço por ter propiciado tanta alegria ao nosso lar, em tempos tão difíceis. Sua chegada e sua existência foi/é acalento. Amo-te!

Ane Caroline, cunhada/irmã, menina/mulher sorridente e conversadeira, sou grata por nosso encontro, por todo carinho e companheirismo que você dedica a mim e por ter trazido ao mundo duas crianças tão incríveis e amorosas. Te amo!

André Kaires, irmão poeta, companheiro da “astronave goiabeira”, tantas foram/são as memórias que compartilhamos, danças e andanças, sonhos e realizações, descobertas, dores... nada do que eu escreva poderá traduzir o tamanho do amor que sinto por você. Grata por me pegar no colo quando precisei, por segurar minhas mãos quando tive medo e por ser meu parceiro de arte e de vida. Amo-te muito!!

Moisés Caires, irmão querido, saiba que receber o seu apoio, seu carinho e ser cuidada por você durante minha infância e juventude foi essencial para minha trajetória e para me tornar

quem eu sou. Grata por sua generosidade, por seu abraço acolhedor e por contribuir para trazer ao mundo nossas pequenas Sophia e Mariana. Te amo muito!!

Misael Caires, irmão caçula, rememoro com alegria os momentos de parceria que compartilhamos ao longo de nossas vidas, momentos permeados pela confiança que dedicava a mim. Muitas foram as vezes que você buscou meu apoio e meu acolhimento, principalmente quando você arrumava briga com os meninos mais velhos e dizia “esperem um pouco que vou chamar minha irmã, e vocês vão se ver com ela!” e eu prontamente te atendia, sentia-me uma gigante nesses momentos. Grata pela partilha de nossas trajetórias. Te amo muito!!

Ao meu pai Paulo, a pessoa mais genuína que já conheci, grata por ter me guiado (mesmo que de modo contido, quase que silenciosamente) pelos caminhos que me fortaleceram/fortalecem ao longo de minha trajetória. Pai, ainda anseio pelos dias em que ouvirei com mais frequência o som da sua voz e da sua risada, que te verei mais fortalecido diante das adversidades apresentadas por esse mundo. Saiba que eu estarei sempre ao seu lado! Te amo imensamente e para sempre!!

Flávio Melo, meu companheiro/parceiro, meu amigo mais íntimo, meu amor, parafraseando Guimarães Rosa (1994) “o correr da vida embrulhou tudo, e o que ela quis de nós foi: coragem”!, e cá estamos, compartilhando nossas trajetórias de vidas. Agradeço imensamente por tudo que partilhamos, pelas longas horas de conversas/trocas, por sua generosidade, por sua lealdade, pela parceria de trabalho e de vida, por todo cuidado que dedica a mim, demonstrado nas mais diversas formas, seja no preparo das nossas refeições (as melhores da vida), ou no apoio incondicional aos meus projetos e sonhos. Te amo muito, mais do que consigo dizer!!

Sophia e Mariana, minhas sobrinhas, meus amores, parceiras das caminhadas pelo nosso parque “pavorito”, parceiras de preparo dos banquetes para todos os bichos que habitam o parque e do desejo pela preservação da natureza que tanto amamos. Nada do que eu diga poderá traduzir o tamanho do amor que sinto por vocês: meu mundo ficou infinitamente melhor desde que vocês chegaram. Grata por transformarem a minha existência e por requisitarem a minha atenção e a minha companhia, com tanta alegria e urgência, porque, desta forma, tenho vivenciado momentos potentes que me mobilizam a contribuir para que esse mundo seja um lugar melhor, um mundo outro, especialmente para nós, mulheres. Minhas pequenas, amo vocês, imensamente e para sempre!!

Mãe, mulher aguerrida, destemida, tantos foram os enfrentamentos que você vivenciou em sua trajetória, muitos foram os sonhos que precisou deixar pelo caminho para seguir “sobrevivendo”. Desta forma, não pôde viver plenamente sua infância, uma vez que precisou

cuidar dos afazeres domésticos e de seus irmãos. Ainda menina deixou os estudos para trabalhar na roça e ajudar nas economias da casa, depois se casou e gerou quatro filhos. Ainda assim, seguiu trabalhando e administrando todas as questões relacionadas aos cuidados de seus/sua filhos/filha. Grata por sua existência e por ter cuidado de mim e me inspirado a chegar até aqui. Te amo imensamente e para sempre!!

Por fim, agradeço a Gaia, Mar e Raio, por me inspirarem a iniciar e a seguir com essa pesquisa e por compartilharem comigo suas existências e resistências. Sigamos ouvindo e preservando as memórias de todas as mulheres de luta que vieram antes de nós e de todas as jovens mulheres LBT que vivenciaram/vivenciam o processo de institucionalização nesse país. Sigamos (re)existindo!!

Em memória de Beatriz Nascimento

*A noite não adormece
nos olhos das mulheres
a lua fêmea, semelhante nossa,
em vigília atenta vigia
a nossa memória.*

*A noite não adormece
nos olhos das mulheres
há mais olhos que sono
onde lágrimas suspensas
virgulam o lapso
de nossas molhadas lembranças.*

*A noite não adormece
nos olhos das mulheres
vaginas abertas
retêm e expulsam a vida
donde Ainás, Nzingas, Ngambeles
e outras meninas luas
afastam delas e de nós
os nossos cálices de lágrimas.*

*A noite não adormecerá
jamais nos olhos das fêmeas
pois do nosso sangue-mulher
de nosso líquido lembradiço
em cada gota que jorra
um fio invisível e tônico
pacientemente cose a rede.*

(EVARISTO, 2017, p. 26)

RESUMO

CAIRES, Rute Bueno. **Trajetórias de Jovens Mulheres LBT**: memórias de (des)acolhimento institucional, violências e resistências. 226 f. 2023. Dissertação (Mestrado em Estudos da Condição Humana) – Centro de Ciências Humanas e Biológicas, Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2023.

Este trabalho se fundamentou nos estudos sobre a condição humana na contemporaneidade e tem como temática as violências sofridas por pessoas que são atravessadas pelas categorias das desigualdades, em particular gênero, raça, classe e sexualidade. O objetivo da presente pesquisa foi o de compreender como jovens mulheres lésbicas, bissexuais e transexuais (LBT) vivenciaram os processos de acolhimento institucional em abrigos para crianças e adolescentes. De modo específico, tendo em vista que essas mulheres já são adultas e não estão mais nesses abrigos, pretendeu-se: a) analisar as narrativas de memória das experiências vividas dessas jovens nos abrigos, procurando identificar processos, ações e discursos de resistência e superação das possíveis violências sofridas durante sua vida; e b) analisar como o período de acolhimento institucional afetou o modo como essas jovens têm construído suas identidades e relações afetivas e sociais após o desligamento institucional. A abordagem teórico-metodológica foi a História Oral. Foram entrevistadas três jovens mulheres LBT que foram acolhidas institucionalmente por terem tido seus direitos violados e que deixaram os abrigos com a chegada à maioridade legal, aos dezoito anos. Os resultados das análises das entrevistas realizadas reforçaram a perspectiva da constante violação dos direitos básicos das jovens participantes da pesquisa, marcadas por diversas violências e negligências potencializadas na interseccionalidade das categorias das desigualdades presentes em suas vidas. Conclui-se, portanto, o quanto é necessária a análise das categorias das desigualdades de modo indissociável, uma vez que as memórias das narradoras evidenciam questões referentes às suas classes, sexualidades, gênero, idades e as suas raças; e apontaram como essas categorias se encontram e sobrepõem-se em suas vivências de abandonos e violências. Embora o sistema de acolhimento se mostre fundamental para a proteção de direitos das jovens entrevistadas, é necessária uma formação específica para as profissionais, a fim de instruí-las sobre como o respeito às diversidades é parte da garantia dos direitos, sobretudo para o fim das violências.

Palavras-chaves: Acolhimento Institucional; Mulheres LBT; Interseccionalidade; Juventudes; Condição humana.

ABSTRACT

Dissertation (Master in Studies of the Human Condition) – Center for Human and Biological Sciences, Federal University of São Carlos, Sorocaba, 2023.

This work was based on studies on the human condition in contemporary times and has as its theme the violence suffered by people who are touched by the categories of inequalities, in particular, gender, race, class and sexuality. The aim of this research was to understand how young lesbian, bisexual and transgender (LBT) women experience the processes of institutional reception in shelters for children and teens. Specifically, bearing in mind that these women are now adults and are no longer in these shelters, it intended to: a) analyze the memory narratives of the experiences lived by these young women in the shelters, seeking to identify processes, actions and discourses of resistance and overcoming the possible violence suffered during his life; and b) analyze how the period of institutional sheltering affected the way these young women have built their identities and affective and social relationships after leaving the institution. The theoretical-methodological approach was Oral History. Interviews were held with 03 young LBT women who were institutionally sheltered for having their rights violated and who left the shelters upon reaching the legal age of eighteen. The results of the analyzes of the three interviews carried out reinforced the perspective of the constant violation of the basic rights of the young women participating in the research, marked by various types of violence and negligence that were enhanced in the intersectionality of the categories of inequalities present in their lives. It is therefore concluded how necessary it is to analyze the categories of inequalities in an inseparable way, since the narrators' memories highlight issues related to their classes, sexualities, gender, ages and their races; and they pointed out how these categories meet and overlap in their experiences of abandonment and violence. Although the host system is fundamental for the protection of the rights of the young women interviewed, specific training is needed for the professionals, in order to instruct them on how respect for diversity is part of guaranteeing the rights, above all, for the purpose of ending violences.

Keywords: Institutional Hosting; LBT women; intersectionality; Youths; Human condition.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Imagem retirada do livro “outros jeitos de usar a boca” de Rupi Kaur, um dos livros considerados significativos por Gaia.....	59
Figura 2 - Desenho recriado pela artista Pernambucana Dani Acioli para expressar repúdio contra um estupro coletivo cometido contra uma jovem de 16 anos em 2016.....	63
Figura 3 - Desenho criado pela artista pernambucana Clara Nogueira para expressar repúdio contra um estupro coletivo cometido contra uma jovem de 16 anos em 2016.....	65
Figura 4 - Outros corpos e afetos em cena, Jade Marra (1992).....	78
Figura 5 - Obra assinada por @bykarymy, sinônimo de arte de resistência para Gaia.....	91
Figura 6 - Produzida em 2019, pela artista, pesquisadora, professora e travesti Agrippina...	109
Figura 7 - Sônia Guajajara, Dilma Rousseff, Janja Lula da Silva, Luiz Inácio Lula da Silva e Anielle Franco - crédito: Ricardo Stuckert/Lula	127
Figura 8 - Marielle Franco.....	139

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	13
2 INTRODUÇÃO	20
3 PERCURSO METODOLÓGICO E SUAS TESSITURAS.....	27
3.1 AS ENTREVISTAS	29
3.2 PROCESSOS DE ANÁLISE	31
3.3 ASPECTOS ÉTICOS	33
4 EU NEM QUERIA EXISTIR: RESSIGNIFICANDO E CONSTRUINDO (RE)SISTÊNCIAS!.....	34
4.1 E AS HISTÓRIAS DAS MULHERES, QUEM CONTA?.....	34
4.2 (DES)COLHIDA INSTITUCIONALMENTE	72
4.3 ARTE: O TEATRO COMO RESISTÊNCIA	89
5 MAR – (RE)EXISTIR AOS REDEMOINHOS EM QUE MERGULHO	96
5.1 MAR, INÍCIO DE CARREIRA! TRABALHO(S).....	112
6 PAGANDO COM O ABANDONO.....	125
6.1 INÍCIO DOS ABUSOS.....	130
6.2 MEMÓRIAS DO ABRIGO	132
6.3 DEIXANDO O ABRIGO	135
6.4 TRAJETÓRIA DE RESISTÊNCIAS - MARIELLE, PRESENTE!!!	137
6.5 ENFIM, OUTROS CAMINHOS PARA VIVER... ..	141
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	142
REFERÊNCIAS	151
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO.....	160
APÊNDICE B – ENTREVISTA COM GAIA	164
APÊNDICE C – ENTREVISTA COM MAR	202
APÊNDICE D - ENTREVISTA COM RAI0.....	217

1 APRESENTAÇÃO

Eu não vou mais sentir vergonha de existir. Eu vou ter minha voz: indígena, espanhola, branca. Eu vou ter minha língua de serpente minha voz de mulher, minha voz sexual, minha voz de poeta. Eu vou superar a tradição de silêncio (ANZALDÚA, 2009, p. 132).

Este trabalho se fundamentou nos estudos sobre a condição humana na contemporaneidade e tem como temática as violências sofridas por pessoas que são atravessadas pelas categorias das desigualdades, em particular gênero, raça, classe e sexualidade, e que implicou em análise específica de memórias de mulheres Lésbicas, Bissexuais e Transexuais (LBT) que têm em suas trajetórias de vida as vivências de processos de institucionalização e desinstitucionalização.

Portanto, cabe dizer que esta pesquisa teve como objetivo analisar as narrativas de memória de três jovens mulheres negras – uma lésbica, uma transexual e uma bissexual –, visando identificar como e se estão construindo resistências à violência sobre seus corpos. As três jovens mulheres LBT que participaram deste estudo foram entrevistadas de acordo com o escopo metodológico da História Oral. Foram escolhidas porque reúnem diversos atravessamentos ligados à temática da pesquisa, ou seja, o recorte de raça, classe, gênero e sexualidade, além de terem sido acolhidas institucionalmente por terem seus direitos violados, resultando em medida protetiva garantida na Lei 8.069/90, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente. As mulheres entrevistadas deixaram os abrigos com a chegada à maioridade legal, aos dezoito anos.

Meu interesse por esta temática nasceu quando, em minha juventude, comecei a perceber como gênero é determinante para compreender porque os homens se sentem no direito de falar e tocar nos corpos femininos, como se fossem objetos destinados às suas posses, entre outras violências de gênero que são constantemente naturalizadas. Em processo de acentuado incômodo com essa percepção, meus estudos e, conseqüentemente, minha área de atuação profissional como professora de Literatura foram se encontrando, até que em 2016 me tornei coordenadora de um Instituto que, dentre outras coisas, oferta cursos para jovens institucionalizadas. Foi este o ponto nevrálgico que me fez elaborar o projeto que resulta nesta pesquisa. Essa perspectiva evidencia, portanto, minha íntima implicação como mulher, trabalhadora e pesquisadora neste processo e, por isso, seguirei com um relato meu, apresentando de maneira mais pontual de onde estou olhando, de onde estou pensando e escrevendo.

Sou uma mulher sonhadora, utopista, educadora, feminista e esperanço muito. Para tanto, gostaria de falar sobre isso: sobre esperançar, sobre o que eu esperanço e como esperanço, porque isso é falar sobre mim. E, se essa palavra, “esperançar” parecer estranha para alguém, não se assuste, pois estou usando-a como ensinou o professor Paulo Freire (1997), como verbo de esperança e não de esperar. Então, quando digo que eu esperanço, estou dizendo que eu me mobilizo para realizar aquilo que eu acredito, mesmo as coisas mais improváveis.

Eu esperanço que no futuro, num breve futuro, nosso desprendimento de forças possa mudar as culturas do machismo, sexismo, racismo, LGBTfobia e da totalidade das opressões que promovem a intolerância, desrespeito, morte, sofrimento e exploração. Meu esperançar foi/é constantemente fortalecido pelo amor e pelo afeto por mulheres que admiro e nas quais me inspiro – mulheres adultas, jovens e crianças –, uma vez que foram as mãos firmes de minha mãe Ireni, exercendo o papel de liderança em nossa casa, no trabalho, administração familiar, tomadas de decisões importantes e rompendo com o que é apregoadado por essa sociedade patriarcal, que atribui estas tarefas ao “homem da casa”, que aprendi e guardo tudo em minha memória. São essas práticas que ela mantém ainda hoje que me trouxeram até aqui e é através dessas mãos corajosas e aguerridas de minha mãe que busco o reencontro com a menina que fui um dia.

Busco em minhas memórias o reencontro com aquela menina que adorava andar descalça debaixo da árvore de amora, só para ficar com os pés “pintados”, e que passava horas cuidando das plantas e da horta. Durante as tardes, costumava sair para caminhar em busca de cachoeiras, das sombras das árvores e do pôr do sol, porque, como dizia o poeta, “quem anda nos trilhos é trem de ferro, sou água que corre entre as pedras: liberdade caça jeito” (BARROS, 2001, p. 32).

Costumeiramente, perdia a hora e enlouquecia a mãe de preocupação: fui “uma menina malcomportada”, como costuma apontar. Ao anoitecer, contava e nomeava estrelas... essa ligação tão forte com a terra e com a natureza (em todos os seus elementos) foi construída pelo fato de ter habitado em sítios, na cidade de Tatuí, desde o meu nascimento até a adolescência.

Aqui, durante esta escrita, eu me reencontro com memórias de infâncias e me fortaleço com a perspectiva de um mundo outro e me encontro com quatro outras mãos (ainda pequeninas, das minhas amadas sobrinhas), o que me motiva a pensar e agir, porque elas crescerão neste mundo e isso me mobiliza ainda mais a contribuir para transformá-lo em um lugar mais seguro e mais possível para elas e para todas as mulheres, um mundo outro!

Minha mãe e meu pai são evangélicos e, ao lado de meus três irmãos, fui criada em um lar muito conservador. No entanto, fui uma criança e uma jovem muito questionadora e, por

conta dessa característica de minha personalidade, em muitos momentos da minha trajetória senti que me faltavam tempo, lugares, palavras, respostas e significados.

Desde cedo percebi que a escrita me salvaria e me libertaria. E foi a paixão pelas palavras, pela literatura (em todas as suas formas) que motivou a escolha da minha profissão: professora de Literatura: “coloque suas tripas no papel” (ANZALDUA, 2009, p. 235).

Minha mãe estudou até a quarta série, pois teve de abandonar os estudos para cuidar de seus irmãos mais novos, e trabalhou a maior parte de sua vida com serviços domésticos. Meu pai estudou até a terceira série e dedicou grande parte de sua trajetória profissional às atividades rurais. Apesar da baixa escolaridade de meus pais, a vontade de ver os filhos superarem o ciclo de pobreza e de pouco estudo sempre esteve muito presente, uma vez que cotidianamente enfatizavam a importância de priorizarmos a escola.

E assim, carregando os meus sonhos e os sonhos de minha mãe e de meu pai, cheguei ao ensino superior, por meio do PROUNI¹. Desta forma, concluí a graduação em Letras no ano de 2008, tornando-me professora e, ser professora, para mim, é a concretização de um sonho que só se tornou possível por meio de políticas públicas de promoção e acesso à educação. Eu fui prounista, filha de um projeto social do Governo Lula (2003–2011). Portanto, ser professora é poder devolver para a sociedade um pouquinho do que eu recebi de todas as pessoas trabalhadoras deste país, porque eu aprendi que projeto social não é gratuito, muito pelo contrário, é poder acessar algo que eu jamais conseguiria por recursos próprios, mas que pude acessar porque foi pago por todas as pessoas trabalhadoras.

No entanto, aquele sentimento de que me “faltavam espaços” ainda me acompanhava. Então, eu me inscrevi em uma especialização em Literaturas e Audiovisuais. O término dessa especialização coincidiu com a minha mudança de cidade.

Em novembro de 2010, eu me mudei para a cidade de Sorocaba e, em maio de 2011, iniciei a minha trajetória profissional no Sindicato dos Rodoviários de Sorocaba e Região onde, inicialmente, trabalhei nos setores de recepção e arrecadação. Foi neste momento que, movida pelo fato de ter sido prounista em minha graduação e, antes disso, aluna em um cursinho popular direcionado para jovens de baixa renda em Tatuí, que elaborei uma proposta para ministrar aulas em um curso que teria como base conteúdos literários e gramaticais abordados nas provas

¹ De acordo com o Portal da Educação (2022), o Programa Universidade Para Todos (Prouni) oferta bolsas de estudo, integrais e parciais (50% do valor da mensalidade do curso), em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, em instituições de educação superior privadas. O público-alvo do programa é o estudante sem diploma de nível superior, além de professor de escola pública que passa a poder concorrer às bolsas mesmo já tendo uma graduação, de acordo com a Medida Provisória nº 1.075, de 6 de dezembro de 2021”.

do Enem e dos vestibulares. A proposta foi aprovada pela diretoria do Sindicato em 2012 e, a princípio, as vagas eram ofertadas apenas para associados e seus familiares. Os cursos eram realizados na sede do Sindicato.

Durante a realização destas aulas, identifiquei uma série de problemas estruturais e organizacionais que poderiam ser sanados com a construção de um espaço próprio para estas aulas. Foi então que apresentei para a diretoria do Sindicato um projeto solicitando a construção do que hoje é o Espaço Cultural dos Rodoviários. O projeto também previa ampliação do público atendido e a inserção de novos cursos. Em abril de 2016, por meio de seu Instituto de Gestão Social e Cidadania, a diretoria do Sindicato dos Rodoviários inaugurou o Espaço Cultural dos Rodoviários. Neste momento, passo a ocupar o cargo de coordenadora deste Instituto.

O início deste novo projeto foi permeado pelo mapeamento das regiões periféricas da cidade de Sorocaba, dos abrigos de acolhimentos e das instituições voltadas ao cumprimento de medidas socioeducativas. Depois, pelo estabelecimento de parcerias e oferta de vagas nos cursos para jovens em situação de vulnerabilidade social. A intensidade desse processo, os muitos desafios, embates, as dores, os afetos, os questionamentos sobre classe, raça, sexualidades e gênero trazidos com frequência pelas jovens e os olhos de resistência de muitas que passaram a frequentar aquele Espaço Cultural, despertaram-me para a escuta afetiva de suas narrativas. Assim, dediquei-me a ouvi-las, através dos silêncios, dos não ditos, e dos muitos ditos. Busquei, portanto, superar a perspectiva de conhecê-las apenas por meio das estatísticas, visto que os números não revelam quem são os sujeitos em suas trajetórias. Iniciei o caminho que me levaria a conhecer, de fato, essas jovens em situação de acolhimento institucional ou em processo de desinstitucionalização.

Vivenciando em minha prática diária a perspectiva de que os corpos institucionalizados têm gênero, raça, classe e sexualidade, senti a necessidade de aprofundar meus estudos sobre a temática do acolhimento institucional, sobre o processo de desinstitucionalização, e principalmente sobre a indissociabilidade das categorias das desigualdades presentes nas trajetórias de jovens institucionalizadas.

Assim, nos anos de 2016 e 2017, imersa em reflexões sobre a minha trajetória profissional, vivenciando a pluralidade das relações recém-iniciadas com as jovens acolhidas e em busca de direcionamentos e aporte teórico que me ajudassem na construção de uma práxis que contemplasse essa complexidade de processos, inscrevi-me e fui aprovada como aluna especial em duas matérias do programa de Pós-Graduação em Educação na UFSCar, em Sorocaba.

Em 2018, ao participar como aluna ouvinte da matéria “Crítica à Educação Heteronormativa”, vivenciei uma experiência que me atravessou profundamente e modificou a minha trajetória pessoal e profissional, o encontro com a professora Dr.^a Viviane Melo de Mendonça, docente responsável pela matéria, e sua forma potente e generosa de compartilhar saberes. Permeada por afetos e trocas, tornou a universidade pública um lugar acessível para mim, que passei a desejar ocupar os lugares de educanda e pesquisadora.

A potência desse encontro reverberou por muito tempo em mim e a partilha de conhecimentos experienciada durante as aulas desta matéria mobilizou-me a ingressar no grupo de estudos NEGDS². Isso me possibilitou o acesso a textos produzidos por mulheres, feministas, negras, transexuais, lésbicas, chicanas e mulheres do terceiro mundo, além do encontro com mulheres potentes, mulheres de luta, pós-graduandas, graduandas e pesquisadoras.

Desta forma, acessando as pesquisas desenvolvidas por todas elas e imersa nas leituras propostas pelas professoras Kelen Leite³ e Viviane Melo de Mendonça, entendi a importância da pesquisa acadêmica como forma de escuta de vozes de jovens mulheres LBT que são sistematicamente subalternizadas e silenciadas. Neste espectro da pesquisa, que era o de proporcionar que pessoas subalternizadas pudessem ter suas histórias contadas, registradas e disseminadas no confronto das narrativas apagamentistas dos documentos oficiais, optou-se pela metodologia da História Oral. Foi por intermédio da História Oral que esta pesquisa pôde possibilitar que pessoas silenciadas fossem reconhecidas como sujeitas produtoras de conhecimento e de história.

O projeto de pesquisa apresentado inicialmente em 2020 ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana (PPGECH) e que me possibilitou ingresso como aluna regular deste mestrado em 2021, estava atrelado à investigação das trajetórias de vida de jovens mulheres LBT institucionalizadas que tivessem vivenciado processos artísticos, em especial com o curso de teatro de um instituto. Com o avançar dos estudos, o projeto foi sendo repensado, o que resultou em atualização, chegando ao que é hoje: uma pesquisa sobre trajetórias de jovens mulheres LBT, suas memórias de (des)acolhimento institucional, de violências e de resistências.

Todo meu processo de investigação, de entrevistas e análises se deu durante a pandemia de Covid-19, condensando as minhas percepções e atravessamentos destes que foram/são

²Núcleo de Estudos de Gênero, Diferenças e Sexualidade, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Viviane de Melo Mendonça e pela prof.^a Dr.^a Kelen Christina Leite.

³ Professora do Programa de Pós-graduação em Estudos da Condição Humana e coordenadora do NEGDS.

tempos difíceis, de milhares de vidas perdidas, ausências, distanciamentos, silêncios, vazios, ambientes virtuais, ausências de abraços e falta de ar, tempos de um governo perverso e genocida. Portanto, esta pesquisa foi/é atravessada por esses tempos pandêmicos e pelas mudanças na conjuntura política do nosso país que, a partir de 2023, permitiram ao povo ter esperança novamente.

Deste modo, o objetivo da presente pesquisa foi o de compreender como jovens mulheres LBT vivenciaram os processos de acolhimento institucional em abrigos para crianças e adolescentes. De modo específico, tendo em vista que essas mulheres já são adultas e não estão mais nesses abrigos, pretende-se: a) analisar as narrativas de memória das experiências vividas dessas jovens nos abrigos, procurando identificar processos, ações e discursos de resistência e superação das possíveis violências sofridas durante sua vida; e b) analisar como o período de acolhimento institucional afetou o modo como essas jovens têm construído suas identidades e relações afetivas e sociais após o desligamento institucional.

Esta dissertação apresenta inicialmente uma introdução ao tema da pesquisa e suas justificativas e, em seguida, segue com o capítulo “Percurso Metodológico e suas Tessituras”. As principais categorias analíticas são trabalhadas neste capítulo, bem como a abordagem dada a cada uma delas, rompendo-se com a perspectiva universal que é hegemonicamente aplicada à categoria mulher e discutindo também o apagamento da categoria política da raça. Discorro sobre a metodologia da História Oral e o caminho metodológico seguido para a estruturação do trabalho, bem como o procedimento de pesquisa, desde a elaboração dos temas das entrevistas, a solicitação de autorização ao comitê de ética e toda documentação pertinente a isso, até o agendamento e realização das entrevistas, transcrições, análises e escrita estruturada.

Em “Eu Nem Queria Existir: ressignificando existências e construindo (re)existências!” trago um relato transcrito da jovem Gaia, mulher negra, lésbica e mãe solo – a primeira entrevista apresentada – que nos mostra, por mais doloroso que tenha sido para ela, narrativas de alguns dos episódios de violência que vivenciou. Esse capítulo é organizado em três partes que evidenciam violências, vivências de (des)acolhimentos e de resistência. É o capítulo mais longo, visto que resultante de entrevistas mais longas e complexas. No capítulo “Mar-(Re)existir aos redemoinhos em que mergulho”, apresento a transcrição da entrevista com a jovem trans e autodeclarada negra, Mar. Neste caso, as perspectivas da trajetória de vida são trazidas com ênfase na superação dos acontecimentos de violências passadas, no processo de autoaceitação e na compreensão sobre o funcionamento das estruturas que produzem violências. No capítulo “Pagando com o abandono”, uma jovem negra e bissexual, Raio, nos apresenta sua

trajetória de vida marcada por uma institucionalização voluntária, buscada a partir do enfrentamento da denúncia que fez à família sobre os abusos sexuais cometidos por seu pai. As experiências narradas nos três capítulos dialogam com pesquisas sobre estudos de gênero, feminismos, acolhimento institucional, memórias e sexualidades.

Nas “Considerações Finais”, faço uma retomada das questões motivadoras que me alimentaram na construção do projeto de pesquisa, reorganizo meus pensamentos a partir do que me foi apresentado no campo e estabeleço diálogos entre as entrevistadas, as autoras estudadas e “a nova eu” – depois de ter submergido neste trabalho. Aqui me proponho a evidenciar aquilo que se encontra nas entrelinhas dos relatos, no imbricamento das Leis e dos procedimentos de institucionalização. Abordo pontos críticos e, ao mesmo tempo, estruturantes de uma política de Estado que merece e precisa ser olhada com bastante ênfase. Também teço considerações aos modos de operar destas instituições e arrisco pensar em novas categorias de agressores para além dos abusadores, dos responsáveis legais e dos cuidadores, a quem nomeio de agressor(a) por omissão.

2 INTRODUÇÃO

Este trabalho foi pensado e produzido em tempo de pandemia da Covid-19, em situação de isolamento social que agravou ainda mais a já conhecida solidão dos processos de pesquisas acadêmicas. Ressalto que, na condição de aluna regular deste mestrado, não pude cursar nenhuma disciplina presencialmente, não pude sentir a presença dos corpos outros que, como eu, estavam no enfrentamento da pandemia e da pesquisa.

Não é possível para mim, por todos os atravessamentos que tive e tenho, negligenciar o fato de a pandemia ter piorado minha conjuntura de vida, mas também não é possível deixar de trazer a perspectiva de que meus pensamentos foram, em muitos momentos, tomados pela preocupação com as pessoas impossibilitadas de se colocarem em isolamento seguro, com condições de alimentação, higiene e algum conforto. Também me “pré-ocupe”, ocupei-me em pensar como elas estavam neste enfrentamento de isolamento social – jovens que já se encontram reclusas de muitos convívios sociais, por terem sido negligenciadas, excluídas, violentadas, como é o caso das três pessoas que participam desta pesquisa.

Certa de que aquilo que vejo e sinto não corresponde à imensa dimensão do mundo, faço um esforço para ajustar e ampliar minhas lentes e meus braços para que eu consiga alcançar mais longe e reconhecer mais diversidades. Não porque darei conta delas, o que sei que não seria possível, mas para saber o tamanho do trabalho a ser enfrentado por mim e pelas que virão depois de mim.

É, portanto, como mulher trabalhadora e filha da classe operária, ainda que pese a redundância, mulher pobre, cujas superações todas passaram por políticas públicas – uma vez que estudei a vida toda em escola pública e ingressei na universidade por meio do PROUNI –, que busco, com esta pesquisa, compreender como as jovens mulheres LBT vivenciaram os processos de acolhimento institucional. De modo específico, esta pesquisa teve como objetivo analisar as narrativas de memória das experiências vividas de três jovens mulheres negras – uma lésbica, uma trans e uma bissexual – que vivenciaram a experiência do acolhimento institucional, procurando identificar processos, ações e discursos de resistência e superação das possíveis violências sofridas durante sua vida. Por fim, a pesquisa aqui apresentada buscou evidenciar como o período de acolhimento institucional afetou o modo como essas jovens têm construído suas identidades e relações afetivas e sociais após o desligamento institucional.

O acolhimento institucional é um dos serviços de proteção social especial de alta complexidade do sistema único de assistência social. Os serviços de acolhimentos voltados para crianças e adolescentes são prestados por meio das seguintes modalidades: famílias

acolhedoras, repúblicas, casas-lares ou os abrigos institucionais. Uma das principais orientações é que essas unidades de serviços possuam estrutura física adequada, com aspecto residencial e acolhedor (BRASIL, 2008). Faz-se necessário apontar que, dentre os propósitos do acolhimento institucional, consta o aspecto da provisoriedade do serviço:

[...] as unidades de acolhimento institucional acolhem provisoriamente crianças e adolescentes afastados do seu convívio familiar e/ou comunitário por abandono, ameaça, violações de direitos, cujos responsáveis se encontram temporariamente impossibilitados de cumprir suas funções de cuidado e proteção (FIGUEIREDO, 2020, p. 1).

O acolhimento institucional, portanto, é uma das políticas de Estado centrais para a garantia dos direitos humanos, sobretudo voltados às crianças, adolescentes e jovens, uma vez que o serviço ofertado por estas instituições visa não apenas garantir o direito constitucional do que convencionamos chamar de lar, escola, saúde e cultura, mas o cuidado, o afeto e os valores básicos que, na totalidade dos casos, são construídos pelos ditos “valores familiares”. É importante destacar que há uma enorme diversidade de situações em que é, de fato, necessária e imperativa a intervenção do Estado na vida de crianças e jovens, inclusive retirando-as do convívio familiar e abrigando-as nestas instituições. Por mais cruel que possa parecer, em muitos casos, a retirada destas crianças e jovens de suas famílias é o que garante sua sobrevivência. Trata-se de proteção, o que é direito garantido na Constituição, no Estatuto da Criança e do Adolescente e em diversos decretos que versam também sobre essa atribuição/responsabilidade do Estado Brasileiro.

Por ser assim, este estudo visa reafirmar a importância destas políticas e destas instituições que transformam as leis em realidade. Então, torna-se vital a existência destas políticas públicas e, por conseguinte, destas instituições de acolhimento para a consolidação de um Estado justo e menos desigual.

Apesar do exposto, cabem olhares aprofundados sobre a realidade dos serviços prestados por estas instituições e que tomam como base não sua realização formal e burocrática, não o cumprimento normativo da aplicabilidade financeira e os modelos de contratação/convênios entre estas instituições e os órgãos públicos, mas se, aos olhos dos sujeitos que vivenciaram a institucionalização, as garantias legais se configuram no cotidiano dos abrigos. Cabe, portanto, perguntar: com a existência das leis e das instituições, os direitos estão assegurados de fato para as pessoas que, por força de circunstâncias diversas, fazem uso dos abrigos? Os modos de operar das instituições para o acolhimento e desinstitucionalização, se mostram adequados para quem vivencia o processo? Há políticas de avaliação destes

processos dentro das instituições que consideram as pessoas abrigadas, suas opiniões, seus anseios, seus desejos? Há uma efetiva contribuição para a superação dos traumas das pessoas acolhidas por estas instituições ou apenas há a garantia estrutural, mas ainda estão lançadas à sorte do acaso as jovens e crianças que foram acolhidas? Por fim, como as categorias das desigualdades sociais, tais como gênero, raça, classe e sexualidade, acentuam ou atenuam todos estes processos?

O que se torna central aqui é a busca por responder estas perguntas a partir da escuta da própria voz daquelas que vivenciaram a experiência de acolhimento institucional. Para tanto, selecionamos um grupo específico de sujeitas que sofrem violências por serem atravessadas por categorias de desigualdades, quais sejam, jovens mulheres LBT e que vivenciaram o processo de institucionalização.

As violências de gênero e sexualidades construídas social e culturalmente, em alguma medida, também são reproduzidas em contextos institucionais. Alguns profissionais que compõem equipes da chamada rede de apoio voltado para crianças e jovens acolhidas institucionalmente, grupo que, em sua maioria, é composto por psicólogas (os), assistentes sociais e pessoas que ocupam a função de cuidadoras⁴, parecem fazer uso de determinados artigos do Estatuto da Criança e do Adolescente como mecanismo para distorção do ato de proteger, transformando-os em formas de controle de corpos e sexualidades e desconsiderando a pluralidade de perspectivas sobre tais questões. Assim, “esses monitores acabam usando como modelo de trabalho o pai e a mãe que são, em sua vida particular, com padrões de moral e concepções de educação diferentes entre si” (MARQUES; CZERMAK, 2008, p. 4).

Não é incomum, por parte de pessoas que trabalham em abrigos, o uso das legislações que versam sobre o acolhimento institucional como se fossem totalizantes. Nesse ínterim, correm o risco de transformar as garantias e direitos versados pela constituição e demais documentos legais em arbitrariedades ou, como nos diz Anette Lobato Maia (2013, p. 4), “[...] eles parecem buscar uma visão totalitarista dos conhecimentos”.

Sobre essa perspectiva, mas adentrando às questões da sexualidade, de acordo com Bruna Vasconcelos Gonçalves (2014), também é comum que muitas crianças e adolescentes ainda passem constrangimentos nos abrigos, motivados por seus comportamentos que, na visão

⁴ Para ocupar a função de cuidadoras, as instituições não exigem das pessoas contratadas nenhuma formação, curso ou comprovação de experiência. Segundo o que foi amplamente trazido pelas entrevistadas, a forte relação entre os abrigos e as agremiações religiosas cristãs justifica a contratação de mulheres ligadas a igrejas, senhoras que sejam mães, cozinheiras e “donas de casa”, a atuarem nessa importante função de cuidadoras.

de algumas destas pessoas que trabalham como cuidadoras e ocupam outras funções na instituição de acolhimento, são incompatíveis com aquilo que é esperado.

Então, partimos da premissa de que a “condição precária designa a condição politicamente induzida na qual certas populações sofrem com redes sociais e econômicas de apoio deficientes e ficam expostas de forma diferenciada às violações, à violência e à morte” (BUTLER, 2018, p. 46). Assim, para além de apontar o contexto de precariedade no qual estão inseridas as jovens que vivenciam ou vivenciaram o processo de institucionalização, ressalta-se a indissociabilidade das opressões e violências sistêmicas infligidas a elas por conta das categorias das desigualdades sociais que atravessam suas trajetórias, tais como gênero, raça, classe e sexualidades.

Diante do que foi exposto, a presente pesquisa tem como objetivo analisar narrativas de trajetórias de vida de jovens mulheres atravessadas pelas categorias das desigualdades sociais, em especial, LBT que vivenciaram processos de acolhimento institucional, em perspectiva da interseccionalidade de gênero, classe, raça e sexualidade, visando identificar como e se estão construindo resistências a violência sobre seus corpos.

Sob esses objetivos, foram pesquisadas publicações que versem sobre trajetórias de jovens LBT egressas do acolhimento institucional. Pensando de modo interseccional, nota-se uma quantidade ainda pequena de pesquisas realizadas com essa perspectiva, uma vez que “há muitos pesquisadores interessados nos espaços de instituições; porém, a reflexão acerca dos 'egressos' é muito tímida, tanto por parte de pesquisadores como por parte do governo e das entidades assistenciais” (CRUZ, 2018, p. 2).

Por meio de uma busca realizada no banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), com a intenção de nos orientar com relação às pesquisas realizadas que colidem com aquilo que buscamos, chegamos aos seguintes resultados: quando utilizamos os descritores “acolhimento institucional” – que é um descrito mais global que nos serve como orientador sobre a relevância do grande guarda-chuva envolvendo o assunto –, encontramos a quantidade 27.428 trabalhos publicados entre 2012 e 2022. Essa pesquisa foi realizada no dia 06 de julho de 2022. É importante destacar a amplitude desse descritor, visto que a partir da leitura de alguns dos resumos foi possível identificar trabalhos sobre acolhimento institucional nas mais diversas perspectivas, dentre elas, abordagens sobre saúde mental das pessoas acolhidas, a chamada rede de apoio, assim como sobre as brincadeiras simbólicas de crianças acolhidas, a situação de vulnerabilidade das famílias das pessoas acolhidas e o papel da escola na vida das pessoas acolhidas.

Das pesquisas encontradas com os descritores acima, 7.945 compõem a grande área de conhecimento das Ciências Humanas, e 3.011 a grande área das Ciências Sociais Aplicadas. Neste caso, as áreas de conhecimento das publicações estão divididas entre Educação, Administração, Psicologia e Interdisciplinar.

Refinando os descritores de busca para “egressa desacolhimento” (modo como o processo de desinstitucionalização é classificado pelas profissionais da área), buscamos pesquisas publicadas entre os anos de 1990 e 2022 e, apesar de o recorte temporal ter aumentado consideravelmente em relação à primeira busca, a quantidade de publicações encontradas diminuiu para 49, sendo 40 dissertações de mestrado e 9 teses de doutorado. Esta busca foi realizada no catálogo de teses e dissertações da CAPES no dia 06 de julho de 2022. A maior parte está dentro da grande área de conhecimento das Ciências Humanas, divididos nas áreas da Educação, Serviço Social, Psicologia e Enfermagem. Todavia, as pesquisas que aparecem como resultado destes descritores não são restritas ao escopo do acolhimento institucional na perspectiva de casas-lares ou abrigos de acolhimento, uma vez que também são apresentadas pesquisas com egressas do sistema prisional ou dos serviços de atendimento de saúde mental.

Com outro refinamento de busca, os resultados apontados para “egressa LBTQ” é de 36 trabalhos, sendo 29 dissertações de mestrado e 7 teses de doutorado. Destes, 20 foram desenvolvidos dentro da grande área das Ciências Humanas e 5 nas Ciências Sociais Aplicadas, alocadas nas áreas de conhecimento da Educação, Enfermagem, Interdisciplinar e Serviço Social. No entanto, é importante destacar que a utilização do descritor “egressa LBTQIA+” não apresenta nenhum resultado. Após a retirada das letras “QIA+” é que a quantidade de 36 publicações foi apresentada pela plataforma.

Assim como na utilização dos descritores “egressa desacolhimento”, os descritores “egressa LBTQ” apresentam pesquisas com abrangência da perspectiva da palavra *egressa* e são trabalhos que versam sobre egressas do sistema prisional, jovens egressas do tráfico de drogas e egressas de unidades de terapia intensiva, mas não especificamente relacionado ao tema desta pesquisa. Isso demonstrou escassez de dissertações e teses brasileiras no período pesquisado sobre egressas LBT na perspectiva de casa lares ou abrigos de acolhimento.

Na revisão bibliográfica realizada na plataforma científica SciELO no período de 17 anos, ou seja, a partir de 2005 até 2022, no Brasil, e no escopo das pesquisas em Ciências Humanas com os descritores “egressa desacolhimento” e “egressa LBTQ” nenhum resultado foi apresentado. Entretanto, quando alteramos os descritores para “acolhimento institucional” as publicações totalizaram 73 trabalhos. Dentre eles, encontramos apenas 02 diretamente relacionados ao objetivo da pesquisa e sobre os quais serão descritos e discutidos abaixo.

Thalita Catarina Decome Poker, no artigo “Políticas de Identidade no Sistema de Acolhimento a Crianças: a história de vida de uma pós-abrigada” (2018), apresenta um estudo de caso realizado por meio da narrativa de uma jovem negra egressa do sistema de acolhimento na perspectiva “de superação do estigma do abandono destinado às pessoas egressas do sistema de acolhimento, por meio das políticas de identidade e identidades política” (POKER, 2018, p. 1). Ao longo do texto, a autora discorre sobre as chamadas políticas de identidade e identidades políticas buscando analisar quais dessas políticas são oferecidas a uma pessoa acolhida. São apresentados trechos da entrevista realizada com a jovem egressa, mesclando momentos de sua trajetória, marcada pelas passagens por muitas casas de familiares até chegar ao processo de acolhimento, com as violências vivenciadas por ela no ambiente institucional. Por fim, a pesquisa conclui que, diante das exposições do relato da jovem e com base nos referenciais teóricos do texto, foram identificadas duas políticas de identidades: “a primeira vinculada à gratidão e docilidade; e a segunda é a culpabilização do sujeito pela prescrição de marginalidade” (POKER, 2018, p. 8). Diante disso, há uma urgência na construção de novas práxis que visem o fortalecimento de jovens acolhidas no momento de desinstitucionalização.

Outro artigo que versa sobre a questão da desinstitucionalização analisada por meio dos relatos de experiências de duas jovens egressas do sistema de acolhimento é “‘Egressas’ de serviços de acolhimento e a invenção de novas possibilidades de vida” (2018), da pesquisadora Fernanda Cruz. O texto busca “compreender as práticas dessas jovens não apenas como uma resposta/reação às lacunas deixadas pelas políticas de proteção, mas também como possibilidade de inventar constantemente a vida” (CRUZ, 2018, p. 4). Os trechos de experiências transcritos apresentam relatos de duas jovens após o processo de desinstitucionalização. São narrativas relacionadas à busca por empregos, aos recomeços e à maternidade de uma das jovens. Seguindo com a perspectiva de analisar os meios que as jovens egressas encontram para a invenção de novas possibilidades de vidas, a pesquisa aponta em suas considerações finais que “ao agirem e se posicionarem de uma determinada forma, ao fazerem suas escolhas, elas se constituem como agentes poderosas da sua própria desinstitucionalização” (CRUZ, 2018, p. 16). A autora ressalta também a importância de se pensar sobre a pluralidade de políticas destinadas a jovens em processo de desinstitucionalização.

Conclui-se destas pesquisas relatadas que os processos de desinstitucionalização podem ser violentos para jovens que completam a maioria legal e precisam deixar o sistema de acolhimento. Identifica-se também semelhanças nos apontamentos feitos pelas autoras das pesquisas referentes às ausências de políticas públicas voltadas para jovens em processo de

desinstitucionalização. Para além disso, as duas pesquisas apresentam relatos das jovens sobre o modo como elas buscam preencher, por meio de reinvenções e ressignificações de suas trajetórias, as lacunas deixadas pela ausência das referidas políticas públicas.

Cabe apontar que, ao tratar apenas das narrativas de jovens mulheres, é possível fazer uma aproximação entre as pesquisas citadas acima e a presente pesquisa, que também apresenta apenas narrativas femininas. Entretanto, a aproximação está restrita a esse ponto e à análise do processo de desinstitucionalização, visto que as referidas pesquisas não apresentam, e nem pretendem, aprofundamentos nas discussões sobre violências de gênero e da perspectiva de análise realizada de modo interseccional.

Portanto, o que traremos nesta dissertação é a análise das narrativas de memórias das experiências vividas de três jovens mulheres negras que passaram pelo acolhimento institucional, analisadas de modo interseccional. Enfim, procuramos também evidenciar como o período de acolhimento institucional afetou o modo como essas jovens têm construído suas identidades e relações afetivas e sociais após o desligamento institucional.

3 PERCURSO METODOLÓGICO E SUAS TESSITURAS

Considerando que esta pesquisa apresenta narrativas de sujeitas históricas com trajetórias atravessadas por diversas categorias políticas das desigualdades, buscou-se, na tessitura desta dissertação, utilizar ferramentas analíticas que rejeitam a universalidade atribuída à categoria mulher, visto que essa universalidade frequentemente apaga e silencia trajetórias de mulheres negras, indígenas, lésbicas, bissexuais, transexuais, travestis, mulheres portadoras de deficiências, trabalhadoras e mulheres do terceiro mundo, por meio da prevalência de um discurso hegemônico que privilegia a imagem da mulher branca, do primeiro mundo e heterossexual.

Para tanto, o desenvolvimento das análises desta pesquisa esteve fundamentado na perspectiva de que não existe universalização das categorias e nem hierarquização das opressões (LORDE, 2020). Desta forma, reforça-se a necessidade de pensarmos de forma indissociável as categorias das desigualdades, tais como raça, classe, gênero e sexualidades, como meio de não contribuir para o apagamento de nenhuma delas.

No mesmo sentido, Angela Davis (2016), quando discorre sobre os racismos sofridos pela classe social das mulheres trabalhadoras, que permearam a luta das mulheres pelo voto feminino liderado pelo movimento sufragista, exemplifica e problematiza a categoria “mulher” no sentido universal com os seguintes argumentos:

“Mulher” era o critério, mas nem toda mulher parecia estar qualificada. As mulheres negras, claro, eram praticamente invisíveis no interior da longa campanha pelo sufrágio feminino. Quanto às mulheres brancas da classe trabalhadora, as líderes sufragistas provavelmente ficaram impressionadas, no início, com seus esforços de organização e sua militância. Mas, como se viu depois, as próprias trabalhadoras não abraçaram a causa do sufrágio feminino com entusiasmo (DAVIS, 2016, p. 146).

Para analisarmos como as categorias produzem desigualdades sociais e buscando evitar a hierarquização e o apagamento dessas categorias, é importante entender como elas se articulam. Desta forma, fizemos uso da metáfora do nó, uma ferramenta analítica que foi proposta pela socióloga Heleieth Saffioti (1992), que apresenta a perspectiva de que “não deveríamos buscar a primazia do sexo, da classe ou da raça, nem as isolar como estruturas separadas, já que elas se fundiram historicamente” (SAFFIOTI, 1992, p. 206), uma vez que não se pode, por impossibilidade, apartar de maneira a isolar os sistemas de dominação contra a mulher, já que eles se encontram fundidos como se tivessem um corpo só composto pelo “patriarcado-racismo-capitalismo”. A autora se refere a este corpo composto como nó e explica

sua complexidade de funcionamento, não se tratando de uma equação somatória entre as categorias raça, gênero e classe, mas sim de uma condição impositiva, uma “fusão”, onde quem sofre as opressões por ser mulher tem outras determinações que tornam ainda mais complexa sua condição.

Diante deste contexto, sob uma perspectiva feminista, em uma sociedade moldada pela oficialidade dos documentos escritos por homens brancos, donos dos meios de comunicação e detentores dos meios de produção, torna-se urgente e necessário apropriar-se de ferramentas que possibilitem a escuta de vozes sistematicamente apagadas e silenciadas e, por meio desta escuta, produzir a escrita de histórias outras. Dessa forma, a História Oral foi a abordagem que guiou o desenvolvimento desta pesquisa, por meio da perspectiva de se desconstruir práticas discursivas hegemônicas.

A História Oral é uma abordagem teórico-metodológica que trata do direito à fala das experiências e das narrativas de memórias, visando a produção de registros e documentos construídos de forma dialógica entre pesquisadores e narradores (PORTELLI, 2016). Nesta perspectiva,

Ao contrário da maioria dos documentos históricos, as fontes orais não são *encontradas*, mas *cocriadas* pelo historiador. Elas não existiriam sob a forma em que existem sem a presença, o estímulo e o papel ativo do historiador na entrevista feita em campo. Fontes orais são geradas em uma troca dialógica, a entrevista: literalmente, uma troca de olhares. Nessa troca, perguntas e respostas não vão necessariamente em uma única direção (PORTELLI, 2016, p. 10).

A História Oral, de acordo com Verena Alberti (2013), compreende um espectro do estudo considerando o ser como um sujeito total, pensado a partir de suas origens, desenvolvimentos, culturas, costumes raciais, sociais e crenças, possibilitando uma investigação direta com pessoas que vivenciaram, participaram e/ou testemunharam acontecimentos em seu tempo histórico. A coleta das informações, realizadas por meio de entrevistas, configura-se em documentos que podem ser consultados posteriormente por outras pesquisadoras, o que permite o estudo dos acontecimentos históricos vivenciados por grupos sociais, movimentos e outras categorias, documentando o ocorrido por meio de testemunho.

A História Oral produz conhecimento histórico e científico, não apenas relatos de vidas e de experiências de pessoas: “muito mais que qualquer fonte, o depoimento oral ou escrito necessita esforço de sistematização e claras coordenadas interpretativas” (BOSI, 2013, p. 49). Essa sistematização deve ocorrer por meio das etapas de elaboração da pesquisa, planejamento,

entrevistas, transcrição, transcrição e publicação de resultados (que devem ser voltados ao grupo que gerou as entrevistas).

3.1 AS ENTREVISTAS

Seguindo com o cronograma de desenvolvimento da pesquisa, realizei entrevistas com três jovens, com idades entre 18 e 20 anos. As três vivenciaram o processo de acolhimento institucional e deixaram os abrigos após completarem dezoito anos. Além do fato de terem sido acolhidas por alguns anos, as jovens têm trajetórias atravessadas pelas categorias das desigualdades: todas elas são negras e trabalhadoras, uma é transexual e almojarife; outra é lésbica, mãe solo e atendente; e, por fim, a última é bissexual e está desempregada.

Para identificá-las nas entrevistas realizadas e sem expor as pessoas entrevistadas, seguindo as normativas definidas pelo Comitê de Ética, irei atribuir codinomes a cada uma delas, seguindo a ordem em que elas aparecem nesta dissertação: Gaia, Mar e Raio. Abaixo, apresento a justificativa e apresentação pela escolha de cada um dos codinomes adotados.

A escolha pelo nome Gaia, a primeira entrevistada, pretendeu-se remeter à grandeza com que ela se apresenta, a sua capacidade química e atmosférica, que possibilita que a vida continue em constante processo de retroalimentação. Gaia, de acordo com a mitologia grega, é a deusa Terra. Apesar de na mitologia Gaia ter um companheiro, Urano, e aqui ela se relacionar exclusivamente com mulheres, a meu ver, este dado acentua sua força e determinação para a vida. Gaia é mãe solo, artista, aguerrida e destemida. Tem personalidade marcada pelas violências que vivenciou em quase toda a sua infância e juventude. Gaia, porque ela é um complexo e completo ecossistema que, se não é, se pretende autossuficiente.

A segunda entrevista foi com a/o jovem Mar, uma pessoa trans que, como na metáfora da água que tanto bate até que fura, lutou de maneira incansável contra algumas instituições que frequentou ou estudou, para ser tratada e chamada por seu nome social, conseguindo inclusive concluir o processo legal de colocar o nome em seu Registro Geral (RG). Mar, em movimento de idas e vindas, como as ondas, em frequente dissipação de energia, híbrida, líquida, constante ao mesmo tempo que fluida, muda seu comportamento de acordo com a encosta, de acordo com o continente que suas ondas encontram. A exemplo das ondas do mar, a jovem Mar se adequa às condições apresentadas e busca contorná-las, o que resultou, depois de todo o esforço para conseguir conquistar o direito de uso do nome social feminino, a performar o masculino. Mais do que isso, a performar e utilizar o nome que lhe convier, de

acordo com a situação. É essa artimanha, essa grandeza estratégica que me motiva a adotar para essa jovem o codinome Mar.

Por último, a terceira entrevista é com uma jovem bissexual, uma mulher objetiva e capaz de produzir lapsos de luz em meio à imensidão do espaço escuro, mesmo quando parece não haver solução. É rápida como um raio ao perceber a falência do sistema familiar em que vive, é aguda e elétrica ao denunciar os abusos que sofreu pelo pai. Raio é enérgica ao decidir por sair de casa e procurar o abrigo para romper, rasgar as relações que tinha e que lhe colocavam em condição de vítima de abusos sexuais cometidos por seu pai. É o raio, forte, rápido, cortante e certo na vida e na entrevista. Raio é objetiva na vida, nas atitudes e nas palavras.

O contato com as três mulheres foi mediado por pessoas que compõem uma rede de apoio que visa o amparo e acolhimento das demandas enfrentadas por jovens em processo de desinstitucionalização. Portanto, solicitei a essas pessoas contatos de possíveis participantes para esta pesquisa e recebi indicações de jovens mulheres que haviam sido desinstitucionalizadas recentemente e que, possivelmente, seriam LBT. Desta forma, realizei contato com as jovens e as três concordaram em participar da entrevista.

Após realizar os contatos com cada uma delas, apresentei a proposta e os objetivos da pesquisa e, depois de analisarem a minha solicitação, as jovens aceitaram os convites para as entrevistas. A partir daí, fomos ajustando dias, horários e locais para a sua realização. Sobre o local das entrevistas, solicitei a elas que escolhessem um lugar onde se sentissem mais confortáveis e seguras. Fiz sugestões de parques, cafés e praças, mas realizei nos lugares escolhidos por elas.

As entrevistas foram realizadas no ano de 2022. A primeira entrevistada foi a jovem Gaia, com quem realizei duas conversas, a primeira teve a duração de 2h22min e a segunda durou 1h01min. Mar foi a segunda entrevistada, a primeira entrevista durou 53min e a segunda 37min. Por fim, a jovem Raio, com quem realizei apenas uma conversa com a duração de 42min, uma vez que a jovem se mostrou bastante objetiva em nossa primeira conversa e porque, logo em seguida, precisou fazer repouso, por conta da gestação.

Buscando compreender a complexidade das trajetórias apresentadas, o formato e desenvolvimento das entrevistas tiveram como base a chamada entrevista de história de vida, fundamentada na afirmação de que “numa entrevista de história de vida, diversamente, a preocupação maior não é o tema e sim a trajetória do entrevistado” (ALBERTI, 2013, p. 48). Quanto ao roteiro das entrevistas, buscou-se estabelecer um diálogo que perpassasse questões relacionadas à temática da pesquisa e permitisse escutar vozes de jovens mulheres LBT que

vivenciaram processos de acolhimento institucional, visando, por meio da escuta de suas narrativas e memórias, identificar como e se estão construindo resistências à violência sobre seus corpos. Foi elaborado um roteiro de tópicos que guiou o desenvolvimento das entrevistas, conforme listado abaixo:

- a) Convívio com familiares, com outras crianças e com ambiente escolar;
- b) Condições econômicas e estruturais da família e do espaço geográfico onde transitava.
- c) Momentos de transições, mudanças e rupturas, incluindo o processo de desinstitucionalização;
- d) Vivências nos abrigos de acolhimento e estrutura organizacional;
- e) Relações nos ambientes em que circulava e redes de apoios;
- f) Relações afetivas e sexualidade;
- g) Se estiver trabalhando, abordar sobre as relações no ambiente de trabalho;
- h) Local onde está morando e as relações com o espaço geográfico;
- i) Relações de amizades, afetivas e sexualidade.

As entrevistas foram gravadas em áudio. Informei às narradoras sobre o termo de consentimento livre e esclarecido (documento que autoriza as publicações das entrevistas) e, em concordância entre as partes, assinamos os termos. Em respeito às histórias de vidas compartilhadas e em cumprimento a todas as questões éticas que envolvem o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas realizadas através das narrativas de pessoas, todos os dados pessoais das narradoras serão preservados e nenhuma informação que possa contribuir para identificá-las será publicada.

Efetuada as etapas das entrevistas, iniciei o processo de transcrição e transcrição das entrevistas. Terminada essa etapa, voltei a fazer contato com as narradoras para apresentar o resultado do que foi produzido por meio de suas entrevistas, para verificarem se estavam de acordo e se autorizavam a publicação.

3.2 PROCESSOS DE ANÁLISE

Cabe apontar que o processo de análise de dados foi realizado em etapas: transcrição das entrevistas, análise e separação das categorias, análises detalhadas de cada categoria, elaboração do resultado das análises e, por fim, consulta de outras fontes de estudos e pesquisas para a fundamentação teórica às análises realizadas. Seguiram-se as seguintes etapas:

1. Leitura de modo completo das transcrições das entrevistas para categorizar os dados da pesquisa e elaboração da transcrição com base nas entrevistas transcritas. Partimos da definição de que a transcrição é a composição de um texto de natureza diferente da entrevista do discurso oral e transcrita que, utilizando recursos literários, o/a pesquisador/a assume a produção de um novo texto com base na entrevista realizada (EVANGELISTA, 2013, p. 3). Assim, a transcrição compreende a dupla autoria, autora-narradora e autora-pesquisadora: uma apresentando por meio de relato, memórias, comportamentos, os fatos vividos e/ou testemunhados; e outra da intervenção da pesquisadora, que atribui características escritas para o texto falado, contribuindo ainda com sua percepção, investigação e complemento de dados que corroboram sem distorcer o que foi relatado.

2. Destaque de partes importantes dos textos transcritos que respondem às questões que dizem respeito ao tema e objetivos da pesquisa.

3. Síntese, em cada transcrição das narrativas de trajetórias de vida, das partes destacadas em palavras que possam expressar o sentido da análise. Tais palavras (ou pequenas frases) constituem categorias iniciais de análise.

4. Em seguida, os destaques e categorias das trajetórias de vida narradas foram confrontadas entre si, refinando a análise e a construção das categorias maiores relacionadas aos objetivos da pesquisa: (des)acolhimento; violências; e resistências. Concomitantemente, para aprofundar as análises, estes resultados dialogaram com a perspectiva teórico-metodológica da História Oral, dos feminismos interseccional e decolonial e os demais estudos de gênero e sobre o acolhimento institucional no Brasil.

Seguindo estas etapas, foram construídos os capítulos de análise desta dissertação. Cada transcrição de uma entrevista é um capítulo, em diálogo com outras pesquisas e autoras, entrecruzando a narração do próprio contexto vivencial da entrevista. Apresentamos, em cada capítulo, a análise por três recortes: violências, (des)acolhimento e resistências. Fazendo uso dos referenciais teóricos das pensadoras feministas e decoloniais, trazemos também imagens, poesias e músicas que retratam, ilustram ou transcendem as perspectivas abordadas, dilatando as leituras e potencializando a capacidade analítica do que está sendo exposto. A escolha destas imagens, poesias e músicas foram feitas de acordo com o meu olhar de mulher trabalhadora e pesquisadora, em conjunto com as indicações trazidas pelas jovens protagonistas desta dissertação.

3.3 ASPECTOS ÉTICOS

Todas as participantes das entrevistas foram informadas sobre os encaminhamentos e objetivos da pesquisa. Também foram avisadas que poderiam declinar da participação na pesquisa a qualquer momento. As leituras dos Termos de Consentimentos Livres e Esclarecidos (ver Apêndice A) aconteceram sempre na presença da pesquisadora, enfatizando sobre o caráter sigiloso da pesquisa. Nenhum dado das jovens será divulgado, e a gravação ficará sob a responsabilidade da pesquisadora pelo prazo de cinco anos. O acesso ao material será única e exclusivamente para fins desta pesquisa científica.

Depois de transcritas, as entrevistas foram devolvidas para análise das participantes, para que verificassem e informassem se estavam de acordo com o material produzido e confirmassem mais uma vez a participação e o uso das entrevistas, que são aqui divulgadas de forma sigilosa, sem a exposição de nenhum dado que possibilite a associação das falas às suas pessoas. Cabe ressaltar também que a presente pesquisa segue as normas e diretrizes determinadas pela resolução 510/2016 do CNS, que estabelece os requisitos necessários para se realizar projetos de pesquisa envolvendo seres humanos. O projeto foi submetido ao Comitê de Ética da UFSCar e aprovado sob o número do processo **59974322.2.0000.5504**.

Deste modo, esta pesquisa atendeu a todos os protocolos de segurança dispostos pela UFSCar no momento da sua realização. É importante dizer que as participantes das entrevistas foram orientadas a estarem em ambientes arejados e sanitariamente seguros, de preferência sozinhas, no período de realização das entrevistas. A pesquisa em questão apresentou risco mínimo de danos de qualquer tipo para as participantes.

4 EU NEM QUERIA EXISTIR: RESSIGNIFICANDO E CONSTRUINDO (RE)SISTÊNCIAS!

Da menina, a pipa
 Da menina a pipa e a bola da vez e quando a sua íntima pele, macia seda,
 brincava no céu descoberto da rua, um barbante áspero, másculo cerol, cruel
 rompeu a tênue linha da pipa-borboleta da menina.
 E quando o papel seda esgarçado da menina estilhaçou-se entre as pedras da
 calçada a menina rolou entre a dor e o abandono.
 E depois, sempre dilacerada, a menina expulsou de si uma boneca
 ensanguentada que afundou num banheiro público qualquer
 (EVARISTO, 2017, p. 50).

4.1 E AS HISTÓRIAS DAS MULHERES, QUEM CONTA?⁵

Início esse capítulo dizendo que me sinto a totalidade em pessoa! Eu me expresso sendo este turbilhão que vê, sente e pensa tudo o que vivo e que me cerca. E são as palavras que me possibilitam saber e sentir o que eu sei, o que eu sou. São elas que me ajudam a chegar até você compartilhando um pouquinho do que eu vejo e sinto. Sinto e sinto muito...! Sinto sempre muito. Às vezes, sinto de maneira desmedida, mas é assim que sou, é assim que eu percebo. Eu vou me apoiar nestas amigas, as palavras, para compartilhar com você um pouco dos meus “Sentimentos do Mundo”.

Eu penso que é muito importante, que nós, pessoas trabalhadoras, entendamos que o mundo é o que nos cerca, o que se encontra no nosso entorno, porque é essa leitura que torna possível para nós transformar este mundo, porque é isso que queremos e é isso que fazemos aqui, por meio do nosso trabalho, das nossas lutas e de nossas pesquisas acadêmicas. Buscamos transformar o mundo. No entanto, para que sigamos nesse diálogo, é preciso que eu faça um alerta.

⁵ Na contramão do pensamento capitalista e do novo fascismo ascendente no Brasil, é capital juntar-nos a aliados que enfrentaram o fascismo em outros momentos da história, a exemplo de Walter Benjamin (2014), sobretudo em duas das perspectivas em que o autor nos presenteia com pensamentos fundantes, quais sejam: a história escrita a contrapelo e a história dos que não venceram, quem conta? No primeiro, alude ao que venho fazer neste trabalho, ouvir e tornar conhecidas trajetórias de jovens que sofreram e sofrem tentativa de apagamento. No segundo, em sentido ainda mais estrito ao que concerne esta pesquisa, aceito a provocação feita a todas nós quando diz “e a história dos que não venceram, quem conta?” Pensando hoje nas diversidades de corpos e no avanço das opressões, desde que foram publicadas as teorias benjaminianas, cabe a mim, porque me incumbio disso, pensar que dentre as pessoas que não venceram, encontram-se mulheres. Mulheres pretas, LBT e outras que, mesmo eu não abordando neste estudo, não ignoro a existência, mas que, do mesmo modo, estão aí e merecem ser estudadas e trazidas à tona. Desejo que mais mulheres e outras pessoas estejam fazendo isso ou, se não, que o façam em breve. E que esta pesquisa possa contribuir.

Alerta! O texto que segue requer estômago, sobretudo estômago, já que o coração, rins, fígado e todos os demais órgãos vitais serão engolidos em processo de autofagia, tamanha estranheza do que é elucidado sobre a natureza humana. E, neste caso, desejo intensamente que se trate de comportamento natural, pois se a crueldade dos seres em questão se configura cultural, algo apreendido e cultivado, comportamento reproduzido, meu desejo é que a espécie humana seja... (des)construída!

Antes de julgarem este parágrafo como desmedido, pesado demais ou desnecessário, sigam na leitura. Testem sua capacidade de deglutir ou regurgitar. Depois, pensem o que puderem/quiserem.

Se a necessidade de realizar este estudo não corroborasse para a desmistificação, para a denúncia e superação do estado em que as coisas se encontram, eu teria abandonado esta pesquisa no meio dessa entrevista. Entretanto, mesmo decidindo continuar com esta pesquisa, ressalto que nunca mais serei a mesma, porque ouvir os relatos dessas jovens me transformou para sempre, mobilizou-me e me fez olhar para o meu lugar de privilégio. Sim, privilégio!

Privilégio de ser uma mulher branca, heterossexual e de carregar memórias de uma infância onde, apesar das dificuldades de pertencer à classe trabalhadora, fui bem cuidada, bem alimentada, acolhida, amada, protegida, pude estudar, brincar e crescer em segurança. Entretanto, foi a sensação de que este mundo pode ser mais justo para todas as pessoas, a real esperança de podermos, todas juntas e em processos diversos, construir um mundo melhor, que me fez continuar. Então, sigamos lendo e ouvindo imaginativamente a voz de uma memória infantil (cinco e seis anos) que se mescla com a consciência de uma jovem de dezoito anos...

Para tanto, a voz que será apresentada neste capítulo é de uma jovem mulher de dezoito anos de idade, negra, lésbica, mãe solo, trabalhadora, artista e em processo de desinstitucionalização. Sua institucionalização aconteceu quando ela tinha 13 anos de idade, fundamentada na medida protetiva de crianças e adolescentes, que de acordo com a lei n. 8069/1990, no artigo 98 do Estatuto da Criança e do Adolescente, “as medidas de proteção a crianças e adolescentes são aplicáveis sempre que os direitos reconhecidos nesta Lei forem ameaçados ou violados”,

- I - por ação ou omissão da sociedade ou do Estado;
- II - por falta, omissão ou abuso dos pais ou responsável;
- III - em razão de sua conduta (BRASIL, 1990).

Havendo a constatação de qualquer uma das hipóteses previstas pelo art. 98, poderão ser determinadas as seguintes medidas protetivas:

- I – encaminhamento aos pais ou responsável, mediante termo de responsabilidade;
- II - orientação, apoio e acompanhamento temporários;
- III – matrícula e frequência obrigatória em estabelecimento oficial de ensino fundamental;
- IV – inclusão em programa comunitário ou oficial de auxílio à família, à criança e ao adolescente;
- V – requisição de tratamento médico, psicológico ou psiquiátrico, em regime hospitalar ou ambulatorial;
- VI – inclusão em programa oficial ou comunitário de auxílio, orientação e tratamento a alcoólatras e toxicômanos;
- VII – acolhimento institucional;
- VIII – inclusão em programa de acolhimento familiar;
- IX – colocação em família substituta (BRASIL, 1990).

Gaia, como chamarei a entrevistada de modo a proteger sua identidade, esteve acolhida na modalidade abrigo institucional⁶. Essa é uma das previstas na medida protetiva e segue os parâmetros estabelecidos pelo resultado de reflexões e debates de alguns conselhos, mais especificamente os conselhos de direitos, da assistência social e dos direitos da criança e adolescente que, em fevereiro de 2008, publicaram o documento “Orientações Técnicas Para os Serviços de Acolhimentos para Crianças e Adolescentes” (BRASIL, 2008), formulado pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, da Secretaria Nacional de Assistência Social e Departamento de Proteção Social Especial.

Portanto, como aponta o documento, a modalidade abrigo institucional deve ser guiada por alguns parâmetros estruturais, tais como “oferecer ambiente acolhedor e ter aspecto semelhante ao de uma residência, sem distanciar-se excessivamente, do ponto de vista geográfico e socioeconômico da comunidade de origem das crianças e adolescentes atendidos” (BRASIL, 2008, p. 29).

Gaia nasceu e cresceu em uma estrutura familiar composta basicamente por sua mãe, seu irmão mais novo e pelos namorados de sua mãe e, conforme relatos que serão apresentados ao longo deste texto, conviveu por um período muito curto com o seu pai. O fato de sua mãe ser usuária de drogas é apontado por Gaia como um dos fatores decisivos para ter nascido e crescido em um ambiente permeado por violências.

Após ter vivenciado muitos anos sendo negligenciada pelas mais diversas esferas da sociedade, Gaia fugiu de casa. Ela estava gestante nessa época e ficou em situação de rua por

⁶ De acordo com o manual de Orientações Técnicas para os Serviços de Acolhimento para Crianças (CONANDA; CNAS, 2008) e Adolescentes, “Abrigo Institucional” é o serviço que oferece acolhimento, cuidado e espaço de desenvolvimento para grupos de crianças e adolescentes em situação de abandono ou cujas famílias ou responsáveis encontrem-se temporariamente impossibilitados de cumprir sua função de cuidado e proteção. O manual completo pode ser consultado em: https://www.mprs.mp.br/media/areas/infancia/arquivos/conanda_acolhimento.pdf

aproximadamente dois meses, até ser encontrada por membros do Conselho Tutelar, que haviam recebido uma denúncia sobre a situação da jovem. Depois da abordagem e da escuta de seus relatos, as profissionais envolvidas no caso identificaram a violação dos direitos da jovem, direitos garantidos na lei nº 8069/1990. Desta forma, Gaia foi encaminhada para um abrigo de acolhimento, onde permaneceu por cinco anos, até a chegada de sua maioridade legal. Gaia deixou o abrigo um mês após completar dezoito anos e foi nesse momento que fiz contato com ela, para explicar sobre a minha pesquisa. Após algumas conversas, Gaia concordou em participar da pesquisa, assim, marcamos a entrevista, e no dia e local escolhido por ela, e segui para o nosso encontro...

Sempre gostei de olhar para o céu e observar todos os elementos que compõem sua imensidão e, no dia agendado para a conversa com a jovem Gaia, o céu estava cinzento, anunciando a chegada de uma tempestade, com muitos raios e trovões, a mesma tempestade que me invadiu horas depois, quando senti o ecoar daquela voz doce de Gaia, e de todas as suas memórias de infância narradas, reverberar por todo o meu ser...

Assim, rememorando os caminhos que me levaram até essa pesquisa e olhando para aquele céu cinzento e tempestuoso, cheguei ao endereço informado por Gaia. O local era a sua casa recém-alugada, então chamo por ela que, ao escutar meu chamado, caminha rapidamente em direção ao portão. Aproxima-se sorrindo discretamente, desviando o olhar e me cumprimentando com muito afeto. Retribuí o cumprimento e o afeto...

Em seguida, ela me apresentou sua casa e, ao caminhar pelos cômodos pequenos, limpos e bem organizados do imóvel, notei uma discreta alegria no modo de falar de Gaia. Em alguns momentos ela sorriu abertamente, até que, pela primeira vez desde o início de nossa conversa, Gaia olhou fixamente em meus olhos, e percebi em seu olhar um misto de dor e lampejos de resistência. Entretanto, ao me mostrar seus desenhos e todos os objetos artesanais produzidos por ela que compõem a decoração de sua casa, esses lampejos se tornaram fogueira, o que me fez refletir sobre o poema “Do fogo que em mim arde”, da escritora Conceição Evaristo: “sim, eu trago o fogo, o outro, não aquele que te apraz. Ele queima sim, e é chama voraz” (EVARISTO, 2017, p. 81).

Encerrada a apresentação de seu novo lar, Gaia me levou até o cômodo escolhido para a realização de nossa conversa e gentilmente me ofereceu almofadas para que eu ficasse mais confortável. Em seguida, acomodou-se e iniciou a conversa, falando baixo, misturando silêncios, lágrimas e pedindo para que eu não olhasse em seus olhos...

Primeiramente eu vou falar da minha trajetória. É importante esclarecer as questões da minha mãe... O fato da minha mãe ser usuária de crack até hoje, pelas últimas notícias que tive da rede... então desde quando eu me conheço por gente, lembro que minha mãe é usuária de crack, ela também tem algumas questões mentais, acho que desde a minha infância. Também vou falar um pouco da minha infância... Tudo que lembro da minha infância..., mas antes, podemos conversar de um jeito diferente. Por favor? Tenho dificuldade de falar quando tem gente me olhando... Você pode não olhar para mim?

A minha infância, parte do que eu lembro, foi de coisas muito difíceis, porque aos seis anos eu sofri o meu primeiro estupro, que foi o momento o qual consigo distinguir como estupro. Foi pelo pai do meu padrasto, que é avô do meu irmão.

Tenho dois irmãos por parte de pai e dois por parte de mãe, um deles é o S. que é o neto desta pessoa. Antes de acontecer isso na minha vida. Eu tive muito pouco contato com meu pai, morei em uma cidade grande, e depois de um suposto sequestro, por conta do meu pai ter me pegado em uma creche e me levado para uma cidade grande, não tive contato com minha mãe por nove meses... E aí, minha mãe conseguiu minha guarda junto com esse meu padrasto, e nesse contexto eu passei a morar com a minha mãe e com o meu padrasto, em uma cidade do interior, e depois, eu nunca mais tive contato com meu pai, como eu disse, quando comecei a falar dos meus irmãos.

Eu tenho um irmão, o S., nós temos cinco anos de diferença. Eu sou mais velha. Quando fui morar com eles, minha mãe e meu padrasto, eu tinha uns três anos, e quando eu fiz cinco anos o S. nasceu. Tenho dois irmãos mais velhos, um filho da minha mãe e o outro filho do meu pai. Esse que é o filho do meu pai, a gente nunca teve contato, ou no máximo um contato limitado, por conta que a mãe dele também é usuária de crack, e a gente era de mães diferentes, então era mais complicado, mas a gente sabe da existência um do outro.

Já o outro irmão, o S., a gente conviveu na infância, por conta que a minha mãe o entregou para o pai quando ele tinha quatro anos... A gente tem doze anos de diferença. Hoje eu tenho 18 e ele vai fazer trinta. Ele morou sempre com o pai, e até os 18 anos ele não queria contato com minha mãe, porém aos 18 anos, ele foi preso e ficou detido por alguns anos.

Voltando lá na parte de onde eu parei... Onde eu consigo ter memória da minha infância que foi uma coisa muito difícil, é uma coisa é... É o que mais me dói hoje... lembrar das inúmeras situações complicadas... é exatamente nesse ponto, nesse momento que começo a sofrer com os abusos sexuais...

Primeiro tenho que contar que tenho memórias, e que às vezes, por conta de como todo mundo levou, eu acho que talvez eu tenha inventado, porque são coisas tão específicas e tão detalhadas que eu me lembro, que até eu tenho dúvidas se realmente aconteceram...

A primeira memória de infância narrada por Gaia é permeada por violências sofridas por ela no ambiente familiar, violências cometidas por meio das negligências, agressões verbais e físicas de sua mãe e pelas violências sexuais praticadas contra Gaia, primeiro pelo avô de seu irmão mais novo, por um de seus padrastos e depois por seu irmão mais velho, fato que corrobora com a definição atribuída às chamadas violências intrafamiliares. Nesta perspectiva, como apontam as pesquisadoras Juliana Costa Machado, Vanda Palmarella Rodrigues, Alba

Benemérita Alves Vilela, Aline Vieira Simões, Roberta Laíse Gomes Leite Morais e Elisama Nascimento Rocha (MACHADO *et al.*, 2014), configuram-se como violências intrafamiliares as manifestações dos mais diversos tipos de violências, sejam físicas, verbais, psicológicas ou sexuais, cometidas contra crianças e adolescentes, “bem como o abandono, negligência ou exploração cometida por algum membro da família, ainda que sem laços sanguíneos, contra pessoas com idade igual ou inferior a dezenove anos” (MACHADO *et al.*, 2014, p. 2). Cabe apontar que a violência intrafamiliar é tratada como um problema de saúde pública e se apresenta como um desafio para os gestores do SUS:

[...] a violência intrafamiliar atinge parcela importante da população e repercute de forma significativa sobre a saúde das pessoas a ela submetidas. Por isso, configura-se um problema de saúde pública relevante e um desafio para os gestores do Sistema Único de Saúde. (MACHADO *et al.*, 2014, p. 3)

Os dados sobre violências sofridas por crianças e adolescentes em ambientes familiares, considerados por grande parte da sociedade como “porto seguro”, apontam para a urgência de políticas públicas sociais nas áreas da saúde, da educação e da proteção de crianças e adolescentes para que esse cenário seja alterado, visto que, assim como Gaia, um número significativo de crianças e jovens é vítima de violências cometidas em ambientes considerados familiares. De acordo com Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, “a violência contra crianças e adolescentes atingiu o número de 50.098 denúncias no primeiro semestre de 2021. Desse total, 40.822 (81%) ocorreram dentro da casa da vítima” (MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS E DA CIDADANIA, 2021).

As violências intrafamiliares sofridas por Gaia foram relatadas por meio de um exercício feito por ela, para romper com as tentativas de silenciamentos de sua voz, silenciamentos que foram perpetrados contra ela por pessoas com as quais compartilhou suas memórias e que a desacreditaram. Ao finalizar sua fala inicial, era notório que Gaia estava abalada por trazer à tona memórias que lhe causavam tanta dor, além do receio de que eu também a desacreditasse. Entretanto, cabe dizer que ficou evidente para mim, através de sua postura enérgica ao enxugar as lágrimas, levantar a cabeça e seguir com sua narrativa, a importância que Gaia atribuiu ao fato de suas memórias serem retratadas nesta pesquisa, mesmo sabendo que ao rememorar sua trajetória poderia mergulhar em águas profundas e que sua consciência, possivelmente, seria invadida pelo passado ou, como nas palavras de Ecléa Bosi,

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando com as percepções imediatas, como também empurra, “descola” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força

subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 2018, p. 36).

Para além disso, a ação de rememorar suas dores, com riqueza de detalhes, somado ao fato de ter sido desacreditada por pessoas nas quais confiou ao longo de sua vida, fez com que Gaia duvidasse de suas memórias, cogitando até tê-las “inventado”. Penso que essa fala demonstra uma antecipação ao modo como eu receberia suas narrativas. Ainda assim, Gaia entregou-se à rememoração, colocando-se em processo de evocação do passado e de relatar de novo o conteúdo de suas vivências. Desta forma, pôde sentir novamente e com outra intensidade as dores e as consequências dessas experiências.

Apesar de não evidenciar neste momento quem são as pessoas que desconfiam das suas narrativas, ela aludiu, por meio de inflexão sonora, alteração corporal, certo sarcasmo no modo de falar, que se trata da totalidade das pessoas que acessam sua história. Penso que sua desconfiança se justifique pela quantidade de barbaridades vivenciadas por ela, o que pode mesmo parecer tão cruel que se torna difícil de crer, mas, isso ocorre, imagino, pela crueldade dos fatos, e não pela necessidade de inventar da entrevistada. Foi quando ela contou sobre a violência sofrida.

Primeiro, eu vou contar um pouco do que aconteceu. Nós morávamos na casa desse avô do meu irmão que comentei. Nessa época, a minha mãe estava grávida, então, tipo... já começou aos cinco anos ali...

Gaia diz isso revelando que os assédios contra ela começaram neste período. Apesar de os estupros terem sido aos seis anos, aos cinco já havia abuso por parte deste avô.

... A minha mãe estava grávida, gravidez de risco. Além disso, ela era usuária e a gente passava por várias questões em casa. Por isso, eu quase não ia para escola. Ninguém da família deste avô, do meu irmão, eu lembro nitidamente, não gostavam da minha mãe, e automaticamente isso acabava esbarrando em mim.

Essa pessoa, o avô do meu irmão, aparentava para todas as pessoas, ser muito cuidadoso, amoroso, muito brincalhão em relação às crianças. Acho que era a forma que ele usava para se aproximar. E a minha mãe, nessa questão, ela sempre confiou, ou sei lá se confiou também ou simplesmente nem ligava e me largava sem se importar. Me deixava em qualquer lugar, com qualquer pessoa... O lugar onde a gente morava era uma chácara, um lugar que tinha mato, tinha que carpir e essas coisas... Era muito fácil perder a gente de vista, e ele também tinha um outro neto que é um ano mais novo que eu.

Quando eu e o neto dele estávamos brincando, o avô, mandava o menino ir tomar banho ou fazer alguma outra coisa para ele poder ficar sozinho comigo. A primeira coisa que aconteceu, que eu me lembro, é de ele... assim... na hora de eu tomar banho, ele ir usar o banheiro. Não tinha privacidade. Sempre teve aquele negócio de que todo mundo achava que todo

adulto cuida da criança. Então, começou com esse cuidado. E isso era uma coisa que também me deixava confusa na época, do que era cuidado?

Ele começou a me levar para trás da chácara onde tinha mato. E eu ia... às vezes, ele levava o menino junto, mas todas as vezes que aconteceu, estávamos só ele e eu. Eu acho que ele nunca fez nada com o neto porque era parente de sangue dele e porque era menino. Mas também não duvido que tenha feito e eu não saiba né...?

Mas o menino nunca esteve presente quando ele fazia isso comigo... E a minha mãe estava muito ocupada, porque minha mãe sempre priorizou os namorados, os machos da vida dela, e o V., enquanto ele estava na barriga dela, porque depois, quando ele nasceu...

Gaia fez vários processos de retomada de pensamento, tomada de fôlego, pausas para buscar em lugares mais profundos da sua memória aquilo que ela queria compartilhar. Ela também fazia retomadas buscando reestabelecer uma linha narrativa que fosse mais proveitosa. Ela deixava isso evidente com os olhos, com o corpo que se agitava, recusava e retomava movimentos e os fluxos reapareciam após os esforços, inclusive físicos.

Tudo começou assim, ele me colocava no colo para eu sentir as suas genitais... é... Ele começou a ter esses tipos de “carinho”, até que chegou o fato dele tirar o pênis para fora e me mostrar e começou a querer me ver sem roupa, coisas assim... Antes de ocorrer realmente o fato... Ele me fazia isso...

O mais doloroso para mim, são os episódios do sofá. Estes episódios me pegam muito forte, até sinto muito nojo de mim mesma por isso. Ele me colocava no sofá, deitada, assim... Sabe?... No braço do sofá. E colocava as minhas pernas em cima dele. E aí começava com um carinho, e depois, enfiava os dedos em mim. E aí começava a prometer coisas para mim, e dizer que eu não podia contar para ninguém e que se eu contasse eu nunca mais ia ver minha mãe... E coisas assim...

Eu me lembro, eu era pequena, era uma criança, mas eu realmente lembro de nunca mais ver minha mãe. Quero dizer, eu fiquei muito tempo sem ver minha mãe, foram nove meses. E eu sempre me lembrava disso. Foi muito difícil lidar com isso naquele momento. Já tinha ocorrido a penetração e eu tinha muita dificuldade... e eu só contei para uma tia-avó do V., porque ela sabia que tinha alguma coisa errada comigo. Ela via que eu não conseguia segurar o cocô, e eu tinha muitas dificuldades na escola. Eu não conseguia interagir e não conseguia deixar as pessoas me acessarem... Então eu contei para ela, e ela contou para as pessoas da família. Aí todo mundo falava que eu estava inventando, inclusive a minha mãe. Ela dizia que isso não tinha acontecido, e que era um absurdo eu falar isso. Enfim, ninguém acreditou.

Os relatos iniciais de Gaia nos levam a pensar sobre os mecanismos opressores que sustentam e alicerçam uma sociedade patriarcal, onde violências sexuais cometidas contra meninas e mulheres são normalizadas e naturalizadas, são mecanismos que atuam juntos e possibilitam que os números das violências cometidas contra as mulheres aumentem cada vez mais, por meio de uma estrutura que nos é apresentada desde a infância e que reproduz o modelo onde os homens são o centro do mundo, são a medida para todas as coisas.

Nesta perspectiva, Saffioti (2004), ao discorrer sobre os fundamentos estruturantes do sistema patriarcal, aponta que a manutenção do patriarcado tem articulação direta com a naturalização das violências que permeiam a nossa sociedade, principalmente as violências cometidas contra as mulheres. A autora também sistematiza a existência da hierarquia que mantém o poder dos homens sobre as mulheres, e que está presente em todos os ambientes, apontando que o sistema patriarcal não é restrito ao ambiente privado. Ao contrário, pois ocupa todos os espaços da nossa sociedade. Assim, o patriarcado precisa ser analisado no escopo da coletividade,

1. não se trata de uma relação privada, mas civil; 2. dá direitos sexuais aos homens sobre as mulheres, praticamente sem restrição. [...] 3. configura um tipo hierárquico de relação que invade todos os espaços da sociedade; 4. tem uma base material; 5. corporifica-se; 6. representa uma estrutura de poder baseada tanto na ideologia quanto na violência (SAFFIOTI, 2004, p. 62-63).

Essa estrutura alicerçada no patriarcado é reproduzida e perpetuada nas esferas escolares, familiares, religiosas, no mundo do trabalho, entre outras, e segue normalizando as violências, reforçando condicionamentos sociais e opressões contra os corpos das mulheres. Neste sentido, bell hooks (2020) aponta que o discurso patriarcal é propagado recorrendo a uma interpretação da biologia humana, mas, na verdade, é algo fundamentalmente político, estruturado para conectar os homens e, desta forma, conceder poder e privilégios a partir da masculinidade e, assim, o patriarcado sustenta-se e perpetua-se em nossa sociedade.

No Brasil onde Gaia nasceu e vive, diariamente mulheres são mortas, violentadas, silenciadas, ou linchadas em redes sociais por meio da invasão e divulgação de vivências que deveriam ser privadas. Discursos de ódio são disseminados em todos os setores, contra os corpos dos condenados e oprimidos, corpos *queer*, negros, corpos LGBT, pobres, indígenas, pessoas portadoras de deficiência e, principalmente, corpos de mulheres, uma vez que o Brasil é o país onde uma menina ou mulher é estuprada a cada 10 minutos, como é apontado dos resultados em estudos noticiados pelo Instituto Patrícia Galvão em 2022.

A violência sexual segue vitimando meninas e mulheres no país. Segundo dados coletados no relatório Violência contra mulheres em 2021, elaborado para o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2022, realizado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 56.098 estupros foram registrados no sistema de segurança contra mulheres (incluindo vulneráveis do gênero feminino). O crescimento dos registros de violência sexual foi de 3,7% em relação ao ano anterior (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2022, p. 2).

Complementado os dados apresentados, segundo estudo elaborado pela Rede Feminista de Saúde a partir dos dados do Data/SUS, entre 2010 e 2019, 252.786 meninas de 10 a 14 anos,

além de 12 meninas com menos de 10 anos, engravidaram e tiveram filhos nascidos vivos. São dados que corroboram para uma reflexão importante sobre o que pode ser considerada a mais difundida e perversa das violências de gênero: o estupro. Neste caso, o estupro de um corpo infantil, de uma criança de apenas 6 anos de idade, ato que desvela a perversidade de uma sociedade que propaga discursos que banalizam violências sexuais contra as mulheres e as culpabilizam. É comum escutarmos ou lermos em redes sociais questionamentos do tipo: “qual era a roupa que ela estava vestindo?” ou “andando sozinha a essa hora?” ou “aposto que estava bêbada!”

A naturalização dessas violências possibilita também a manutenção de mecanismos de opressão contra mulheres: como o machismo, o sexismo e a misoginia, que têm em comum em suas bases a depreciação dos corpos das mulheres, a dominação, a subjugação e o controle dos nossos corpos. Em outras palavras, como aponta Segato (2005, p. 6), “os crimes sexuais não são obra de desvios individuais, doentes mentais ou anomalias sociais, mas sim expressões de uma estrutura simbólica profunda que organiza nossos atos e nossas fantasias e confere-lhes inteligibilidade”.

Uso e abuso do corpo do outro sem que este participe com intenção ou vontade compatíveis, o estupro dirige-se ao aniquilamento da vontade da vítima, cuja redução é justamente significada pela perda do controle sobre o comportamento de seu corpo e o agenciamento do mesmo pela vontade do agressor. A vítima é expropriada do controle sobre seu espaço-corpo. É por isso que se poderia dizer que o estupro é o ato alegórico por excelência da definição schmittiana de soberania – controle legislador sobre um território e sobre o corpo do outro como anexo a esse território. Controle irrestrito, vontade soberana arbitrária e discricionária cuja condição de possibilidade é o aniquilamento de atribuições equivalentes nos outros e, sobretudo, a erradicação da potência destes como índices de alteridade ou subjetividade alternativa (SEGATO, 2005, p. 6).

As estatísticas relacionadas ao crime de estupro cometidos contra crianças e adolescentes no Brasil têm apresentado um recrudescimento. Segundo o art. 213 do Código Penal – Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940, configura-se em crime de estupro “constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso”. De acordo com informações publicadas no site do Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania,

A ouvidoria Nacional de Direitos Humanos (ONDH), vinculada ao Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH), registrou um total de 7.447 denúncias de estupro no Brasil nos cinco primeiros meses de 2022. Das vítimas, 5.881 são crianças ou adolescentes — quase 79% das denúncias. No mesmo período do ano passado, a ONDH/MMFDH contabilizou 6.279

registros de estupro. Crianças e adolescentes figuravam como vítimas em 4.475 deles, o que representa um aumento de 76% dos casos envolvendo o grupo vulnerável (MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS E DA CIDADANIA, 2022).

O processo de culpabilização e invisibilização das vítimas de crimes sexuais está presente em suas vidas. Fato que não foi diferente na vida de Gaia, como observamos nos relatos seguintes, quando ela descreveu o que sentiu ao notar que algumas pessoas sabiam o que se passava com ela, mas, ainda assim, não tomavam providências para protegê-la.

...na escola eles sabiam que estava acontecendo alguma coisa errada comigo, porque, como eu disse, minha mãe também era usuária de crack, e nós sofriamos outras coisas para além do abuso. A gente passava necessidades, e a minha mãe sempre foi muito agressiva. Então eu também vivia marcada, e na escola, eles perceberam que eu não conseguia segurar o cocô. Foi aí que eu comecei a ser atendida, comecei a passar por psicólogos e psiquiatra. Aos seis anos eu já tinha depressão. E como a violência permaneceu por muito tempo, eu tinha medo de contar até para os profissionais, e quando eu contava, na sessão seguinte eu desmentia. Desmentia porque minha mãe me colocava essa dúvida... ela dizia que não tinha acontecido, mas sim que eu tinha assistido em algum lugar, mas que na verdade não tinha acontecido comigo...

E acho que essa é uma das coisas mais difíceis de eu lidar hoje... Saber que tinha tanta gente por perto... é impossível ignorar isso, muita gente poderia ter feito alguma coisa! A minha mãe não fez nada...! Ela dizia que se ela fizesse alguma coisa, o namorado dela, que era o pai do V. iria se separar dela, porque o abusador era o pai dele... Minha mãe não fez nada para me proteger porque ela falava que esse namorado era o amor da vida dela e mais um monte de bobagem... Ela não fez nada... Na verdade, continuou me deixando com ele. Só que como ele sabia que eu tinha contado e ninguém acreditava em mim, ele passou a ser muito mais agressivo.

Neste momento, Gaia apontou que no início de sua vivência escolar apresentou vários sinais de que estava sendo agredida fisicamente e violentada sexualmente. Entretanto, conforme seus relatos, alguns profissionais que trabalhavam na escola em que ela estudava foram omissos e negligentes, não ofereceram nenhuma ajuda e nem realizaram denúncias contra seus agressores. Diante do exposto, torna-se necessária e urgente a discussão sobre o despreparo dos profissionais que atuam na área da Educação e que, ao se depararem com denúncias ou indicativos de abusos e violências sexuais sofridos por crianças e jovens, agem de forma omissa, reproduzindo os ciclos de violências e de silenciamentos impostos às vítimas de crimes sexuais. Sob esta perspectiva, o aumento dos casos de violências “revela quão pouco instrumentalizadas estão as instituições sociais, dentre elas a escola, para desenvolver estratégias eficazes de enfrentamento, seja remediativa ou preventivamente” (RISTUM, 2010, p. 1).

A escola tem um papel importante no enfrentamento e no combate aos silenciamentos referentes às violências e aos abusos sexuais perpetrados contra crianças e jovens, visto que, por meio da inclusão de uma educação sexual que trate das questões da sexualidade, para além da perspectiva biológica, seria possível conscientizar crianças e jovens sobre a importância do autocuidado, do conhecimento corporal e, através de uma abordagem cuidadosa, fomentar a necessária discussão sobre as ações que configuram-se como abusos e violências sexuais, contribuindo, desta forma, para a ruptura da ideia de que falar sobre sexualidade é vergonhoso e secreto. A reprodução dessa perspectiva corrobora com a falácia de que o que acontece em ambientes privados familiares não pode ser revelado e nem denunciado.

Neste sentido, Lessa e Mayor (2019) publicaram uma pesquisa realizada com o objetivo de apresentar as perspectivas de alunos de licenciaturas e de profissionais da área de Educação sobre a existência de capacitação, durante seus processos formativos, voltada para lidar com possíveis casos de violências sexuais identificados por meio da convivência em ambiente escolar. O resultado apontou que

[...] a educação sexual quando abordada nas escolas, na maioria das vezes é tratada como “sexo” e por um viés estritamente biológico. Assim, desconsiderando a diversidade de aspectos que perpassam a sexualidade que poderiam ser abordados com os alunos, inclusive a violência sexual (LESSA; MAYOR, 2019, p. 69).

Portanto, é salutar romper com essa abordagem sobre sexualidade nas escolas, voltada apenas para a questão biológica do sexo e, para além disso, é preciso que os profissionais que atuam nas escolas acolham e façam as leituras adequadas dos pedidos de socorro, que muitas vezes, como apontado por Gaia, são pedidos silenciosos, demonstrados por meio da alteração de comportamentos das vítimas de crimes sexuais. Para tanto, torna-se premente a inserção de qualificação para as pessoas que trabalham ou pretendem trabalhar na área da Educação, ressaltando-se a importância do fomento aos estudos voltados para a ampliação e visibilidade sobre essa temática. Desta forma, essa pesquisa configura-se também como uma tentativa de colaborar para o necessário desvelar dos mecanismos que contribuíram e contribuem para os silenciamentos e para as tentativas de apagamentos da existência e das memórias da jovem Gaia, e de outras tantas crianças, jovens e mulheres, vítimas de crimes sexuais.

Em um movimento constante de resgate e preservação de memórias, especificamente memórias de mulheres, a escritora Conceição Evaristo nos lembra que “a noite não adormece nos olhos das mulheres” (EVARISTO, 2017, p. 26). Historicamente, as vidas das mulheres são atravessadas por estruturas sociais que engendram opressões, medos e violências através dos

mecanismos de controle e subalternização de corpos. Dessa forma, nossas histórias seguem relegadas ao silenciamento e ao apagamento. A escrita de nossas histórias – quando acontece – é feita majoritariamente pelo viés masculino, reforçando, assim, paradigmas do patriarcado heteronormativo, branco e eurocêntrico.

Diante desse contexto, quais são os corpos que podem respirar, existir e amar? Quais trajetórias são historicamente apagadas e silenciadas? Nos relatos abaixo, Gaia compartilha a sensação que carrega desde sua infância, a sensação de apagamento de sua existência, de não ser vista e de não existir para outras pessoas.

Por mais que algumas professoras que me acompanhavam, tivessem notado que alguma coisa não estava certa, nunca aconteceu algo efetivo, sabe... Que iria me tirar daquela situação, e eu tinha muita dificuldade, por algumas pessoas, que já comentei aqui, as minhas professoras, nunca foram muito boas minhas relações com elas, porque eu era muito atrasada e não conseguia acompanhar, e eu acho que todo mundo foi largando mão, assim... Sabe?

Então a minha vida inteira, foi como se eu não existisse, como se eu não estivesse sendo vista, e na escola não foi diferente, sinto que quando eles poderiam ter feito alguma coisa, que foi quando eu falei, ou até mesmo quando eles notavam essas coisas, eles ficavam esperando muito de outras pessoas, e as outras pessoas esperavam de outras, até que ficava insustentável...E ninguém fazia nada...

Em relação a minha guarda, que é curioso mesmo, a minha mãe ainda ter a minha guarda naquela época, mas é porque o pai do meu irmão se responsabilizou, com termos judiciais, pela minha guarda e pela guarda do meu irmão, por conta das questões mentais da minha mãe, minha mãe não estava psicologicamente estável para ter a gente, então ele estava, e ele ficou responsável por mim e pelo V.

E o acompanhamento que eles fazem em relação ao uso de drogas é muito falho, porque se um usuário falasse que não estava mais usando drogas, então eles eram liberados. Mas na verdade, seguiam usando, e era o que acontecia com minha mãe...

Em relação à família do pai do meu irmão V., como eu disse, eles não gostavam da minha mãe, então, não importava o que eu falasse, não importava, não importava... porque eles não gostavam da minha mãe e isso automaticamente refletia em mim. E na escola, a minha relação com outras crianças era muito difícil, porque eu não conseguia interagir, não conseguia me integrar, não conseguia acompanhar, então eu preferi não ir mais.

Quando eu ia, era muito vergonhoso, porque na minha cabeça, e isso era uma coisa que persiste até hoje, parece que quando as pessoas me olham, elas sabem o que aconteceu comigo. E parece que elas sentem de mim, o mesmo nojo que que sinto. Sinto nojo de mim mesma... e sinto que as pessoas também sentem, mesmo que elas não saibam... E parece que é por isso que elas preferem fingir que eu não existo...

A sensação de ter sido invisibilizada durante toda a sua vida é evidenciada por Gaia logo nos momentos iniciais de nossa conversa por meio dos primeiros movimentos de rememoração de sua trajetória. Ao fazer tais apontamentos, Gaia mesclou lágrimas com pausas

demoradas, seguidas de respirações profundas e da retomada enérgica de suas narrativas. Gaia relatou com grande tristeza que sua mãe era muito agressiva e que, por inúmeras vezes, além de ser sua agressora direta, ao infligir violência física severa contra o seu corpo ainda infantil, sua mãe também não acreditava nas denúncias feitas por Gaia referentes às violências sexuais que vinha sofrendo. Além disso, a jovem conta que sua mãe a impelia a ficar em dúvida sobre essas violências, por meio de insinuações de que Gaia teria inventado ou assistido aos crimes sexuais em algum outro lugar.

Desta forma, os pedidos de socorro e acolhimento de Gaia direcionados à pessoa que legalmente era a responsável por zelar de sua integridade física e emocional, ou seja, sua mãe, foram constantemente silenciados. Os silenciamentos não aconteceram só por parte de sua mãe, mas também por outras pessoas próximas e com quem tinha convívio familiar, além de profissionais que acompanhavam o seu caso. Nesta perspectiva, a pesquisadora Karina Acosta Camargo, em sua dissertação intitulada “Abuso sexual infantil – uma cartografia: silenciamento, testemunho, ressentimento, esquecimento dos silenciamentos”, discorre sobre os silenciamentos impostos às crianças vítimas de crimes sexuais cometidos por pessoas pertencentes aos seus ciclos familiares, e aponta que “o silenciamento, os jogos de poder que produzem o que pode ser dito e o que deve ser silenciado, onde pode ser falado e de que maneira, apenas incitam sua continuidade, não produzindo maneiras de transformar essa realidade” (CAMARGO, 2016, p. 6).

O fato das violências infligidas contra Gaia terem acontecido em ambientes familiares, ou seja, no seio de uma instituição social considerada “sagrada” por grande parte da sociedade, dificultou ainda mais a ruptura do ciclo de violências intrafamiliares vivenciadas por ela. Conforme aponta um estudo sobre abuso infantil e as estruturas familiares, “a violência física e psicológica intrafamiliar contribui para a manutenção do abuso sexual em segredo, devido às ameaças do perpetrador e aos sentimentos de medo e de impotência da vítima e dos outros membros da família” (HABIGZANG *et al.*, 2005, p. 4).

Este mesmo artigo apontou que, na maioria dos casos analisados para o estudo, os agressores possuíam vínculos familiares com as vítimas: “do total de casos investigados, 83% aconteceram na própria família, concedendo à violência sexual um caráter intrafamiliar. Os pais foram os agressores em 79% dos casos (40 pais), seguidos pelos padrastos das vítimas” (HABIGZANG *et al.*, 2005, p. 6).

Para além do silenciamento vivenciado na estrutura familiar, Gaia também foi silenciada no ambiente escolar por suas professoras e por outras profissionais que acompanhavam seu caso e que contribuíram para a manutenção desse ciclo perverso de silenciamentos. Esse fato teve

grande impacto na vida de Gaia, sendo que o sentimento de que não era vista e nem protegida refletiu em todo o seu processo escolar. Conforme seu relato, Gaia tinha dificuldades em acompanhar os conteúdos escolares e, para além disso, a jovem também expôs que, por ter sido invisibilizada a vida inteira, carrega a sensação de “não querer mais existir”, disse “sentir nojo” de seu corpo e acreditar que as pessoas com que convive também sentem o mesmo.

Após o término da gravação de nossa conversa, Gaia quis compartilhar um pouco de suas referências artísticas e falar sobre músicas que são significativas para ela. Nesse momento, contei a ela que durante o processo de escrita dessa dissertação, ouvir músicas, ler poemas, poesias e pesquisar imagens que tivessem ligação com o tema da minha pesquisa, foi uma constante em minha rotina de trabalho e tornou-se um processo importante de fortalecimento da minha escrita. Agora, rememorando essa perspectiva tão dolorosa apresentada por Gaia de sentir “nojo de si mesma”, e de não querer existir, passei a ouvir o ecoar das vozes potentes das mulheres integrantes da banda curitibana Mulamba, entoando a letra da música também intitulada Mulamba. Essa banda é composta só por mulheres, que tocam instrumentos de cordas e percussão e que abordam em suas letras temas como sexualidade, igualdade e violência de gênero.

Eu sou aquilo que ninguém mais acredita
Eu sou a puta, eu sou a santa e a banida
Sou a bravura e os surtos de Anita Garibaldi
Bandeira baixa ou bandeira que agita

Sou como rua, beco podre da cidade
Eu sou os filhos mal paridos da nação
Sou a coragem até no grito dum covarde
O que não basta, não se entende, eu sou um furacão.
(MULAMBA, 2018)

São muitos os aspectos das construções sociais que nos condicionam a tornarmo-nos mulheres dentro dos parâmetros estabelecidos por uma sociedade patriarcal, dentre eles a condição do silenciamento de nossas histórias e de nossas dores: “fomos educadas para respeitar mais ao medo do que a nossa necessidade de linguagem e definição, mas se esperamos em silêncio que chegue a coragem, o peso do silêncio vai nos afogar” (LORDE, 2019, p. 53).

A cada linha deste texto que redijo, ouço as palavras de Gaia ecoando em minha mente “sinto nojo de mim mesma”, “então a minha vida inteira, foi como se eu não existisse, como se eu não estivesse sendo vista”... penso em quão difícil tem sido para ela sobreviver a tantas memórias dolorosas, a tantos apagamentos e silenciamentos de sua existência. Em alguns momentos, desejo me encontrar com a Gaia menina, com seus seis anos de idade, pegá-la no

colo e protegê-la. Em seguida, fecho os olhos e a vejo, ainda menina, sorrindo, correndo livre e descalça, “menina, eu queria te compor em versos, cantar os desconcertantes mistérios que brincam em ti” (EVARISTO, 2017, p. 33), crescendo protegida e bem cuidada, como todas as crianças do mundo deveriam ser, como sujeitas de direitos que são. Para tanto, sigamos atentas na escuta da voz dessa menina/mulher, Gaia, e de outras tantas “vozes mulheres” silenciadas diariamente nesse país. São vozes e histórias que nos revelam o impacto das violências vividas na saúde mental das crianças, como ela nos conta abaixo:

Desde meus seis anos, eu fui diagnosticada com depressão infantil, então eu frequentava o CREAS, e as psicólogas sempre me acompanhando... e a minha mãe, como eu disse, era muito agressiva, ao ponto de me deixar roxa de tanta pancada apenas porque eu estraguei um lápis de olho dela. Uma vez ela me bateu com uma rasteirinha, isso eu nunca mais esqueço, porque hoje isso pra mim é engraçado e assustador ao mesmo tempo... era uma rasteirinha que tinha uma flor embaixo, na sola, e a flor ficou na minha cara marcada e quando eu cheguei na escola, eu lembro de ter falado que eu estava em uma gangorra e cai em cima do chinelo da minha mãe, e aí eu fico imaginando, né... O que as pessoas pensavam dessa história, será que acreditavam? Não sei, eu escuto coisas vindas de crianças, eu presto muita atenção, mas acho que isso é responsabilidade...

Gaia, apesar de todas as omissões de sua mãe e das violências sofridas decorrente dessas omissões ou mesmo das agressões físicas, manteve, durante muito tempo, profundo respeito e obediência a ela. As funções de adulta responsável que a mãe não cumpria – aqui estou me referindo mesmo a atribuições de qualquer pessoa adulta com o mínimo senso de responsabilidade e declarada capaz, e não à figura romantizada de mãe –, muito pelo fato de ser usuária de crack e outros aspectos disso decorrentes, fez com que o seu abandono fosse reverberando em responsabilidades para Gaia.

Desde criança eu sempre tive responsabilidades, como minha mãe era usuária, desde quando eu lembro, quando o S. nasceu, ele já era meu, porque ele sempre foi minha responsabilidade. Então minha mãe saía de casa, e largava o S. comigo, e eu já não ia para a escola para cuidar dele... então, juntava o problema que eu já falei sobre ir para a escola e como que era complicado para mim, e aí, somava essa questão de eu ter de cuidar do S. Era assim, eu não queria ir pra escola por causa das minhas dificuldades, porque eu tinha vergonha de tudo que acontecia, mais a depressão, que eu só queria mesmo ficar em casa, e isso tudo só piorava. Por fim, a minha mãe saía e deixava o S. comigo, e como eu disse, eu e ele temos cinco anos de diferença, então eu era muito pequena, mas tinha muita responsabilidade. E ela saía e me largava com ele passando fome, a gente não conseguia se virar e por isso nós passávamos muita fome. Alguns vizinhos, às vezes, levavam miojo para nós. E eu tenho um trauma horrível de miojo até hoje. Mas era ou isso ou nada, porque minha mãe saía e nos deixava sem ter o que comer. Não que se ela estivesse lá, iria fazer muita diferença, porque não tinha quase nada em casa mesmo. Quem é usuário de crack, vende tudo para conseguir usar... E

então tudo que tinha em casa, e já não tinha mais quase nada, ela vendia... era complicado... O S. cresceu sob minha responsabilidade. Eu fui aprendendo a me virar e a cuidar dele...

Mesmo criança, Gaia, ao contrário da pessoa adulta responsável por ela, e neste caso é preciso reforçar a informação de que se trata de sua mãe, conseguia fazer uma leitura da conjuntura concreta em que se encontrava e, a partir desta leitura, assumia papéis e funções necessários para enfrentar a situação, como o de cuidadora de uma outra criança ainda menor e ainda mais vulnerável que ela. Infelizmente, a capacidade que Gaia teve de pensar e se posicionar com relação ao cuidado e proteção do seu irmão V. não assegurou o seu próprio cuidado.

Neste meio tempo, aquele ser humano, avô do meu irmão, faleceu. Eu tinha 8 anos, e eu acho a morte dele muito engraçada, na verdade, ninguém sabe ao certo como ele morreu, mas eu acho engraçado... Eu rio, porque eu tenho uma suspeita. Na verdade, uma suspeita muito grande, mas isso acho que vou explicar um pouco mais para frente. Todo mundo acha que foi infarto, porque ele foi encontrado caído no chão no quarto onde dormia... depois eu conto.

Fica evidenciado na fala de Gaia que não foi nenhuma atitude racional, concreta, alguma ação que tenha partido de sua cuidadora, de sua mãe ou por parte de qualquer outra pessoa responsável do ciclo de convivência que as violências cometidas pelo avô do irmão cessaram, mas sim por um mero acaso. Ela, muito provavelmente, só parou de sofrer abusos deste estuprador porque ele morreu.

Decorrente também da notória incapacidade de sua responsável, muitas foram as mudanças de casas e cidades que tiveram de fazer, pois, como relatou Gaia em outros momentos, a mãe não conseguia pagar o aluguel das casas onde moravam.

A gente se mudou de lá... E a gente veio morar em outra cidade do interior, aí a minha mãe e o namorado dela, terminaram mais uma vez. Eles voltavam e terminavam mais do que tudo. Bom, depois que a gente se mudou dessa casa, e olha que a gente se mudou muitas e muitas vezes, para várias casas em várias cidades, porque a minha mãe não pagava o aluguel das casas onde estávamos... éramos praticamente nômades, porque não tínhamos endereço fixo nem ela tinha emprego. A gente só estacionou, paramos de mudar, quando ela começou a trabalhar em outra cidade pequena...

Uma parte da conjuntura de vida em que Gaia estava imersa foi alterada quando, dentre as mudanças de casa e cidade, sua mãe decidiu por voltar para a cidade do interior onde morou na infância e juventude. Uma cidade onde ela tinha contatos derivados da sua família e do próprio convívio antes de se tornar usuária de crack. Nesta cidade, a mãe de Gaia conseguiu arrumar dois trabalhos onde cumpria com as jornadas concomitantemente, um em um hotel,

onde trabalhava de arrumadeira, e outro em um restaurante, onde, além de trabalhar na cozinha, também servia no bar. Com estes trabalhos certos, conseguiram morar em um cortiço com casas iguais. Ao me relatar este fato, Gaia sorriu como em poucos momentos. Sorriu ao falar das casas deste cortiço... o misto de sua fala, da energia de criança que deixou emergir e do ritmo com que me contou, me fez pensar em casas-caixas, postas em um lugar da infância, exatamente como costume ouvir na música de Malvina Reynolds interpretada por Nara Leão (1969): “Uma caixa bem na praça, uma caixa bem quadradinha. Uma caixa, outra caixa, todas elas iguaizinhas. Uma verde, outra rosa e uma bem amarelinha. Todas elas feitas de tic tac, todas elas iguaizinhas” (LEÃO, 1969).

Certamente motivada pelas muitas denúncias ignoradas que fez, Gaia, depois de me relatar sobre sua impressão do cortiço, também arriscou dizer que foi lá que viveu a parte boa de sua infância. Em retomada súbita de pensamento e mudança na expressão facial, se ofereceu para me levar até este lugar. Um exercício de me convencer de que o que ela está trazendo é verdadeiro, de que não é invenção. Ela demonstrou necessidade de comprovar para mim que aquilo que ela estava me relatando se tratava de uma verdade. Mas penso que seja um reflexo, um desejo de provar o que me relatou naquele momento sobre o cortiço, não para mim, mas de comprovar para outras pessoas, outros fatos ocorridos anteriormente em sua vida, fatos relatados e denunciados sobre as violências que sofreu enquanto criança, mas que foram ignorados e tomados como mentira ou coisa de criança.

Se permitindo estender um pouco mais sobre a perspectiva do momento bom de sua infância, Gaia expôs os motivos pelos quais achava engraçado morar no cortiço, fato que também demanda atenção. Porque, ao contrário do que poderíamos nos deixar imaginar, a graça não se encontrava no fato de as casas serem iguais, tampouco coloridas ou cheias de tic tac como sugere a música. A graça de morar naquele cortiço, para Gaia, residia na configuração da sua vizinhança. Composta por pessoas muito distintas, como é normal de se imaginar, as discrepâncias entre os tipos acentuavam o senso altamente crítico de Gaia já durante a infância. Ela sabia que, para além das “vovozinhas crentes” – como ela mesma as chamou –, em cada casa do cortiço moravam muitas crianças, “umas cinco, e olha que eram apenas dois cômodos” – disse ela –, além dos traficantes e usuários de crack. Aliada a esta configuração, sua alegria estava ligada ao seu retorno aos estudos. Momentos de alegria e de muito aprendizado prematuro.

Neste momento, eu comecei a frequentar um pouco mais a escola, mas o S. ainda era responsabilidade minha, então, eu só podia brincar com outras crianças se o S. estivesse junto, mas como ele era bem pequeno ainda, ficava

difícil. Mas tudo bem, porque eu me acostumei a engolir o meu choro, a aguentar calada. Agora, por exemplo, eu quero chorar, mas não consigo... E eu fico constantemente assim, meio que engolindo o choro.

Este “aprender a engolir o choro” deflagra novamente sua capacidade de leitura concreta do mundo, sua capacidade de imaginar o que poderia acontecer em algumas circunstâncias. Sem nenhuma necessidade de “forçar a barra”, pode-se estabelecer conexões, ainda que de maneira a inferir, entre a proximidade e a linearidade de acontecimentos dos relatos trazidos por Gaia ao narrar, a evidente transformação física, retornando ao estado de tensão muscular quando adentra ao fato de sua cuidadora, sua mãe, iniciar outro namoro. Para Gaia, mais capítulos de violências contra ela estavam por vir. Infelizmente ela não errou.

No caso desse namorado da sua mãe, o caso se desdobra em outros muitos acontecimentos, inclusive na autoculpabilização, que fez com que Gaia desconfiasse inclusive de si mesma, como se pudesse ter tido, como sua mãe já havia lhe acusado, de ter consentimento ou até provocar a situação.

Como a minha mãe separava e voltava com o pai do V., constantemente, num desses intervalos a gente teve um outro padrasto, que se chamava S. Ele era funcionário de uma empresa e tinha que ficar viajando. Numa dessas viagens, ficou hospedado no hotel onde minha mãe trabalhava. Eles começaram a se envolver e a minha mãe já começou a levar ele para casa... Eu acho que homens têm tendência de procurar vítimas, e eu não sei se minha mãe chegou a contar pra ele sobre os estupros que sofri..., mas o fato é que eu fui abusada por ele também... a minha mãe não sabe disso porque eu omiti dela. Eu não contei isso para ninguém, apenas pra você agora. Esse abusador, essa pessoa que estou falando agora, ela está viva e não está longe... e a minha mãe trabalhava nesse hotel, e eu era abusada pelo namorado dela...

É como se abusadores usassem a mesma estratégia sempre, ameaças... hoje eu acho ridículo ter guardado tudo isso só para mim, ter passado tudo isso... Eu não fiz nada sozinha, por conta da minha mãe... e se no mínimo ela me amasse, como ela diz que me ama...

O S., tinha um filho que é 3 anos mais novo que eu, e tinha também outro que tinha 9 meses. Ele era muito próximo a mim, todo mundo sempre dizia que eu tinha espírito maternal, mas eu não concordo! Eu fui obrigada a exercer o papel da minha mãe para que meu irmão não passasse pelo que eu passei, por isso eu acho que o V. me olhava como mãe. O V. era a única coisa com que eu podia me apegar, ele era tudo que eu tinha. Isso é estranho também, né? E detalhe, nesse período todo, eu tinha depressão, então era como se você estivesse drogada, e eu lembro que nessa fase eu já pensava muito sobre o que eu estou fazendo naquele lugar, vivendo aquelas coisas? Mas aí eu lembrava da minha mãe e do V., eu não conseguia fazer nada para me livrar de tudo aquilo. Sei lá... eu pensava em muitas coisas, como o fato de a minha mãe me culpar novamente pelo ocorrido, já que foi isso que ela fez com relação ao primeiro abuso que eu sofri. Ela dizia que eu tinha inventado, que era eu que seduzia os maridos dela. Sabe?

Então, sobre este segundo abusador, eu nunca contei para ela, mas isso não significa que ela não saiba... apesar de eu nunca ter falado e ela

nunca ter visto nada, não significa que não tenha acontecido e que ela não saiba. Porém, às vezes eu tenho vontade de contar tudo, principalmente quando ela taca na minha cara que eu seduzia os namorados dela, sendo que eu tinha entre 9 e 10 anos... enquanto todo mundo dormia, este meu padrasto abusava de mim... e eu não conseguia fazer nada a não ser pensar, o que eu estava fazendo naquele lugar... eu não conseguia reagir...

Durante muito tempo eu achei que o que eu fiz, de não dizer nada, significava que eu tinha consentimento com tudo aquilo, até hoje isso é algo que me machuca muito, por eu não ter conseguido reagir. Mas por que eu iria fazer?

Acho que se eu sofresse algum abuso hoje, eu não conseguiria fazer nada também, porque... eu fico pensando, sabe? Por que eu reagiria, se eu tenho a impressão que ninguém se importa... então eu acho que nem eu mesma me importo, sabe? E eu não sei explicar... Eu sinto muita culpa.

(Silêncio...)

(Mais silêncio...)

(E o silêncio torna-se ensurdecador!)

Tenho a impressão de que ninguém se importa...

Ao proferir essa fala, Gaia quase não conseguiu conter o choro, eu também não. Então Gaia me dirigiu um olhar que parecia um pedido de socorro, uma convocação para que eu me importasse. Segurei em suas mãos, que estavam geladas, e disse a ela que eu me importo, e juntas, enxugamos as lágrimas e respiramos fundo, enchendo nossos pulmões de ar, porque respirar é nosso direito! Como também é direito de todas as crianças crescerem em segurança, e cercadas por amor e cuidado e, desta forma, construírem memórias boas sobre as vivências de suas infâncias. No entanto, toda a violência perpetrada contra Gaia propiciou a ela muitas memórias ruins, que afetaram e afetam seu modo de ser e estar nesse mundo, uma vez que as consequências da violência sexual para saúde mental das crianças e jovens é imensurável e, frequentemente, resulta em sentimentos de culpabilização e de impossibilidade de reação às violências sofridas.

Florentino (2015), ao discorrer sobre as possíveis consequências do abuso sexual cometido contra crianças e jovens, afirma que os sentimentos de culpa são comuns entre crianças e adolescentes que foram vítimas de crimes sexuais. A culpa é considerada como um dos efeitos emocionais mais severos que resultam dessas interações abusivas. O autor aponta também outras manifestações graves decorridas das violências sexuais, tais como: transtorno do sono, raiva, dificuldade de concentração, sonhos traumáticos, angústia, problemas relacionados à alimentação, vômitos, entre outros.

Ainda nessa perspectiva, Fontes *et al.* (2017) afirmam que jovens que foram abusadas ou violentadas relatam com mais frequência o fato de sentirem-se solitárias, com dificuldades para criar laços de amizades. Para além disso, relata também que, em alguns casos, os impactos dessas violências podem gerar transtornos psicológicos que perduram por toda a vida das

vítimas de crimes sexuais, assim como o caso de Gaia que, de acordo com seus relatos, foi diagnosticada com depressão desde a sua infância.

Afinal, Gaia nasceu e cresceu em um ambiente permeado pelas mais diversas violências cometidas contra ela e contra pessoas próximas a ela também, como o caso do pai de seu irmão V. que batia na mãe e na irmã. Ele acabou sendo morto por essa irmã quando Gaia tinha dez anos. Desta forma, toda a sua infância foi atravessada por privações alimentares, negligências, violências e, como ela mesma pontuou, “por muita tensão”. Como superar todos esses processos traumáticos? Como uma criança negligenciada e violentada supera todos os silenciamentos perpetrados contra ela?

Assim, cresceu carregando todo o sentimento de culpa pelos abusos que sofreu, uma culpa reforçada pelas falas de sua mãe ao atribuir a Gaia a responsabilidade por seduzir todos os namorados que ela teve e, conseqüentemente, ter sido violentada por um deles. Nesse mesmo contexto de precariedade e violências vivenciados em sua primeira infância, Gaia foi crescendo até que a chegada de seu irmão mais velho por parte de mãe. Isso significou a retomada do ciclo de violências sexuais sofridas por ela, nas palavras de Gaia: de forma ainda mais perversa...

Eu sinto muita culpa, e como eu disse, minha mãe separava e voltava com um dos namorados, mas o durante todo o tempo ela ainda estava com o S. Por conta das confusões que ela se metia, sempre tinham muitas brigas e por causa disso, a gente foi embora para outra cidade. Em alguns meses, aquele outro namorado que ela jurava que era o amor da vida dela, pai do meu abusador, foi assinado por sua irmã. Durante um tempo eu achei que ela era um monstro por ter feito isso, mas hoje em dia eu não acho mais. Consigo entender quem era ele de fato, misógino e agressivo... apesar disso, ainda sinto confusão de sentimentos sobre ele, mas também né, quando ele foi assassinado eu tinha apenas dez anos de idade. Agora, eu acho que estou na fase de entender melhor essas memórias, principalmente tomando como base os estudos que tenho...

Olha só, me lembro de ele, o namorado da vida da minha mãe também ser lesbofóbico, porque a tia do V. era lésbica, e ela não reproduzia feminilidade, e ele dizia que ela era "Maria Macho" e que ela estava querendo ser ele, porque eles eram muito parecidos fisicamente, e eles brigavam muito... a ponto de se agredirem fisicamente mesmo, de sair na mão. Muitas vezes, não tinha motivo aparente, ou começavam das agressões verbais e já partiam para as agressões. Ele a agredia e também a própria mãe...

O episódio da morte dele deve estar registrado em alguma plataforma da internet, porque deu noticiário. Quando aconteceu, nós já estávamos morando em outra cidade. Começaram mais uma briga que a deixou cheia de hematomas. Aí, ela pegou a espingarda do pai dela, que foi meu abusador, uma espingarda antiga, de caça, e enquanto ele estava subindo na moto ela atirou nele... A bala entrou no pulmão, e por isso que ele morreu.

Eu odiava muito toda essa situação, todo este clima de tensão e briga que tinha o tempo todo e, sempre achei que isso era sim por culpa da minha mãe também, porque ela era adulta e podia ter feito alguma coisa para não vivermos assim... E minha mãe era o centro da minha vida, né? Tenho

lembranças da minha primeira infância, de não querer estar nesse mundo, porque sempre foi muito difícil existir, e eu não me lembro de nenhum momento leve, sabe?

Depois que o pai do V. foi morto, tudo piorou, porque também tinha a fome! E a gente passou muito mais fome! Apesar de tudo, antes de morrer, o pai do V. nos ajudava um pouco e não deixava a minha mãe me matar, quando ela tinha aqueles descontroles mentais. Nem sei até que ponto eram mesmo mentais os descontroles que ela tinha.

Quando ele morreu, eu tinha dez anos, a gente continuou morando na casa do outro namorado da minha mãe, e eu voltei para a escola. Mas todas essas confusões e abusos, quando eu comentava na escola, a resposta que eu tinha, era que eu devia contar para minha mãe, mas eu sabia que não podia contar para ela. Então, sempre ficava tudo por debaixo do pano... Até porque quando eu mudei de cidade, de escola, a responsabilidade de acompanhar meu caso era da cidade e da escola novas, mas nunca ninguém fez nada, parecia que eles não estavam nem aí. Então parei de fazer acompanhamento psiquiátrico, psicológico. Neste momento eu já tinha 11 anos, e foi neste momento que a minha mãe começou a visitar o abusador... agora estou falando do abusador que me engravidou, que é filho da minha mãe. Ele estava preso por tráfico de drogas, desde os dezoito anos e minha mãe não podia ter contato com ele porque o namorado dela que foi morto, não deixava ela ter nenhum contato com ele, nem com o meu pai também.

Neste momento da conversa, senti uma pressão no estômago, como se tivesse levado um soco. Então Gaia mudou sua postura corporal, parecia estar em uma posição defensiva, desviou o olhar e começou a esfregar os pulsos, que rapidamente ficaram vermelhos. Estendi minha mão e ela a segurou com força. Notei que ela tinha lágrimas nos olhos...

Joana Domingues Vargas (1999) apresenta dados relacionados a crimes de estupro cometidos por familiares das vítimas, dados que corroboram com as informações trazidas por Gaia sobre seus abusadores, visto que um deles era seu padrasto, o outro era pai de seu padrasto e o terceiro seu irmão por parte de mãe.

Quando detalhamos o grau de relacionamento entre agressor e vítima, verificamos que as queixas de estupro, tentativa de estupro e atentado violento ao pudor assemelham-se quanto à maior frequência das classificações pai e outros parentes. Essas classificações, somadas, representam 25% dos suspeitos de crimes de estupro conhecidos, 34% dos suspeitos de tentativa de estupro e 37% dos suspeitos de atentado violento ao pudor (VARGAS, 1999, p. 8).

Após uma breve pausa, Gaia retomou o fôlego e a narrativa sobre a chegada de seu terceiro abusador, um relato que se aproxima mais uma vez dos resultados encontrados pelos estudos de Vargas (1999).

Ele, o abusador, morava em uma cidade do interior, porque ele ficava “de bonde”, sendo transferido de um presídio para outro. E depois que o pai do V. foi morto, a gente tinha de fazer uma carteirinha para ir ver ele, tanto eu quanto V. e minha mãe. Eu me lembro de ter ido visitá-lo umas duas vezes

na cadeia, mas antes disso, por conta do namorado dela, a gente não tinha contato nenhum com ele. Então, por conta desse negócio de território, que enquanto a minha mãe era namorada de um, não podia ter contato com o outro, e cada um determinava o que a minha mãe podia e não podia fazer, eu nunca tive a oportunidade de conviver com este filho dela, e ele também nunca me procurou.

Quando comecei a conviver com ele, eu já era pré-adolescente, já tinha onze anos. Foi quando nós nos mudamos mais uma vez de cidade e ele foi solto, saiu da cadeia. Ele veio morar com a gente porque ninguém mais, nem o pai dele queria ter contato com ele. Bom, nessa época eu tinha um celular. Ele dizia que eu não tinha idade para ter celular, que eu era muito nova, e que não sei o que... enfim, ele convenceu a minha mãe, que era usuária de crack, de que eu não podia ter celular... Sei que já falei isso, mas por minha mãe ser usuária, nós nos mudávamos bastante de cidade, porque quando ela ficava devendo drogas, ela entrava no "prazo", o que significa que ela começava a ser cobrada pelos traficantes. E por isso, ela podia apanhar, ou até ser morta pelos traficantes para quem ela devia, entendeu? Até morrer... se não pagar... é muito comum as pessoas morrerem por dez reais, então é por isso que a gente mudava muito de cidade, inclusive a gente foi embora para outra cidade, mudamos por conta da minha mãe.

Conforme enunciado anteriormente, a estrutura familiar afeta profundamente a vida da jovem Gaia, sobretudo o conceito de família defendido por grande parte da sociedade, que é o da chamada “família tradicional brasileira”, composta dentro dos padrões estabelecidos pela heteronormatividade e seus mecanismos opressores, mecanismos que alicerçam e alimentam a LGBTfobia. Para além disso, todos os abusos sofridos por Gaia aconteceram em ambientes familiares e foram praticados por homens com os quais ela tinha grau de parentesco.

Os relatos a seguir serão permeados pelos acontecimentos vivenciados por ela e sua mãe, dentro de estruturas familiares complexas. Ao relatar sobre a trajetória de sua mãe, Gaia demonstra em sua expressão muito pesar e é notável que faz um esforço para segurar as lágrimas... demonstrou, mais uma vez, apesar de toda a violência desumana que viveu, sua enorme humanidade e até fragilidade diante do pensamento e comportamento com sua mãe.

A família da minha mãe é um pouco complicada. Também, ela tinha quatorze irmãos. Atualmente, oito estão mortos e seis estão vivos. Minha mãe também tem uma trajetória muito difícil, e isso não dá para negar. Por isso que, às vezes, minha cabeça, minha consciência, oscilam. Muita coisa poderia ter sido evitada por minha mãe. Por ela não ter feito nada para acabar com tudo isso, ela se tornou a autora de quase todas as violências que aconteceram comigo... Eu reconheço que, de muitas maneiras, minha mãe também é vítima. Ela também já sofreu estupros... então, às vezes, eu quero tentar entender tudo, inclusive o lado dela, mas é complexo, e eu não consigo... não consigo entender e muito menos explicar...

Então, nos mudamos de cidade e o abusador foi solto e veio morar com a gente. E tudo começou da mesma forma que das outras vezes. Ele se colocava como meu cuidador, dizia que as minhas amigas que, como eu tinha onze anos, não eram boa companhia para mim, e dizia também que eu não podia ter amigos meninos... Isso é uma coisa muito engraçada, em relação a

minha sexualidade, os homens operam sempre neste registro. Né...? Também por isso, homens nunca foram a minha principal rede de confiança e proteção. Sempre foram as mulheres e as meninas. Então eram muito poucos os meninos que me acessavam, exatamente por conta disso, até hoje me esquivo muito dessas relações com homens, porque eu acho que é um jeito de seguir viva. Existe uma coisa aqui dentro de mim, uma coisa complexa que me faz ficar sempre angustiada, é uma questão, uma constante divergência de pensamento comigo mesma. Eu sabia que tinha alguma coisa errada e eu nunca consegui nomear isso, e eu nunca consegui dividir isso com ninguém, porque a vida inteira fui chamada de louca. Desde os meus seis anos as pessoas já diziam que eu inventava histórias... Mas como seria possível eu inventar o cheiro de uma pessoa? Sim, porque eu sentia o cheiro dos meus abusadores em mim, em meu corpo. Eu não acho que isso seja possível, eu inventar um cheiro, entendeu? Do mesmo jeito, eu acho que sou injusta comigo mesma por acreditar nas pessoas, que sempre me fizeram mentir, e é muito louco isso...

E aí ele saiu da cadeia, e veio morar com a gente. Segundo ele, eu era muito nova para ter um celular. Nem eu nem minhas amigas podíamos ter celular. Ele dizia que elas iriam me levar para o caminho errado. Elas e os meninos iriam me levar para o caminho errado, porque ele achava que eu ficava de graça com os meninos. Que idiota, né? E a minha mãe acatava, porque como eu não tinha pai, ela acatava o que ele dizia como se ele fosse o meu pai. O meu verdadeiro pai nunca me procurou... Isso também é muito estranho, porque com essa fala dela, parecia que ela se importava com isso de eu ter pai, mas ela não me deixava aproximar da minha família paterna. E também, eles sempre cagaram para minha existência e da minha mãe. Por ela ser usuária e as questões mentais, eu acho até um pouco natural eles se afastarem dela, mas isso respingava em mim, isso me atrapalhava muito, até na escola. Sabe?

Para além desta complicada relação com sua mãe que, a meu ver, tornou tudo muito mais complexo, havia também o modo como outras pessoas adultas que foram cruzando a vida de Gaia portaram-se, e também o modo como ela, Gaia, se comportou a partir disso.

A escola, como ambiente de educação, onde a maioria das pessoas são educadoras e, portanto, atentas a uma diversidade de aspectos comportamentais manifestados pelas crianças, deveria ser um lugar de acolhimento e mediador de desdobramentos legais que envolveriam a quebra do ciclo de violência vivenciados por Gaia dentro de seu espectro familiar. Mas, segundo narrou Gaia, o próprio fato de ela ver na escola um lugar de esperança a motivou a recuar das narrativas, porque além das ofensivas sofridas pelos abusadores que a ameaçavam, ainda havia a descrença das pessoas adultas para quem ela contava. Professoras e professores ocupam centralidade neste papel de mediadores e até cuidadores de crianças e jovens, mas no caso de Gaia isso não se deu.

Ouvindo, estudando e pensando os procedimentos aqui narrados, penso na possibilidade de categorizar, dentre os já muitos tipos de violência e agressores, o comportamento omissivo de adultos que os presenciaram e trataram sem profundidade ou como “conversa de criança” casos como os de Gaia, com o nome de “agressor por omissão”. Evidentemente, não se trata de uma

tipificação a ter propositura legal neste momento, mas retornarei a ela nas considerações finais buscando compreender se aquilo que apresento introdutoriamente encontra sustentação.

Apesar de tudo, acho que esse foi o período menos ruim na escola, porque tive algumas professoras que, eu não consigo explicar, mas parece que elas me enxergavam de verdade, mesmo com as minhas dificuldades, elas me inseriram, me ajudaram a me integrar com outros alunos... quando elas faziam isso, as outras pessoas também faziam o mesmo. Os adultos sempre me invisibilizam, mas elas não.

Com onze anos eu já estava no sexto ano, e já tinha mais de um professor, e isso ajudou bastante porque tiveram essas professoras que me notaram e a partir disso, outras crianças me notavam também, então foi quando eu comecei a fazer novas amizades, inclusive, isso é uma coisa muito engraçada, hoje, eu tenho bastante contato com pessoas dessa minha sala de sexto ano. Nós estamos inclusive, marcando um encontro...

Olha, tem outra coisa que é muito louca na minha cabeça. Todas essas pessoas conheceram o abusador, e isso torna tudo muito mais difícil para eu lidar hoje, porque como eu disse, parece que as pessoas, quando vem conversar comigo, querem saber de tudo, mas quando eu conto, parece que começam imediatamente a duvidar de mim. Essa é uma situação, uma sensação que eu lido muito. Tenho de lidar com o fato de que o pai de meu filho é meu irmão que abusou de mim. Mas quando eu conto isso, porque todo mundo pergunta como se esperassem uma resposta romantizada, ninguém parece acreditar. Enfrento isso em muitos lugares, desde uma consulta médica até na escola do meu filho...

Quando esse abusador veio morar com a gente, foi um momento decisivo para que a minha mãe perdesse de vez a minha guarda. Porque a vinda dele para morar com a gente foi o segundo momento mais traumático da minha vida. Sim, porque no meu segundo estupro, pelo meu padrasto, que eu silencieei, eu já sabia exatamente o que estava acontecendo, mas eu não fiz nada e por isso é uma das partes da minha vida que eu mais me culpo. Me culpo por não atribuir a responsabilidade para quem era responsável...

Então, como o terceiro abusador usou as mesmas estratégias que o outro abusador, e eu não consegui dizer nada, mesmo tendo um pouco mais de consciência, porque eu já havia sofrido o outro abuso... isso é traumático para mim... este abuso sexual cometido contra mim, por esse meu irmão que eu vou chamar aqui de S., porque é assim que eu o chamo em todas as ocasiões.

Neste momento da entrevista, Gaia não reluzia, estava apagada, seu corpo estava em um aparente estado de relaxamento como que demonstrando sua total descrença com o mundo. Para mim, que sou materialista e não desconecto os atravessamentos sensitivos do corpo, ficou evidente que sua tristeza era tão profunda que atingiu seu íntimo, como diriam os platônicos, atingiu sua alma.

Este abuso cometido pelo irmão materno, pelo que pude perceber, alterou de maneira contundente até a percepção de dor para Gaia. Ao trazer na entrevista algumas das passagens do abuso sexual, ela fazia questão de dar detalhes que revelavam os níveis em que as violências

cometidas pelo abusador contra ela. Isso era cumulativo, era somatório, pois era durante a agressão sexual que ele a queimava, esfregava seu rosto contra a parede, a surrava...

Gaia contou, ao passo que evidenciava um olhar desesperançoso, a sua incapacidade de revidar, de lutar contra o abuso do irmão. Deixou, por muitas vezes, que seu olhar a traísse e se voltasse a mim pedindo socorro, mas um socorro não de agora, um socorro no passado, onde ela se encontrava naquele momento, pois ela imergiu em suas lembranças revivendo de tal modo os acontecimentos que seu corpo até se retorcia em movimentos que escapavam do seu controle. Apesar de estar em movimento de narrativa e produção de informação contra o que ela viveu, apesar de estar “livre” atualmente, Gaia comportou-se como se ainda estivesse presa, como se tivesse que carregar este sentimento de incapacidade para sempre. Ela se comportou, a meu ver, como uma mulher que, apesar de ser uma artista, de estar em processo avançado de retomada de sua vida, ainda se sente silenciada por estas opressões.

Figura 1 - Imagem retirada do livro “outros jeitos de usar a boca” de Rupi Kaur, um dos livros considerados significativos por Gaia



Fonte: KAUR, 2017.

Fora do espectro da entrevista, Gaia fez chegar até mim, por meio de uma mensagem, um dos livros que ela considera importante em sua vida: “Outros jeitos de usar a Boca”, da autora Rupi Kaur (2017). O nome do livro já seria suficientemente deflagrador dos processos associativos feitos por Gaia em relação à sua vida, mas o desenho em si – escolhido por mim para ilustrar e potencializar o que estamos analisando –, que coloca o corpo de uma criança-

menina de ponta cabeça e o rosto fora da imagem junto da frase “você tem dores morando em lugares em que dores não deveriam morar”, dão o tom da crueldade em seu devido nível.

É certo que todas as dores são físicas, mas as dores a que a autora e Gaia se referem foram criadas por meio de intervenções de homens heterossexuais que cometeram crimes perversos e impuseram determinantes condições que se configuram como punições. Tais punições sofridas foram inicialmente possíveis porque Gaia foi designada como pertencente ao sexo biológico feminino ao nascer e porque já vinha sofrendo de falta de cuidados, negligências e omissões. Esta perspectiva que, para mim, fica muito evidente, deflagra a necessidade que temos de repensar nossa sociedade, nossos hábitos culturais, nossas políticas públicas, colocando de fato o que é de interesse coletivo em processo de discussão efetivamente coletiva e preservando o que é pertencente ao indivíduo como direito único e exclusivo dele, garantindo inclusive a proteção de crianças. Entendo que é urgente a necessidade de olharmos para os valores sociais praticados e, aqui, neste trabalho, encontram-se compilados exemplos de violências decorrentes sim dos estupradores, mas também dos **agressores por omissão**.

As pessoas que conviveram com Gaia tiveram participação nas violências que ela sofreu e que resultaram em sua momentânea incapacidade de rompimento, o que pode ser conferido no trecho que segue de sua entrevista.

Ele começou a limitar minha rede. Ele tinha ciúmes de mim na escola, porque eu comecei a fazer amigos, e foi um ano muito bom na escola, porque foi o ano que eu mais tive rendimento escolar, que eu comecei a notar que eu também era inteligente.

Primeiro que eu nunca fui reconhecida como uma criança branca e isso eu acho importante citar, todas as crianças, voltando lá nos meus seis anos, tipo, na festa junina, por exemplo - que é uma festa machista e racista, horrível -, na festa junina a menininha branca, do cabelinho preto ou loirinha que todo mundo queria que fosse a noivinha, e não sei o quê... a menina de quem a professora sempre foi puxa-saco por ela ter 50 canetinhas, e eu por exemplo passava fome em casa, como eu iria ter e enfim...

Eu acho que é por conta disso que eu sinto muito nojo de mim mesma, porque eu acho que se eu fosse uma criança branca, todo mundo se importaria mais, ou todo mundo tentaria cuidar de mim do jeito certo.

Neste momento, Gaia aponta o atravessamento da categoria raça em sua trajetória. Reconheceu-se com uma criança negra e relatou que, por conta disso, sofreu um processo de invisibilização durante seu processo escolar, relacionado também à falta de ajuda direcionada a todo o histórico de violência de gênero sofrida por ela, fato que contribuiu para intensificar as opressões que experienciou; em outras palavras, “ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no mais baixo nível de opressão” (GONZALEZ, 2018, p. 44).

Corroborando com esse apontamento feito pela autora negra, ativista, professora, doutora em Sociologia e pioneira nas discussões sobre raça e gênero, Lélia Gonzalez, sobre a intensificação das opressões gerada pelo encontro das categorias das desigualdades nas trajetórias das mulheres racializadas no Brasil, um dossiê sobre casos de estupros no Brasil, divulgado pelo Instituto Patrícia Galvão, aponta para o alto índice de meninas negras vítimas de crimes sexuais. De acordo com o dossiê, “66.041 casos de estupro registrados pelas autoridades policiais no Brasil, em 2018, segundo o 13º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 50, 9 % das vítimas são pessoas negras e 54 % das vítimas tem menos de 13 anos” (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2020).

Os dados acima nos levam a pensar sobre a importância da análise indissociável das categorias das desigualdades, uma vez que os relatos de Gaia apontam para o encontro das categorias gênero e raça neste momento de sua trajetória – um encontro que intensificou as opressões e violências cometidas contra seu corpo. Nesta perspectiva, Andrade (2018) discorre sobre a necessidade de buscar os aportes feministas e a perspectiva interseccional para ampliar e repensar as experiências de estupro nas vidas das mulheres racializadas. Por meio da análise interseccional, é possível identificar que a experiência do estupro é diferente para mulheres brancas e para mulheres negras: “há estereótipos específicos altamente racializados que vulnerabilizam, ainda mais, a mulher negra, seja porque é vítima preferencial do crime de estupro no Brasil, seja porque é discriminada pelo sistema penal em decorrência também de sua raça [e por certo, da classe]” (ANDRADE, 2018, p. 9).

Estes dados e as memórias relatadas por Gaia me levam a refletir sobre a letra potente e dolorosa da música P.U.T.A, composta por Amanda Pacífico e Cacau de Sá, duas mulheres que integram a banda Mulamba. A música aponta para a invisibilização das meninas vítimas de crimes sexuais “por ser só mais uma guria, quando a noite virar dia, nem vai dar manchete”...

Ouviu-se um grito agudo engolido no centro da cidade
E na periferia? Quantas? Quem?
O sangue derramado e o corpo no chão
Guria...

Por ser só mais uma guria
Quando a noite virar dia
Nem vai dar manchete (nem vai dar manchete)
Amanhã a covardia vai ser só mais uma que mede, mete, e insulta
Vai filho da puta

Painho quis de janta eu
Tirou meus trapos, e ali mesmo me comeu
De novo a pátria puta me traiu
Eu sirvo de cadela no cio

E eu corro
 Pra onde eu não sei
 Socorro
 Sou eu dessa vez

Hoje me peguei fugindo
 e era breu, o sol tinindo
 Lá vai a marionete
 nada que hoje dê manchete (e ainda se escuta)

A roupa era curta
 Ela merecia
 O batom vermelho
 Porte de vadia
 Provoca o decote
 Fere fundo o corte
 Morte lenta ao ventre forte...
 (MULAMBA, 2018)

Este segundo estupro cometido pelo meu padrasto, como eu o omiti para todo mundo, eu tive de encontrar uma maneira de superar, mas como não consegui porque ele foi mais traumático, porque além do estupro tinha o fato de o esturador ser o meu padrasto, este processo que vivenciei para tentar superar teve uma espécie de término quando eu tinha onze anos. Foi um processo longo, e quando eu estava no meio dele, veio o pior de todos. Com a vinda do S. para morar com a gente, com esse disfarce de cuidador, vem o terceiro estupro, e esse terceiro é o mais difícil, porque tem outros atravessamentos, tem possessividade, pois ele não me deixava ter contato com outras pessoas... e eu já era uma pessoa que tinha poucas amizades, poucas pessoas me acessavam, e isso é assim desde sempre... Tudo piorou com essas barreiras impostas por ele, e aí minha mãe começou a trabalhar de novo, mas ainda usava crack, e esse é um ponto importante, minha mãe sempre foi usuária e ele tinha acabado de sair da cadeia... E quando se saiu da cadeia, tem que assinar a carteirinha de monitoramento, porque no caso dele, ele não podia sair da cidade. Mas ele foi morar com a gente em outra cidade por um curto período. Por isso, eu consegui ir para a escola até o mês de julho, depois não pude mais voltar até o final do ano. Minha mãe alegava para toda a minha rede, que aliás sempre foram as mesmas pessoas que cuidaram de mim desde meus seis anos, que eu não estava indo para a escola por conta da minha depressão.

Parece-me que a vida só é possível para Gaia porque ela se faz Gaia, se faz um ecossistema completo em sua complexidade. Vi em seu corpo, enquanto narrava os obstáculos, ao mesmo tempo que um eterno cansaço, uma imensa busca não sei muito bem pelo que, mas que acredito ser pela vida, por ela mesma em sua plenitude. Gaia é forte e sensível, capaz de ter muita empatia, mesmo por pessoas que não conhece, pelo coletivo feminino, pelos seus pares. O modo como ela se expressa – ela é uma multiartista, desenhista, pintora, artesã e atriz –, me lembra uma artista que ela também conhece e admira, em particular por sua postura como feminista, mas sobretudo por uma obra sua “dor” que é a imagem que trago abaixo. Trata-se de

obra de uma mulher pernambucana, Dani Acioli, artista plástica e desenhadora – é como ela se identifica –, que tem como referência a xilogravura e o cordel e que pinta tendo como temática central o universo feminino.

Figura 2 - Desenho recriado pela artista Pernambucana Dani Acioli para expressar repúdio contra um estupro coletivo cometido contra uma jovem de 16 anos em 2016.



Fonte: Diário de Pernambuco, 29 maio 2016. Disponível em: <https://blogs.diariodepernambuco.com.br/diretodaredacao/2016/05/29/indignadas-com-estupro-estao-todas-sangrando/>. Acesso em: 15 fev. 2023.

A obra em questão é um quadro pintado pela artista em 2010, mas que em 2016 ganhou novos traços, melhor dizendo, ganhou um acentuado reforço de vermelho sangue. A obra faz parte de um trabalho mais “agressivo” dentro de seus estudos feministas. Foi revisitado e batizado por sua criadora Dani Acioli quando, em 2016, tomou conhecimento do estupro coletivo sofrido por uma jovem de 16 anos no Rio de Janeiro por mais de trinta homens. “Interferência visual” é o nome que Acioli deu ao procedimento que realizou quando tomou um de seus trabalhos que, em tese, estaria concluído, mas foi submetido a uma nova intervenção. Considerando o contexto da sua recriação, a obra realizada por sua criadora assume uma postura crítica com relação ao acontecimento real. A obra sangra porque sangra a sociedade, sangram as mulheres por serem mulheres e alvos de agressões, como a que sofreu a jovem carioca, como sofrem inúmeras mulheres, como sofreu Gaia.

Com relação ao modo de operar do estuprador/agressor/irmão de Gaia, se configurava de maneira muito mais violenta do que os anteriores, pois, além da questão sexual em si, havia queimaduras, batidas de cabeça e esfregões de seu rosto contra a parede. O fato de ele ser irmão soma-se ao fato de que ainda a impedia de cultivar amizades, de construir redes, mesmo com as pessoas que frequentavam sua casa. O seu agressor tinha autoridade para cometer essas atrocidades todas, pois gozava da confiança da mãe que, incapaz ou omissa, autorizava tudo.

[...] A gente dormia em um beliche, inclusive... e o meu irmão caçula, o S., dormia na parte de baixo porque ele fazia xixi na cama, e o ser colocava o S. para dormir lá em cima, para ficar fácil o acesso em relação a mim. Ele se deitava do meu lado e ficava fazendo carinho em mim, na maior parte do tempo era assim, até que um dia, eu senti a mão nas minhas partes íntimas, no meu corpo todo... eu já comecei a ficar em choque e ele começou a fazer questão de fazer eu ficar acordada durante esses momentos. Com o passar dos dias, começou a penetração. Neste caso, em específico, os abusos que ele cometia comigo, eram sempre muito violentos, não era igual os outros que me prometiam coisas, que me falavam que iam fazer coisas... com o abusador era diferente. Ele me machucava durante o estupro. Me fazia e dizia coisas difíceis, como dizer que ninguém ia fazer nada e que ninguém se importava comigo. Era isso que ele e a minha mãe me falavam. Era isso que ele e a minha mãe me falavam.

Figura 3 - Desenho criado pela artista pernambucana Clara Nogueira para expressar repúdio contra um estupro coletivo cometido contra uma jovem de 16 anos em 2016



Fonte: Diário de Pernambuco, 27 maio 2016. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2016/05/dani-acioli.html>. Acesso em: 15 fev. 2023

Isso tudo é horrível, mas me faz pensar... E eu sempre soube que eu era diferente, que eu, mesmo sendo uma criança, tinha um perfil que chamava a atenção desses estupradores. Nesse terceiro caso, o mais violento, eu fiquei literalmente trancada dentro de um quarto onde eu não podia ver ninguém, no escuro mesmo. Minha mãe tinha síndrome do pânico e ela colocava cobertores até nas frestas das janelas e da porta. A casa ficava muito escura, e ainda tinham as pessoas usando crack, tudo dentro do mesmo quarto, e minha mãe dizia que não via eu sofrendo os estupros, jura que nunca viu essas violências acontecendo comigo dentro do mesmo quarto que ela estava sendo que isso acontecia em muitos momentos, já que eu não ia para escola, e principalmente à noite! E todas as outras pessoas, eu culpabilizo elas sim! Porque ninguém nunca fez nada e eu acho impossível, ninguém nunca ter visto o que estava acontecendo comigo dentro do mesmo quarto que todo mundo estava. Se fosse o contrário, eu veria e eu não deixaria quieto! Isso me dói muito, porque eu só queria que alguém fizesse alguma coisa para me ajudar.

Sabe aqueles momentos em que nos faltam palavras? Quando parece que nada do que dissermos será capaz de transmitir verdadeiramente nossa indignação? É nesse momento em que me encontro transcribando as narrativas compartilhadas por Gaia e sentindo uma indignação enorme, por cada violência sofrida por ela...

Portanto, eis me aqui, atravessada por muitos sentimentos, sentimentos que me mobilizam, mas também me imobilizam por alguns minutos... no entanto, depois de algum tempo, deixo-me inebriar pela leitura do texto “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo” da autora chicana Glória Anzaldúa. A escrita de Anzaldúa me fortaleceu durante muitas etapas do meu processo de mestrado, e me fez lembrar que as lutas, as estratégias de resistência e sobrevivência de mulheres são a bússola que guiaram esta pesquisa.

Para alcançar mais pessoas, deve-se evocar as realidades pessoais e sociais — não através da retórica, mas com sangue, pus e suor. Escrevam com seus olhos como pintoras, com seus ouvidos como músicas, com seus pés como dançarinas. Vocês são profetisas com penas e tochas. Escrevam com suas línguas de fogo. Não deixem que a caneta lhes afugente de vocês mesmas. Não deixem a tinta coagular em suas canetas. Não deixem o censor apagar as centelhas, nem mordidas abafar suas vozes. Ponham suas tripas no papel. Não estamos reconciliadas com opressor que afia seu grito em nosso pesar. Não estamos reconciliadas (ANZALDÚA, 2000, p. 235).

Agora, sigamos, fortalecidas pelas palavras de Anzaldúa e pelo lembrar das lutas e das resistências de todas aquelas que vieram antes de nós, e façamos uso das memórias coletivas como ferramenta para nossas lutas, de superação de nossas dores e como possibilidade de contar histórias outras, assim como nas palavras da pesquisadora Daniela Auad,

[...] passei a notar a memória como um recurso que permitia a mim e a muita gente lidar com a dor, a partir tanto de lembranças quanto de esquecimentos, de modo a lidar não apenas com os lutos do momento, mas também com a resignificação de vivências, ao potencializar aprendizados, saberes, reflexões e poder, e, ainda, gerar conhecimento (AUAD, 2021, p. 2).

A professora Daniela Auad (2021), em estudo sobre o campo da Educação e gênero, e pesquisas que focalizam mulheres lésbicas e bissexuais, faz uma retomada por meio de suas memórias em bancas de mestrado e doutorado. Seu olhar/escuta foca-se nas trajetórias que culminaram em formação profissional e como as memórias destas mulheres possibilitam que as experiências que tiveram se transformem em aprendizado e superação.

Dado o ponto de partida da pesquisa de Auad (2021), pensar a educação, as políticas afirmativas, processos que viabilizem suas realizações – até mesmo porque mulheres feministas e mulheres lésbicas fazem parte de pessoas invisibilizadas por essa sociedade patriarcal –, em constantes procedimentos de fortalecimento destas mulheres, torna-se fundamental. É determinante para todas as pessoas o sentimento de capacidade, superação e outros sentimentos positivos sobre elas na condição de sujeitas, mas, para as mulheres em questão, é ainda mais necessário.

Mediante o recorte exposto – portanto não se trata de tomar o pensamento de Auad (2021) em sua totalidade, mas de me balizar por um pensamento seu para que eu possa arriscar pensar a partir de minhas estruturas –, me motivo a pensar em outros atravessamentos que podem corroborar para processos de aprendizado e superação de mulheres lésbicas, tomando como ponto de partida a memória de experiências de dor. De maneira um pouco mais objetiva, olhando para o caso de Gaia, penso: o procedimento de criação de estrutura que vislumbra vivenciamento de experiências positivas das mulheres pode ajudar em processos de superação de experiências negativas? Em meio à totalidade vivida pelas mulheres feministas e lésbicas, quais são as que conseguem ativar memórias positivas que contribuam com seu aprendizado e posterior superação, ou, ainda, que tipo de superação permite olhar para o sofrimento como processo de aprendizado?

Gaia, com toda sua capacidade de enfrentamento, resistência e posicionamento firme apresentado em diversos momentos, passou pela experiência de desejar a morte, de pensar em pôr fim à própria vida que, mediante o que enfrentava, lhe parecia a melhor saída.

Este foi o momento em que eu mais pensei em suicídio, porque aconteceu durante mais ou menos um ano, e em novembro de 2016 eu descobri que estava grávida e descobri sozinha... Porque eu não tinha acesso às outras coisas do mundo.

Aqui se fez recorrente a lembrança do abandono e do sofrimento. Viu e sentiu sozinha – sem que as agressões parassem durante o tempo de gestação – o seu corpo se transformando rapidamente. De impulso, Gaia contou ao seu agressor que estava grávida e a reação dele foi satisfação por ter dentro dela uma parte dele. Ele nem se preocupou com o fato de ela ser uma criança, de ela ser sua irmã, de estar grávida; e depois de saber, seguiu com os estupros até o final da gestação.

Estas são as memórias, são as narrativas dela trazidas *a posteriori* de todo seu sofrimento, uma vez que hoje ela mora em uma casa alugada e paga por ela com seu trabalho. Na casa, vive com seu filho, que hoje tem seis anos e estuda em uma escola particular. Ela conta com rede de apoio e estuda aquilo que sempre desejou. Em sua trajetória há aprendizado e superação, mas como isso se estrutura por intermédio da memória e o quanto este aprendizado se relaciona diretamente com as experiências violentas em si segue sendo uma questão.

Gaia é memória e, portanto, resistência. Ela demonstra saber a importância de relatar sua trajetória de maneira detalhada, porque este ato é de registro e construção de saberes compartilhados, o que corrobora com Auad (2021) quando fala das memórias de superação.

Então, Gaia segue narrando, depondo em fluxo mnemônico os fatos todos com riqueza de detalhes e imprimindo seus sentimentos sobre o vivenciado.

Ele continuou me estuprando do começo ao fim da gestação.

Essa minha gravidez foi a coisa mais horrível que aconteceu na minha vida, e ainda o que mais me dói é que nesse momento e em todos os momentos da minha vida eu estive sozinha. Porque é diferente você ser sozinha e estar sozinha...

E é horrível pensar em algo crescendo dentro de você, imagine sabendo que é filho de alguém que te violenta e essa pessoa chegar em você e dizer que está tudo bem porque você carrega uma parte dele dentro de você?! Isso deixou o meu fardo cinco vezes mais pesado. E, para piorar, quando eu estava com cinco meses de gestação, no meu aniversário de treze anos... porque quando eu engravidei tinha doze anos, este foi o meu pior aniversário, porque foi nesse dia que ele me disse essa coisa infernal..., mas como ele podia me dizer uma coisa dessa? O que ele pensava, sendo que nunca ouviu sexo consensual...era uma coisa muito dolorida... e ele fazia questão de deixar ainda pior, me fazendo sofrer também com as agressões físicas... Ele tinha raiva da minha mãe, porque minha mãe me criou, e não criou ele. Como se tivesse sido fácil para mim, ter sido criada por ela...

E eu não sei bem se ele fazia isso comigo para atingir minha mãe, mas eu sei que ele fazia tudo com muito ódio, era diferente dos outros abusadores, e eu acho que é por isso que foi mais difícil... E quando eu estava grávida de cinco meses, um pouco depois do meu aniversário, eu estava escondendo a gravidez, só que uma das amigas da minha mãe reparou e perguntou, porque o corpo muda... E eu tinha doze anos, e de repente, comecei a mudar do nada. E aí vem essa amiga da minha mãe e pergunta... não tinha mais o que piorar.

Em vários momentos eu pensei em abortar, mas, ao mesmo tempo, decidi levar à frente, porque eu achava que eu morreria antes da criança nascer. Acho que desejei muito isso, porque já não era mais suportável continuar, nem pelo V., porque eu não queria continuar nesta vida, nada mais fazia sentido...

E aí essa vizinha começou a me ajudar, mas acabou contando para minha mãe, e ela ficou com muita raiva de mim e correu contar para o meu agressor que mais gente sabia de tudo. Então, o S. me pegou e fez tudo que ele podia e não podia, e depois fugiu. A minha mãe ficou muito brava por eu ter contado para a vizinha que contou tudo para os caras da boca também. A minha mãe estava preocupada com o que aconteceria com o filho dela que teve de fugir dos caras porque eles também acharam muito erradas as atitudes do filho dela (eu não entendo muito bem o porquê, mas até para os caras da boca, as atitudes dele eram erradas...), minha mãe e ele sabiam que agora ele corria risco de vida, e foi por isso que ele fugiu. Minha mãe me responsabilizou por isso. Ela teve um surto e tentou me matar com uma faca enorme... E ela falava que ia tirar o bebê de dentro de mim, chamava o bebê de "merda". Ela gritava e dizia que era por conta daquela "merda" que o filho dela estava correndo risco de vida! Tentava me dar facadas enquanto jogava na minha cara que eu era a errada, que eu não podia ter feito aquilo e que ela não podia ter feito nada porque ele também era filho dela...

Nesse momento ela estava namorando outra pessoa, e esse namorado meio que apartou a briga. Foi muito traumático para mim. Eu consegui me esconder entrando debaixo da cama e me esquivar das facadas, O meu padrasto ajudou bastante, ele até levou uma facada dela que cortou o tendão de sua mão. Se não fosse isso, ela teria acabado comigo e com meu irmão. Eu

tinha dois cachorros na época... Eu saí de casa descalça pela rua de terra da casa onde morávamos... um dia quero te levar para conhecer este lugar, porque isso é importante para mim, porque tenho necessidade de ficar provando o que digo.

Recém completado treze anos de idade, grávida do irmão/abusador, cuidadora de seu irmão V., que tinha oito anos, acompanhada de mais dois cachorros e descalça, Gaia sai de casa. Deixa o irmão na casa de uma conhecida de sua mãe, uma pessoa que morava perto e que, por ver todo o ciclo de sofrimento dela e de seu irmão, levava macarrão instantâneo para eles se alimentarem. Essa pessoa não acolheu Gaia e seus cachorros, ficou apenas com seu irmão V., porque tinha medo de colocar sua família em risco, uma vez que o agressor de Gaia havia fugido e já era conhecido por ter sido detido pela polícia outras vezes. Além do fato de ele estar procurando por ela, motivado pela denúncia que ela fez.

S. oferecia risco a Gaia, mas estava fugindo porque, por alguma perspectiva ética, os outros homens da “boca” e dos “corres” relacionados ao tráfico de drogas que ele fazia não aprovavam o que ele fez com a irmã. Ao mesmo tempo, este cenário todo acabava por expor a mulher que poderia ter acolhido melhor Gaia, além de seu irmão.

Este é um dos momentos que ressalto a participação de diversos outros sujeitos que podem ser categorizados como agressores omissos e que formaram uma “rede de silenciamentos” (CAMARGO, 2016) perpetrada contra Gaia. A mãe, além de agressora de fato, por ter tentado matar Gaia e tirar o filho de sua barriga com um facão, foi omissa no caso das violências que a filha sofria por parte do filho, de um de seus namorados e do pai de outro dos namorados, constante abuso sexual infantil. O próprio irmão/abusador que, sendo maior de idade e tendo capacidade de análise da circunstância em que a irmã e o irmão mais novos se encontravam, de vulnerabilidade e sem condições de serem cuidados pela mãe, em vez de acolher ou buscar ajuda para eles, se tornou o algoz maior para Gaia. O padrasto, namorado de sua mãe, apesar de ser ferido tentando proteger Gaia, não fez nada além de se manter omissos, mesmo vivenciando a gravidade toda do caso. O próprio fato de a vizinha em questão sentir medo de S. já insinua que ela conhecia um pouco sobre ele, além do fato de conhecer a mãe e até oferecer alguma ajuda às vezes, levando alimento para as crianças. Também arrisco dizer que, além destas pessoas, havia muitas outras na vizinhança e nas famílias de todas estas pessoas citadas diretamente aqui que sabiam exatamente o que se passava com Gaia e seu irmão mais novo, porque os comportamentos e os procedimentos de pessoas que são agressoras e usuárias de drogas com dependência acentuada, e mesmo das crianças, são minimamente previsíveis e pouco discretas.

Portanto, não foram poucas as pessoas que contribuíram para que Gaia sofresse o que sofreu. É importante ressaltar que, nos anos iniciais de sua vida escolar, Gaia buscou ajuda algumas vezes, compartilhando com uma profissional da psicologia suas narrativas sobre as violências que sofreu, tentando, desta forma – ainda que inconscientemente, uma vez que era uma criança de 6 anos – escapar da condição de vítima, rompendo com a perspectiva do que deveria ser velado porque acontecia na esfera privada de sua vida, no seio de uma estrutura familiar. Neste sentido, a pesquisadora Karina

Acosta Camargo aponta que “as narrativas que buscam abrir uma fenda na barreira do silêncio precisam ser reconhecidas por alguém que compartilhe o vivido, para que se possa escapar ao ressentimento e à condição de vítima” (CAMARGO, 2016, p. 37).

Depois de ter buscado a ajuda da conhecida de sua mãe e ter deixado V. com ela, Gaia e seus dois cachorros iniciaram a vida de pessoas moradoras em situação de rua, sempre mudando de lugar para poder escapar de um encontro com S. que neste momento já havia prometido matá-la. Durante este tempo que morou na rua, aproximadamente dois meses, Gaia às vezes conseguia ir até a casa de uma amiga sua, apenas quando a mãe dela não estava. A amiga morava em um sobrado e Gaia tinha de entrar na casa escondida, pela janela. Além de ser alto e difícil, Gaia estava gestante.

Foi para essa amiga que Gaia pensou em pedir ajuda para pôr fim a uma parte importante de seu sofrimento, a gravidez.

Eu pensei várias vezes em pedir para minha amiga que ela subisse em minha barriga. Eu estava pensando em abortar quando isso passou pela minha cabeça... quando a mãe dela ia chegar, eu ia embora e dormia na rua, mas na verdade eu não dormia, porque ninguém dorme na rua, tudo pode acontecer...

Dorme tensa a pequena
sozinha como que suspensa no céu

Vira mulher sem saber
sem brinco, sem pulseira, sem anel
sem espelho, sem conselho, laço de cabelo, bambolê
Sem mãe perto,
sem pai certo
sem cama certa,
sem coberta,
vira mulher com medo,
vira mulher sempre cedo.

Menina de enredo triste,
dedo em riste,

contra o que não sabe
quanto ao que ninguém lhe disse.
A malandragem, a molequice
se misturam aos peitinhos novos
furando a roupa de garoto que lhe dão
dentro da qual menstruará
sempre com a mesma calcinha,
sem absorvente, sem escova de dente,
sem pano quente, sem O B.
Tudo é nojo, medo,
misturação de “cadês.”

E a cólica,
a dor de cabeça,

é sempre a mesma merda,
 a mesma dor,
 de não ter colo,
 parque
 pracinha,
 penteadeira,
 pátria.
 Ela lua pequenininha
 não tem batom, planeta, caneta,
 diário, hemisfério,
 Sem entender seu mistério,
 ela luta até dormir
 mas é menina ainda;
 chupa o dedo
 E tem medo
 de ser estuprada
 pelos bêbados mendigos do Aterro
 tem medo de ser machucada, medo.
 Depois menstrua e muda de medo
 o de ser engravidada, emprenhada,
 na noite do mesmo Aterro.
 Tem medo do pai desse filho ser preso,
 tem medo, medo
 Ela que nunca pode ser ela direito,
 ela que nem ensaiou o jeito com a boneca
 vai ter que ser mãe depressa na calçada
 ter filho sem pensar, ter filho por azar
 ser mãe e vítima
 Ter filho pra doer,
 pra bater,
 pra abandonar.

Se dorme, dorme nada,
 é o corpo que se larga, que se rende

ao cansaço da fome, da miséria,
 da mágoa deslavada
 dorme de boca fechada,
 olhos abertos,
 vagina trancada.
 Ser ela assim na rua
 é estar sempre por ser atropelada
 pelo pau sem dono
 dos outros meninos-homens sofridos,
 do louco varrido,
 pela polícia mascarada
 [...]

(Elisa Lucinda, Lua Nova Demais, 2019)⁷

Depois de todos estes episódios de agressões das mais diversas formas, já morando na rua há quase dois meses com seus dois cachorros e tendo ainda de fugir da promessa de morte

⁷ Poema completo disponível em: <https://peita.me/blogs/news/lua-nova-demais-por-elisa-lucinda>. Acesso em: 15 fev. 2023.

feita por seu irmão/abusador, Gaia foi encontrada por pessoas do Conselho Tutelar que a levaram para um abrigo. Chegaram até ela por meio de uma denúncia que foi confirmada pela própria Gaia às profissionais que constataram a já citada violação dos direitos da jovem garantidos na lei n.8069/1990.

4.2 (DES)COLHIDA INSTITUCIONALMENTE

Ao adentrarmos as narrativas sobre o processo de acolhimento vivenciado por Gaia, é importante apontar que os dados relacionados à institucionalização de crianças e adolescentes no Brasil ainda são apresentados de forma complexa e escassa. Nas palavras de Rizzini e Rizzini (2004, p. 14):

Verifica-se que não existem, no país, estatísticas que dimensionem o número de crianças e adolescentes institucionalizados. No entanto, sabemos que várias gerações de crianças passaram suas infâncias e adolescência internadas em grandes instituições fechadas. Estas eram, até o final da década de 1980, denominadas de “internatos de menores” ou “orfanatos” e funcionavam nos moldes de asilos, embora as crianças, em sua quase totalidade, tivessem famílias (RIZZINI; RIZZINI, 2004, p. 14).

Um dado de grande relevância para o contexto histórico sobre a medida protetiva no Brasil é que, em seu longo período de vigência, o acolhimento institucional, anteriormente, era amparado pelo Código de Menores, Lei n. 6.697-10 de outubro de 1979, sustentado pela doutrina da situação irregular que “aprovava situações de não proteção à criança e ao adolescente, permitindo que ‘menores infratores’ fossem afastados da sociedade, sendo segregados, de forma generalizada, em instituições, onde viviam o desrespeito a dignidade da pessoa humana” (LAGO, 2015). Esse código vigorou no Brasil de 1980 a 1990.

Somente com a Constituição Federal de 1988 e, posteriormente, com a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente no ano de 1990, crianças e adolescentes passam a serem considerados sujeitos de direitos, assim o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) “tornou-se um marco para a atenção à infância e, a partir dele, teve início um movimento de transformação das tradicionais instituições totais, de superação de práticas assistencialistas” (COUTO, 2021, p. 59).

Neste sentido, o ECA

[...] surge para servir como instrumento válido para salvaguardar crianças e adolescentes. Entretanto, para que isso ocorra, é fundamental a contribuição da sociedade quanto a não se omitir diante das injustiças e atrocidades a que são submetidos crianças e adolescentes (OLIVEIRA, 2017, p. 353).

Assim,

O Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei no 8.069/90) instituiu a doutrina da proteção integral à criança e ao adolescente, considerando criança a pessoa com até 12 anos incompletos, e adolescente aquela entre 12 e 18 anos, fixando-lhes os direitos e deveres e prevendo as medidas aplicáveis àqueles que afrontem os seus preceitos legais. O Estatuto substituiu o antigo Código de Menores (Lei no 6.697/79) e a sua doutrina da situação irregular, mas fundamentalmente foi uma resposta aos movimentos da sociedade que pendiam uma nova política de atendimento às crianças e adolescentes que não se baseassem no assistencialismo nem na repressão herdada da época da Funabem e ratificada pelo Código de Menores (JESUS, 2006, p. 65).

A mesma lei n. 8069/1990 estabeleceu caráter excepcional e provisório ao abrigo em entidade “conforme descrevia o parágrafo único do artigo nº 101: o abrigo é medida provisória e excepcional, utilizável como forma de transição para colocação em família substituta, não implicando privação de liberdade” (COUTO, 2021, p. 59). No entanto, ainda existe uma quantidade significativa de crianças e adolescentes que passam longos períodos de suas vidas em abrigos de acolhimento. Conforme pesquisa publicada “pelo Conselho Nacional do Ministério Público (CNMP, 2013), cerca de 35% dos acolhidos são mantidos nas unidades por mais de 2 anos, o que correspondia, à época da pesquisa, a 10 mil crianças e adolescentes” (COUTO, RIZZINI, 2021, p. 4).

No caso de Gaia, ela passou cinco anos institucionalizada e só deixou o abrigo com a chegada de sua maioridade legal. Antes de ser acolhida, Gaia estava em situação de rua, até o momento em que, segundo ela mesma narra, uma pessoa que morava na rua onde ela estava, vendo que ela era muito jovem e estava grávida, fez a denúncia ao Conselho Tutelar. Gaia estava gestante e bastante debilitada durante o período em que esteve em situação de rua. Portanto, naquele momento, o fato de ter sido acolhida a salvaguardou.

Eu fiquei em situação de rua desde... acho que um pouco depois do meu aniversário, mais ou menos do começo de abril, até dia 30 de maio. E aí no dia 30 de maio eu fui acolhida...

Tinha uma mulher na rua onde eu ficava, e ela sempre me via. Acho que foi ela que chamou o conselho, ela já me conhecia antes de eu estar na rua, e chegou a conversar comigo sobre eu ficar lá, só que explicou que eu não podia ficar lá, por ser uma menor de idade, sem ter nenhuma autorização, porque daria problema para ela, e por isso ninguém nunca me acolhia... Sempre esbarrava em alguma questão...

Aqui, mais uma vez a vida de Gaia foi atravessada por uma figura externa, mas que, diferente das demais pessoas que negligenciaram ou se aproveitaram dessa condição para abusar dela, esta mulher não fez de conta que estava tudo bem, não ignorou o que estava

evidente para ela. Com a denúncia, o Conselho Tutelar, que é obrigado a verificar o que foi relatado, atuou conforme determina o ECA.

Na rua já há muitos dias, Gaia estava com a saúde bastante comprometida, não apenas pela falta de alimentação adequada, mas pela gravidez que lhe consumia muita energia física e emocional. Para comer, ela pegava manga em uma praça e umas verduras em uma horta comunitária. Além dos riscos da gestação, das exposições todas em que se encontrava sendo uma menina de treze anos morando na rua, impossibilidade de hábitos alimentares e de higiene adequados, ainda lidava com os riscos de uma gravidez consanguínea. Este quadro, muitas vezes alimentava-se em Gaia a esperança de que tudo pudesse degingolar de vez, porque ela já não

[...] queria continuar tendo aquela vida mesmo. Por conta da gravidez tão jovem, do tamanho do meu corpo e do tamanho do bebê, por tudo de errado durante a gestação, eu desenvolvi um desvio na coluna, eu tinha acabado de fazer treze anos e pesava uns 40 quilos...

E eu cheguei no abrigo em uma situação muito precária, e fiquei tomando vitaminas por anos. Eu fui acolhida no dia 30 de maio de 2016. Eles me acolheram e foram buscar o meu irmão que tinha ficado na casa daquela vizinha, mas minha mãe tinha ido lá buscar ele, então eles foram lá na casa da minha mãe pegar o S.

Ah, um detalhe importante, esqueci de falar antes. Eu e minha vizinha ligamos para a polícia e contamos tudo que o S. e minha mãe haviam feito, mas eles disseram que não podiam fazer nada, porque não tinha o flagrante. Mas para mim, eles fizeram vista grossa. Porque se eles fossem até o local, iriam comprovar tudo que eu estava dizendo, até a mão do meu padrasto cortada... Eu não estava mais na cena do crime porque eu havia conseguido fugir, mas o restante estava lá. Aquilo tudo significava risco para mim, o que eles queriam, que eu ficasse lá esperando... Ao mesmo tempo, eu mesma não sabia bem o que pensar, porque por outro lado, eu podia ser acusada de levar a polícia para a "boca".

Em meio a tudo isso, eu acho que só fui acolhida por estar grávida, porque se eu não estivesse carregando uma criança, eu acho que eu teria sido. Porque durante a minha vida toda, ninguém nunca se importou, e então é isso...

No dia que fui acolhida, porque eles me buscaram primeiro, só depois foram buscar o V. Eles usaram uma estratégia muito triste. Eu não sabia para onde estavam me levando, e hoje eu acho isso erro da equipe, porque começam traindo sua confiança. Eles chegam prometendo que vão levar você para comer um lanche numa franquía famosa e dizem que depois te trazem de volta. Eu fui e deixei meus cachorros. No caminho, nós fomos até a casa da minha mãe para pegar o meu irmão. Isso foi muito difícil para eu assistir... a retirada dele foi triste. Eles se abraçavam... minha mãe segurava no portão e batia nas conselheiras tutelares, e meu irmão fazia uma estrelinha com os braços para não entrar no carro, e ele só parou quando ele me viu. Foi assim que fomos acolhidos. Ele estava só com uma bermuda e descalço, porque ele estava na rua. E eu não estava diferente... enfim, foi vergonhoso o jeito que fomos acolhidos...

Quando eu cheguei no abrigo, eu passava muito mal, no fim da gravidez tive crises de desmaio porque meu corpo não estava mais suportando a gravidez, e eu também não queria mais suportar, não aguentava mais, e o processo de crescimento da barriga e de todas as outras coisas que desencadeiam... no abrigo, eu sentia que eles só cuidavam de mim porque estava grávida, e não se importam de verdade comigo. Era como se eu não existisse. Faziam tudo pelo bebê e não porque eu precisava ser cuidada... era só porque eu carregava outra criança.

Antes de eu ser acolhida, na última vez que eu vi meu abusador, ele me disse que ia me matar, que não importa quanto tempo passe, ele vai me matar!!

No abrigo, a equipe que me acolheu foi muito receptiva comigo. Porém, eu estava em um lugar que eu não conhecia ninguém, e o abrigo estava quase vazio, porque quando eu cheguei na casa a capacidade de atendimento era para dez pessoas, com até dois excedentes, só que tinham apenas cinco crianças e eu fui uma das primeiras adolescentes desse lugar, porque eu tinha treze anos e estava grávida e tinha mais uma menina de quatorze anos.

A configuração das equipes do sistema de acolhimento, como apontado por Gaia, também segue os parâmetros do documento de Orientações Técnicas. O texto indica que psicólogas, assistentes sociais, coordenadoras, auxiliares de cuidadoras, cuidadoras e educadoras são as profissionais que devem compor as equipes de trabalho nos equipamentos de acolhimento institucional, com garantia de contratação de pessoas qualificadas e com o perfil voltado para esse tipo de atendimento.

Eu tinha muita vergonha porque algumas cuidadoras eram inconvenientes, mas eu entendo que não era por mal, mas elas realmente eram inconvenientes... me faziam perguntas para confirmar que eu estava grávida, mesmo com todas as evidências... Algumas pessoas são insensíveis, me perguntavam onde estava o pai da criança... e me julgavam com os olhares quando eu respondia que não existia um pai. E tinham pessoas que ainda insistiam. Eu entendo que elas tinham que entender o que aconteceu, só que era difícil para mim também ficar falando de imediato... é difícil, é difícil...

Antes de ser acolhida eu passei por um atendimento com as assistentes sociais do CREAS, isso foi no caminho para o abrigo. Elas fizeram perguntas bem indelicadas, inclusive, eu acho que não são qualificadas para esse trabalho... Não acho que aquela seria a melhor forma de abordagem... mas também, eu entendo que elas precisavam entender o fato, por exemplo, eu estar grávida, saber se existia um pai, se foi fruto de sexo consentido, se eu teria condições de ser mãe... até porque, perante a lei, não existe consentimento sexual antes dos quatorze anos, e eu tinha apenas treze naquele momento, doze anos quando engravidei... Por eu achar idiota ficarem me perguntando este monte de coisas, eu acabava me esquivando muito de todas elas... E a minha comunicação, principalmente relacionada a este assunto, sempre foi muito difícil... Eu quase sempre respondia "aram" ou "hum"... E em muitos momentos ainda faço assim, até hoje... É muito difícil falar sobre isso... é muito difícil até hoje.

Eu já estava tão cansada de ter que ficar repetindo toda a história, ter de ficar reafirmando todas às vezes... Isso me lembra uma série de uma plataforma digital que mostra exatamente isso, de uma pessoa que sofre

violências e ter que ficar toda hora recontando e revivendo essas histórias várias e várias vezes. Nos submetem a isso até que, em algum momento, alguém encontra alguma coisa diferente do que foi dito antes e aí passam a afirmar que é realmente invenção sua. É essa a impressão que tenho, sabe?

Bom, só para terminar isso, chegou o momento que minha mãe só ia ter contato comigo se não acontecesse nada de ruim com filho dela. Então, para não perder o contato com minha mãe, eu cedi à chantagem dela, então, passei a dizer que o sexo com ele era consentido... Eu romantizava essa relação com a minha mãe. Quando ela me disse que se acontecesse algo com o filho dela eu podia esquecer que eu tinha mãe, eu fiquei com medo e comecei a falar que era sexo consentido. Também, eu já não tinha nada, perder a minha mãe, naquele momento... eu tinha medo.

No abrigo, também foi muito difícil para meu irmão. Ele sofreu com a adaptação. No início, nós dormíamos no mesmo quarto, que era o quarto da família. Éramos eu, meu irmão, e o meu filho que ainda estava na barriga.

O relato da jovem Gaia sobre o modo invasivo como algumas cuidadoras a abordaram para tratar de sua gravidez corrobora com o apontamento de Maia (2013) sobre a importância do desenvolvimento de pesquisas e análises que aprofundem sobre o modo como gravidezes são vivenciadas por jovens que estão sob medida protetiva em instituição, buscando um olhar mais humano das profissionais que trabalham em instituições no trato com jovens acolhidas gestantes e jovens LBT, “ao invés de impor constrangimentos emocionais a elas a título de conselhos que, não raras vezes, vem acompanhados de uma depreciação da maneira como construíram suas sexualidades” (MAIA, 2013, p. 6).

Esse relato de Gaia sobre o tratamento que recebia de algumas cuidadoras, bem como o estudo de Maia (2013), nos leva a pensar sobre a pluralidade de relações vivenciadas em ambientes institucionais e sobre a falta de preparo de algumas profissionais que trabalham no sistema de acolhimento para lidar com a diversidade de pessoas que são acolhidas. Como resultado, estes profissionais acabam reproduzindo também as violências de gênero presentes na maior parte das relações vivenciadas por meninas e mulheres.

Neste sentido, o contexto da institucionalização, quando olhado a partir da diversidade de corpos que são submetidos a estas políticas, abrange um vasto universo onde as questões de gênero, raça, classe e sexualidades tornam-se, não apenas evidentes, mas centrais para o entendimento das políticas, práticas institucionais e das violências estruturais. É esse contexto que nos leva à reflexão de Butler (2016), quando discorre sobre os modos de regulação fundados na noção de uma **verdade** sobre o sexo e a **heterossexualização** dos corpos e desejos de mulheres lésbicas, bissexuais, transexuais, travestis (LBTT) que as obrigam a seguirem uma certa matriz de normas de gênero coerentes e inteligíveis por mecanismos da violência.

A noção de que pode haver uma 'verdade' do sexo, como Foucault a denomina ironicamente, é produzida precisamente pelas práticas reguladoras que geram

identidades coerentes por via de uma matriz de normas de gênero coerentes. A heterossexualização do desejo requer e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre 'feminino' e 'masculino', em que estes são compreendidos como atributos expressivos de 'macho' e de 'fêmea'. A matriz cultural por meio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de 'identidade' não possam 'existir' - isto é, aqueles em que o gênero não decorre do sexo e aqueles em que as práticas do desejo não 'decorrem' nem do 'sexo' nem do 'gênero'. Nesse contexto, 'decorrer' seria uma relação política de direito instituído pelas leis culturais que estabelecem e regulam a forma e o significado da sexualidade. Ora, do ponto de vista desse campo, certos tipos de 'identidade de gênero' parecem ser meras falhas do desenvolvimento ou impossibilidades lógicas, precisamente por não se conformarem às normas de inteligibilidade cultural. Entretanto, sua persistência e proliferação criam oportunidades críticas de expor os limites e os objetivos reguladores desse campo de inteligibilidade e, conseqüentemente, de disseminar, nos próprios termos dessa matriz de inteligibilidade, matrizes rivais e subversivas de desordem do gênero (BUTLER, 2016, p. 44).

Ainda nesta perspectiva da produção das violências de gênero, é preciso analisar se a atual conjuntura histórica e política – cada vez mais por meio de seus mecanismos jurídicos, políticos, culturais, comunicacionais, econômicos e sociais – produz enquadramentos de sujeitos que revelam quais vidas merecem ser defendidas e quais vidas não são propriamente vidas (BUTLER, 2018).

Os “enquadramentos” que atuam para diferenciar as vidas que podemos apreender daquelas que não podemos (ou que produzem vidas através de um *continuum* de vida) não só organizam a experiência visual como também geram ontologias específicas do sujeito. Os sujeitos são constituídos mediante normas que, quando repetidas, produzem e deslocam os termos por meios dos quais os sujeitos são reconhecidos (BUTLER, 2018, p. 17).

Parece haver, assim, a prevalência de discursos que, por meio de narrativas cada vez mais excludentes e violentas, legitimam e autorizam a violência sobre determinados corpos. Essas são vozes e corpos historicamente silenciados e subalternizados. De modo específico, dentre esses corpos, destacamos os das mulheres LBT (KARPINSKI; SANTOS, 2019). É importante dizer que, por meio dos silenciamentos das vozes das mulheres, especialmente das vozes das mulheres negras, das mulheres indígenas e das mulheres LBT, constroem-se verdades únicas, que são contadas e propagadas pelas vozes masculinas, brancas, heterossexuais e por suas instituições de poder, impossibilitando-nos de sermos sujeitas de nossas próprias histórias, ou, em outras palavras “a construção ideológica do gênero mantém a dominação masculina. Se no contexto da produção colonial o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade” (SPIVAK, 2018, p. 85).

Da mesma forma, operando como verdade única, o regime da cishetenormatividade estabelece padrões para as normas de gênero e de sexualidade considerando as relações

heterossexuais como as únicas naturais e aceitáveis – assim como os corpos cisgênero –, perpetuando um histórico de violências, apagamentos e silenciamentos das existências das pessoas LGBT.

Figura 4 - Outros corpos e afetos em cena, Jade Marra (1992)



Fonte: Mídia Ninja, 2021. Disponível em:
<https://midianinja.org/news/fragmentos-vestigios-com-jade-marra/>. Acesso em: 15 fev. 2023.

Neste sentido, a escritora, professora, poeta e feminista Adrienne Rich aponta em seu potente texto “Heterossexualidade compulsória e existência lésbica” (2010) a naturalização da heterossexualidade e de seu uso como instituição política. Fomentada nas mais diversas esferas da sociedade, a heterossexualidade compulsória mantém a condição das mulheres como meras reprodutoras e dependentes das figuras masculinas dominantes e de suas ações violentas, opressoras, que as colocam em posição de subalternização. Para além disso, Rich nos apresenta como possibilidade de ruptura desse mecanismo opressor: o fortalecimento de outras formas de vivenciarmos nossas relações amorosas e afetivas por meio da construção de identificação e de alianças entre nós, mulheres.

A identificação entre mulheres é uma fonte de energia e de poder feminino potencial, contido e minimizado pela instituição da heterossexualidade. A negação da realidade e da visibilidade da paixão das mulheres por outras mulheres, da escolha das mulheres por outras como suas aliadas, companheiras de vida e de comunidade, ao se obrigar que tais relações sejam dissimuladas e até desintegradas sob intensa pressão tem representado uma perda incalculável do poder de todas as mulheres em mudar as relações sociais entre os sexos e de cada uma de nós libertar. Hoje em dia, a mentira da heterossexualidade compulsória feminina aflige não apenas a produção acadêmica feminista, mas toda profissão, todo trabalho de referência, todo currículo, toda tentativa de organização, toda relação ou conversa por onde ela se apresenta. Cria, especificamente, uma profunda falsidade, hipocrisia e histeria no diálogo heterossexual, pois toda relação heterossexual é vivida através do nauseante estroboscópio da mentira. Ainda que escolhamos nos identificar, ainda que nos achemos categorizadas, ela vibra amplamente e distorce nossas vidas (RICH, 2010, p. 40-41).

As narrativas de Gaia apontaram para a importância das relações estabelecidas com mulheres ao longo de sua trajetória, fato que a levou a refletir sobre novas possibilidades de se relacionar afetivamente e amorosamente e romper com os padrões estabelecidos pela heterossexualidade compulsória. Entretanto, as suas narrativas também apontaram para a dificuldade de diálogo sobre a questão da sexualidade em ambientes institucionais.

Outra perspectiva que pode ser considerada em relação a estes aspectos afetivos é o fato de Gaia ser mãe. A maternidade, segundo ela evidenciou em suas narrativas, fazia com que muitas pessoas a colocassem no papel apenas de mãe. Até algumas jovens do abrigo passaram a vê-la a partir deste papel, criado não só pela gravidez, mas pela experiência de cuidadora de seu irmão mais novo. Portanto, o convívio no abrigo, mesmo com o ambiente coletivo e as convivências com outras jovens, não apagou o sentimento de solidão que ela relatou em diversos momentos. Gaia começou a romper com este sentimento de solidão quando passou a ter experiências afetivas com outras jovens; e rompeu de fato com isso quando ela identificou em uma das cuidadoras da casa a lesbianidade.

Gaia narra um pouco de como começou a se relacionar afetivamente com outras meninas e as estratégias que tinham de utilizar para driblar todos os procedimentos criados pela equipe das cuidadoras do abrigo que, movidas pelo despreparo e preconceito, tentavam evitar que as acolhidas demonstrassem qualquer tipo de comportamento que rompesse com as normativas clássicas da cisheteronormatividade.

[...] e eu só consegui romper com isso a partir do momento que eu comecei a lidar com as outras adolescentes. A gente tinha essas relações dentro do abrigo, só que aí as tias e as técnicas começaram a desconfiar, e do nada nós não podíamos mais entrar no banheiro juntas, nem ficar no quarto juntas, mesmo durante o dia. Tínhamos de ficar sempre na sala, todo mundo junto e mais uma cuidadora, como se isso resolvesse alguma coisa...

A minha primeira referência lésbica e feminista foi com uma tia da casa, e foi dentro da casa que conheci ela e que comecei a entender melhor o que isso tudo significava, porque desde pequena eu tinha curiosidades, como se eu entendesse algumas coisas, sabe? Eu já tinha questionamentos, mas nunca tive referências. Mas as turbulências que passei durante quase a minha vida inteira, me impediam de conversar sobre isso, de entender essas questões, porque eu tinha simplesmente que me manter viva... mas eu acho que o abrigo mudou com a minha passagem, eu acho que eu mudei o abrigo em relação a isso!

O afeto marca a vida de Gaia de maneira muito particular, uma vez que ela sofreu de ausências e solidão durante sua infância e início da juventude. O que ela recebia de afeto, até mesmo a atenção profissional de uma pessoa verdadeiramente comprometida com seu trabalho, foi guardado em sua memória em uma gavetinha especial.

Ela me levou para a associação e a gente sentou na calçada, e essa cena para mim era absurda, aquela mulher chique, sentou na calçada, e eu contei, e eu chorava e ela limpava o meu rosto, é por isso que eu não sei lidar com as pessoas me olhando, porque eu nunca fui vista, e do nada as pessoas me olham. E eu ainda tenho que me acostumar com isso... E ela realmente acolheu o que eu falei, e em momento nenhum duvidou de nada, nem tentou reafirmar outra coisa diferente do que eu estava contando. Ela apenas me ouviu, me abraçou e a gente ficou lá até a chuva chegar... Então fomos para o carro e ficamos mais um tempo no carro. Ela ficou um bom tempo me abraçando.

E eu sei que ela estava revoltada com tudo que estava ouvindo, porque ela estava tremendo, e ela só me disse que ela teria que levar isso para frente, para a assistente social e elas teriam que fazer um relatório para o fórum e eu disse que tudo bem, desde que eu não tivesse que repetir tudo isso de novo, porque se eu tivesse que repetir eu não iria falar para mais ninguém e quando eu cheguei ao abrigo, a tia J. estava lá, mas já estava indo embora... Eu falei que queria falar com ela e a gente ficou umas três horas para eu dizer um pouco do que acontecia, e a partir do momento que eu falei para ela sobre a minha sexualidade, me senti acolhida...

Até aquele momento, ela era a minha única referência lésbica, e eu me reconhecia, me via muito nela. Antes dela, eu não sabia nada, eu não sabia nem o que era ser heterossexual e, nesse momento, eu comecei a ter contato com essas coisas, eu comecei a reconhecer em qual lugar eu estava, me encontrando nesse processo de me reconhecer mesmo.

Gaia, com este relato, torna ainda mais evidente a necessidade que tinha de um olhar mais humanizado e capaz de dialogar com ela e outras jovens que careciam de orientação sobre as questões de gênero e sexualidades. Ela conseguiu encontrar, mais por sorte do que por presença de políticas públicas, uma das pessoas que trabalhavam na casa e que se dispôs a conversar com ela sobre o tema, apesar de saber do risco que corria por estar fazendo isso. Essa conversa onde Gaia começou a entender o que é ser uma mulher lésbica confronta muito dos posicionamentos das pessoas do abrigo, inclusive das profissionais que deveriam acolher e orientar.

Como eu tive um filho, e todo mundo que me conhecia sabia disso, então todas as pessoas me tratavam como se eu fosse heterossexual. Parece que ninguém consegue pensar em outra possibilidade... E como eu já disse a minha relação com homens/machos sempre foi mínima, e as mulheres, sempre foram mulheres que me acolheram, mesmo que minimamente, mas sempre foram elas que me acolheram em todas as minhas relações. Eu acho que a partir disso eu comecei a me entender com outras possibilidades que não uma relação só com homens...

E por mais difícil que tenha sido, eu já me forcei a beijar meninos, e foram vários os momentos que fiz isso comigo. Porque mesmo com tudo que eu passei, eu nunca me limitei, mas também nunca achei que era algo que eu abominava em relação a me relacionar romanticamente com mulheres. Mas também, isso não era prioridade naquele momento. Eu tive um momento ali e outro aqui, mesmo depois de ter parido, eu fiquei com outros meninos e depois passei a ficar apenas com meninas... Acho que fiquei durante um ano com meninos, depois eu parei e comecei a ficar apenas com meninas.

Difícil mesmo era quando a gente queria falar das nossas sexualidades dentro do abrigo. Era complicado porque eram vários tipos de pessoas, e principalmente mulheres, que tinham um pensamento muito fechado e muito impositivo. Lá no abrigo, era pra eu me sentir como se eu estivesse em minha casa, mas não me davam espaço para isso, para eu falar das minhas questões, para eu falar e me expressar.

Depois de longas falas, desabafos, choros, pausas, tensões e manifestações físicas que a deixavam estática, com a respiração acelerada, após de longo tempo me contando tudo sem estabelecermos contato visual, ela me disse que poderia olhar para ela. Foi a minha vez de me sentir insegura. Mas bastou ela retomar a narrativa que eu logo entendi o motivo pelo qual ela havia me liberado para olhar para ela. O expurgo havia acabado, ela havia, ao menos por um momento, exorcizado este corpo/lembrança que estava gigante dentro dela, e que realmente precisava de horas para ser devidamente preparado para ser subtraído de Gaia em forma de fala, sussurros, choros, revoltas, silêncios...

O tom de sua fala, agora que estávamos novamente em contato visual, era outro. Era juvenil, leve como o sorriso que escapa do canto de sua boca ao me olhar envergonhada.

Se você quiser, agora pode fazer contato visual comigo. Como eu estava dizendo, já era difícil até para me expressar, falar das minhas paixõezinhas e coisas assim. Durante muitos meses eu fui apaixonada por uma menina da escola, e eu não conseguia falar no abrigo sobre isso. Então, eu criei um apelido para me referir a ela, para não ser um choque para as pessoas, porém, quem ficou surpresa fui eu ao conhecer, ali mesmo no abrigo a minha primeira referência de mulher lésbica e feminista. Foi uma cuidadora que se identificou comigo e eu com ela desde que eu cheguei, ela se tornou minha referência. Eu a escolhi para assistir o parto do meu filho. Então para ela eu conseguia dizer, mas sempre alertando ela de que era segredo.

Dizia para ela que era segredo essas questões ligadas à minha sexualidade, porque eu ainda não me entendia como uma mulher lésbica e na verdade é muito contraditório, é muito difícil eu me nomear assim, porque é uma afronta, é abominável para grande parte da sociedade, e até algumas

mulheres acham isso horrível, como se a gente estivesse perdendo a melhor coisa do mundo.

Quando na verdade, a forma como eu me interesso pelas pessoas, no caso pelas mulheres, não chega nem perto de ser por atração física, acho que é pela capacidade de acolhimento que me interesso. Por essa perspectiva humana. Eu nunca vi homens que tenham isso, e não só nas relações românticas, mas eu acredito que só mulheres têm essa capacidade com outras mulheres. Isso é uma afirmação que estou fazendo com base no que eu trago da minha vivência, porque o meu interesse é realmente o carinho, a escuta... A menina por quem fui apaixonada, por exemplo, me apaixonei por ela simplesmente por ela se impor na sala de aula, por ela simplesmente falar e eu achava incrível ela falando...

Quando eu ia me referir a ela, a essa menina por quem me apaixonei, eu não usava o pronome feminino, eu apenas abreviava porque aí ficava a critério de quem estava ouvindo, e se alguém me perguntava, eu mudava de assunto, mas a tia J., ela sempre soube, porque a gente passava muito tempo juntas. Ela que acompanhava a mim e a meu filho, e era a única pessoa, na época, que não ficava impondo que eu ficasse com o meu filho. Isso também foi muito difícil de passar, preciso mencionar aqui... falar sobre a chegada do meu filho.

No momento que talvez possa ter sido um dos mais difíceis de Gaia, ela encontrou amparo e afeto em uma mulher lésbica. Foi tão significativa a identificação entre ela e a cuidadora que Gaia a convidou para acompanhá-la durante o parto de seu filho. Com este gesto, Gaia também se faz revolucionária, superando a romântica ideia de família, criando, por necessidade, um novo ciclo de confiança e afetos.

Todas sabemos, por vivência como mulheres, o que a sociedade espera de nós, sobretudo das mulheres heterossexuais: casar e ter filhos. Esses objetivos continuam sendo uma imposição às mulheres em uma sociedade patriarcal. A ideia de que a maternidade é o destino natural de todas as mulheres ainda é uma construção fortemente difundida nas diversas esferas da sociedade. Para além das questões biológicas, existe a concepção religiosa sobre a maternidade que é amplamente propagada e fundamentada na ideia de que a maternidade é uma vocação natural de todas as mulheres. Romper com esse padrão ainda significa ir contra o papel que é esperado e destinado às mulheres dentro desta sociedade conservadora, visto que a maternidade pode ser também um meio de manutenção do controle dos homens sobre nossos corpos. Assim, “enquanto a família e o mito da família e o mito da maternidade e o instinto materno não tiverem sido destruídos, as mulheres ainda serão oprimidas” (BEAUVOIR, 1975, p. 12-21).

Mesmo com o avanço nas questões relacionadas aos direitos sexuais das mulheres, o mito da maternidade, como apontado por Beauvoir (1975), continua sendo propagado como o único caminho capaz de levar as mulheres à realização plena de suas trajetórias, uma vez que a perspectiva atribuída ao mito do amor maternal é romantizada, idealizada e fortemente embasada em construções sociais. Nesse sentido, Damaceno, Marciano e Di Menezes (2021, p.

5) apontam que “o mito do amor materno afirma que a maternidade e o amor acompanham a mulher desde toda a eternidade e faz parte da natureza feminina” e o rompimento dessa perspectiva poderia causar sofrimentos e frustrações às mulheres que escolhem não serem mães ou àquelas que não compactuam com essa visão e não encontram realização na maternidade.

Estaria Gaia enredada nos laços entre a heterossexualidade compulsória e a maternidade impositiva? Que efeitos isso tem em seu corpo, memórias e afetos? Adentrando as narrativas sobre a maternidade e apontando a dificuldade de criar relação afetiva com o seu filho, notei uma diminuição no tom de voz de Gaia, e percebi que ela estava com os olhos marejados, se esforçava para me explicar que nunca se sentiu cuidada, e que esse fato a impediu de ter referências de como cuidar de outra pessoa. Mais uma vez, sinto-me tocada ao perceber tudo que foi negado a essa jovem, quão solitária deve ter sido sua infância e o fato dela não ter escolhido gerar um filho e, conseqüentemente, não ter escolhido ser mãe... Eu tive o privilégio de fazer escolhas em vários momentos da minha trajetória e esse é um direito que todas nós deveríamos ter, o direito de fazer escolhas!

Eu nunca tive a oportunidade de não estar cuidando, e eu nunca fui cuidada! Como eu disse, pensei em abortar por diversas vezes, e pensei em me matar outras tantas... Eu não tinha condições de escolher estar com aquela criança simplesmente por ele ter saído de dentro de mim, como achavam as técnicas do abrigo, porque era isso que elas pensavam, que eu tinha a obrigação de estar com ele... É muito difícil para mim ficar com ele mediante tudo que ele representa na minha vida. É como se eu olhasse para ele e lembrasse de todas aquelas violências que vivenciei, olhar para ele me faz enxergar meu abusador, além do que, ele é do sexo masculino... E isso é uma coisa difícil até hoje para mim, e eu não consigo dissociar as coisas...

A J. era a única pessoa que considerava a possibilidade de eu não ficar com meu filho, mas as outras pessoas não conseguiam ver isso. A tia J. o viu nascer e em seguida as médicas o pesaram e não sei o que, e foram me mostrar e me perguntaram se eu queria segurar a criança... eu disse que não! E as enfermeiras ficaram todas me olhando estranho. Por causa disso, a tia J. fez um barraco no hospital. Ela já tinha feito um barraco antes falando que não podia ser um homem para fazer o meu parto, porque eu não queria. No fim, foram médicas que fizeram. Tinha umas seis pessoas na sala e ficaram olhando para minha cara e perguntando se eu não queria a criança e aí eu disse que só não queria segurar... E foi sempre nessa posição de me esquivar que eu tenho lidado com isso.

Depois das perguntas e dos estranhamentos, elas simplesmente arrancaram o meu peito fora e enfiaram na boca do meu filho, e me falaram que eu tinha que trocar e levantar para cuidar, mas ninguém me perguntou se eu realmente queria fazer isso, e eu tinha medo de falar que eu não queria aquela criança porque eu tinha medo de perder o cuidado que eu estava tendo, mesmo sabendo que era por conta da gravidez. Eu sabia que só estava sendo cuidada por causa daquela criança, porque antes disso eu não existia. Antes dessa gravidez, eu não existia... Durante todo esse tempo, a gente tinha medida protetiva por conta das coisas que o abusador fez e mesmo eu fazendo aquele discurso de que o sexo foi consensual, mesmo eu dizendo isso para

defender ele e eu não perder a minha mãe, ele ainda tinha que responder a umas questões legais.

Chegou um momento que eu me sentei com a tia J... ela ficava na cozinha, mas era cuidadora. No abrigo tem a equipe técnica e a cuidadora, ela era cuidadora. Na época a equipe era composta por pessoas muito queridas por mim, porém com essa relação de quererem que eu ficasse com meu filho tornou as coisas muito mais difíceis para mim. Elas achavam a chegada do meu filho como uma coisa linda. A chegada de um bebê, todo mundo fica muito animado, porque na perspectiva deles, era uma coisa boa e deixava todos ansiosos...

Tem mais uma coisa ainda, o meu irmão, que também estava no abrigo, ele estava muito ansioso, porque ele não entendia o porquê eu estava parindo... e aí, nesse momento eu acho que fui muito negligente com ele, porque... olha só, como eu ia cuidar de alguém sendo que eu nunca fui cuidada? Como eu ia ter referência? Foi realmente difícil para mim estes momentos com o meu filho... muitas vezes eu tive pensamentos ruins, pensei que se ele não estivesse ali, que se ele morresse, seria melhor para mim...

Tirando a tia J., as demais pessoas do abrigo achavam que eu tinha que ficar com a criança. As pessoas ressaltavam o tempo todo como ele era lindo, que a partir de agora seríamos apenas eu e ele, coisas que só aumentavam minhas angústias, mas ninguém queria saber o que eu estava sentindo, e eu não conseguia me impor. Como eu não conseguia dizer nada do que eu pensava, eu apenas o negligenciava em muitos momentos. Mas também, eu era uma criança de treze anos cuidando de um bebê! E dando conta da escola... e detalhe, nem as cuidadoras podiam me ajudar em relação ao meu filho, porque eu era a mãe, e então se alguém trocasse a fralda do meu filho, era como se eu não estivesse fazendo o meu papel de mãe... Por que é assim que funciona lá dentro.

Me diziam sempre que todas as mães dão conta dos filhos sozinhas, e é assim com todas as mães. Era esse tipo de coisas que elas me diziam. Quando meu filho fez nove meses, eu já não aguentava mais nada daquilo tudo, então tomei coragem e disse que não queria mais ficar com ele [...]

Naquele momento eu decidi estar com o meu filho, porque eu sentia que era por conta dele que eu tinha outras pessoas, e foi exatamente por isso... E talvez hoje eu me arrependa dessa decisão, sinceramente, é muito foda ser mãe solo, é muito difícil manter todos esses cuidados e toda essa atenção, e tudo que ele requer, sabe?

É uma das coisas que mais me machucam hoje, porque eu realmente acho que... Sei lá...é mais uma violência contra mim, algumas pessoas me jogarem essa culpa, me jogarem essa responsabilidade de me dizerem o que era melhor a fazer naquele momento, sendo que eu não tinha a menor condição... e isso é previsto por lei, que eu nunca tive condição de tomar essa decisão! Enfim...

É importante nos reportar aqui a um ponto trazido por Gaia nesse trecho, quando ela relata que ninguém a ajudava com os cuidados com seu filho recém-nascido e repetiam a ela que “todas as mães dão conta de seus filhos sozinhas”. As cuidadoras traziam uma versão romantizada para o convencimento da jovem Gaia de que ser mãe é que é normal, é que é bom para ela. Mas, sendo um pouco sensível e atenta ao que essa criança-mãe e vítima estava passando, podemos perceber que se trata de inverdade e que, principalmente para Gaia, que vivenciou o exato oposto a isso tudo, não só uma inverdade, mas uma provável impossibilidade.

Isso não só porque Gaia não foi cuidada e ensinada a cuidar, mas também porque a criança a ser cuidada é a lembrança e materialização das piores atrocidades e violências por ela vividas. Mesmo seu filho não tendo culpa do ocorrido, foi por ter de gestar e carregá-lo, que Gaia sofreu traumas físicos, como o desvio de sua coluna, sociais, como os que ela tem insistentemente relatado, e emocionais, ao olhar para o filho e se lembrar do pai que é também irmão. Como essa criança de quatorze anos poderia ouvir de uma adulta que trabalha em uma instituição de acolhimento que ser mãe, ignorando todos estes atravessamentos, é que é o normal, é o bom e que todas as mulheres fazem isso sozinhas?

Narrativas como essas, derivadas não só das profissionais do abrigo onde ela morava, mas também de sua rede, ou motivaram Gaia a decidir por assumir a responsabilidade pelo filho, ou a usar isso como instrumento para se manter próxima de uma rede de pessoas que eram as únicas que ela tinha por perto, principalmente porque estava findando o seu tempo de abrigo e, sem essa rede de mulheres, ela podia realmente se ver em situação piorar. Segue abaixo a repetição de um trecho determinante para que eu pudesse afirmar isso como estou a fazer:

Naquele momento eu decidi estar com o meu filho, porque eu sentia que era por conta dele que eu tinha outras pessoas, e foi exatamente por isso...

Gaia só consegue encerrar essa sequência narrativa quando, em meio a um suspiro mais profundo, diz que estas formas de imporem um pensamento único como verdadeiro e certo para as pessoas que se encontram no abrigo que estas distorções da realidade que fazem em nome de religião ou condutas derivadas do patriarcado, na verdade, se tornam mais violências contra ela.

Depois de ter passado pelo parto, tinha de dedicar praticamente todo o seu tempo para a criança. Uma criança que precisava de cuidados. Ela tinha de ignorar suas necessidades para cuidar de outra criança. Isso perdurou por alguns meses e começou a ser rompido quando Gaia ficou sabendo, por meio de uma visita que receberam no abrigo, de um local que estava oferecendo cursos e oficinas gratuitas para as jovens do abrigo. Foi por meio do trabalho desenvolvido nesse local, por meio de oficinas voltadas para as acolhidas, que muitas delas acessaram a porta de saída, não apenas a porta física de saída do abrigo, mas puderam começar e se encontrar, conhecer outras jovens abrigadas em outras instituições e não abrigadas também. Puderam trocar ideias, estabelecer novas redes de amizades e começar a sonhar. Com isso, muitas jovens passaram a pedir para estudar em muitos cursos, emendando suas aulas e aumentando o tempo que permaneciam fora do abrigo e deste local. Aumentavam o tempo de

vida longe das violências que elas sofriam com os engessamentos de conduta que encontravam por lá.

Depois de alguns meses, fui em um local que realizava atividades e aulas de linguagens artísticas. [...] Esse local foi muito importante para mim e não só nesse momento, porque eu comecei a frequentar esse local em 2018, e se eu não estiver enganada, nas últimas semanas de fevereiro, e eu lembro disso porque o professor de teatro me deu feliz aniversário adiantado, e os assuntos da minha primeira aula... Tinha ido eu e mais uma acolhida... fomos nós do abrigo e aquele grupo imenso. O professor, por mais que ele fosse homem, foi um lugar de muito acolhimento, de muitas coisas, e por mais que no abrigo eu não estivesse sofrendo as violências absurdas que eu vivia fora de lá, também era muito desgastante, eram pequenas violências, e não era como se a instituição assumisse que iria nos colocar para sofrer, mas tem uma tendência de imporem tudo que pensam como a única verdade.

E esse local foi me acolhendo, e não só sobre sexualidade, mas lá eu conheci outras pessoas, trans, pessoas que estavam descobrindo a sexualidade e identidade, pessoas diversas, sabe? Pessoas não brancas, e isso era muito importante para mim... comecei a conviver com pessoas de outros abrigos, porque querendo ou não, a outra adolescente que fazia curso lá comigo, tinha algumas limitações mentais e não tinha tanta troca entre a gente, e eu era uma adolescente muito sozinha nesse momento, e os outros eram crianças.

Foi lá que eu pude ter contato com outras adolescentes. Foi uma referência muito grande para nós todas, porque pudemos falar desses assuntos que éramos proibidas no abrigo, e não só pelo acolhimento. E também tem a forma como eu era tratada ali naquele espaço... E eu preciso falar de você... você tem noção do quanto aquele lugar fez a diferença na minha vida, principalmente naquele momento? Eu passava a semana inteira pensando em ir lá, porque lá eu não precisava estar cuidando de ninguém e nem apenas sobrevivendo, sabe? E o teatro significa muito para mim também, porque é uma afronta, é uma forma das pessoas te olharem, e essa situação em específico, que eu passava a semana inteira sabendo que aquele momento ia ser só meu... E que eu estava sendo cuidada, eu me sentia importante... Eu não queria estar chorando agora... porque eu quero continuar a falar... Eu fiquei institucionalizada por cinco anos... e estou recém-saída desse processo...

Rememorar. Esse tem sido o percurso que permeia esta dissertação e, neste momento, estou buscando em minhas memórias a jovem de 18 anos que um dia eu fui. Recordo-me que, aos dezoito anos, eu não tinha outro lugar para morar que não fosse a casa em que morei com meus pais e meus irmãos. Eu trabalhava, entretanto o salário que eu recebia não era o suficiente para manter as despesas de uma casa. Mas eu tinha minimamente uma estrutura familiar, pessoas com as quais eu dividia a vida. Compartilho aqui um pouco de minhas memórias, para que possamos fazer uma reflexão importante: as jovens que foram acolhidas institucionalmente e precisam deixar os abrigos com a chegada da maioridade penal, para onde irão? Quais condições terão para seguirem com suas vidas de forma minimamente estruturada? A idade estabelecida para que as pessoas acolhidas deixem os abrigos é 18 anos e, ao completar a idade,

Gaia, assim como inúmeras outras jovens acolhidas, deixaram de ser consideradas adolescentes pela Lei 8.069/90, do Estatuto da Criança e do Adolescente. De acordo com o art. 2º, “considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade”, portanto, após 5 anos institucionalizada e recém-chegada à maioridade, Gaia passou pelo processo de desinstitucionalização.

O processo de desinstitucionalização é relatado pela jovem Gaia como um momento de muita complexidade, causado por uma ruptura abrupta e dolorosa com a sua rede de apoio.

Desde o dia em que eu fui desinstitucionalizada, eu tive pouquíssimo contato com o abrigo, e isso foi bem difícil, porque acreditava nos vínculos que haviam sido criados por mim, mas descobri que foram importantes apenas para mim. Nem a rede de apoio criada para me acompanhar, se mostrou presente, a não ser quando solicitado por mim, a não ser por minha vontade, e olha que eu corro muito atrás dessa presença. Mas sinto que não fui acompanhada, não fui zelada como era o combinado, como era o esperado por mim. Eu criei mesmo essa expectativa de ser acompanhada de fato pela minha rede, como também havia sido me dito na última entrevista do fórum... Eu tinha de ter sido acompanhada depois do desacolhimento, porque... eu mãe solo, e tendo 18 anos... Eu fui a primeira jovem acolhida dessa cidade a sair da instituição e ir morar em uma casa alugada e paga por mim. Eu também sou o primeiro caso do Estado de São Paulo a sair do abrigo com uma criança. E eu só sei disso porque foi uma das técnicas que me contou, porque na verdade, eu não tenho acesso a nada disso. Enfim, eu não me senti e não me sinto realmente apoiada. Nesses últimos meses eu tenho sentido mais na pele a falta de políticas públicas, principalmente por estes dois atravessamentos, ser uma jovem de dezoito anos e ser mãe solo... tem sido bem difícil.

Quando falo da rede, estou me referindo também ao CREAS, CRAS, CAPES, que eram para fazerem esse acompanhamento durante, no mínimo, seis meses, mas não fizeram literalmente nada.

E os vínculos que permaneceram, foram os vínculos construídos a partir de voluntários do lar e pessoas as quais eu tive acesso, igual a esse local onde fiz o curso de teatro, por exemplo, vocês... mas sinto que depois da saída da instituição também muda a forma de como as pessoas se disponibilizam. Sabe?

Por não ter mais aquela visibilidade de voluntário, porque realmente passa a ser um vínculo. Então, eu também consegui sentir assim...um pouco dessas intenções...cada vez me sentindo mais sozinha!

O voluntariado é transitório, sem grandes compromissos... Nesses cinco anos de instituição eu pude perceber isso... e posso até estar sendo injusta ou até boba por falar isso, mas quando você não tem mais nada de interessante em sua vida ou quando você está querendo fugir de algo em sua vida, aí você vai lá e faz uma caridade, assim você se sente melhor... mas não cria vínculos verdadeiros, porque as pessoas que recebem a caridade é que, na verdade, estão ajudando o "caridoso" a se sentir melhor.

E isso fez parte da minha vida por cinco anos, então muitas dessas pessoas passaram pela minha vida, só que algumas específicas ficaram até o momento do desacolhimento, mas depois... eu percebi isso em todas as relações, porque eu acabo acreditando, esperando um comprometimento

maior, um envolvimento maior, eu acredito naquilo que está sendo prometido, mas depois... fica um pouco mais difícil... Não sei, deu para entender?

Já foi demonstrado nas páginas anteriores – por meio das falas de Gaia –, que a jovem é dotada de grande consciência sobre o processo que vivenciou, conhecedora das Organizações de Assistências Sociais e seus braços estruturais. Sabe do funcionamento macro e micro dos abrigos de acolhimento e, como também já foi exposto, busca compreender todas as experiências e violências que viveu. Ela faz este constante movimento de busca, inclusive tentando encontrar estas respostas a partir das outras acolhidas.

Eu acho que eu sentia muito a necessidade de entender de fato o motivo pelo qual eu estava ali, o motivo pelo qual eu estava num abrigo. Acho que muitas outras acolhidas também sentem o mesmo que eu. Eu tenho muita raiva de ter demorado tanto para entender isso, para falar disso...

Sinto-me como em uma peça teatral épica, onde as atrizes podem mudar de personagem, revezando o ponto de vista a fim de tornar evidente o conteúdo que está sendo apresentado. Para isso, mudam as atrizes para que o anuviamento que pode ter sido construído por conta da identificação do público com a personagem seja desfeito e, assim, tornar o conteúdo objeto central da cena. O que estou tentando dizer, de maneira mais objetiva, é que eu mesma, na condição de pesquisadora, ao me deparar com a fala trazida por Gaia abaixo, sinto como se ela fosse a pesquisadora, tamanha consciência e capacidade de estabelecer perguntas relevantes. Ela não só cria as perguntas, como argumenta de maneira racional e coerente.

Como, de modo geral as pessoas não sabem porque foram encaminhadas para o abrigo, acho que algumas das acolhidas acabam silenciando algumas coisas, ou apagando algumas violências na expectativa de voltar para suas casas, para esse ambiente que também é tóxico, violento... só que é difícil para gente identificar essa violência cometida contra nós, por pessoas tão próximas. Isso foi uma coisa que eu consegui minimamente entender, e não quis voltar para o mesmo ambiente familiar onde eu sofri diversas violências. Mas isso não acontece com todas.

Normalmente, os processos de acolhimento são conduzidos de forma velada, pelas equipes dos abrigos, ou seja, os motivos dos acolhimentos não são revelados às crianças e aos adolescentes que passam por esse processo. Isso contribui para uma naturalização das violências que nós todas, que todas elas sofreram, a ponto de muitas delas quererem silenciar, porque desejavam voltar para o ambiente onde sofreram as violências.

Causa ainda mais sofrimento o fato de a gente não entender por que foi acolhida, porque a gente foi retirada do convívio supostamente familiar, por mais bonito que seja a princípio, a gente não tem essa percepção. Porque, por mais violento que seja, por mais horrível que seja, são pessoas que deveriam cuidar de nós, de nos criar... não tenho dúvida, isso deveria ser explicado até para crianças um pouco maiores, pois elas conseguem

entender... elas percebem que estão em um ambiente diferente, com pessoas diferentes... já os bebês não tem como, né...

Eu noto que não saber o porquê estão lá causa um sofrimento muito maior para todas elas, e isso se transforma em revolta. E muitas das pessoas que trabalham no abrigo acham que a gente é que vai para o inferno por nos revoltarmos... e isso acaba gerando um outro ciclo. Também tem esse pensamento, esse ensinamento de colher o que planta. Isso é mais uma punição, mais uma tentativa de nos calar, para não nos revoltarmos, porque nossa revolta não é entendida, ela não é acolhida. Aí a gente fica no embate, porque é isso mesmo, eles fazem um embate com a gente. A gente se revolta com toda a situação e ao invés de nos acolherem, eles travam embates... além deste longo sofrimento, tem as punições, as imposições, e a gente tem que andar de acordo com o estabelecido.

Deveria ser o oposto disso, o abrigo era para ser a nossa casa, eles deveriam tentar dialogar conosco, nos entender, entender que cada pessoa é única, com vivências diferentes, mas lá não tem essa visão... a gente precisa seguir o mesmo padrão.

Diante de tantas reflexões, discursos, lembranças e memórias de inúmeras violências, quais as estratégias de resistências de Gaia? Depois do (des)acolhimento, o que fazer, para onde ir? Quais saídas? Quais zonas de respiro em uma vida de sufocamento? Parece-nos que a resposta foi o teatro.

4.3 ARTE: O TEATRO COMO RESISTÊNCIA

Em um mundo tão desigual, masculino e branco, onde as políticas públicas deveriam equilibrar as condições estruturais da vida social, mas que na prática acabam por se configurar como políticas higienistas, fortalecedoras do individualismo e das instituições privadas, que só desejam lucro, e para alcançarem isso exploram as vidas de pessoas pobres, pretas, mulheres, pessoas LGBT, indígenas, crianças, estrangeiras, pessoas não binárias e pessoas portadoras de deficiências, escrever sobre as formas de existências e resistências encontradas para sobreviver por uma jovem negra, lésbica, trabalhadora, artista, mãe solo, que vivenciou a condição de vulnerabilidade e violência durante a maior parte de sua vida, torna-se um ato/movimento urgente e necessário.

Por que sou levada a escrever? [...] Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo, porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. [...] Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você (ANZALDÚA, 2000, p. 232).

Buscando perspectivas de devires e desejando “reescrever as histórias mal escritas sobre nós”, atendo-me às falas de Gaia sobre sua ligação com a arte, quando ela relata com brilho nos olhos sobre a potência de seu encontro com a arte. Nesse momento, penso que somos seres culturais e como tal, somos capazes de aprender, ensinar, pensar e mudar tudo que está construído, transformando tudo e todos os lugares, coisas e pessoas. Essa é uma perspectiva transformadora que também é apresentada na fala de Gaia:

Eu já falei especificamente sobre meu interesse pelo teatro, mas lembro também de ter falado que a arte em si me acompanha desde a infância. Então, diante disso, preciso contar sobre a importância da existência do meu outro eu, meu eu artístico que chamo de M.F., porque esta outra eu, vai fazer parte de toda minha vida e eu vou me esforçar para que isso aconteça, porque isso me traz uma outra reflexão que é sobre a vida. Eu acho injusto a gente passar a maior parte da vida no trabalho, acho injusto a minha maternidade solo, porque eu não tenho tempo nem para mim, mas quero que a arte esteja comigo, eu quero expressar através da arte tudo aquilo que eu acho que eu preciso gritar, seja no teatro, seja nas artes visuais, e eu tenho trabalhado com bastante coisa...

Eu acho que a maior dificuldade é me reconhecer como uma mulher artista, tendo esse pouco tempo para me dedicar. E quando consigo produzir alguma coisa dentro desse pouco tempo, parece que é pouco. Às vezes, aquilo que eu fiz, me parece incrível, mas ao expor, parece que não é a mesma coisa para as outras pessoas, então tem esse primeiro momento, o processo de se reconhecer como artista, para depois as pessoas passarem a te enxergar como tal. É muito difícil eu mostrar para as pessoas a importância que a arte tem na minha vida, é difícil conseguir que me olhem como artista, mesmo isso sendo uma parte importante de mim. É mais fácil, mais comum que as pessoas me identifiquem e reconheçam pela minha maternidade e esqueçam de todas as outras coisas que eu também sou!

Buscando encontrar caminhos para romper com os silenciamentos impostos, Gaia se fortalece com trabalhos de outras mulheres jovens, negras, feministas e pertencentes à comunidade LGBT. Nessa busca, se encontra com uma artista muralista que faz uso de técnicas variadas, incluindo o grafite, para produzir sua arte. Abaixo, uma imagem com a artista Karimy, ao lado de sua obra “Florescer Resistir”. Nesse caso, artista e obra se tornam inspiração para Gaia.

Figura 5 - Obra assinada por @bykarymy, sinônimo de arte de resistência para Gaia



Fonte: Instagram da artista Karymy Gonçalves. Disponível em: <https://www.instagram.com/bykarymy/?hl=pt-br>. Acesso em: 15 fev. 2023.

“Resistência” – convocar a palavra resistência para este trabalho não é mais do mesmo, não se trata da utilização de uma palavra que se encontra em alta na literatura com o intuito de causar um ou outro efeito linguístico. É importante que seja dito, resistência é uma palavra cuja

materialidade provém de sua etimologia e encontra concretude no uso que faço dela aqui. Aliás, uso do/no contexto ao qual ela foi trazida e utilizada nesta pesquisa, sempre remontando o movimento e o encontro com a realidade concreta vivenciada pelas pessoas entrevistadas e pelo estudo realizado.

De acordo com a perspectiva etimológica, resistência resulta de imunidade, do latim, *Immunitas*. O significado é liberação, inserção. Cabe também evocar este uso da imunidade no contexto jurídico: conjunto de privilégios, vantagens ou isenções de ônus ou encargos, concedidos a certas pessoas em função de cargo ou função exercida. Ou, ainda, para a área da saúde: conjunto dos mecanismos de defesa de um organismo contra os elementos que lhe são estranhos, agentes patogênicos. Partindo dos dois significados, me coloco em um movimento de construção de sentido para a aplicação prática da/na vida social de mulheres ao longo da história. Digo, quem foram/são as pessoas que precisaram resistir? Ao que resistiram? Ou ainda, o que e para quem se configurou como privilégio, isenção ou vantagens sociais? Quem está imune?

Tomando como ponto de partida a postura contrária ao legado eurocêntrico, branco e masculino – esses sim, privilegiados –, encontrei diversas histórias de resistência. Quero dizer, encontrei significados, sentidos e usos concretos e adequados a essa palavra, resistência. O que seria resistência, se não a história das mulheres, a vida de mulheres? O que se configura resistência que não sejam os mecanismos de sobrevivência encontrados pelas mulheres, por pessoas negras, por pessoas indígenas, por pessoas com deficiências e por pessoas LGBT? Ou ainda, resistência significa ser/viver/estar sempre na luta por mantermo-nos vivas?

E, desta forma, sobrevivermos, para que possamos subverter, criar, mudar, superar o *status quo*, a fim de construir um novo mundo, ou, no mínimo, uma nova cultura inspirada e pautada pelo afeto, ou pelo amor. Aqui, utilizo a palavra “amor” dentro da perspectiva apresentada pela autora bell hooks (2010), quando pensa o amor no sentido de potência transformada, amor como poder de cura e resistência, “quando conhecemos o amor, quando amamos, é possível enxergar o passado com outros olhos; é possível transformar o presente e sonhar o futuro. Esse é o poder do amor. O amor cura” (HOOKS, 2010, p. 1).

Para tanto, nesse momento, é importante que estejamos fortalecidas nas construções de nossos movimentos de resistências, e que enchamos nossos pulmões de ar, porque respirar, sem sufocamentos, é nosso direito! E desta forma, sigamos em busca da potência transformadora do amor e do afeto, e da escrita de histórias outras, sigamos também na escuta atenta e afetiva das narrativas finais da jovem Gaia, em sua constante busca para ressignificar sua existência.

A M.F. surgiu porque na verdade eu trabalho – na minha cabeça – com ressignificações. Acho que depois que descobri isso na terapia, fez muito sentido para mim, porque faço muitas conexões, e uma delas é sobre a M.F., porque no momento que fui acolhida, quando eu tinha 13 anos... foi nesse momento que eu também recebi um novo nome, por conta da medida protetiva.

Meu nome não podia ser revelado em nenhum lugar, e não fui eu que escolhi, foi uma funcionária, que também era artista. No início eu não gostava de M.F., porque eu achava que era nome de velha, mas depois eu passei a achar muito legal, então quando a gente saía, por conta da medida protetiva, eu não podia ser chamada pelo meu nome e comecei a usar o M.F., mesmo fora do abrigo.

Com o tempo, acabei me acostumando e depois, eu comecei a pensar um pouco mais no que estava acontecendo comigo, e aí foi que surgiu esse processo de eu tentar continuar existindo através da arte, primeiro pelos desenhos, ainda enquanto eu estava amamentando... ou fazendo tatuagens nas acolhidas com caneta permanente, e ficando de castigo. Ou ainda enquanto eu pintava as paredes do abrigo. Isso tudo foi aflorando o meu desejo de continuar forte, e foi assim que eu comecei a perceber toda minha trajetória de muitas sobrevivências e passei a ter noção de que aquilo não se tratava apenas da minha vida, mas era algo estrutural, então eu decidi que sim a M.F. continuaria a fazer parte de mim. Foi como se eu tivesse renascido na instituição, não só como uma artista, porque na instituição eu tive que existir para continuar sendo artista, por conta de todas as outras demandas que eu tinha e que fisicamente não eram possíveis de serem realizadas por mim.

Mas a M.F. também é fruto de uma consciência política, sabe... eu comecei a me entender como uma mulher não branca, e a pensar o que era ser uma menina, uma mulher, uma moça nessa sociedade. E sobre os meus traumas, toda a violência que eu sofri, sobre o que iria acontecer comigo depois, onde o meu corpo de mulher não branca, mãe solo, lésbica, onde este eu iria parar depois do desacolhimento? Então, começaram a nascer essas provocações... coisas que antes eu não tinha ferramentas para pensar. Mas eu consegui entender, consegui trazer para dentro da instituição, e por mais conservadora que seja, em alguns momentos, algumas pessoas que passaram por ali, também contribuíram para a construção dessa consciência, desses questionamentos.

E assim nasceu a M.F., não só como ser político, mas como artista, porque às vezes, até tinha medo de falar que era artista. Mas a partir daí, eu me assumi enquanto artista, e passei a usar o M.F. como nome artístico, gosto de ressignificar este meu nome artístico dentro da perspectiva das flores que nascem no asfalto. M. é um nome muito comum entre as mulheres, e me lembra também a ancestralidade, soa com um nome genérico para todas as marcas que eu ainda busco entender... e agora eu me sinto M.F.

No Brasil, é possível identificar diversas histórias de vida de mulheres que, mesmo parecendo improvável, foram atravessadas pela arte, não necessariamente na perspectiva colocada pelo capitalismo. Mas também por ele, uma vez que o capitalismo transforma toda a produção cultural em produto e mesmo as mais “diferentes” são precificadas como exóticas (ADORNO, 2015). Portanto, tem se tornado cada vez mais comum vermos artistas que derivam da periferia do capitalismo, ou seja, periferias geográficas, educacionais, culturais etc., tendo

suas obras vendidas ou sendo, elas mesmas, artistas, por intermédio de suas imagens e histórias de vida, vendidas.

Em alguma medida, o que trago aqui foi aprofundado ao longo do tempo, mas é possível também identificar trajetórias exemplares já no século XIX no Brasil. Mesmo parecendo distante temporalmente, observo certa proximidade com a atualidade e com aquilo que exponho, como por exemplo o caso da mineira Carolina Maria de Jesus, mulher preta, neta de avós escravizadas, de mãe lavadeira e analfabeta, pôde estudar até o – equivalente ao que seria hoje – segundo ano do ensino fundamental, graças ao incentivo e ajuda de uma “freguesa” de sua mãe. Mesmo com pouco estudo, tendo sofrido diversas perspectivas violentas como a fome, falta de moradia, de acesso à saúde e à educação, encontrou nos materiais que recolhia do lixo uma oportunidade de se manifestar, de expressar seu pensamento, de exteriorizar o modo como ela sentia, via e vivia o mundo. Sua obra autobiográfica intitulada “Quarto de despejo” se tornou um *best seller* e ela foi, e ainda é, uma das escritoras negras mais lidas e vendidas em todos os tempos. Ao mesmo tempo, também foi amplamente explorada pelos mesmos motivos que tornaram sua obra tão significativa, ou seja, a qualidade daquilo que produziu e a aridez do cenário onde nasceu, cresceu e viveu.

Encontra-se destacada a centralidade de procedimentos artísticos como processos de fortalecimento, mecanismos de resistência na vida de mulheres brasileiras, a exemplo do que ensina Audre Lorde (2020), quando fala da necessidade de romper com os silêncios. Nesse caso, a forma de rompimento com os silenciamentos para Gaia se deu por meio da expressividade artística. Ela considera que a arte seja, ao mesmo tempo que é sua expressão, seu modo de comunicar-se com o mundo e o seu trabalho. Neste caminho, encontra-se, por exemplo, a perspectiva de estudar teatro. Mesmo Gaia tendo conhecimento de artistas com as quais ela se identifica em diversas perspectivas e conhecendo grupos de teatro, suas vivências ainda lhe causam insegurança pelas dificuldades que se apresentam.

A falta de projeções me causa sofrimento, porque eu sempre fiz esse processo de tentar me encaixar em lugares, de buscar outros lugares fora do espaço onde eu comecei fazendo teatro, ampliar esses horizontes, mas é muito difícil achar outros lugares que tenham esse acolhimento que existe aqui no lugar onde eu trabalho e que frequentei quando eu era acolhida. Um exemplo disso, é que eu passei por uma grande tristeza recentemente, porque eu passei em um processo seletivo e ganhei uma bolsa para um curso técnico de teatro. Um curso bem estabelecido, muito conhecido. Eu passei fazendo uma prova alternativa e, como sou de baixa renda, consegui uma bolsa! Quando me ligaram avisando que passei e me informando o horário do curso, percebi que é um horário que eu não teria com quem dividir os cuidados do meu filho. Então, eles me disseram que não teria como eu participar das aulas com uma criança e não teriam como me apoiar de forma alguma, e que eu não poderia

levar meu filho comigo nas aulas, porque os conteúdos são apenas para adultos. Disseram que nunca tinha acontecido isso de uma mãe se inscrever e pedir para levar o filho na aula, e que eu não podia levá-lo, mesmo dando todas as soluções para diminuir o impacto da presença dele, como: levar coisas, comida, colchonete... tentei todas as opções para que eu pudesse fazer o curso, e levar meu filho, mas não concordaram, falaram para que eu procurasse o curso só quando eu tiver disponibilidade, foram super grosseiros, tanto por e-mail, quanto por WhatsApp e por ligação... e eu me senti muito mal... fui maltratada pela minha condição. Lembrando que ser mãe não foi uma escolha minha, muito menos ser mãe solo, ser mulheres, fêmea... porque só as mulheres na condição de fêmea podem parir, podem ter filhos, vivem a menstruação... enfim, como se nós não existíssemos!!! Então eu passei por um momento muito triste, de muita revolta, mas independente disso tenho de continuar vivendo...

Eu estou em processo de resignificar... na verdade, esse local não foi o único onde eu fui recusada. Eu tentei falar com uma companhia de teatro que tem na rua de minha casa e que oferecem aulas e trabalhos artísticos. Me pareceu ser bem legal, e como fica bem na rua da minha casa, pensei que seria muito bom, principalmente por causa da proximidade, mas também não deu certo, por causa do meu filho... apesar de terem me tratado um pouco melhor, pelo menos isso faz diferença, pelo menos o tratamento... porque no outro lugar fui muito maltratada, como se eu não pudesse nem me inscrever, como se não fosse um lugar para mim, pelas minhas condições, mas no fim, não deu certo.

Também teve a escola de circo... mas por causa do meu filho também não foi possível, e por questões financeiras também.

Estes foram alguns dos desgastes que vivenciei, tentando voltar à arte, buscando alguma atividade voltada para mim, que seja produtiva para mim, que faça sentido, onde eu possa existir, onde eu não seja apenas uma das engrenagens, para que essa máquina continue funcionando! Um lugar para que eu possa existir!

A arte é central em minha vida, quero ocupar lugares como artista, vivenciar mais as artes, porque a arte faz parte do significado e do sentido da minha vida.

Considero que todos os seus movimentos de resistências são potencializados pela presença da arte em sua vida, uma vez que o desejo de poder dedicar maior tempo aos trabalhos artísticos mobilizam-na a construir ressignificados para a sua existência. É importante ressaltar que Gaia não desistiu de dar continuidade aos seus estudos relacionados ao teatro e, nesse momento em que me encontro à frente da pesquisa, final de janeiro de 2023, soube por ela que conseguiu ingressar em um curso de teatro. É um curso com aulas diárias, todas as noites, e que tem um alinhamento maior com o que ela acredita: ela poderá levar o filho nas aulas, resultado do acolhimento voltado às mães participam do curso, e, além disso, a estrutura do curso ainda contempla estudos sobre feminismos, gênero, sexualidades e classe. Há, portanto, mais um movimento de resistência de Gaia em curso. Ela parece estar sempre lutando contra o que a tenta fazer parar.

5 MAR – (RE)EXISTIR AOS REDEMOINHOS EM QUE MERGULHO

Compraram nosso som, mas silenciam nossa voz. O estatuto da família não, não fala por nós. Família de mãe solteira, família de amor diversa, família de todo o tipo, A cara do Brasil é essa lésbicas, gays, bis, trans, travestis. Pedem acesso ao estudo, vida, trabalho, futuro, e quando ligar a tv, comédia, piada, clichê. É sempre o estereótipo que querem promover (HANSEN, 2017).

Enquanto realizo esse ato solitário da escrita deste capítulo, vivencio um cenário ainda sombrio, marcado por sufocamentos, silenciamentos, negacionismos, discursos de ódio, *fakes news*, ausências de políticas públicas e por constantes ataques às vidas das mulheres, das pessoas LGBTQIA+, das pessoas com deficiências, dos povos indígenas e da população negra,

Portanto, estamos falando de vidas que não importam para esse sistema capitalista, colonialista e escravocrata. Tratam-se de corpos que não podem respirar, existir ou amar, pois suas trajetórias de vida são impactadas e atravessadas diariamente pelo aumento da precariedade e das violências sistêmicas – resultando em pouco ou nenhum acesso aos direitos humanos básicos – situação intensificada a cada dia pelas políticas de desmantelamento em diversas áreas sociais, lideradas e planejadas por um governo nefasto e por seu mandato marcado pelo genocídio de milhares de brasileiras (es, os).

Ressalto que, daqui, do ponto em que me encontro, mulher, trabalhadora, educadora, feminista, percebo que a escrita e o desenvolvimento desta pesquisa são permeados e constantemente impactados pela atual conjuntura política e histórica do meu país e do mundo, que cada vez mais oprime, silencia e apaga trajetórias de corpos subalternizados. Desta forma, busco na pesquisa e na escrita formas de não sucumbir a esse sistema opressor e aos seus mecanismos de extermínios e apagamentos de populações. Para tanto, como mulher, sigo existindo, resistindo e pensando em possíveis devires e meios de romper com os padrões de opressão que nos são impostos frequentemente. Assim, encontro aporte nas palavras de Audre Lorde:

O futuro de nossa sobrevivência depende da capacidade de nos relacionarmos em pé de igualdade. Como mulheres, devemos erradicar os padrões internalizados de opressão se quisermos ultrapassar os aspectos mais superficiais da transformação social (LORDE, 2020, p. 152).

Nesse contexto, o que significa fazer pesquisa como ferramenta para a escuta de vozes e trajetórias de jovens mulheres cisgêneros, bissexuais, lésbicas e mulheres transexuais negras, mães solos, artistas, mulheres trabalhadoras em processos de desinstitucionalização e negligenciadas pelas mais diversas esferas sociais e institucionais?

Movida pelo desejo de encontrar respostas para a pergunta acima e também pelo desejo da escuta de narrativas outras é que faço o primeiro contato com a entrevistada que, inicialmente, apresenta-se como uma mulher transexual negra, de 20 anos de idade, trabalhadora e periférica. Cabe dizer que, aqui, chamaremos a jovem de Mar, para protegemos sua identidade.

Mar buscou ajuda no sistema de acolhimento institucional após ter sido abandonada, primeiramente por seu pai, após o processo de separação da mãe; e, depois, foi abandonada por sua mãe, que decidiu ir embora de casa e a deixou na casa de uma amiga. Mar tinha 12 anos quando sua mãe foi embora... depois de passar um período morando nessa casa, a amiga de sua mãe acionou o Conselho Tutelar, que encaminhou Mar e seu irmão para a casa da avó deles. No entanto, a avó de Mar precisou mudar de endereço e a nova casa ficava muito distante da escola que Mar frequentava, então Mar decidiu ir morar com uma tia.

Foi curto o período que Mar passou na casa dessa tia, uma vez que teve muitos conflitos com um primo que também havia sido acolhido por essa tia e, conforme descrito por Mar, era uma pessoa “violenta e preconceituosa”, fato que resultava em constantes conflitos entre Mar e o primo, até que a tia de Mar a expulsou de casa.

Nesse momento, sem ter outro lugar para morar, Mar ficou em situação de rua por três meses, até que solicitou abrigo e foi aceita/aceito pelo sistema de acolhimento, onde esteve acolhida/acolhido por quatro anos, na modalidade de abrigos institucionais. Passou por três abrigos diferentes durante esses anos. Após deixar o abrigo de acolhimento, Mar foi para uma casa que acolhe mulheres que sofreram violências domésticas. Foi uma medida provisória, visto que Mar chegou à maioridade legal, mas não tinha para onde ir. Até aquele momento, as repúblicas não haviam sido implantadas na cidade onde Mar reside. Após morar algum tempo nessa casa de acolhimento, Mar foi transferida para uma república, composta só por jovens mulheres que deixaram os abrigos ao completarem 18 anos. A república é uma das modalidades previstas pelo sistema de acolhimento institucional e é considerada também como uma medida transitória de assistência social dentro do projeto República Jovem, que segundo a Cartilha do Estado de São Paulo é um serviço:

Desenvolvido em sistema de cogestão, que oferece apoio e moradia subsidiada a grupos de jovens de 18 a 21 anos em situação de vulnerabilidade e risco pessoal e social, com vínculos familiares rompidos ou extremamente fragilizados; em processo de desligamento de instituições de acolhimento, que não tenham possibilidade de retorno à família de origem ou de colocação em família substituta e que não possuam meios para autossustentação (PREFEITURA DO ESTADO DE SP, s.d., p. 1).

Mar morou na república por quase dois anos, até que, recentemente, deixou definitivamente o sistema de acolhimento, por meio da locação de um imóvel para morar, ação que foi possível por conta de ter conquistado um trabalho considerado por ela como “estável”. Foi quando Mar estava nesse processo de transição para sua nova casa que recebi a indicação de seu nome para participar da presente pesquisa. A indicação foi feita por uma pessoa que compõe uma das redes de apoio às jovens em processo de desinstitucionalização. Realizei o primeiro contato, apresentei-me e expliquei sobre a minha pesquisa, e ela/ele prontamente concordou em participar, demonstrando grande entusiasmo em poder contribuir. Em seguida, marcamos a entrevista, no local, no dia e na hora escolhida por Mar.

É salutar que se diga que os acontecimentos trazidos aqui não se encontram na ordem narrada, tão pouco na sequência dos fatos vivenciados, mas em episódios organizados de acordo com um sentido próprio que construí desde o momento da entrevista até o processo final desta escrita. Aliás, uma escrita que me atravessa e sugere diversas possibilidades de sequências, mas a que segue, me parece, potencializa o que me foi trazido. Portanto, se ao ler este texto, você ficar com a impressão de que a escrita está “de trás para frente”, ou enviesada nas ordens dos fatos, é porque esta sensação foi construída por proposição estética e sensitiva buscando compartilhar com as leitoras um pouco do que recebi durante a entrevista e análise do material, corroborando com o apontamento feito por Ecléa Bosi (2018, p. 62) de que “não nos depararemos com uma sucessão coerente de formas, mas com tropeços da vida corrente”.

De maneira geral, esse texto aborda algumas das experiências vividas por Mar com relação ao trabalho, processo de transição de gênero, documentação, vivência escolar, composição e estrutura familiar, abandono, violências institucionais, situação de rua, sonhos e planejamentos.

Conforme citado, o encontro entre Mar e eu foi realizado em um lugar escolhido por ela, em uma das salas de um local voltado para a prática de atividades formativas e culturais. A entrevista aconteceu numa tarde de um novembro atípico para o Brasil. Refiro-me ao clima que à manhã e à noite esfriava e durante o dia esquentava sobremaneira, deixando as pessoas com sintomas de resfriado. Isso, em tempo de pandemia, é sinal de alerta. Como também estávamos vivendo em total alerta pela proximidade de um segundo turno de eleições presidenciais das mais acirradas e perigosas que já vivemos em tempo de democracia, eleições perigosas, principalmente para as mulheres, pessoas LGBTQIA+, pessoas portadoras de deficiências, pessoas negras, indígenas, estudantes, artistas e a gente toda que é trabalhadora.

É importante dizer que o estado de alerta foi causado pelos constantes ataques direcionados às pessoas minorizadas e pela propagação de discursos de ódio do então presidente

da República do Brasil, Jair Bolsonaro, e seus aliados, no período em que eu realizava esta pesquisa. Ele contabilizou em anos de vida pública como deputado federal pelo Rio de Janeiro entre 1991 a 2018, e como presidente da república entre 2019 a 2022, um longo histórico de falas carregadas de violências e preconceitos contra pessoas que sofrem discriminações. Como exemplo, fez uma fala misógina proferida em dezembro de 2014, após a deputada Maria do Rosário (PT-RS) realizar um discurso pedindo que as pessoas responsáveis pelas torturas realizadas durante a ditadura civil-militar no Brasil fossem responsabilizadas pelos seus crimes. Bolsonaro pediu a palavra e vociferou: “Não saia, não, Maria do Rosário, fique aí. Há poucos dias, você me chamou de estuproador no Salão Verde e eu falei que eu não estuprava você porque você não merece. Fique aqui para ouvir” (CALGARO, 2014). Esse ocorrido está registrado em vídeo⁸, onde é possível notar que Bolsonaro também empurra a deputada e a chama de “vagabunda”.

Para além disso, o governo Bolsonaro foi responsável “pela extinção da Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM-PR), criada por Lula em 2003, e o veto à lei que prevê a distribuição de absorventes higiênicos para estudantes dos ensinos fundamental e médio, mulheres em situação de vulnerabilidade e presidiárias, da deputada Marília Arrae (PT-PE)”. Em seu histórico de ataques contra as pessoas minorizadas, consta também uma fala contra pessoas indígenas e quilombolas, durante uma palestra realizada em 2017, na sede da Hebraica, no Rio de Janeiro, onde Jair Bolsonaro proferiu a seguinte fala: “Eu fui num quilombo. O afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas (arroba é uma medida usada para pesar gado; cada uma equivale a 15 kg). Não fazem nada. Eu acho que nem para procriador ele serve mais” (VASQUES, 2022).

Ao participar de um evento evangélico em julho de 2022, já ocupando o cargo de presidente da república, Jair Bolsonaro vociferou uma fala transfóbica: “o que nós queremos é que o Joãozinho seja Joãozinho a vida toda. A Mariazinha seja Maria a vida toda, que constituam família, que seu caráter não seja deturpado em sala de aula.” (PORTILHO, 2022). Além da evidente transfobia transmitida em sua fala, Bolsonaro também menciona mais uma das falácias propagadas fortemente durante sua campanha eleitoral e durante seu governo, o combate à chamada “ideologia de gênero”, que é uma tentativa de distorcer e demonizar os estudos de gênero, uma vez que, como afirma Schibelinski (2020) na contramão do que os defensores do discurso antigênero defendem, ao atribuírem à teoria de gênero uma perspectiva impositiva e autoritária, o que os estudos de gênero buscam “é elucidar que boa parte das

⁸ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LD8-b4wvIjc>

desigualdades e da constante situação de violência imposta a (e vivenciada por) mulheres e dissidentes sexuais e de gênero é, na verdade, decorrente de uma série de construções e expectativas culturais formuladas no interior de cada sociedade” (SCHIBELINSKI, 2020, p. 30-31).

Desta forma, com o fortalecimento da perspectiva de que a ideologia de gênero era uma ameaça a ser urgentemente combatida, Bolsonaro e seus aliados criaram um problema para as “famílias tradicionais brasileiras” e, conseqüentemente, colocaram-se como os heróis responsáveis por encontrarem uma solução para o suposto problema, salvando a instituição “família” e preservando a inocência das crianças do nosso país. Assim, combater à “ideologia de gênero” tornou-se umas das principais “bandeiras” de seu governo, fato que contribuiu fortemente para a sua eleição.

Nesse sentido, como aponta Schibelinski (2020), a expressão ideologia de gênero que, até então, era pouco conhecida pela sociedade, tornou-se o centro dos debates políticos sobre educação em nosso país, envolvendo toda a comunidade escolar em uma guerra discursiva, resultando em pânico moral, ou seja, pânico gerado através da disseminação da ideia de que certos temas ou grupo de pessoas são ameaças aos valores e aos interesses sociais.

Discorrendo sobre pânico moral e controle social, Miskolci (2007, p. 16) aponta que “os ganhos em uma batalha que envolve o pânico moral podem ser materiais e/ou morais. É certo que avançar em uma causa moral ou ideológica aumenta o *status* de um grupo tanto quanto reforça coletivamente os valores que tal grupo defende”. Ainda nessa perspectiva, a suposta ameaça a ser combatida era a “ideologia de gênero”, que supostamente estava sendo ensinada nas escolas. Devemos apontar que, ao contrário de toda a falácia propagada a respeito dessa temática,

A expressão “ideologia de gênero” não é sequer reconhecida como conceito acadêmico no interior das Ciências Humanas. Embora muitas vezes aqueles que a empregam o façam como se esta fosse um sinônimo para outros conceitos como estudos de gênero, aporte de gênero ou perspectiva de gênero, cientificamente, “ideologia de gênero” tem sido vista como uma expressão plurissemântica, que funcionaria como uma espécie de gatilho para uma mobilização reacionária e que carregaria em si uma série de ideias equivocadas e temores infundados produzidos no âmbito do conservadorismo religioso (SCHIBELINSKI, 2020, p. 9).

Foi diante desta conjuntura, marcada por inúmeros retrocessos nas pautas sociais e do avanço das violências infligidas contra os corpos de pessoas sulbaternizadas, estimuladas pelas falas do então governo e seus aliados, que aconteceu a minha conversa com Mar. É importante destacar que, para nós duas, os momentos iniciais dessa conversa foram permeados por um

certo estranhamento, causado por conta de uma revelação que Mar fez em sua fala inicial. Esse estranhamento foi sendo quebrado, aos poucos, com o encaminhar da conversa...

Passados os momentos iniciais da entrevista, tudo se deu em tom de confiança, e essa confiança potencializou a entrevista que começou com uma revelação nova – uma vez que, conforme mencionei, quando fui apresentada a Mar, foi na condição de que tratava-se de uma mulher transexual. No entanto, ao chegar para nosso encontro, Mar chegou apresentando características atribuídas ao universo masculino. Foi quando abri a entrevista pedindo que ela/ele, compartilhasse comigo o que quisesse, que a/o entrevistada/ entrevistado iniciou sua fala realocando sua identidade de gênero.

Vamos lá...! Bem, eu ainda me chamo Mar, mas eu preciso te dizer que há uma questão nova desde a última vez que a gente conversou... estou me referindo à forma como eu me visto e os meus pronomes. Como você sabe, eu achava que eu era uma mulher trans, achava que eu era a M., mas eu estava focada em uma única caixinha e não conseguia enxergar o todo. Agora eu expandi um pouco essa caixinha... na verdade, sai dessa caixinha e, de uma mulher trans, atualmente, eu acho que eu me entendo mais como uma pessoa não binária. Mas, as pessoas não binárias também podem ser trans. Tá?

Mar vive um contexto de violência e discriminação por sua identidade de gênero, que parece afetar diversas dimensões de sua vida. Ela/ele nos conta a experiência na busca de trabalho:

Ainda é muito confuso para mim, porque a verdade é que a gente não nasce com um livro que explica todas essas coisas que vivemos... então a gente vai aprendendo conforme a vida...! Mas eu também uso os pronomes ela e ele, e também pode me chamar de Mar, com pronome masculino, a depender da maneira como eu estiver me vestindo, me comportando. Me chame de uma forma que seja mais agradável para ambas as partes...

Eu imagino que seja confuso para você, para as pessoas, e não é simples mesmo. Já passei por momentos de gritar coisas do tipo, caramba, eu não sou um homem, eu sou uma mulher! E era porque eu tinha total certeza de quem eu era naquele momento, ou por pura necessidade mesmo, porque a gente passa por situações onde a necessidade fala mais alto. Sabe?

Nas entrevistas de emprego, por exemplo, eu sempre usei meu nome de registro, porque a gente não vê pessoas trans trabalhando como atendente de lojas, nos comércios do centro da cidade ou em qualquer outro lugar de visibilidade, principalmente durante o dia. Na verdade, tenho a impressão de que existe um trabalho certo pra gente... acho que uns 95% das mulheres trans trabalham com prostituição, e eu não quero fazer parte desse número. Esse é meu maior medo! Tanto é que quando vou fazer entrevistas, eu uso meu nome de registro e roupas masculinas. Eu tento parecer o mais hétero possível, mais cisgênero possível...

Mas, já no meu primeiro emprego, isso acabou não dando certo, porque alguém já tinha contado para a minha gerente. Acabou no meu primeiro dia de emprego. Mesmo assim, a empresa tentou agilizar muita coisa

para me fazer sentir bem: colocou meu nome social no crachá; fizeram questão de me chamar e de que eu fosse chamada pelo nome social. E isso foi tipo, mágico para mim, porque eu não esperava que fosse tratada tão bem assim, tanto que eu consegui ser a única mulher trans da empresa na época, acho que em toda a história da empresa na cidade... no Brasil, eu acho!

A questão estrutural da vida tomou centralidade na fala da entrevistada, foi então que resolvi fazer uma nova intervenção. Perguntei sobre as suas expectativas relacionadas ao trabalho, se essas expectativas haviam mudado também a partir dessa nova perspectiva. Perguntei sobre desejos de conquistar um emprego melhor, havia novas entrevistas para tentar um novo emprego? Foi então que as estruturas se revelaram determinantes na questão da identidade de gênero para a/o entrevistada/entrevistado.

Então, eu estava participando daquelas entrevistas que já comentei... mas eu ainda estava no meu antigo emprego... só que eu não passava em nenhuma entrevista de nenhum trabalho melhor e aí, nesse meio tempo, eu comecei a me entender, e passei a utilizar o gênero masculino novamente. Você não vai acreditar, mas eu consegui um emprego novo! Olha que irônico isso, a partir do momento que eu tirei a Mar do currículo e o Mar apareceu, na mesma hora eu consegui um novo emprego, que é o que eu estou atualmente! Então, você percebe que o jeito de se vestir, de falar quem você é, torna-se muito mais válido do que o seu currículo na verdade, porque eu não mudei absolutamente nada de um currículo para o outro, apenas um nome...

Quando eu era a Mar, eu segui adiante, consegui mudar o nome no RG e agora eu tenho dois documentos de identidade. Quando eu mudei a documentação eu estava muito segura sobre quem eu era, mas logo depois eu comecei a me perceber de outra maneira, comecei a me entender diferente do que eu era, diferente da Mar então eu me perguntei novamente, “pô e agora?” Imagine você, se eu tivesse mudado, além do meu RG, todos os meus outros documentos...? A minha sorte mesmo é que estes documentos não são unificados, que mudei apenas o RG. Nele, agora consta meus dois nomes, mas tenho os outros documentos com meu nome de nascimento. O sistema de documentação no Brasil é assim... Além disso, eu tenho os dois RG's, o antigo e o novo. E o RG novo tem os meus dois nomes, tem o nome social da Mar e tem o meu nome de registro, então não perdi, e não ganhei... Se eu quiser eu posso usar um RG só, mas é bom ter os dois... na verdade, facilita muita coisa... mas no meu emprego novo e em outros lugares que eu estou frequentando, estou utilizando o masculino, ou seja, o RG antigo para evitar falatórios.

Outro dia, algumas pessoas da empresa em que eu trabalho, me viram em um lugar onde eu estava vestida de Mar, outras pessoas viram umas fotos mais antigas minhas onde eu também estava de Mar, e vieram logo me questionar... queriam saber porque o meu crachá tinha outro nome? Estas pessoas começaram a achar que eu tinha nascido mulher e estava me entendendo como homem agora... e aí algumas pessoas pararam de me tratar no masculino e começaram a me tratar no feminino... a me chamar de a Mar. Eu vejo isso como preconceito porque com isso, estas pessoas estavam me dizendo que me chamariam pelo meu nome de nascimento, pelo meu sexo biológico, então eu vi isso como um tipo de birra. Sabe?

As narrativas iniciais de Mar revelam um pouco sobre o impacto das diversas violências cometidas contra pessoas transexuais e de como são tratados os corpos que rompem com a cisheteronormatividade. Considerando que o regime cisheteronormativo produz as normas de gênero e de sexualidade que estabelecem, de modo binário e dicotômico, como natural e como “ordem das coisas” certa coerência entre sexo, gênero e orientação sexual (SEFFNER, 2013), como é ser e estar em um mundo que constantemente inflige todo tipo de dor e violência às pessoas que não se enquadram nesse padrão?

Devemos retomar uma importante reflexão sobre os direitos humanos, porque esses direitos são garantidos apenas para pessoas que cumprem com as normas estabelecidas pelo regime da cisheteronormatividade. Portanto, estamos falando de direitos humanos, para quais humanos?

O padrão de normalização da condição humana eleito pela modernidade, relaciona-se ao modelo de sujeito de origem europeia, masculino, branco, cristão, heteronormativo, detentor dos meios de produção e sem deficiências. A narrativa histórica dos colonizadores determinou a matriz de humanidade que serviu de parâmetro para a definição das proteções necessárias ao desenvolvimento de sua forma de vida e considerada como representação da demanda legítima por respeito.

Para além de reforçar a necessidade de proteção de determinados sujeitos e sua forma de vida, tal concepção, porque incapaz de absorver outros perfis, gera hierarquização entre seres humanos, saberes e cosmovisões que terão de ser sufocados e invisibilizados para que não ponham em risco o desenvolvimento de projeto de dominação colonial que os sustenta (PIRES, 2020, p. 4).

Neste sentido, as estatísticas relacionadas às violências de gênero impostas principalmente contra as mulheres trans corroboram com a perspectiva de que as pessoas que rompem com o padrão da cisgeneridade e da heteronormatividade não estão no escopo das pessoas que têm seus direitos humanos garantidos e respeitados, uma vez que que é notável o recrudescimento das violências cometidas contra seus corpos. De acordo com um levantamento apresentado em um artigo que versa sobre a violência de gênero, resulta que: “78,8% dos assassinatos de pessoas transgênero e não conformes de gênero, no mundo, ocorrem na América Latina e no Caribe. São assassinatos decorrentes de violências de gênero e da transfobia que ‘torna abjetas as vidas que afrontam a normatividade de gênero’” (SILVA *et al*, 2021, p. 5).

São muitas as formas pelas quais são perpetradas violências contra as mulheres LBT, desde as violências aparentemente “pequenas”, até as mais perversas. Um exemplo disso é o fato relatado por Mar de que ter retirado seu nome social dos currículos fez com que conquistasse um emprego que buscava há tempos, mas que não foi possível enquanto utilizou

o seu nome social. No entanto, mesmo demonstrando felicidade pela conquista do novo emprego, Mar também conta com tristeza os enfrentamentos experienciados no local onde trabalha:

Além do que meu sexo biológico é masculino. E tem outra coisa, essas pessoas já me conheceram como..., como masculino... mas por conta de umas fotos ou de um encontro comigo performando a Mar, criaram essa confusão e passaram a me tratar no feminino, achando que eu tinha nascido uma menina... eu acho que isso também é transfobia!

Eu fico aqui me perguntando por que essa gente fica me tratando no feminino, sendo que eu já expliquei tudo isso para elas...? Eu já falei que não nasci menina, nasci menino, então sou homem! Já falei assim para facilitar o entendimento delas, sabe? Algumas até me pediram desculpas, falaram que não tinham a intenção de me ofender e que estavam achando que aquela era a maneira correta de se referir a mim. Eu expliquei não, que não é assim que funciona, que a forma correta é de me tratar de acordo com o que eu determino. Se eu nasci menina, mas performo como menino, eu devo ser tratado por menino e pronto. Não faz o menor sentido as pessoas não respeitarem o modo como a gente se reconhece. Né?

Eu determino que termine aqui e agora
Eu determino que termine em mim, mas não acabe comigo
Determino que termine em nós e desate
E que amanhã, que amanhã possa ser diferente pra elas
Que tenham outros problemas e encontrem novas soluções
E que eu possa viver nelas, através delas e em suas memórias
(QUEBRADA, 2019).

O trecho acima é parte da música “Oração”, cantada por Lina da Quebrada. Lina é uma multiartista, travesti, cantora, compositora, performance e atriz. Em uma conversa com o repórter João Ker, em entrevista publicada no site “Híbrida”, Lina relatou: “eu desejo que a gente entenda onde cada uma de nós tem o papel de reiterar as coisas, desviar a norma e fazer com que os problemas mudem de lugar”. No decorrer da entrevista, Lina também detalhou sobre o processo de produção da música “Oração” e contou que a música estava pronta há mais de um ano e, após um longo período de pré-produção, foi finalizada na semana em que Lina soube da execução de Matheusa Passarelli, a estudante e artista incinerada na Zona Norte do Rio de Janeiro, em abril de 2018. Nas palavras de Lina, “foi quando tudo fez ainda mais sentido no que diz respeito a ‘não queimar as bruxas, mas amar as bixas e amar as travas também’” (HÍBRIDA, 2020).

Assim como o desejo retratado em uma das frases da música, “que amanhã possa ser diferente para elas...”, Mar também demonstra o desejo de não ter que vivenciar mais certas situações e relata, com bastante pesar, o fato de ter se deparado novamente com a dificuldade das pessoas em respeitar a sua identidade de gênero. Entretanto, nesse momento de sua

narrativa, Mar apresenta uma fala que destoa de suas falas anteriores, uma vez que, em outros momentos ela/ele fez questão de enfatizar que poderia ser tratada tanto no feminino, quanto no masculino. Nesse momento, Mar pontua que os colegas do novo emprego deveriam tratá-lo(a) no masculino e pronto! Penso que esse foi um caminho encontrado por ele/ela para não passar pelas violências sofridas no trabalho anterior, por tantos atos transfóbicos. Foi uma estratégia para se preservar, utilizando em novo local de trabalho apenas o nome e o pronome masculino.

A imersão de Mar na experiência e o modo como ela/ele coloca a percepção das pessoas que estão vivenciando a sequência de transição em que ela/ele se encontrava, era sempre reforçada pelo seu gestual que se intensificava com a tonalidade da voz e o olhar que se tornava mais desafiador à medida que relatava cada uma das situações. Percebendo seu incômodo com a abordagem das pessoas, com a dificuldade de entendimento dos colegas e, principalmente, de trabalho, perguntei a ela/ele se este comportamento das pessoas seria por dificuldade de entendimento ou se achava que seria um mecanismo utilizado para continuar com a reprodução de comportamentos violentos, preconceituosos, transfóbicos, homofóbicos?

Eis que a sua resposta foi enérgica e, de pronto, disse que sim!

Essas posturas são totalmente preconceituosas! Porque não faz sentido nenhum essa leitura que eles fizeram, essa confusão foi só para destilar mais ódio em cima de mim! Olha só como uma informação errada vira uma bola de neve... Olha só, não é tão difícil de entender. Veja.

Até meus vinte anos eu fui a Mar, trabalhei em um local que vende alimentos... Não, vou começar antes disso... Eu morei em abrigo desde os 14 anos porque eu fui expulsa de casa, aí eu morei três meses na rua. Neste tempo, eu dormia em um parque, e depois disso eu fui para um abrigo de acolhimento, é um antigo abrigo da cidade, mas por conta de desvio de verba ele foi fechado. Depois, eu fui para outra casa que tinha muitas denúncias de agressões e violências de diversos tipos, e que também fechou. Então, eu acabei indo para outro abrigo... Mas antes ainda do abrigo, eu morava com uma tia minha, na época eu não me dava bem com o sobrinho dela que veio do nordeste. Ele era muito novo, e lá, a família dele era muito preconceituosa, sabe?

Por conta disso, desse preconceito dele, a gente batia muito de frente, nossas ideias não combinavam mesmo. Por conta disso minha tia preferiu me expulsar de casa, e ficar com ele... Eu era meio alienada, não me preocupava muito com o que fazer... achava que a escola ia se responsabilizar por mim, por me acolher, cuidar dessas coisas de apoio... eu não fazia ideia de como eram essas coisas... não foi nada disso. Eu tentei procurar ajuda em alguns professores, mas não rolou. Aí fiquei morando na casa de uma menina da escola por um mês, foi a mãe dessa menina que me falou que existiam abrigos e instituições de acolhimento, então no dia seguinte eu fui procurar o conselho tutelar. Lá eles quiseram saber de tudo, me perguntaram sobre toda a minha vida e depois, me enviaram para o abrigo...

Neste momento, eu já tinha passado por um bocado de coisas. Antes disso que te contei, eu já tinha morado com os meus pais até os 13 anos, não, acho que foi até os 12. Só que aí, minha mãe terminou com o meu padrasto e

cada um basicamente foi para um canto... E eu fui junto com a minha mãe, para ir morar na casa de uma amiga dela, eu e meu irmão mais velho. Foi aí que a minha mãe simplesmente sumiu, “meteu o pé” e me deixou com meu irmão na casa dessa amiga, ela chamou o conselho tutelar, que nos entregou para minha avó, que foi com quem eu fiquei dos 12 até os 13 anos. Só que a minha vó estava em processo de mudança de casa, ela estava indo morar em um bairro distante, que não tinha escola por perto. Então eu e meu irmão teríamos de pagar o passe de ônibus para ir à escola. Como a escola onde estávamos estudando, no endereço antigo da minha avó, estava em processo de virar escola em tempo integral, nós decidimos não nos mudar com ela, resolvemos que iríamos mudar para a casa da minha tia que ficava no mesmo bairro, assim, poderíamos ir para a escola a pé. Minha tia morava na rua de cima da casa da minha avó...

Eu sempre fiz amizade muito fácil, só que nunca é uma amizade com laço muito grande, então tipo, elas acabavam e começavam muito rapidamente. Quando eu era menor, na época do parquinho, por exemplo, eu não sofria bullying não, na verdade, só teve um caso uma vez que eu apanhei da sala toda... quero dizer, de todos os moleques... eu estava brincando de pega-pega com um dos meninos e aí eles me empurraram para o canto da quadra e me chutaram, aí depois eu bati em alguns deles... E o professor só botou eles de castigo, só isso! Não teve nenhuma outra providência, nem se preocuparam em chamar meus pais para relatarem o ocorrido... O bullying na escola começou mesmo foi no ensino fundamental dois.

Olha, antes de eu assumir a minha transexualidade, eu não sabia que existiam mulheres trans! Na minha cabeça, eu imaginava que todo homem gay se enxergava como uma mulher, então, antes de eu me assumir gay, eu sofri muito bullying na escola sim...

Nesse momento, Mar fala pela primeira vez sobre os motivos pelos quais passou por três abrigos diferentes, menciona que o primeiro abrigo onde estava foi fechado por desvio de verbas e que o segundo também foi fechado, só que desta vez por denúncias de agressões e diversos tipos de violências. Conforme seu relato, Mar demonstrou uma certa tensão ao rememorar esses momentos de sua trajetória no sistema de acolhimento, tensão demonstrada por meio do movimento incessante de balançar as pernas e as mãos, que foi diminuindo após Mar ter feito uma breve pausa para tomar um pouco de água...

Dando sequência ao rememorar de sua trajetória, Mar narrou sobre como se deu o processo de entendimento de sua transexualidade. Buscando referências para o desenvolvimento desta pesquisa, deparei-me com a escassez de publicações de estudos que verssem sobre trajetórias de jovens mulheres transexuais e travestis, especialmente pensadas e analisadas de forma interseccional. Essa falta de material de estudo e de visibilidade sobre a temática também é apontada pela narradora ao detalhar o momento em que transicionou. Relatou que a psicóloga que a atendia indicou artistas trans e leituras sobre gênero e sexualidade. Ainda na perspectiva sobre o início recente e da pouca visibilidade das pesquisas que abordem a transexualidade, a pesquisadora Megg Rayara (2018) aponta:

As experiências de vida de travestis e mulheres transexuais na sociedade brasileira passaram a ser temas de pesquisas acadêmicas com mais frequência a partir da década de 1990. É, no entanto, após os anos 2000 que esses estudos passaram a ter maior visibilidade e despontaram como temática central em pesquisas brasileiras graças ao aumento substancial no número de estudos que tematizam gênero e sexualidade. Essas pesquisas, porém, se referem a experiências recentes e raramente trazem informações que localizam historicamente pessoas que expressam identidades de gênero que escapam às normas da cisgeneridade, especialmente negras. A ausência de um contexto histórico contribui para restringir a existência de travestis e mulheres transexuais a sociedades contemporâneas ocidentais, bem como a determinados espaços, como “bairros de periferia, boates, praças, pensões e territórios de prostituição de diferentes capitais (YORK; OLIVEIRA; BENEVIDES, 2018, p. 168).

O apontamento feito por Oliveira (2018) evidencia o apagamento histórico das existências das mulheres transexuais e das mulheres travestis. É um apagamento que contribui e reforça a ideia de que os padrões cisgênero e heteronormativo hegemônicos. Evidencia-se que as histórias de mulheres transexuais e das mulheres travestis pouco foram/ =são contadas e analisadas dentro de uma perspectiva histórica, destinando as pessoas que rompem com as normativas de gênero ao lugar do esquecimento e da marginalização.

Para além de narrar sobre a dificuldade de entendimento sobre sua identidade de gênero, Mar conta também que sofreu violências físicas e verbais durante seu processo escolar. Conforme relatado por ela, seu irmão mais velho foi um de seus principais agressores, rompendo com suas expectativas de que pudesse ser protegida/protegido por seu irmão de toda a violência que sofria, expectativas criadas por construções sociais romantizadas sobre as relações entre pessoas que possuem “o mesmo sangue”.

Eles faziam bullying com a roupa que eu vestia, e até já tentaram enfiar a minha cabeça na privada! E o maior causador disso foi meu próprio irmão, o mais velho! Ele me agredia na escola, na frente de todo mundo. Então os outros moleques viam e achavam que podiam fazer o mesmo, entendeu? E sempre achei que um irmão, principalmente sendo o mais velho, teria que proteger os outros, né?

Mas ele não! Ele fazia o inverso disso, porque ele incentivava que os outros moleques fizessem as mesmas coisas que ele fazia comigo. Se eu voltasse da escola andando com qualquer outra pessoa, meu irmão vinha para cima de mim e ia me agredir... agredir, literalmente, no meio da rua... ele começava a me dar socos... é... é isso...

Esses relatos compartilhados por Mar sobre a violência cometida contra ela/ele, em ambiente escolar, corroboram com a perspectiva de que as violências contra pessoas transexuais são cometidas na maior parte dos espaços de convivência privada e coletiva, acessados por elas.

As evidências científicas suscitam que a violência de gênero que atinge as mulheres trans está presente de modo global e sob diversas formas em várias culturas. Foram identificadas as faces da violência de gênero verbal, psicológica, física e sexual perpetradas contra mulheres trans, praticadas por familiares, parceiros íntimos, vizinhos, policiais, prestadores de cuidados de saúde, clientes e desconhecidos (SILVA *et al*, 2021, p. 7).

Ainda nessa perspectiva, Berenice Bento (2011) aponta que

São múltiplas as violências cometidas contra as pessoas transexuais. A patologização social dessa experiência identitária talvez seja a mais cruel, pois irradia a convicção de que são pessoas inferiores. Cruzar os limites dos gêneros é colocar-se em uma posição de risco. Quando se afirma que existe uma norma de gênero, deve-se pensar em regras, leis, interdições e punições (BENTO, 2011, p. 554).

No caso das mulheres trans racializadas, ou seja, que vivenciam o encontro das categorias das desigualdades em suas trajetórias, como é o caso de Mar, esse risco é intensificado. Por conseguinte, o Dossiê Rede Afro (2016) aponta que, tratando-se da população LGBT negra, as violências sobre seus corpos são intensificadas, ou seja, “[...] a população negra LGBT se encontra ainda mais suscetível ao sofrimento das mais diversas formas de violência, podendo acumular em si mesmas também as violências com raízes nas questões de gênero e de classe” (2016, p. 14).

Ainda nessa perspectiva, dos estudos sobre as violências cometidas contra pessoas transexuais e travestis, é importante ressaltar que, de acordo com o apontamento de TGEU (2018), o Brasil é o país mais perigoso para as pessoas travestis e transexuais. O apontamento foi feito por meio de dados apresentados pelo elo “*Trans Murder Monitoring*” (TMM) da “*Transgender Europe*” (TGEU) que monitora, recolhe e analisa dados sobre os assassinatos contra pessoas travestis e transexuais no mundo. Segundo os resultados da pesquisa, foi contabilizado um total de 369 casos entre 1 de outubro de 2017 e 30 de setembro de 2018 no mundo, e, destes, o Brasil ocupa a primeira colocação, com 167 casos (TGEU, 2018).

Figura 6 - Produzida em 2019, pela artista, pesquisadora, professora e travesti Agrippina



Fonte: “A Bela Agrippina” por Agrippina R. Manhattan, 2019. Trabalho realizado para o Museu Nami. Disponível em: <https://agrippinarmanhattan.wordpress.com/a-bela-agrippina/>. Acesso em: 04 abr. 2023.

Mar seguiu narrando suas experiências em ambiente escolar, até adentrar em uma questão que considero como um movimento de resistência feito por ela/ele. Conta que, depois de sofrer muita pressão, decidiu assumir a homossexualidade e, com isso, conseguiu dar fim aos questionamentos sofridos repetidamente na escola. Outro ponto importante, narrado por Mar, foi o fato de que, nessa época, a escola passou a ser em período integral e, com isso, o movimento secundarista fortaleceu as lutas das pessoas LGBT, que fez com que alunos/as passassem a assumir suas sexualidades com mais tranquilidade.

Quando a minha escola virou escola integral... comecei a ser extremamente pressionada, por todo mundo da sala, para falar se eu era gay ou não? E eu dizia que não, que não era, porque eu tinha medo, eles insistiam em me julgar! Aí, quando eu me assumi gay, meio que essas coisas acabaram, entende?! A escola, quando passou para ensino integral, teve um avanço muito grande nessas questões LGBT, e em movimentos sociais também. Os movimentos secundaristas, meio que fluíram junto... nessa escola, chegou um momento que tinham 32 alunos LGBTs assumidos, então, a gente não estava mais sozinhos ali, sabe? Um defendia o outro e a galera que fazia bullying, acho que foram saindo da escola. Não tinha mais ninguém que fizesse isso com a gente. Se tinha alguém que não nos curtia, ficava na sua, não vinha mais mexer com a gente. Neste momento, tinha uma menina que era muito engajada com estas questões, ela tinha contato com uma ONG, e por isso ela trazia informações sobre as bandeiras minoritárias. Isso fazia com que

podéssemos ficar muito mais tranquilos do sétimo até o terceiro ano do médio. Neste período, eu não sofri mais nada...

Dentro deste período de tempo, entre o sétimo ano e o terceiro ano do médio, que eu morei na rua, mas eu continuei indo para escola. Eu tomava banho na casa de amigos, e ia para escola... como o ensino era integral eu passava o dia inteiro na escola, então eu conseguia pegar bolachas durante o intervalo para comer durante a noite... fiquei 3 meses morando na rua... três meses... Eu ficava no bairro mesmo, eu dormia no palco do parque, porque eu conheci uma mulher que morava na rua e ela falou que se eu fosse para o centro ia ser muito ruim pra mim, por conta dos outros moradores de rua. Eu tinha 14 anos, e aí imagina uma criança no meio de um monte de homens...! Não ia dar muito certo, porque ela contou que as mulheres que moram na rua, precisam ter um marido, porque se elas não se juntarem com algum homem, outros caras vêm para cima delas. Entendeu?

Aí eu fiquei pensativa e agradecida pela informação. Mas com isso eu decidi ficar no bairro mesmo, como não tinha outros moradores de rua onde eu estava, seria mais tranquilo para mim... Na escola, pouquíssimas pessoas sabiam da minha situação, porque eu não queria que soubessem. Eu contei para a professora que era quem podia me ajudar, mas nada aconteceu, então o que adiantava contar para o pessoal todo? Nada, não ia mudar nada... Na minha cabeça, era isso que passava. A noite, para dormir, eu subia no palco e colocava minha blusa de frio como coberta e fazia minha bolsa como travesseiro, isso quando subia no palco, que tinha dias que eu não conseguia subir, porque o palco ele é meio torto para um lado, então tinha dias que eu tinha forças para conseguir subir, aí dormia no cantinho. Eu tinha medo de me encontrar com outros moradores de rua, então eu ficava sempre sozinha... As vezes os policiais me abordavam e perguntavam porque eu estava lá no parque, aí eu só falava que eu tinha esquecido minha chave em casa e estava esperando minha mãe chegar... eu sempre dava essa desculpa e tals... Mas é isso, eu continuava indo para a escola. Eu sempre gostei de ir para a escola porque acho que a educação é uma arma, é uma ferramenta muito importante! Então eu sempre prezei muito isso, aprender e tal... eu nunca fui a melhor aluna da sala, mas também não fui a pior, sabe? Sempre dei o meu melhor que podia. Até as matérias que eu não gostava eu tentava ser a melhor, entendeu?

Com tudo isso, de ter vivenciado essa experiência de morar na rua, o lugar onde eu mais sofri violência foi dentro do abrigo, sabia? Uma violência que vinha mais por parte das crianças, não dos adultos. É assim: imagina que te colocam numa casa com mais 23 crianças. Você vai sair de sua casa, por mais perturbadora que ela fosse, e vem morar com mais essas crianças todas. Cada uma tem um jeito, uma personalidade bem forte, por conta de toda vivência que teve! Então... isso gerava muitos conflitos, quase sempre, sem motivos, por absolutamente nada... as coisas mínimas, mais simples, fazia com que as crianças se espancassem... e comigo não era diferente... eu também estava no meio... sabe?

Teve um episódio que eu quase fui para a F. C., neste momento eu decidi parar com essas coisas, percebi que era errado, então eu parei de brigar e comecei a evitar os conflitos. Mas nos abrigos sempre teve muita violência... juntar crianças com adolescentes é uma coisa extremamente errada. E juntar com pessoas atípicas também é extremamente errado, porque elas precisam de todo um cuidado maior a parte, aí junta essas crianças com outras crianças violentas, meio que dá muito choque de idade e elas acabam construindo um ciclo de violência sem fim, ali mesmo... Neste momento, eu fazia muitos cursos e vivia mais para o lado da escola do que no abrigo, praticamente eu só dormia lá, por conta de toda a minha rotina e tal...

No abrigo, nunca tive problema nenhum com as cuidadoras, porque eu acho que toda a galera que trabalha nessa área, tem todo um conhecimento e um coração maior... voltado para essa parte, e sempre fui muito abraçada por todo mundo, sempre fui muito elogiada, eu sempre dei o melhor de mim para mudar meu comportamento depois do probleminha que tive e quase me levou para a F.C. Eu quis mesmo tentar uma outra vertente, e essa galera, as cuidadoras, sempre me apoiou muito. Me ajudaram para que eu pudesse fazer meus cursos e com as coisas da escola...

Eu comecei a trabalhar como jovem aprendiz, e lá no emprego, eles pediram que eu passasse por uma psicóloga, por conta de eu fazer uso de bebidas alcoólicas, só que, na cabeça deles, eu era uma alcoólatra, uma viciada, coisa assim, o que não é verdade. Na terapia comecei a trabalhar outros assuntos, sobre a questão da minha sexualidade, que era uma coisa que realmente valia a pena. A psicóloga começou a me trazer indicação de vários artistas LGBTQIA+. Começou a me apresentar um outro público, e eu fui me abrindo com ela, dizendo como que eu me sentia e tal, e aí quando falei que eu me sentia... que eu me entendia como uma mulher, numa sessão, na outra ela trouxe vários exemplos de várias mulheres trans e trouxe um livro que falava sobre essas coisas e trouxe até páginas da internet que falavam como elas se entendem e tal, eu comecei a pesquisar e comecei a juntar as coisas, até que falei, caramba eu não sou um homem, eu sou uma mulher! E foi nesse processo que eu comecei a trazer mais essa questão para o abrigo.

Eu comecei a trazer essas questões para os técnicos do abrigo, para ver se eles podiam me ajudar. Um dia teve uma festa e eu decidi experimentar uma coisa, algo que pudesse me ajudar a entender realmente quem/o que eu sou. Primeiro de tudo, pensei que eu precisava de um nome, então eu comecei a procurar na internet, ver algumas referências, até que encontrei a Mar, que foi um dos nomes que eu vi e gostei. Acho que ele se encaixa bem comigo, sabe? Então, eu fui nessa festa e comecei a utilizar esse nome, e as pessoas me chamavam por esse nome lá na festa, e eu atendia por esse nome. Foi quando caiu a minha ficha realmente, foi quando eu me entendi como uma mulher trans! Naquele momento pensei comigo e percebi que eu estava atendendo por Mar e não era nada forçado da minha parte. Então eu comecei a deslanchar, a procurar questões hormonais e todo esse processo...e comecei a trabalhar isso lá na casa com as crianças e com os técnicos, como eu gostaria de ser chamada, e isso também no meu trabalho.

No trabalho isso também foi tranquilo, por incrível que pareça, foi muito mais natural que eu imaginei, na minha cabeça achei que ia ter muito mais resistência, e não aconteceu assim, as pessoas me trataram muito bem, e até uma pessoas que eu imaginei que não me tratariam bem... eu acho que tive muita sorte nisso, de sempre estar com pessoas boas...

Só tive problemas mesmo em um curso que eu fiz, lá eles não abraçaram nenhum um pouco a ideia não, tanto que, no dia da minha formatura, eles queriam que eu usasse um terno. Eles não queriam que eu fosse de vestido. Na cabeça deles, eles achavam que eu ia de vestido curto ou qualquer outra coisa e não queriam mostrar para outras pessoas que eu era uma mulher trans, sabe? Então eu fui atrás de leis, os técnicos do abrigo onde eu estava na época, me apoiaram muito. Os técnicos do abrigo me abraçaram muito e foram lá mostrar que tinha leis a meu favor, que eu devia e podia ser chamada de M., sim o tempo todo e também na hora da minha formatura, na hora de eu ser chamada para pegar meu certificado... Foram os técnicos do abrigo que bateram forte nesta tecla junto comigo, assim conseguimos resolver essa questão. No fim, eu consegui ser chamada de M., eu fui de vestido. Mas não foi vestido curto não, na verdade foi um vestido bem grande, longo... e foi incrível aquilo pra mim, sabe... Eu lutei para poder viver aquilo,

sabe? Eu me tornei a primeira mulher trans a se formar nesse curso técnico de assistente administrativo, no brasil...

Após relatar tantos processos de violências cometidos contra ela/ele, Mar compartilhou uma memória que podemos classificar com uma memória de resistência. Esse lembrar causou a ela momentos de alegria: ao falar sobre sua formatura do curso técnico e do vestido escolhido por ela, Mar sorria abertamente, seus olhos brilhavam. A narradora atribuiu grande importância ao fato de ter reivindicado o direito de ser chamada pelo seu nome social e de usar a roupa que desejava em sua festa de formatura. Demonstrou isso ao narrar o fato de não ter se calado diante da tentativa de cerceamento de seus direitos e de ter erguido a voz em defesa da garantia de seus direitos.

Esses movimentos apresentados por Mar, de ter conquistado algo por meio do ato de erguer sua voz e da procura de leis que garantissem seus direitos, pode configurar-se como movimento de resistência, ou, nas palavras de hooks (2019, p. 36-37), “esse ato de fala, de ‘erguer a voz’, não é um mero gesto de palavras vazias: é uma expressão de nossa transição de objeto para sujeito – a voz liberta”.

5.1 MAR, INÍCIO DE CARREIRA! TRABALHO(S)

Para introduzir a temática do trabalho, perguntei como ela/ele enxerga essa questão. Qual era o significado para ela nesse momento? E a entrada dela/dele no assunto veio pela necessidade de segurança do emprego registrado, com carteira assinada. Mas esta perspectiva revelou um medo terrível que se encontra muito presente na vida de mulheres transgênero. No primeiro momento, em meias palavras, Mar disse simplesmente que o emprego com carteira assinada possibilitou que ela/ele não precisasse recorrer a outros meios, como a prostituição. Mas, ao mesmo tempo, trouxe a tristeza de não poder ser ela/ele mesma/mesmo. Pelo menos de início... Ela/Ele se referia ao emprego que acabara de conseguir, e que provavelmente teria de usar o nome de registro, o nome masculino: “*Então é assim, eu fico feliz pelo trabalho porque com ele eu não preciso me prostituir, mas, ao mesmo tempo, não posso ser eu mesma. Mas eu sigo com um propósito... sabe?*”

Uma das minhas tatuagens foi por conta do trabalho. Vou explicar... Lá onde trabalho, eles pregam muito ideia de cura para pessoas... Eles acreditam que existe cura para certas coisas, é meio estranho mas é assim mesmo... Eles também acreditam que existe um laço entre a gente e o cliente, porque tem clientes que estão lá todos os dias, principalmente idosos. E eles vão lá porque não tem família, não tem para onde ir, então eles vão lá e ficam a noite toda, a madrugada toda... Tem cliente que fica a madrugada toda,

porque não quer ficar sozinho em casa. Já teve dia - eu sou uma pessoa que não acredito nessa ideia de cura -, mas teve um dia que eu pude fazer a diferença na vida de alguém. Foi uma mulher... Quando fui sair para comer e encontrei uma moça na rua. Ela me parou e perguntou se eu poderia ajudar ela. Me pediu para eu chamar um carro de aplicativo e tal, porque ela estava na delegacia até às três horas da manhã. Para ir, os policiais levaram ela, só que deixaram ela lá e foram embora e ela não tinha como voltar para a casa dela. Era três horas da manhã! E ela estava sem dinheiro, porque ela tinha sido vítima de estupro e ela estava com o papelzinho da delegacia... ela estava toda machucada...

Eu não consegui ser indiferente... eu fui tentar ajudar ela, tentei arrecadar dinheiro com os clientes do meu trabalho para chamar um carro e ela. Ela não queria entrar no estabelecimento, aí eu meio que forcei um pouco para ela entrar, porque estava frio lá fora e não tinha porque ela não entrar, independente do que aconteceu com ela, ela tinha o direito de entrar. Eu dei um salgado e uma bebida para ela e ela queria muito me provar que ela tinha sido realmente estuprada... acho que na cabeça dela, eu estava duvidando da história, mas eu não estava. Para ela, eu achava que era um golpe ou coisa do tipo, só que era visível que ela estava sofrendo. Ela tinha marcas roxas no corpo, na coxa... Ela estava com um papel na mão e li. Só que a primeira coisa que eu li foi algo relacionado com amor. Eu tatuei isso no meu braço. Quando eu vi o papel, eu soube que ele era o marido dela. Depois ela me disse que era a segunda vez que ele fazia isso com ela, porque ela estava tentando terminar com ele e ele não queria...e aquilo acabou comigo. Depois que eu consegui chamar o carro para ela, eu vi que ela ficou feliz pela ajuda, só que aquilo acabou comigo. Eu chorei muito, depois que ela saiu do meu trabalho. Todo mundo do meu trabalho falou que meu gesto deve ter feito muita diferença para ela, porque fiquei ao lado dela o tempo todo e que tratei ela com carinho...

Eu quis tatuar isso no meu braço, porque isso aconteceu comigo também. Não em relação ao estupro, mas em relação a minha mãe que dizia que me amava, ao meu pai que dizia que me amava, a outras pessoas que diziam que me amavam e acabaram sumindo da minha vida, sabe... e fizeram coisas horríveis para mim... e... e... Ah, sei lá... É importante acolher, né?

Ficou evidente que sim, para ela, o acolhimento se torna uma questão muito relevante, tanto do ponto de vista dela/dele como acolhedora, bem como de ser acolhida. Isso me fez voltar ao ponto do trabalho com relação ao modo como ela/ele é e foi tratada. Então, voltamos à perspectiva do nome social, entrevistas de emprego e documentação, pois ela havia dito anteriormente que o trabalho era sinônimo de acolhida, mas, também, gerador de tristeza.

Neste ponto, Mar discorreu sobre a complicação, a burocracia dos cartórios que exigem dinheiro a cada etapa do processo, além das muitas certidões: três municipais, três estaduais, e ainda tem que ter o nome limpo no SPC e SERASA. Como Mar disse: *“E depois disso, tem de retirar tudo de novo! É um dinheiro que não deveria ser cobrado, mas eles estão cobrando... E por conta da pandemia, atrasou muita coisa... foi só no fim do ano que eu consegui mudar tudo direitinho.”*

Sempre com a fala conduzida pelo fluxo do pensamento, pela fluidez de tudo que lhe vinha da memória à boca, Mar transitava de acontecimentos de um trabalho a outro, quase que juntando os fatos de propósito, para evidenciar, ao mesmo tempo, as semelhanças e as diferenças entre os lugares em que trabalhou e os tratamentos que recebia. Uma memória e uma narrativa cujo dialogismo e a contradição se faziam presentes constantemente. Isso potencializou meu entendimento sobre aquilo que ela/ele trazia, pois o fluxo e intensidade/energia das suas falas se alternavam deflagrando exatamente o procedimento que ela/ele fazia na memória. Ou seja, referia-se a lembranças que lhe causaram indignação, como violências impetradas por diversos agentes e atores no seu processo de transição de gênero e, ao mesmo tempo, saudosismo pelos apoios encontrados por outras pessoas durante o mesmo processo. É a coexistência da postura de atores envolvidos neste processo que corroborou para o aumento da dificuldade dos conflitos vividos e que refletem o modo como opera hoje com relação ao seu gênero e sexualidade.

Os atravessamentos vivenciados em situação de emprego, de trabalho, do labor diário, são apresentados por Mar em episódios e revelam estruturas logísticas e metodológicas das operações de entidades assistenciais, agências de empregos, agências de contratação de jovens aprendizes e das empresas que são as contratantes. Neste processo, também foram deflagrados, pela acolhida ou resistência, fortes interferências nas tomadas de decisões de Mar, a depender do momento em que se encontra desse violento processo.

Nesse momento da conversa, Mar estava ainda em certa êxtase ao reatar sua conquista de poder usar o nome social, pois teve de fazer grande enfrentamento contra a instituição de ensino que frequentava para ser reconhecida pelo seu nome social. Foram algumas as situações que vieram à tona em nossa conversa: primeiro, no curso que fez de assistente administrativo onde ela/ele era impedida/impedido de ser chamada pelo seu nome social; depois, sua luta para poder ser tratada de acordo com sua identidade de gênero, por meio de seu nome social e do pronome feminino, seja no curso e em todos lugares que frequentava; e, ainda, para usar o banheiro feminino nos locais que estudava e trabalhava; por último, para poder ter o crachá com seu nome social. Acontecimentos distintos, mas que protelaram as violências vivenciadas pela/pelo jovem e lhe causam, nitidamente, impressão de continuidade e não de acontecimentos novos ou isolados. A perenidade das violências causa percepções que, me parece, se justificam em conduta cultural da sociedade em processo constante de preconceitos.

No meu emprego anterior [referindo-se à empresa de alimentos minha gerente me recebeu muito bem, e no começo ela me mostrou toda a empresa, e tentou fazer com que eu me sentisse em casa, aí ela me puxou de cantinho e

falou que eu era uma mulher trans, e que ela sabia. E me disse ainda que eu podia, se eu quisesse, usar meu nome social. Ela disse que elas respeitavam muito as escolhas das pessoas. Eu me senti muito bem acolhida, tanto que em menos de uma semana já tinha mudado meu uniforme para um uniforme feminino, e já tinha o nome no crachá como Mar. Sabe? Este foi um período muito mágico...! Só que eu tive um outro problema nesta mesma empresa. Porque esta empresa, como era do ramo de alimentação, tinha um quiosque, uma loja pequena dentro de um hospital aqui da cidade. Serviço terceirizado em um hospital, sabe? E, apesar de a minha empresa me receber e me tratar muito bem, o hospital estava me barrando em muitas coisas, como meu nome social que na portaria, não era mais aceito. Ou ao utilizar o banheiro... lá eu tinha que utilizar o vestiário masculino, pois eles não me deixavam utilizar o banheiro feminino... eu achei um absurdo. Eles fazem muita campanha sobre diversidade, mas na prática...

Na tentativa de me auxiliar, de se colocar do meu lado, a gerente e a dona da minha empresa tentaram conversar com o hospital, mas eles não foram flexíveis, nenhum um pouco. Na época eu estava com muito medo, porque eu estava em período de experiência e sentia medo de não ser efetivada por conta disso. Porque uma empresa não vai ficar batendo de frente com seu cliente por conta de uma funcionária nova. Mas, como elas não conseguiram negociar com o hospital, minha gerente preferiu me trocar de estabelecimento. Novamente fui muito bem recebida, abraçada por todo mundo. Quando eu cheguei, eles já esperavam por mim. Chegaram a conversar entre eles sobre preconceito antes de me receber. E as gerentes ficavam muito atentas a qualquer coisa que pudesse ser ofensiva. Tudo isso para que não houvesse nenhum tipo de transfobia no trabalho. Lá já tinha outras pessoas que são LGBT, só que não são trans, pessoas trans, acho que só tinha eu, mas o resto, têm outras pessoas LGBT's lá também.

Já trabalho nesta empresa que estou agora, há mais de um ano. Quando eu comecei a trabalhar aqui, eu fazia o horário das 14h00 às 22h00, e agora eu faço das 22h00 às 6h... o trabalho em si é uma delícia, o meu maior problema é com o público. Eu não sou nem um pouco respeitada. Apesar de algumas pessoas conversarem comigo... Estou falando isso em relação a clientes, porque eles sempre me chamam no masculino, e por normas da empresa, eu preciso fingir que está tudo bem. Não posso corrigir, nem debater... tenho de aceitar as desculpas, e deixar por isso mesmo. Na verdade, não né, porque da parte da empresa, ainda me dizem coisas do tipo, "você sabe quem você é, então você não precisa ficar discutindo isso." Sim, eu sei quem sou, mas parece que as pessoas não sabem, nem precisam ou, nem podem saber quem sou. É muito chato, mesmo vestida de Mar, ser chamada de mano, de cara, de tio, de chefe, de trilhões de nomes, porque não sei de onde as pessoas tiram tantos nomes para se referirem a mim. A única coisa que não fazem, é ler o meu nome no crachá!

Uma vez, aconteceu uma situação. Quando eu ainda trabalhava à tarde. Um cliente me entregou uma bíblia... sim, me entregou uma bíblia... e sugeriu que eu tivesse trocado de crachá com alguém, pois o meu nome estava errado. Me deu uma bíblia e disse que se eu precisasse de qualquer coisa, era para eu conversar com ele. Eu fiquei sem reação, consegui apenas agradecer, dizer obrigada, e aceitei o presente. Lógico que depois eu dei para alguém, porque tipo não faz sentido, sabe? Eu já fui xingada de vários nomes, e até para o xingamento usam os pronomes no masculino... e me xingam sem motivação nenhuma, sabe?

Eu tento relevar todas essas coisas assim... mas algumas pessoas, eu corrijo, mas outras, eu prefiro não debater, principalmente agora que eu estou trabalhando no horário de noite, porque tem muito bêbado, tem muita

gente sem noção. Como te disse, eu já fui xingada de vários nomes, só por perguntar para o cara se ele queria um pão com requeijão, ou não? Só por eu pedir para um cliente me especificar o pedido... porque às vezes os clientes chegam e dizem apenas que querem pão... mas temos muitos tipos de pães, então é preciso especificar o pedido. Só que até isso se torna motivo para me xingarem... tenho que perguntar para saber o que o cliente quer, para eu entregar o produto certo, para eu fazer o lanche certo. Mas aí o cara não curtiu que eu fizesse a pergunta, então, se sente no direito de me xingar, de me falar um monte de bobagem.

Já com os colegas de trabalho, os xingamentos são casos isolados, na verdade são bem raros. Mas o uso dos pronomes masculinos, isso acontece todos os dias, mesmo por parte das pessoas que trabalham comigo.

Eu tenho outra perspectiva de trabalho, tenho uma entrevista de emprego, na semana que vem, porque trabalhar com o público é um pouquinho difícil, sabe? Não é nem um pouco fácil lidar com pessoas. Por isso eu estou tentando uma vaga de vendedora comercial, que é um trabalho específico com o público da empresa, A entrevista ficou marcada para a semana que vem... Eu tenho tentado me organizar para o futuro. Eu já estou até guardando um dinheirinho bom para quando eu puder pagar alugar um lugar para eu morar, porque precisa pagar o caução mais o mês do aluguel, e ainda preciso comprar meus móveis...

Apesar de Mar ter conquistado o tão sonhado trabalho formal, seus relatos sobre as experiências em seu ambiente de trabalho demonstram que muitas são/foram as violências perpetradas contra ela/ele, por meio de xingamentos, do uso do pronome masculino, mesmo com ela/ele portando o crachá com seu nome social, e com o impedimento imposto a ela/ele em usar o banheiro no qual se sentia mais à vontade. Essas violências são apontadas por Mar como motivadoras para buscar outro emprego. Penso que as naturalizações dessas violências, contribuem também para o cerceamento das pessoas transexuais na ocupação de vagas de trabalhos formais, corroborando com a afirmação feita por Silva, Luppi e Veras (2019), em um estudo sobre trabalho e saúde da população transexual que aponta para o baixo percentual de pessoas trans com o emprego formal, ou seja, apenas 16,7% possuem vínculo formal. No entanto, em comparação com os dados relacionadas à população em geral, esse mesmo estudo aponta que

Ao comparar o percentual de inserção da população transexual no mercado formal de trabalho com os dados da população geral, Pesquisa Mensal de Emprego (PME) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) na região metropolitana de São Paulo, observou-se que o percentual de indivíduos com vínculo formal de trabalho em 2014 e 2015 foi, respectivamente, 55,3% e 54,9%, números muito superiores ao encontrado na população de transexual (SILVA, LUPPI, VERAS, 2019, p. 1729).

Nesta perspectiva, faz-se necessário e urgente pensar em soluções para realizar o devido enfrentamento às violências que contribuem cada vez mais para a marginalização das pessoas transexuais, visto que “além dos estressores gerais da vida, a população trans também sofre com

altos índices de discriminação, violência e rejeição relacionados à sua identidade e/ou expressão de gênero” (CHINAZZO, *et al.*, 2019, p. 5046).

Considerando que as pessoas trans são constantemente estigmatizadas em todos os espaços que frequentam, como é possível que criem laços afetivos de longa duração? Cotidianamente, por meio de atitudes transfóbicas e excludentes, as existências de pessoas transexuais são silenciadas e apagadas, inclusive nos espaços formativos. Dessa forma, acabam abandonando os estudos, o que se torna um dificultador para o ingresso no mundo do trabalho.

Infere-se, pois, que o baixo grau de escolaridade se relaciona com o preconceito e a discriminação, de convivência precoce decorrente do bullying escolar, redefinidor do espaço em que vivem as pessoas transgênero, que as levam a evasão escolar por meio de tecnologias cotidianas de exclusão, seja pela violência transfóbica ou homofóbica ou pela inadequação do planejamento pedagógico, experimentando-se diariamente um massacre na sobrevivência à escola (SILVA *et al.*, 2016, p. 5).

No caso de Mar, mesmo diante de toda a violência e discriminação que vivenciou em ambiente escolar, até mesmo quando estava em situação de rua, ela/ele não se afastou da escola e decidiu seguir com os estudos, pois atribui grande importância à educação e acredita em sua força transformadora. Essa posição que pode ser entendida como mais um movimento de resistência presente em sua trajetória. Fortalecida pela perspectiva transformadora que sempre atribuiu aos estudos, Mar conta que chegou ao ensino superior. No entanto, por conta da pandemia da COVID-19, parou com os estudos, por não se adaptar à modalidade à distância de ensino:

Atualmente, eu parei com os estudos, mas antes de começar a pandemia eu fazia engenharia de produção, e aí por conta que entrou a pandemia, eu fiquei muito desmotivada, eu não estava conseguindo acompanhar o EAD. Foi um momento complicado para mim, principalmente porque eu estava em processo de mudança.

Eu morava no abrigo, mas como eu já tinha completado 18 anos, então não podia mais ficar no abrigo, e como eu não tinha outro lugar para ir, fui para a casa que cuida das mulheres que estão em situação de rua ou são vítimas de violência. É uma casa provisória que acolhe mulheres, mas não é um abrigo. Sabe? Para eu estar lá, foi complicado, porque na verdade eu não podia. Enfim, por conta disso acabei deixando a faculdade no meio. Eu tranquei e no meio do ano, mas no segundo semestre, ao invés de eu voltar, me matriculei no curso de enfermagem presencial em outra faculdade. Mas foi a mesma coisa, por conta da pandemia, as aulas ficaram online, e aí, ficou igual EAD. E quando as aulas voltaram a ser presencial, eu não consegui acompanhar. Eu odeio EAD. Eu não consigo focar em nada pelo computador ou pelo celular. Então eu parei, e dei uma guinada mais para o trabalho, deixei os estudos de lado. Foi nessa época que eu comecei a fazer entrevistas e entrei no trabalho que tenho hoje.

Mar relatou que, ao completar a maioridade legal, e sem ter para onde ir, foi transferida para uma casa que acolhe mulheres que sofreram violência doméstica. Entretanto, essa foi uma medida provisória, porque ela/ele não estava dentro do escopo de atendimento da referida entidade. Até aquele momento, não havia entidades circunscritas dentro das modalidades previstas pelo sistema de acolhimento, como, por exemplo, as repúblicas jovens, aquelas que são voltadas para jovens institucionalizadas que, ao completarem 18 anos, não têm condições de deixar o sistema de acolhimento. Ressalta-se que a existência de repúblicas ainda é escassa, e suas implementações são recentes.

Nessa casa eu fiz uma amizade, mas isso não foi fácil não, sabe, porque as pessoas ficam por lá no máximo quatro ou cinco meses, e tem de se mudar, vivem se mudando. Geralmente são mulheres adultas, bem mais velhas que eu, então têm uma faixa etária muito mais acima das crianças. Por isso, elas mesmas e as pessoas da casa também, preferem evitar esse tipo de contato, até porque às vezes, pode ter mães das crianças que estão lá também ou uma conversa ou convívio, pode ser um gatilho para outras pessoas, então elas preferem não se aproximar e as pessoas que trabalham na casa, preferem nos deixar mais afastados. E elas têm bastante atividades para fazer lá, como treinamento para conseguir emprego, e outras coisas, porque o pessoal dessa casa ajuda e incentiva muito as mulheres que estão lá.

A questão pra mim também, é a mistura das idades, porque no abrigo fica todo mundo junto, não importa a idade, mas eu acho que tinha de ter separação das crianças e adolescentes. Mas isso é uma coisa da prefeitura. Acho que a prefeitura já não quer abrir uma república para as mais velhas, imagina dividir as pessoas tendo de ter uma casa para as crianças e outra para adolescentes... acho que ficaria difícil manter duas casas, uma para crianças de uma idade e uma de adolescentes. Acho que em todos os abrigos desta cidade, as pessoas são misturadas...

É salutar apontar que as reverberações das violências e dos abandonos experienciados ao longo de sua trajetória são evidenciados por meio de suas falas sobre a dificuldade em manter laços afetivos. Seguindo com a conversa, mais uma vez surge um relato de violência, atravessando outra relação e que resultou em crises de ansiedade e pânico, apresentado por meio da narrativa sobre o episódio que a afastou definitivamente de sua única amiga, uma jovem trans com quem dividia a mesma casa e que sofreu uma violência física que quase tirou a sua vida.

Eu acredito que em cada casa tenha no máximo umas seis pessoas, porque não tem uma grande demanda.... Eu tenho uma amiga, a J., que estava em uma república e acabou não aguentando muito. Ela não tinha muita perspectiva de vida em relação a essas coisas, e depois que ela sofreu uma agressão na rua, ela deixou de acreditar no abrigo sabe. E aí, chegou uma hora que ela não aguentou e foi de vez para a rua... e isso mexeu muito comigo, me quebrou mesmo ela ter saído. Eu fiquei muito próxima dela e quando soube da violência que ela sofreu, acabou com o meu psicológico,

acho que mexeu mais com o meu do que com o psicológico dela. Ela, a J., tinha sido machucada fisicamente e eu, fiquei machucada mentalmente por ver e saber o que aconteceu com ela... Sabe?

Porque no dia que ela chegou em casa toda machucada, ela tinha um buraco na cabeça, que um menino fez nela e ela simplesmente só queria dormir, tipo, ela não estava nem chorando quando ela chegou, simplesmente ela estava conformada com o que tinha acontecido com ela e ela simplesmente só queria dormir e se eu não estivesse acordada, se eu não estivesse em casa na época, ela provavelmente teria morrido na cama, porque a gente só foi ver que ela tinha um buraco na cabeça porque tinha muito sangue vivo no travesseiro, tinha uma quantidade gigante no travesseiro, que eu até acho engraçado que essa menina não precisou fazer uma transfusão de sangue, ela perdeu muito sangue e aí levaram ela para o médico. Fizeram tudo que tinha que fazer, e ela estava conformada, literalmente ela não se importava com o que aconteceu com ela, só que comigo foi diferente.

Escrever esta dissertação tem sido um ato constante de rememoração, uma vez que, ao realizar o processo de transcrição, vivencio novamente as sensações que tive ao ouvir cada relato da jovem Mar. Para tanto, neste momento, recordo-me do impacto que senti ao ouvir sobre a violência cometida contra a jovem J., e me lembro que Mar tinha lágrimas nos olhos ao término desse relato, e também um olhar de desamparo, como se estivesse revivendo o momento em que encontrou sua amiga deitada com a cabeça coberta por sangue... Mar chorou por um tempo, então estendi minha mão como uma tentativa de ampará-la. Mar retribuiu ao meu gesto, segurou em minha mão, e me agradeceu pelo gesto de carinho. Nesse momento, fui eu quem precisei de uma pausa, para respirar e encher os pulmões de ar, antes de seguirmos...

Diante do exposto, penso em toda a perversidade perpetrada diariamente contra os corpos das pessoas subalternizadas. O termo **subalternizado** é utilizado em referência ao artigo de Gayatri Chakravorty Spivak, “Pode o Subalterno Falar?” (2018), onde a autora aponta que o “sujeito subalterno é aquele pertencente às camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (SPIVAK, 2018, p. 13). Portanto, a condição específica das mulheres LBT racializadas e do terceiro mundo, mediante opressão sistêmica e do processo de subalternização histórico, parece estar inserida no lugar da inferioridade, da desumanização e do sentimento de ser dispensável socialmente.

Conforme afirma de Audre Lorde,

Grande parte da história ocidental europeia nos condiciona a ver as diferenças humanas como oposições simplistas: dominante, subordinado, bom/mau, em cima/embaixo, superior/inferior. Em uma sociedade em que o bom é definido em relação ao lucro, e não a necessidades humanas, deve sempre existir um grupo de pessoas que, mediante opressão sistêmica, pode ser levado a sentir-se dispensável, o lugar do inferior desumanizado. Nessa sociedade, esse grupo

é formado por pessoas negras e do Terceiro Mundo, pela classe trabalhadora, pelos idosos e pelas mulheres (LORDE, 2019, p. 141).

É neste contexto social que as instituições e pessoas que se permitem à reprodução das atitudes conservadoras criam e oficializam condutas que demarcam barreiras, engendram o medo, o sufocamento e uma educação que ensina as mulheres a aceitarem, sem questionar e em silêncio, as mais diversas opressões. Os silenciamentos e subalternização de corpos são construídos por determinação e imposição de uma voz única, hegemônica, dominante, que se utiliza dos mais perversos mecanismos⁹, como o racismo, a LGBTfobia, o sexismo, o machismo, a gordofobia, a misoginia – e no caso da jovem J., e de tantas outras – a violência física, para infligir as mais diversas violências sobre corpos de mulheres. Em outras palavras,

Silenciam nossas línguas, precarizam nossa respiração, furam nossos olhos e depois azulejam nossa carne que ainda sangra. Produzem uma ciência que serve, tecnologicamente, em sua cara falsamente neutra, aos interesses do capital e do neoliberalismo. Para isso, devem matar todos os conhecimentos dos grupos subalternizados, colonizados, como das pessoas, negras, indígenas, os latinos, americanos, africanos e asiáticos; e os das mulheres todas, das bichas e sapatões, das travestis e transgêneres (MENDONÇA, 2020, p. 36).

Diante do constante “azulejar de nossas carnes”, dos silenciamentos de nossas histórias, da propagação dos discursos de ódio embasados nas perspectivas religiosas, do cerceamento de nossos corpos e de nossas existências, mais uma vez, cabe a pergunta: quais são os corpos que podem existir, respirar e amar?

Lésbicas, gays, bis, trans, travestis/Pedem acesso ao estudo, vida, trabalho e futuro/Somos iguais em direitos/Mas não são iguais no sofrer/e quando ligar a tv, comédia, piada, clichê é sempre o estereótipo que querem promover/[...] Todos juntos queremos/Acabar com o medo/Direito ao nome social/Mas que fundamental/Em nome de Deus a transfobia é institucional (HANSEN, 2017).

Profundamente abalada com a situação de sua amiga J. que foi espancada na rua por um “menino”, conforme relato, Mar conta que passou a ter crises de pânico e as crises a impediam de sair de casa e de conseguir apagar as luzes, nem na hora de dormir. As crises eram motivadas pela sensação de que ela sofreria a mesma violência perpetrada contra J. Com dificuldades de superar essas crises, Mar buscou ajuda psicológica.

⁹ Estas vozes podem se fazer presentes por intermédio de sujeitos homens, heterossexuais, brancos, ricos, líderes políticos ou ocupantes de cargos de grande relevância na estrutura social, mas também por instituições criadas por essa mesma aristocracia. Ou seja, os silenciamentos podem ser perpetrados como mecanismos normativos destas instituições, o que acaba por compor o cerco de violências sociais a que são submetidas as jovens que necessitam do acolhimento e cuidado do estado.

Nesse sentido, um estudo desenvolvido para analisar as consequências da LGBTfobia na vida das pessoas LGBT aponta que há uma relação intrínseca entre quadros depressivos e o impedimento de experiência plena da dimensão afetivo-sexual não heterossexual ou de identidades de gênero que rompem com a cisnormatividade (TAGLIAMENTO *et al*, 2020). É o que parece demonstrar o relato abaixo.

Eu acabei desenvolvendo crise de pânico e, nesses três meses, durante todo o tempo antes dela sair de casa, eu não conseguia sair, eu não conseguia ter contato com homens mais velhos, não conseguia sair de casa e quase toda a noite eu tinha que dormir com a metade da casa acesa porque eu não conseguia apagar as luzes, porque na minha cabeça, ia acontecer alguma coisa ruim comigo. Então chorava muito, tinha muitas crises de pânico, ataques de ansiedade, tanto que eu ligava muito para a minha psicóloga de madrugada e ela passava quase uma hora comigo no telefone, até que eu parasse de chorar, coisas assim sabe...? Isso foi bem difícil para mim, saber que a minha amiga J. saiu de casa e foi morar na rua. A última vez que me falaram dela, ela estava morando na Cracolândia.

Para conseguir sair dessa, eu comecei a passar por uma outra psicóloga, porque eu passava pela psicóloga lá da casa, só que como eu estava muito acima do que ela podia ajudar, eu comecei a passar por uma outra psicóloga e por psiquiatra. Eu comecei a tomar remédios para baixar um pouco os ataques e as crises de ansiedade e aí, quando eu finalmente achei que eu estava recuperada, eu desenvolvi transtorno alimentar. Por conta disso, eu ainda sigo na terapia e passo no psiquiatra. Ele é maravilhoso. Estou conseguindo me recuperar, me sinto bem melhor.

A experiência de Mar aponta para a importância de se discutir o cuidado e a saúde mental das pessoas trans, que são constantemente estigmatizadas pela sociedade e que, muitas vezes, passam por grandes traumas. Nesse sentido, para além de ter vivenciado um processo traumático, ao presenciar sua amiga com machucados profundos resultantes de uma agressão severa, Mar viu-se também diante de uma perspectiva assustadora, o fato de também ser vista como uma mulher trans e, desta forma, considerada como “anormal” dentro dos padrões cisheteronormativos. Portanto, Mar seria uma vítima em potencial dos mecanismos de opressões e silenciamentos impostos às mulheres transexuais.

É possível perceber que as pessoas travestis e transexuais são discriminadas e hostilizadas em função de ser acreditado que a identidade de gênero está relacionada ao gênero que foi designado no nascimento e, portanto, aquilo que foge do “natural” deve ser considerado “anormal”, a partir de uma matriz cisheteronormativa (TAGLIAMENTO *et al*, 2020, p. 11).

Penso o quão difícil foi/é para Mar carregar tantas memórias sobre abandonos e violências e, por conta disso, ter que viver em movimento constante de superação desses processos traumáticos, iniciados a partir de seus 12 anos, quando viu sua “família perfeita” se desestruturando, conforme o relato seguinte.

Caminhando para o final de nossa conversa, Mar parecia estar bastante satisfeita/satisfeito com a perspectiva de que sua trajetória ficará registrada nesta dissertação. Conforme mencionou no início, assim que nos cumprimentamos e sem que estivesse gravando, Mar disse que estava muito feliz em poder contribuir para que outras pessoas trans que vivenciaram o processo de institucionalização e processos de abandonos e violências pudessem encontrar na narrativa de parte de sua trajetória a motivação para superar as violências perpetradas contra elas.

Mar deixou para aprofundar suas questões familiares nos momentos finais de nossa conversa. Acredito que essa escolha foi motivada pelo fato de que, ao recordar os acontecimentos ligados a sua família, Mar sabia que, conseqüentemente, poderia reabrir feridas ainda não cicatrizadas e que ainda a causam dor... E foi com os olhos lacrimejantes, e em um aparente movimento de resistência, que Mar me contou que nasceu em uma cidade do interior e cresceu em uma família bem estruturada, até que sua mãe e seu padrasto decidiram se separar. Sua mãe foi morar na casa de uma amiga, levando com ela Mar e seu irmão mais velho, e deixando com seu ex-companheiro a irmã mais nova de Mar. A partir desse momento, o irmão de Mar passou a se envolver com drogas e, depois de um período, a mãe de Mar foi embora e a/o abandonou. Este fato resultou em uma série de processos violentos vivenciados por Mar, incluindo o de ficar em situação de rua até a sua chegada e permanência nos abrigos de acolhimentos pelos quais passou.

Nós sempre moramos em uma cidade do interior... A gente tinha uma boa relação. A gente era como a família perfeitinha do bairro. Uma mãe, um pai, três filhos e um cachorro... essa era nossa família feliz...

Por parte de mãe, tenho mais dois irmãos, que é o A. que é mais velho e a C. que é filha do meu padrasto, que é a mais nova... era tudo perfeito! Não existia violência. Minha mãe sempre foi muito amorosa e eu sempre fui muito apegada a ela, só que... um dia ela começa a trabalhar e a voltar a estudar para terminar a escola. O trabalho dela era com eventos... Um dia, ela quis terminar com o meu padrasto e foi um término bem complicado...Ninguém esperava que o relacionamento deles acabasse... e aí meu padrasto ficou com a minha irmã mais nova, e eu e meu irmão foi morar com a minha mãe na casa de uma amiga dela. Aí meu irmão começou a usar e vender drogas.

Minha mãe me tirou da escola e simplesmente sumiu... ela não deu mais sinal de vida, e só apareceu novamente quando eu já estava no abrigo. Ela foi atrás de mim, só que foi muito estranho eu ver ela depois de tanto tempo, porque como eu tive muitas perdas, eu trabalhei isso muito na terapia, a minha psicóloga disse que a minha cabeça ela funciona assim, sempre que alguém se afasta, eu esqueço, tipo os sentimentos que eu tinha por essa pessoa... e quando minha mãe voltou, foi como se eu não a conhecesse. Nem a aparência dela era igual, e foi como se eu tivesse com um livro em branco... não tinha nada... e aí ela veio com um monte de promessas, falou muita coisa, só que como eu estava meio que vacinada de tanta gente que tinha saído da

minha vida, eu realmente não tinha nem um pingo de sentimento por ela... é estranho falar isso, mas eu então não botei muita fé nas promessas dela, e realmente eu estava certa, porque depois ela sumiu de novo...

Quando ela nos deixou, ficamos na casa de uma amiga dela. Fiquei quase que dois meses lá... porque essa amiga tinha os filhos dela também, que a gente chamava tudo de primo, tinha acho que tinha uns 12 primos, uns 12 filhos assim... já era muita criança e ainda receber mais duas que não são dela... foi aí que eu fui morar com a minha avó e teve todo aquele problema e eu fui para o abrigo... Eu sempre quis voltar a ter aquela família "felizinha" no começo, sabe? Só que depois de tanto tempo chorando e passando a vivência com a minha avó, que era uma pessoa muito fria... não tinha nem abraço, não tinha nem "eu te amo", e essas coisas... então fiquei enrijecida com isso, e aí quando minha mãe voltou, eu só aceitei vê-la porque as técnicas falaram que ela queria muito me ver.

Eu já imaginava que ia ser assim, porque os meus pais, tanto o meu pai de sangue, quanto meu padrasto e minha mãe, tinham essa mania sabe, de sumir... eu já estava acostumada ao meu pai fazendo isso, então quando ela veio eu já imaginei que ela ia fazer de novo e foi o que realmente aconteceu...

De vez em quando eu falo com a minha irmã mais nova, mas faz anos que eu não a vejo e meu irmão mais velho a última vez que eu fiquei sabendo dele, que me enviaram e me contaram que ele estava morando na rua, morador de rua... a única pessoa que eu tenho vínculo atualmente, mas é bem fraco é com meu pai de sangue. Mas eu não boto muita fé nele porque logo, logo ele some de novo... ele me trata bem, ele tenta se esforçar, mas eu não consigo botar muita fé nele, então eu não tenho muita esperança... atualmente eu tenho mais contato com os meus parentes de outra cidade, que são a mãe dele e tal... só que nem eles gostam muito do meu pai, então eu passo mais tempo com eles do que com meu próprio pai...

No começo, logo que eu cheguei no abrigo eu pensei que poderia ser adotada, só que quem adota uma criança de 13 anos? São pouquíssimos casos, isolados mesmo sabe... geralmente, quem quer adotar, procura mais por crianças... então eu nunca botei muita fé nisso... nunca... Mas eu gostaria de fingir por uns dias que tenho uma família de verdade... Eu não vou negar... só que ao mesmo tempo que sinto saudade da época que eu era criança, eu percebo o quão errada aquela história começou... então, eu acho melhor cada um ficar no seu canto, para não acontecer novas besteiras... É, por isso que talvez eu nunca faça laços de amizades por muito tempo sabe, por conta de todo esse processo de sempre entra e sai na minha na vida, então meio que fico mais blindada para não sofrer tanto...

Mesmo no meu trabalho, eu evito muito estabelecer vínculos... eu converso com muita gente, dou risada, mas é aquela coisa... só no trabalho mesmo, fora do trabalho, não sou muito assim não... Sempre tem um ou outro que eu gosto de sair conversar, mas não é nada muito afetivo... eu gosto de deixar os laços afastados, porque é aquela coisa que eu já conheço, todo mundo que faz amizade comigo, no curso ou trabalho, quando acho que seremos melhores amigos para sempre, depois é cada um para um canto e eu fico sozinha de novo.

Com as pessoas do meu trabalho mesmo, a gente não consegue ter um contato fora do trabalho, porque principalmente quem trabalha a tarde, eu tenho bastante amizade com o pessoal da tarde, mas é difícil nos encontrarmos, porque eu saio do trabalho quase 11 horas, e chego em casa quase meia noite. Durmo, acordo e já tenho que voltar para o trabalho, não tem um vínculo muito forte! Até pessoas que eu tinha um vínculo forte antes

de começar a trabalhar, atualmente não tenho mais... eu não consigo manter contato.

Todos esses relatos reforçam a importância de análise das categorias das desigualdades de modo indissociável, uma vez que as memórias da narradora retratam questões referentes a sua classe, a sua sexualidade, a sua identidade de gênero e a sua raça, sem que nenhuma categoria apague a outra, pelo contrário. Ao retratar a condição de vulnerabilidade em que se encontrou a partir do momento que foi abandonada pelos seus pais, passou a morar com a avó. Em seguida, foi morar com a tia, que acabou expulsando Mar de casa. Desta forma, a jovem passou a viver em situação de rua. Mar solicitou abrigo e, depois de ter sido atendida em sua solicitação, até porque sua condição de abandono era notória, ainda passou por duas trocas de abrigo. As trocas de abrigo foram motivadas primeiramente porque a instituição em que ela se encontrava foi fechada por acusação de corrupção, fazendo com que ela/ele fosse transferida/transferido para outro abrigo. Este abrigo, pouco tempo depois, também foi fechado por denúncias de violências contra as jovens abrigadas. Ao chegar à maioridade legal, Mar se viu novamente em situação de abandono, visto que precisava deixar o abrigo e não tinha para onde ir.

Apesar de Mar estar hoje trabalhando, existem outras experiências que implicam diretamente na produção desta sensação de solidão e incapacidade, algo que é vivenciado por muitas das jovens que passam por este processo de acolhimento/desacolhimento. Como consequência, algumas destas jovens saem dos abrigos e são encaminhadas para repúblicas jovens até que consigam alguma estabilidade financeira, arrumem parceiras(os), ou encontrem outros caminhos que as façam sair dessas repúblicas. Caso nada disso aconteça, elas precisam sair ao completar 21 anos. No caso de Mar, no período em que foi entrevistada para esta pesquisa, ela tinha acabado de conseguir alugar uma casa para morar. Foi dessa forma que ela/ele deixou definitivamente o sistema de acolhimento. E sua história continua...

6 PAGANDO COM O ABANDONO

Estamos aqui, porque nós temos um projeto de país, um projeto de país onde uma mulher negra possa acessar e permanecer em diferentes espaços de tomada de decisão, sem ter sua vida ceifada com cinco tiros na cabeça.

(...) Um projeto de país em que negros, brancos, indígenas, populações tradicionais, e todas as pessoas independentemente de sua raça, cor, etnia, gênero e sexualidade tenham seus direitos constitucionais garantidos, e sejam tratados com dignidade e igualdade de oportunidades (FRANCO, 2022).

Eis que chega janeiro de 2023, e com ele mais um findar de tarde, final de uma tarde chuvosa de janeiro, final de mais um dia de escrita... Neste momento, encontro-me nas etapas finais de um processo intenso, meu processo de mestrado, processo que foi atravessado por tantas coisas, dentre elas, pelo início do terceiro mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, democraticamente eleito com 60.345.999 de votos, mandato marcado por uma posse presidencial histórica. No dia 01 de janeiro de 2023, o presidente Lula subiu a rampa para receber sua faixa presidencial, cercado por pessoas minorizadas, dentre elas mulheres, pessoas negras, pessoas trabalhadoras, pessoas idosas, crianças, pessoas indígenas, e pelo jovem Ivan Baron, que é uma pessoa portadora de deficiência e influenciador digital. Com milhares de seguidores, Ivan faz uso de sua popularidade nas redes sociais para difundir a luta anticapacitista¹⁰ e também participou ativamente da campanha do presidente eleito. Assim, o presidente recebeu a faixa “das mãos do povo brasileiro” e a faixa foi colocada por uma mulher negra, Aline Sousa, de 33 anos, que trabalha como catadora desde os 14 anos e atua como presidente da Rede CentCoop-DF, além de ser responsável pela Secretaria Nacional da Mulher e Juventude da Unicatadores.

Acredito que essa posse presidencial foi memorável para muitas de nós, foi uma convocação para seguirmos lutando e construindo resistências. Portanto, é importante que esse momento histórico seja retratado aqui, visto que essa dissertação tem também como objetivo falar sobre resistências, especialmente sobre as possíveis resistências construídas por três jovens mulheres LBT que vivenciaram o processo de acolhimento institucional.

¹⁰ Segundo a explicação de Pérola de Souza, aluna do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPA (PPGCOM), o capacitismo está para as pessoas com deficiência da mesma forma que o racismo para as pessoas negras, o machismo para as mulheres, a LGBTfobia para os LGBTQIA+. É uma tradução da palavra inglesa “ableism” e tem o papel de expressar e sintetizar a ideia de “discriminação por motivo de deficiência”. Em termos científicos, o capacitismo se baseia na noção de que existem certos tipos de pessoas e padrões corporais que são “normais”, isto é, típicos da espécie humana. Como a deficiência destoa dessa corponormatividade, para o capacitismo, a pessoa com deficiência é um estado diminuído de ser humano, alguém inferior que deve ser “curado”, “reparado”, “reabilitado”.

Entretanto, pouco dias após a posse do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, mais precisamente no dia 08 de janeiro, bolsonaristas invadiram e depredaram o Congresso Nacional, o Supremo Tribunal Federal e o Palácio do Planalto. As imagens amplamente divulgadas por diversos meios de comunicação retratavam-nos vestidos de verde e amarelo, aos gritos, derrubando grades, depredando tudo o que encontravam pela frente, agredindo policiais e até um cavalo. Durante todo o ato, muitos desses terroristas filmaram e divulgaram imagens da invasão em suas redes sociais. O cenário era estarrecedor e, novamente, fomos convocadas a seguir com nossas lutas e resistências, agora em defesa da manutenção da democracia e em combate ao fascismo que nos espreita há tempos.

Em resposta aos atos terroristas, o presidente Lula fez um pronunciamento e anunciou “decreto a intervenção federal no Distrito Federal, com o objetivo de pôr termo ao grave comprometimento da ordem pública” (LULA, 2023). Desde então, diariamente são anunciadas prisões de pessoas que participaram de alguma forma do referido ato, inclusive prisões de pessoas ligadas ao alto escalão do governo anterior. Mas sigamos em estado de alerta, afinal são muitas ameaças que ainda nos rondam.

O mês de janeiro também nos reservou mais um dia memorável, o dia das posses das ministras Anielle Franco e de Sônia Guajajara, no dia 11 de janeiro de 2023. Sônia Guajajara, primeira deputada federal indígena eleita pelo estado de São Paulo, foi empossada como ministra dos povos indígenas e, em sua fala, reafirmou seu compromisso com as lutas dos povos indígenas e com a promoção de uma cidadania indígena efetiva. Apontou que “isso não se faz sem demarcação de territórios, proteção e gestão ambiental e territorial, acesso à educação, acesso e permanência à universidade pública, gratuita e de qualidade, ampla cobertura e acesso à saúde integral” (GUAJAJARA, 2023).

Anielle Franco, ao se apresentar, se denomina educadora, jornalista, escritora, feminista preta, mãe de meninas, doutoranda, diretora do Instituto Marielle Franco e irmã de Marielle¹¹. Anielle foi empossada como ministra da Igualdade Racial. Quando ela foi chamada ao palco e começou a falar, eu, que acompanhava a cerimônia atentamente pela tela do meu computador, não pude conter as lágrimas, de emoção e de alegria também, alegria em ver duas mulheres com as trajetórias marcadas pelas categorias das desigualdades, ocupando lugares tão significativos e anunciando em suas falas seus compromissos com as pessoas que representam e com todo o povo brasileiro.

¹¹ Esta é a maneira como Anielle costuma se apresentar em entrevistas, redes sociais e na totalidade de falas públicas que profere.

Figura 7 - Sônia Guajajara, Dilma Rousseff, Janja Lula da Silva, Luiz Inácio Lula da Silva e Anielle Franco - crédito: Ricardo Stuckert/Lula



Fonte: Correio Braziliense, 12 jan. 2023. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2023/01/5065636-anielle-franco-e-sonia-guajajara-novas-ministras-tem-perfis-de-luta-e-historia.html>. Acesso em: 15 fev. 2023.

Novamente, fui invadida pelas forças das memórias daquelas que vieram antes de nós, pelas memórias da existência de Marielle que, segundo consta na página do Instituto Marielle Franco, era uma mulher, negra, mãe, filha, irmã, esposa e cria da favela da Maré. Socióloga com mestrado em Administração Pública, foi eleita Vereadora da Câmara do Rio de Janeiro, com 46.502 votos (INSTITUTO MARIELLE FRANCO, 2023). Marielle foi morta no dia 13 de agosto de 2018, após o carro em que estava junto com o motorista Anderson Pedro Gomes ser alvejado por 13 tiros. O mandante do crime segue sem ser revelado e impune. Entretanto, sua memória não será esquecida.

Quem mandou matar Marielle mal podia imaginar que ela era semente, e que milhões de Marielles em todo mundo se levantariam no dia seguinte. Quem mandou matar Marielle mal podia imaginar que ela era semente, e que milhões de Marielles em todo mundo se levantariam no dia seguinte (INSTITUTO MARIELLE FRANCO, 2023).

Marielle, presente! Dandara dos Santos, presente! Luana Barbosa, presente! Menina Ágatha, presente! Pessoas minorizadas assassinadas neste país em decorrência de crimes de ódio, presentes!

Ouçamos o ecoar das memórias de todas elas, para que sigamos fortalecidas em nossas lutas. Segundo a definição do dicionário Houaiss, memória “é aquilo que ocorre ao espírito como resultado de experiências já vividas; lembrança, reminiscência”. Para esse texto cabe o conceito de memórias trazido pelas teorias feministas, embasado na importância de contarmos as histórias de vidas, de lutas e de resistências daquelas que vieram antes de nós, de modo a rompermos com os apagamentos e silenciamentos perpetrados contra nossos corpos.

Para tanto, a última trajetória apresentada nesta dissertação, é a narrativa de uma mulher bissexual de 19 anos de idade, negra, trabalhadora, periférica, que aqui chamaremos de Raio, buscando preservar sua identidade. Ressalto que, por conta de uma anquiloglossia¹², Raio apresenta bastante dificuldade de fala, fato que não a impediu de contribuir o máximo possível para a realização dessa entrevista, empenho demonstrando em sua fala inicial *“boa tarde, eu tenho 18 anos e estou disposta a compartilhar tudo que for ajudar nessa pesquisa”*...

Raio foi buscar acolhimento após ter sido vítima de violência sexual. O abusador é o seu pai e, depois de ter feito a denúncia, foi desacreditada por sua família, que se voltou contra a jovem. Sem ter para onde ir, Raio foi ao Conselho Tutelar. A partir daí, foi encaminhada para um abrigo de acolhimento, onde esteve institucionalizada de 2019 até meados de 2022. Como ela nos conta: *“no abrigo em que eu estava, tinham crianças e adolescentes. Era tudo misturado... Quando eu saí, depois de dois anos, fui morar em uma república, mas também fiquei só por quatro meses lá, depois fui embora para morar com meu namorado...”*

Meu contato com a jovem Raio se deu por meio de uma indicação de uma psicóloga que participa de redes de apoio voltadas a jovens desinstitucionalizados. Raio respondeu prontamente ao meu contato, demonstrando empolgação em contribuir com a minha pesquisa, mas também me alertou que não estava bem de saúde e precisamos remarcar nossa conversa por duas vezes por conta de seus mal-estares.

Assim que Raio se sentiu fortalecida e recuperada, conseguimos agendar nossa conversa. Nosso encontro aconteceu em uma tarde de inicialmente muito calor e céu limpo, mas logo depois o céu foi encoberto por nuvens e uma tempestade se formou, com muitos raios, trovões, ventos e chuvas intensas, fato que me trouxe a memória a jovem Gaia, pois também nos encontramos em um dia tempestuoso. Mas essa não é a única semelhança entre Gaia e Raio.

¹² O termo refere-se à condição congênita denominada de freixo lingual, que conecta a língua ao assoalho da boca e pode apresentar alterações em sua extensão, fixação e espessura, resultando em dificuldade de articular a fala.

Isto é, tristemente, ao longo das narrativas de Raio, identifiquei muitas semelhanças entre as violências e as negligências vivenciadas por elas e pela/pelo jovem Mar.

Raio chegou tímida, desviando o olhar, e dizendo que gostaria de me contar algo: ela estava grávida, por isso os mal-estares contínuos. Ao falar sobre sua gravidez, Raio demonstrou ansiedade e um certo desespero. Nesse momento, eu ainda não havia iniciado a gravação... Aos poucos, Raio foi deixando a timidez de lado e passou a falar olhando diretamente em meus olhos. Durante toda conversa suas respostas foram bem pontuais e objetivas, e em alguns momentos acelerava um pouco a fala, e gesticulava com maior intensidade...

Eu fui acolhida porque meu pai abusava de mim, e eu não tinha a quem recorrer, porque minha família não me apoiava, não acreditava em mim. Eles falavam que a culpa do que tinha acontecido era minha, e justificaram isso falando que era por causa das roupas que eu vestia, e tudo... e aí me deram duas escolhas: ficar na rua ou ir para o abrigo de acolhimento. E eu escolhi o abrigo. Minha família disse que eu deveria escolher a rua ou o abrigo. E eu fui procurar um abrigo... Fui para o abrigo e fiz a denúncia do meu pai.

Eu já conhecia um pouco de como funcionava o abrigo. Conteí tudo e acionaram o Conselho Tutelar, eles me perguntaram se eu tinha certeza da minha decisão de não ficar com a sua família, e eu disse que tinha, afinal eles não acreditaram em mim... E logo, me encaminharam para um abrigo. Eu cheguei lá e as cuidadoras me deram roupa limpa, falaram que eu podia tomar banho...

Antes, morávamos apenas eu e meu pai... eu cheguei a morar com a minha irmã um período também, mas discutíamos muito, por causa da minha sexualidade, por eu ser bissexual, aí fui morar com meu pai. Ela era homofóbica... a nossa família era crente, era super religiosa, do tipo homem é para mulher, e mulher é para homem, não tem outra opção. E eu sempre falava que temos livre arbítrio, se eu quiser ficar com mulher eu fico, se eu quiser ficar com homem eu fico, a escolha é minha, é nós sempre discutimos por causa disso... meu pai também não era liberal, mas a gente não discutia tanto, porque eu já sabia como ele era, então eu evitava falar com ele sobre isso, eu sabia que ia dar merda...Então, eu era mais cautelosa.

[...]A minha mãe é moradora de rua, desde 2014 que não a vejo. A última vez que a vi foi no velório da minha vó... eu morei com ela quando eu era bem pequena... meu pai batia nela, a espancava, pelo fato dela usar drogas... aí ela foi morar na rua. Eu nem sei se ela está viva ou morta... e eu só tenho uma irmã, e fui morar com ela depois que minha vó faleceu, porque eu ficava mais com a minha vó. Até que minha vó faleceu, e eu fui morar com a minha irmã. Depois, brigamos e fui morar com meu pai por dois anos...

De forma bastante objetiva, a jovem Raio adentrou a questão de ter sofrido violência sexual e relatou sobre as violências sofridas por causa de sua sexualidade, uma vez que se entende e apresenta-se como uma mulher bissexual. Portanto, ressalto aqui a questão das violências impostas às pessoas bissexuais, motivadas pela fala de Raio.

Jaeger *et al.* (2019) discorrem sobre a necessidade de olharmos também para as questões dos apagamentos e das erotizações atribuídas à bissexualidade, e que estão presentes não apenas no contexto da heterossexualidade, mas também nos movimentos LGBT. Ainda nessa perspectiva, as autoras afirmam que, no contexto atual, a bissexualidade tornou-se uma espécie de termo “guarda-chuva”, utilizado para se referir à sexualidade de pessoas que sentem atração sexual e/ou afetiva por mais de um gênero, o que inclui também outras identidades não monossexuais, como panssexualidade, polisssexualidade e sexualidade fluida.

Se observarmos a questão das bissexualidades, por exemplo, percebemos que as mesmas costumam ser ininteligíveis e consideradas como falhas pelas normas presentes no contexto heterossexual e homossexual. Assim, sob a lente de um regime de verdade monossexual, a sexualidade das pessoas bissexuais costuma ser erotizada, entendida como falsa e inexistente, ao mesmo tempo em que suas práticas e discursos são marginalizados, silenciados e excluídos (JAEGER *et. al.*, 2019, p. 12).

É nesse sentido que a bissexualidade perpassa intensamente nas experiências e memórias de Raio. É uma trajetória permeada por violências, visto que sua mãe era usuária de drogas e era espancada frequentemente pelo pai, até que ela foi embora de casa, ficando em situação de rua. Então, Raio foi morar com sua avó, que depois de um tempo faleceu. Nesse período, Raio decidiu mudar-se para a casa de sua única irmã, mas, por conta de ter revelado sua sexualidade, Raio e a irmã entravam em constantes conflitos. Segundo Raio, “sua irmã era homofóbica” e muito religiosa, portanto não aceitava a sua bissexualidade e a relação das duas tornou-se insustentável. Raio teve que deixar a casa da irmã, voltando a residir na casa de seu pai, que já tinha um histórico de violências cometidas contra a mãe de Raio.

6.1 INÍCIO DOS ABUSOS

Confesso que logo nos momentos iniciais da minha conversa com Raio precisei inspirar profundamente, buscando ar para respirar, para senti-lo entrar em meus pulmões e, novamente, senti-me atravessada por uma narrativa que me provocou o desejo de que a humanidade seja (des)(re)construída! Estava novamente diante de uma jovem que sofreu a mais perversa das violências de gênero, o estupro. Foi crime cometido na casa onde morava, enquanto dormia, por seu pai... E mais uma vez me deparei com um relato de violência intrafamiliar, assim como nos casos das violências sofridas por Gaia. Outra vez foram violências cometidas por pessoas com quem tinha laço consanguíneo ou com quem dividia o ambiente familiar.

Nessa perspectiva, os estudos de Florentino (2015) e Habigzang (2005) sobre os impactos das violências sexuais cometidas contra crianças dentro das estruturas familiares,

apontam que o fato de os crimes sexuais serem praticados por pessoas que compõem a rede familiar dificulta muito a ruptura dos ciclos de violências, porque as vítimas sentem vergonha, acham que não devem revelar o que acontece dentro de suas casas e são frequentemente ameaçadas por conta da proximidade com os abusadores. Some-se a isso o fato de que, em alguns casos, existe uma rede familiar que compactua com os silenciamentos impostos às crianças que sofreram violências sexuais.

Eu comecei a ser abusada por ele quando ele tinha uns ataques de raiva, tipo, eu dormia e sentia ele pegando em mim, só que eu pensava que não era possível, eu devo estar sonhando, e eu voltava dormir... eu fui trouxa... até que quando eu completei dezesseis anos, e ele fez novamente e eu falei agora acabou, então abri a boca para todo mundo, e até a pessoa para quem eu fiz a denúncia, viu um chupão no meu pescoço, e disse “a culpa foi sua”, e o delegado concordou...

Não aconteceu absolutamente nada com ele, ele está vivendo a vida dele, enquanto eu perdi dois anos da minha vida me escondendo dele, porque eu não conseguia nem ir para a escola, porque eu pensava que estaria na rua e que ele iria me ver... ele me ameaçava, batia a minha cabeça na parede...

Quando foi encaminhada para o sistema de acolhimento, nem exames eles solicitaram de mim, para ver como eu estava... o delegado nem sequer pediu exames. Ele duvidou de mim, disse que meu pai não faria aquilo. Eu fui sozinha denunciar ele, e estava com as roupas rasgadas...

Mesmo depois que eu fui acolhida, ninguém fez literalmente nada sobre isso, ninguém deu continuidade ou atenção à minha denúncia, porque quando você já está dentro do abrigo, o sistema te larga, afinal você já está lá mesmo, e só tem duas opções: ser adotada ou voltar para a família, e eu sabia que não seria adotada, e voltar para a família não era uma opção...

Os relatos sobre a violência sofrida por Raio em uma delegacia, ao tentar denunciar o crime que sofreu, e a impunidade de seu agressor, corroboram com o apontamento feito pela desembargadora do Tribunal de Justiça de São Paulo e cofundadora da Associação Juízes para a Democracia, Kenarik Boujikian, ao falar sobre o processo de retimização que as mulheres sofrem ao denunciarem violências sexuais sofridas.

A baixa punibilidade é um padrão, como consta de relatório da Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH); há pouca utilização do Sistema de Justiça pelas mulheres vítimas, que não depositam confiança nas instâncias judiciais, o que acaba por reforçar a insegurança. Perpetua-se, assim, a naturalização da violência sexual contra as mulheres. A subnotificação dos crimes sexuais é uma realidade mundial (BOUJIKIAN, 2021).

Outro exemplo da perpetuação da naturalização das violências contra as mulheres é o caso da jovem Mari Ferrer, que foi vítima de violência sexual e que, durante o julgamento de seu caso, foi constrangida inúmeras vezes, tendo suas fotos profissionais realizadas como modelo usadas como justificativa para o estupro que sofreu, pois, segundo o advogado de

defesa, as fotos eram “ginecológicas”, entre outros absurdos. Para além disso, o acusado foi absolvido, afinal o crime foi tipificado como “estupro culposos”, quando não se tem a intenção de cometer o crime (ADFAS, 2020).

Essa é a experiência que parece ter sido vivida por Raio, a revitimização, o sentimento de culpa, o silenciamento. Diante das violências sofridas, seguem as memórias do abrigo, novas experiências, novas dores e outras resistências são lembradas.

6.2 MEMÓRIAS DO ABRIGO

Lá dentro do abrigo, tenho lembranças de várias coisas boas e ruins...tinha o apoio da maior parte das cuidadoras do abrigo, porque o sistema não está nem aí... mas também os maus tratos, que por mais que você esteja ali para ser protegida, não é isso que acontece.

Já presenciei certas pessoas pagando para acolhidas maiores, baterem nas crianças, porque alegavam que as crianças estavam incomodando, deixar o portão aberto para crianças fugirem.

Teve uma menina que se cortava, e ela pegou uma faca, e uma pessoa falou assim “você gosta de se cortar? Então me dá aqui que eu corto para você...”

Teve um outro caso que... um voluntário uma vez... Tinha uma coordenadora lá, aí essa coordenadora colocou uma monte de câmeras lá, porque essa coordenadora era perita criminal, ela começou a desconfiar, por isso ela colocou as câmeras... e surgiram imagens de um homem que ocupava um cargo alto no abrigo, passando a mão em uma acolhida... e foi um fuzuê. Mas nem isso se tornou público, pelo contrário, foi abafado... eles sempre davam um jeito de encobrir. Sempre! Inclusive, mandaram essa coordenadora embora, porque mexeu com um homem poderoso, e ele perseguiu ela lá dentro. Até hoje eu não consigo entender essas coisas, e é muito difícil de falar sobre isso...

Por intermédio destas memórias/depoimentos apresentados nesta pesquisa, não só por Mar, mas por Raio e Gaia, é possível identificarmos uma precarização estrutural que resulta em operações muito violentas por parte dos abrigos de acolhimento. Quando não, o despreparo das pessoas contratadas – responsabilidade de quem as contrata e não dos indivíduos contratados – é que resulta em rompimento com os parâmetros protetivos, como o caso do cuidador que deixou o portão aberto para que as jovens fugissem. Do mesmo modo que as atitudes individuais demonstram despreparo de algumas pessoas que trabalham nesses abrigos, por outro lado, as jovens também relatam uma acolhida humana por parte de algumas pessoas.

Eu me lembro de algumas cuidadoras, de eu estar chorando muito e poder contar com algumas delas, como no dia que eu cheguei, eu não consegui dormir direito, estava com muito medo, medo do meu pai...eu só pensava “ele vai me achar”, e uma cuidadora deitou ao meu lado e ficou cantando para eu conseguisse dormir...

A discrepância de idade entre as abrigadas também é fruto de muita reclamação entre as jovens, sobretudo porque isso acentua a disputa entre elas, ou mesmo dificulta que tenham conversas sobre temas que não cabem às crianças menores, como o caso de discussões sobre sexo e sexualidades. São temas que também não podem ser abordados na presença das cuidadoras, fazendo com que o assunto seja sempre tratado no gueto, à boca pequena, em voz baixa pelas jovens.

Era péssimo conviver dentro do abrigo com a mistura de idades na mesma casa, eu não recomendo... porque crianças não sabem o que é sexo, drogas, mas os adolescentes já sabem e conversam sobre isso... e também a questão de misturar conversas sobre religião, porque nessa conversa sempre tem posturas homofóbicas. Algumas cuidadoras, por exemplo, falavam que eu era "sapatão", porque eu falava abertamente sobre isso... eles perguntavam e eu falava. Eu não tinha porque esconder, só que depois eu tinha que aguentar essas "brincadeirinhas..." Eles não entendiam que na verdade eu era bissexual, e não "sapatão..." essas gracinhas me deixavam bem mal. Por conta disso, as crianças passaram a ter medo de mim...

Revelar minha sexualidade dentro do meu ambiente familiar, foi mais complexo, porque, como eu disse, todas as pessoas são muito ligadas à religião... Então isso foi bem difícil, porque eu mesma, às vezes pensava em ir para a igreja para dar um jeito nisso, procurar a "cura" na igreja, porque falavam que tinha cura!

Quando eu tinha uns doze anos, as pessoas começaram a notar que tinha algo diferente comigo, e eu ficava com medo do que elas iriam fazer. Mas logo me apaixonei por uma menina e comecei a namorar com ela. Eu falei para todo mundo que estava namorando com ela, porque eu não conseguia segurar... e todo mundo começou a me falar para eu ir para a igreja para me curar disso. Diziam para eu ir para a igreja ou ir para o CAPES fazer terapia. A questão para essas pessoas era que eu deveria me "tratar" de uma doença psicológica e espiritual!

Eu já dizia que era anormal. Eu respondia dizendo que é super normal, porque assim como elas gostam de homens, eu gosto de mulher, e às vezes, posso gostar de homem também, eu tenho o direito de escolha. Eu logo entendi que eu não precisava ser curada de nada, então consegui me livrar logo deste período em que as pessoas ficavam me "mandando" ir para a igreja. E outra coisa também, eu logo entrei para a Umbanda, que é bem mais tranquila para tratar dessas questões.

Mas em outros ambientes eu continuo vivenciando violências e LGBTfobia. Sempre acontece alguma coisa, piadinhas, ofensas... segue sendo muito difícil.

Nesse momento da conversa, Raio compartilhou relatos sobre violências que sofreu em seu ambiente familiar, na escola e depois no abrigo de acolhimento onde esteve institucionalizada. São diversos os aspectos apresentados por ela, como, por exemplo, a complexidade de revelar sua sexualidade no seio familiar, uma vez que seus familiares tinham uma ligação forte com a religião e refutavam fortemente o fato de Raio relacionar-se tanto com homens quanto com mulheres. Toda a violência resultante dessas posturas foi decisiva para a

ruptura de Raio com sua irmã. Para além do que Raio vivenciou enquanto ainda morava com sua família, a jovem experienciou a repetição desse ciclo dentro do abrigo de acolhimento, reproduzido por meio das falas de algumas cuidadoras que a chamavam de “sapatão” e estimulavam que as crianças se afastassem dela por esse motivo. Antes disso, ressalto ainda que, durante seu período escolar, Raio sofreu uma agressão física severa, quando um menino que era seu colega de turma quebrou uma garrafa em sua cabeça. Depois desse acontecido, Raio não quis mais retornar para a escola.

A amplitude das violências reportadas nas falas de Raio nos permite refletir sobre a presença constante da bifobia nas vidas das mulheres bissexuais. A bifobia é o ato deslegitimar e questionar a sexualidade das pessoas bissexuais. Isso acontece até mesmo dentro dos movimentos LGBT. Conforme estudo já citado, parece haver o apagamento dos sofrimentos das pessoas bissexuais. É neste sentido Jaeger *et al* (2019) afirmam que para algumas pessoas “a única violência que bissexuais podem eventualmente sofrer é aquela que se poderia chamar lesbofobia ou homofobia, ou seja, violências que incidem sobre pessoas monossexuais, apagando assim a existência bissexual através do não reconhecimento da especificidade da violência sofrida” (Jaeger *et al*, 2019, p. 9).

Eu ia para escola, mas eu não tinha muitas amizades. Eu tinha medo de me aproximar, especialmente das meninas, porque tinha medo de me apaixonar por elas e ser rejeitada, até mesmo agredida.

Teve um dia que eu participei de uma brincadeira de verdade ou desafio e me perguntaram se eu era bissexual, e eu respondia que sim, aí eles pegaram a garrafa de vidro e tacaram na minha cabeça... até que a diretora veio, chamou o SAMU e eu fui levada ao hospital, eu tinha 14 anos, e não queria falar sobre o ocorrido... eu não consegui nem denunciar porque eu senti muito medo... achei melhor não denunciar.

Depois disso, eu não consegui frequentar mais essa escola. A única lembrança boa de lá, é da diretora que era muito gente boa. Qualquer coisa que eu precisasse, poderia contar com ela, mesmo que ela tivesse muito coisa para fazer. E isso fazia muita diferença. São só essas memórias de escola que gostaria de compartilhar.

A agressão sofrida por Raio em uma “brincadeira” na escola a afastou definitivamente do ambiente escolar. Consequentemente, ela vivenciou o cerceamento do seu direito de seguir com seu processo formativo e, dessa forma, romper com negligências vivenciadas por ela. Repete-se em sua trajetória os resultados apontados pelos estudos apresentados nas transcrições de Mar e Gaia, que apontam o desamparo vivenciado pelas meninas e mulheres que sofrem violências em todas as esferas de suas vidas, conforme apontam Camargo (2016), Habigzang *et al.* (2005), Silva, Luppi e Veras (2019). Desacreditada até pelas pessoas que deveriam acolhê-la, Raio não construiu muitos laços afetivos e, por medo de ser agredida por

conta da sua sexualidade, ela se mantinha afastada das pessoas, principalmente das meninas. Nesse caso, além do receio de sofrer violência, achava que poderia apaixonar-se por elas e sofrer por conta da rejeição.

6.3 DEIXANDO O ABRIGO

Seguindo com a narrativa feita de forma bastante objetiva, sem se prender muito aos detalhes, Raio relatou como se deu sua saída do abrigo onde esteve acolhida. Entretanto, como Raio pontua, sua saída do abrigo não significou a saída do sistema de acolhimento, visto que, por não ter condições estruturais para ser desligada do sistema, Raio conseguiu uma vaga em uma república jovem. Ao discorrer sobre suas vivências na república, Raio explicou que as essas são diferentes dos abrigos, pelo fato das acolhidas não terem contato com cuidadoras. Nesse caso, as pessoas acolhidas são responsáveis pela manutenção e pelos cuidados com a casa e pelo preparo de suas refeições, organização e limpeza de seus itens de uso pessoal.

Raio relatou também que essa convivência direta entre as jovens, sem a presença de outros mediadores, gera inúmeros conflitos. No entanto, apontou que na república teve bastante liberdade para discutir temas como sexualidade e religião. Por fim, elogiou as mulheres responsáveis pela gestão da república, ressaltando que são mulheres que pertencem a um movimento negro. De acordo com Raio, assim que ela conseguiu um emprego, alugou uma casa, junto com seu namorado, e deixou o sistema de acolhimento.

Eu saí do abrigo esse ano, 2022 que foi quando completei 18 anos. Saí e fui para a república por um tempo, mas agora eu já saí também...

Na república é mais tranquilo em partes, porque só tem meninas, é dividido... uma república só de meninas e outra só de meninos, e não tem mistura de idades também. Mas não tem cuidadoras, então sempre tem revanche entre as meninas, agressões... mesmo sendo maiores de dezoito anos, ainda são muito jovens, vivem com a cabeça quente, falam e se xingam muito. E são seis meninas no mesmo abrigo. São seis porque é o número máximo permitido por lei.

Na república as pessoas são mais abertas, aceitam melhor as coisas referentes à sexualidade, à religião... as responsáveis pelas repúblicas que são mulheres de um movimento negro têm as cabeças bem mais abertas.

Eu pedi para sair dessa república faz um tempinho, porque eu estava trabalhando e meu namorado também, então alugamos uma casa, e eu pedi para sair da república. Eu conheci meu namorado quando estava no abrigo...

Mas agora eu não estou mais trabalhando, porque comecei a passar muito mal no trabalho até que descobri que estou gestante... trabalhava com telemarketing, fiquei três meses e agora fui dispensada... era período de experiência ainda...

Depois que eu saí da república, eu não recebi nenhum apoio de nenhuma rede ligada ao sistema de acolhimento institucional. Nada! Eu fiz dezoito anos, fui para república, depois saí e já era, e acabou!

Quando eu estava no abrigo, passava por acompanhamento psicológico, depois fui para república e nada... e sentia, sinto falta desse acompanhamento, porque me ajudava bastante... e só criei vínculo com um único voluntário no abrigo o J., sempre que estava triste, ele me ajudava, mesmo que eu estivesse sorrindo, ele sabia que eu estava chateada com alguma coisa, e ele me apoiava... E estou gestante, seria bom ter apoio. Seria extremamente importante ter uma rede de apoio e políticas públicas para quem passa pelo processo de desacolhimento institucional... é difícil sair do abrigo ou da república sem ter nada... precisamos de muita coisa... agora eu pretendo buscar ajuda, principalmente porque estou gestante e desempregada, e espero ser acolhida.

Raio, no entanto, relata sentir falta dos acompanhamentos psicológicos que tinha. Sentia que com aqueles atendimentos seria fortalecida. Sente falta também de uma rede de apoio para enfrentar a vida fora do abrigo. Quando deixou de ser institucionalizada, engravidou de seu namorado, mas, logo em seguida, ele foi embora da cidade. Buscando se fortalecer naquilo que tem, alimenta ainda esperança de ir morar com o namorado na cidade onde vivem o pai e a mãe dele. Diante desse contexto, Raio relaciona a insegurança que está sentindo fora do abrigo – com a gravidez e a ausência do namorado – ao que vivenciou em sua casa antes de pedir o acolhimento institucional. É a vivência do abandono.

Eu nunca planejei ser mãe... meu namorado trabalha, mas ele mudou de cidade, para onde a família dele mora, e estamos pensando em viver lá, para que eles nos ajudem... ele já foi, e eu fiquei... estou morando com uma amiga. Estou com medo... como na época que tinha medo do meu pai...

Eu me sinto como na época em que eu nem saía de casa, só ia onde era necessário... mas chega uma hora que não adianta se esconder, tem que viver! Não dá para pagar eternamente pelos erros que outras pessoas cometeram.

Não tenho mais nenhum contato com ninguém da minha família porque ninguém mais quis saber de mim... quando eu fui para o abrigo, lembro que na primeira noite, eu fiquei a madrugada inteira, sentada na varanda, esperando...esperando minha irmã ir me buscar, e dizer que acreditava em mim. Mas ela nunca foi. Ela tinha vinte e dois anos...

Quando eu morei com ela, éramos só nós duas na casa, aí briguei com ela e fui para a casa do meu pai... depois disso tive bem pouco contato com ela, tipo “cada um no seu quadrado”. Nunca mais teve reunião de família... nem no Natal, porque só termina em briga... mas ainda assim eu tive esperança que ela me buscasse no abrigo...

Mas eu não sinto nenhuma falta de ter contato com meus familiares... Não! Não tem como sentir falta de algo que nunca tivemos de verdade, nunca recebi carinho dessas pessoas... só da minha avó, dela recebi bastante carinho, ela cuidava de mim.

Eu cheguei a morar com minha avó por algum tempo...ela percebia questão da minha sexualidade, e dizia nunca deixe de ser que você é de verdade, ela me apoiava...E olha que tive muitos enfrentamentos em minha vida, porque tipo assim, uma mulher já nasce menina, e eu uma mulher

bissexual, preta... e se você notar a maior parte das mães desejam que seus filhos sejam homens, não querem meninas... e isso já é um pensamento machista. Mas eu quero que minha filha seja uma menina. Acredito que se eu for mãe de uma menina, eu posso desconstruir a forma machista como fui criada... eu penso que ela poderá ser o que ela quiser, ser livre para sentir e viver...

Vou compartilhar uma lembrança que tive... No dia do enterro da minha vó, tinha muitos parentes que eu nem conhecia, e tinha um menininho pequeno, eu estava chorando muito, e ele chegou perto, me entregou um girassol e me disse para eu não ficar triste, porque a minha avó não ia querer. Ele disse para eu olhar sempre para a luz e não para a escuridão... Foi neste momento que decidi procurar o abrigo... essa era a minha única opção. Ou era isso, ou ficaria na rua, e entraria para as estatísticas de mulheres mortas, jogadas por aí... Mas tenho muitas memórias ruins desse processo também, coisas que poderiam ser mudadas... O sistema precisa ser mudado, tem muita coisa que acontece lá e ninguém fica sabendo... agressões que não são denunciadas... mistura de idades, assédios... tivemos abrigo nessa cidade que fechou por conta de denúncias de assédio, violências... como a C.M. É difícil falar sobre isso...

Mesmo dentro dessa estrutura, eu tinha uma enfermeira que me acolhia... ela ia para cuidar de uma menina que era “especial”, mas toda vez que eu ia na sala dela para conversar, ela me ouvia, ela me acolhia e era muito bom... E sobre ter uma menina especial lá, não deveria ser assim, porque não tem estrutura, eles deveriam criar um lugar específico para isso, não era preparado para receber alguém com outras necessidades, tinha escada, lugares onde ela poderia ter se machucado... não era apropriado, nem o pessoal do SAMU conseguia acessar adequadamente a casa porque não tinha acessibilidade.

6.4 TRAJETÓRIA DE RESISTÊNCIAS - MARIELLE, PRESENTE!!!

Marielle Francisco da Silva, mais conhecida como Marielle Franco, nascida no Rio de Janeiro, em 27 de julho de 1979, mulher negra, mãe, lésbica, socióloga, feminista e defensora dos direitos humanos, foi crítica do processo da intervenção federal realizado no Rio de Janeiro pela Polícia Militar. Essa crítica era uma constante em suas falas públicas, por meio de diversas denúncias que fez de casos de abuso de autoridade por parte de policiais contra moradores de comunidades carentes. Marielle nasceu e cresceu em uma favela do Complexo da Maré, no subúrbio carioca, e sentia orgulho de ser “cria da Maré”. Na eleição municipal de 2016, Marielle Franco foi eleita vereadora do Rio de Janeiro para o período de 2017-2020, obtendo uma votação expressiva (INSTITUTO MARIELLE FRANCO, 2023).

O lugar que Marielle passou a ocupar é carregado de significados e contribuiu para o fortalecimento do sentimento de representatividade por parte de mulheres negras LBT. Isso está presente na fala de Raio, quando identifica na trajetória de Marielle um sinônimo para a palavra resistência. Para além disso, Raio se sentia representada por Marielle que, assim como ela, era

uma mulher negra, periférica e LBT. Penso em quantas mulheres se sentiram representadas pela existência e pelas lutas de Marielle, por tudo que ela representou e segue representando.

Marielle carregava em seu corpo algumas das categorias das desigualdades, uma vez que era mulher, negra, periférica e lésbica; ou seja, todas categorias que condicionam pessoas ao lugar de subalternização. Entretanto, Marielle lutou a vida toda para romper com a opressão de seu corpo e fazia sua voz ecoar com força, em todos os enfrentamentos públicos que fazia. Por tudo que representava, Marielle foi assassinada, o que nos leva a pensar mais uma vez sobre esse mecanismo opressor que apaga e silencia pessoas subalternizadas.

Marielle foi assassinada pelo machismo, pelo racismo, pela LGBTfobia, pelo sexismo, e pelo fascismo que há muito nos ronda. Mas sua memória e existência não serão esquecidas por nós que, assim como ela, somos mulheres de luta. Marielle, sempre presente!!

Quero falar sobre os enfrentamentos de ser uma mulher bissexual, negra, porque foi e é muito difícil... as pessoas têm a mente muito fechada, e tem muita ignorância. Olha um exemplo: se você perguntar quem é a Marielle Franco?

A resposta vai ser que ela foi só uma vereadora, mas na verdade ela é uma referência para mim, lésbica, mãe, favelada, preta! E teve muito isso na minha trajetória, eu era a escurinha, e tinha as crianças de olhos e peles claras... as crianças de pele clara recebem mais colo, e são as mais adotadas... eu presenciei muito a dificuldade de adoção de crianças negras acolhidas. No abrigo em que eu estava, crianças brancas eram adotadas rapidamente, crianças negras estavam lá há anos... teve uma criança negra que foi devolvida. Ela foi adotada e depois devolvida, sim, devolvida! Como se fosse uma roupa, um brinquedo. Sabe?

Figura 8 - Marielle Franco

Fonte: Instituto Marielle Franco, 2023.

Raio discorre sobre como as crianças negras eram tratadas dentro da instituição onde esteve acolhida e sobre o longo período em que estavam lá; e por fim, discorre sobre uma situação mais perversa ainda, o caso de uma criança negra que, após passar pelo processo de adoção, foi “devolvida”, como se fosse um brinquedo. Todas essas falas retratam o funcionamento e a presença de um mecanismo opressor perverso, ou seja, o racismo. Chama a atenção também sobre a inviabilização das questões étnico-raciais relacionadas ao perfil de crianças e adolescentes institucionalizados.

Queiroz (2021) ressalta que, como consequência do processo de colonização em nosso país, no início da cultura da institucionalização, o perfil da maioria das crianças abrigadas era composto por crianças indígenas e, depois, o perfil foi ampliado para crianças brancas e/ou consideradas “bastardas”. Entretanto, foi apenas depois de 1850 que crianças negras e pardas passaram a ser predominantes nessas instituições. Ainda neste sentido, Queiroz (2021), e também o estudo de Arantes (2015), apontam que, por meio da chamada Lei do Ventre Livre, o Estado passou a intervir em assuntos que até então eram restritos aos senhores de engenho e,

com a promulgação dessa lei, aumentou a incidência de crianças e adolescentes institucionalizadas, sobretudo crianças pobres e negras.

O problema modifica-se inteiramente quando os escravos, a partir da Lei do Ventre Livre (1871) e da Abolição da Escravatura (1888), adquirem a condição de livres e, portanto, de “filhos” e “pais de família”, sem, contudo, adquirirem as condições materiais para o exercício pleno da cidadania. Foi quando crianças pobres passaram a ser encontradas nas ruas brincando, trabalhando, pedindo esmolas ou eventualmente cometendo pequenos furtos (ARANTES, 2011, p. 1).

Nessa perspectiva, as famílias negras e pobres ainda são as mais criminalizadas e questionadas referentes aos cuidados destinados às suas crianças e adolescentes. Ressalta-se que, mesmo com os avanços proporcionados pela criação do Estatuto da Criança e do Adolescente e pela inclusão do artigo 197, por meio da lei nº13.509 de 2017, que visa o estímulo à adoção inter-racial de crianças e adolescentes com deficiência, com doenças crônicas ou com necessidades específicas de saúde, e de grupos de irmãos, ainda vivenciamos um contexto marcado pelo número elevado de institucionalização de crianças e adolescentes pobres e negras (QUEIROZ, 2021, p. 126). Este dado se expressa na fala de Raio sobre a dificuldade de adoção de crianças negras. O que parece existir no país é a manutenção e perpetuação desse sistema racista que marginaliza os corpos das pessoas negras e pobres.

No processo de adoção, as crianças passam os dias com a família interessada, e quando está tudo certo, levam as crianças definitivamente... e aí devolvem a criança, como nesse caso, e a criança fica toda lascada.

E tem a questão da homofobia que também era espalhada nesse ambiente, tanto que tinha um casal gay que queria adotar uma menina, e eu era muito apegada a ela, fiquei feliz quando soube da possibilidade dela ser adotada..., mas os gestores e as cuidadoras eram religiosos, e ensinavam que isso era errado, era pecado, isso é repetido lá... e a menina ficou com aquilo na mente, e não quis ser adotada por esse casal.

Ela tinha um irmão, e o irmão dela foi com esse casal, e como ela não quis, o juiz separou os dois... ele foi e ela ficou... para você ver que esse abrigo era religioso, tipo não tinha a minha crença, eu já era do candomblé!

Tinham umas pessoas que iam fazer célula, pregação mesmo, e eu não queria participar, e eu era ameaçada, do tipo “se você não for, vai ficar de castigo, sem passeio”... então, eu ficava lá de castigo, mas não participava.

Eu não podia falar sobre o candomblé lá dentro... como eu falava, eu vivia de castigo por conta disso. Não deveria haver nenhuma atividade religiosa em lugares assim, cada um segue o que quiser. Liberdade!

Minha família era religiosa... frequentava a igreja no bairro onde cresci... eu gostava do bairro, de morar lá. Os meninos e eu saímos para jogar futebol à tarde, soltar pipa, era muito bom! Mas faltava muito acesso, tipo se ficávamos doentes - eu tenho a imunidade muito baixa -, se eu pegar um resfriado forme, preciso de atendimento de emergência, precisa chamar o SAMU, e lá neste bairro, era muito difícil o acesso... eu tive muitas convulsões quando morava lá, e precisava de socorro, dos oito aos onze anos... e era um

*morro difícil subir... no pronto atendimento não tinha o aparelho para ajudar a respirar, e eu precisava. Então, pessoas da comunidade me pegavam no colo e faziam carros pararem e me levavam para o hospital... lá eu me sentia acolhida, lá tinha pessoas pretas, lésbicas, LGTBs, todas pobres!
É isso! Podemos encerrar?*

6.5 ENFIM, OUTROS CAMINHOS PARA VIVER...

A trajetória de Raio foi fortemente marcada primeiro pelo abuso de seu pai, segundo pela negligência, traição e omissão criminosa de sua irmã. Em seguida, vivenciou enfrentamentos por ser uma mulher bissexual, negra e periférica, dentro de uma instituição que, segundo ela mesma relatou, negligenciava muitas questões das pessoas acolhidas. Raio teve não apenas resistência, mas sensibilidade para entender o abandono de sua mãe (que era usuária de drogas e passou a viver em situação de rua) e sua irmã e, mesmo assim, olhar para a vida e encará-la de frente, buscando aprender com e superar os problemas que se apresentavam.

Raio teve de ouvir e ver seu pai sendo protegido por um delegado, que acobertou o estupro por ele cometido sobre seu corpo. Tudo isso como efeito de uma sociedade patriarcal, machista, violenta e que as mulheres são, na grande parte das vezes, o alvo dessa violência. E mesmo desacreditada por sua família e pelas autoridades que deveriam protegê-la e punir seu agressor, Raio se colocou em movimento de superação e resistência. Encontrou trabalho, um novo relacionamento e deixou definitivamente o sistema de acolhimento.

No entanto, no início da sua nova rotina, morando na casa alugada por ela e pelo namorado, Raio, que também estava em estágio inicial no trabalho, começou a sentir-se mal com frequência. Descobriu que estava grávida e, logo em seguida, foi demitida do trabalho, e seu namorado foi embora da cidade, segundo ela “em busca de um emprego melhor”. Raio se viu abandonada novamente, mas, ainda assim, carregava um sorriso em muitos momentos de nossa conversa e demonstrava entusiasmo com o seu futuro e com a chegada de seu bebê.

Recentemente, em meados de janeiro, Raio me enviou uma mensagem, informando que havia perdido seu bebê, mas que ela estava bem, vivendo em outra cidade com uma tia e com planos para um futuro melhor. Ao ler a parte final de sua mensagem, lembrei-me do sorriso aberto de Raio. E pensei: Raio também é sinônimo de resistência!!!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso começar as considerações evidenciando que não se trata de finalização da pesquisa, pois ainda há muito a ser feito dentro deste universo de mulheres LBT que passaram por processo de institucionalização, sobretudo neste momento em que me encontro com esta pesquisa, ou seja, depois de ter me dedicado por mais de dois anos a este projeto. Experimentei no corpo aquilo que aprendi com Glória Anzaldúa (2005), quando diz que a teoria nasce da carne. Por entender que o que está feito aqui é uma parte do cumprimento do rito universitário, o findar desta pesquisa está se dando por respeito ao limite de tempo de um mestrado e não porque cheguei ao limite do que me propus. Aliás, me encontro mais distante deste limite hoje do que quando comecei a pesquisa. Porque, naquele momento, eu tinha menos condições de olhar e entender o vejo atualmente e, na medida em que eu conseguir continuar a pesquisar, desconfio que essa distância tenderá a aumentar. São muitos os entrecruzamentos, muitos nós a serem desatados.

Também é importante destacar a sólida e ampla base de estudos de gênero, dos estudos feministas, especialmente do feminismo negro e decolonial, e as necessárias teorias que articulam gênero, raça, sexualidades e classe em seus amplos e necessários desdobramentos com que me deparei durante esta pesquisa. Muitas foram as leituras que eu venci neste tempo, mas é preciso que se diga, uma mulher que trabalha quarenta e quatro horas por semana, que cuida de sua casa lar e da casa corpo, tendo passado por processo de divórcio e duas infecções por COVID-19, ler a totalidade do que me foi apresentado e do que eu mesma encontrei na pesquisa, mais o acúmulo de atividades, aulas, publicações e participação em congressos, realmente não foi possível.

Portanto, as considerações que trarei aqui encontram-se divididas em dois grandes campos: primeiro, dentro do escopo do que eu acredito ter conseguido o devido aprofundamento, partindo das análises das entrevistas e das teorias para dissertar sobre categorias analíticas. Nesse caso, vou me ater a três categorias principais, Violências, (Des)acolhimento e Resistências, abrindo subgrupos de acordo com a necessidade apresentada em cada caso. Segundo, do que eu encontrei, mas não tive condições de aprofundar. Nesse caso, tratarei de categorias implicadas, categorias que surgiram nos momentos finais da pesquisa, e categorias que, por segurança das pessoas implicadas na pesquisa, não foram aprofundadas. Também falarei dos limites que identifico para as teorias estudadas e para a metodologia utilizada.

Apesar de distintamente apresentadas, as categorias e os conceitos abordados aqui seguiram fluxos que combinavam com meus pensamentos com as falas trazidas nas entrevistas. Como primeiro ponto adotado, cabe evidenciar que temos consciência de que algumas das teorias sobre o mundo do trabalho em diálogo com as questões de gênero, raça, LBT, de jovens institucionalizadas e seus processos de ingresso no primeiro emprego ou manutenção dele, bem como a devida discussão sobre performatividade e teoria *queer*, poderiam e até deveriam ser aprofundadas, mas não houve tempo para isso. Até porque fomos balizadas por aquilo que foi trazido nas entrevistas, e o enfoque dado por elas foi o que me conduziu. Também há outras questões que poderiam ser mais evidenciadas, dentre elas, consigo ver, por exemplo, como as instituições mantêm proximidade/parceria com projetos públicos como o Jovem Aprendiz, ou com projetos de capacitação para jovens, e como isso promove superação e/ou opressão. Mas, dentre as dificuldades encontradas, como a falta de informações, há também uma questão legal do sigilo de determinadas informações que revelariam, por exemplo, a cidade pesquisada, a instituição e, por consequência, poderiam revelar quem são as jovens implicadas, oferecendo riscos a elas.

Dito isso, voltamos ao que foi proposto inicialmente: analisar as narrativas de três jovens mulheres negras, uma lésbica, uma transexual e uma bissexual, suas trajetórias de vida que se coligem compondo a interseccionalidade de gênero, classe, raça e sexualidade, visando identificar como e se estão construindo resistências à violência sobre seus corpos. Mas, de entrada, considero que a primeira parte, que foi encontrar as três jovens que se encontrassem dentro dos recortes estabelecidos e que concordassem em participar da pesquisa, foi realizada com sucesso. Em meio a uma diversidade de jovens acolhidas nas instituições da cidade onde realizei a pesquisa, identifiquei três pessoas que acumulam as características colocadas; entrei em contato, consultei sobre a possibilidade de realizar as entrevistas, elaborei, junto com minha orientadora, o roteiro da entrevista e escrevemos o termo de consentimento livre e esclarecido, bem como a solicitação de aprovação de pesquisa com seres humanos pelo Comitê de Ética, o que foi devidamente analisado e aprovado. Em sequência, realizei as entrevistas e segui conforme estabelece a metodologia central usada para este trabalho, a História Oral, com as respectivas transcrição e transcrição, seguidas de análise e posterior desenvolvimento da dissertação, sendo separadas por capítulos, um para cada uma das entrevistadas.

No espectro das teorias, decidimos por adotar um recorte específico, ou seja, evidentemente fizemos uso de autoras mulheres feministas e estudiosas das teorias das sexualidades, gênero, raça e classe, na medida do possível, com perspectivas decoloniais. Nesse sentido, senti-me contemplada, pois, de acordo com os grandes recortes estabelecidos

previamente, estes estudos pareceram suficientes para compor um campo teórico adequado, ou seja, estudos sobre gênero, sexualidades e violências de gênero. Vou me aprofundar nestas questões um pouco mais abaixo.

Olhando ainda para as teorias que se entrecruzam na pesquisa, é possível observar que, além das teorias supracitadas, outro tema se apresentou com bastante relevância, mas acabou não tendo um devido aprofundamento: foram as teorias sobre acolhimento institucional. Sobre isso, esta pesquisa estabeleceu como limite pensar e dialogar com o que determinam as principais literaturas do campo da legalidade, ou seja, o ECA, a Constituição, os procedimentos descritos nas Políticas de Assistência Social, Conselho Tutelar e as normativas que definem sua aplicação, devendo-se ressaltar, portanto, que caberiam e seriam bem-vindas as teorias analíticas sobre acolhimento institucional, sobre egressas desacolhimento, egressas LBT e egressas LBTQIA+.

Partindo de um breve estudo sobre o estado da arte com os temas/descriptores apresentados acima, foi possível ter acesso, com o descritor “Acolhimento Institucional”, em busca realizada nas plataformas Scielo e CAPES, a artigos, dissertações e teses sobre o acolhimento institucionalizado. Tendo em vista os números apresentados, há uma diversidade de atravessamentos outros como violências, gênero, raça, tipos de abrigos, saúde mental, problemas com a justiça, envolvimento com drogas proibidas etc., que se encontram reunidos neste campo de estudos, elevando, assim o número de registros sobre o tema. Com os descritores “egressa desacolhimento”, “egressa LBTQ”, e “egressa LBTQIA+”, como se tratam de recortes mais específicos do que o anterior, foram significativamente menores as quantidades de estudos registrados. Mas o motivo são os entrecruzamentos de categorias que se diversificam e organizam-se criando subgrupos ou subdescriptores, que se mantêm alinhados ao grande descritor “Acolhimento Institucional”, mas ganham outros recortes que os distinguem. O fato é que, próximo ao escopo estudado aqui, há um conjunto de 49 trabalhos encontrados, mas, em específico, nenhum com entrecruzamentos semelhantes.

Como a particularidade dos atravessamentos se configuraram em recortes temáticos e, por consequência, em categorias de análise, os aprofundamentos sobre as questões das violências de gênero foram as que ganharam maior relevância, até porque é um dos entrecruzamentos que atravessa as três jovens estudadas. Sobre isso, com a perspectiva de que não existe universalização das categorias e nem hierarquização das opressões, reforçou-se a necessidade de pensarmos de forma indissociável as categorias das desigualdades, tais como raça, classe, gênero e sexualidades, como meio de não contribuir para o apagamento de nenhuma delas. Isso foi fundamental para podermos estruturar os textos e análises por meio das

narrativas que vieram nas entrevistas, uma vez que foram constantes as retomadas e misturas de opressões vivenciadas pelas jovens.

Os resultados encontrados aproximam-se contundentemente da perspectiva de Audre Lorde (2020) da não hierarquização das categorias de opressões. Isso pode ser demonstrado, por exemplo, quando a jovem Mar relata sua experiência de transicionar falando das diversas alterações comportamentais das pessoas em seu trabalho, escola e convívio social. Também fica aparente quando Raio diz que, dentro do abrigo, tanto as cuidadoras quanto as crianças mais novas, reproduziam comportamentos distintos ao saberem de sua bissexualidade. Do mesmo modo, aparece em diversas passagens narradas por Gaia, trazendo a questão da idade com que começou a sofrer os abusos sexuais e acúmulo de vulnerabilidades, ser uma criança preta, lésbica e mãe aos treze anos, vítima de estupro cometido pelo irmão.

Ainda no sentido apresentado acima, cabe destacar a trajetória da jovem Mar que, depois de ter transicionado e conseguido incluir em seu RG o nome social feminino, se viu fortemente discriminada em entrevistas de emprego e, a partir disso, começou a fazer uso político de sua nova documentação que agora consta nome de nascimento e nome social, ou seja, em lugares onde performar o feminino lhe coloca em situação de evidente desvantagem ou lhe oferece maior risco de violência, Mar performa no masculino.

Olhando para o modo como as categorias produzem desigualdades sociais, utilizamos a socióloga Heleieth Saffioti (1992) com sua metáfora do nó, uma ferramenta analítica que defende a ideia de que “não deveríamos buscar a primazia do sexo, da classe ou da raça, nem as isolar como estruturas separadas, já que elas se fundiram historicamente” (SAFFIOTI, 1992, p. 206). Por este caminho, imprimimos um olhar para o modo como ela vai adentrar as estruturas de organização social e pensar, por exemplo, os sistemas de dominação contra a mulher, já que eles se encontram fundidos como se tivessem um só corpo composto pelo “patriarcado-racismo-capitalismo”.

Portanto, cabe dizer que o próprio recorte desta pesquisa é um balizador que corrobora para evidenciar o que Saffioti (1992) teoriza, ou seja, tomando como parâmetro as três jovens entrevistadas para este trabalho, torna-se possível afirmar que os abrigos e a totalidade das instituições de acolhimento, ao imporem a participação das jovens em igrejas e cultos cristãos, impedirem manifestações ligadas às matrizes africanas, ao impedirem comportamentos sociais de acordo com a identidade de gênero e sexualidades, reproduzem a tríade já citada, “patriarcado-racismo-capitalismo”.

Dentre as diversas formas de opressão vivenciadas, o silenciamento é, talvez, a mais presente e naturalizada, o que reforça a necessidade do uso da metodologia da História Oral no

desenvolvimento deste estudo, uma vez que ela contribui para a produção de documentos históricos de memória sobre pessoas e perspectivas que sempre se encontraram fora dos documentos oficiais. Portanto, meu acesso à academia – já que me entendo como uma mulher com consciência de classe e das objetivações das opressões que estamos recorrentemente evidenciando aqui – torna-se uma estratégia na constante luta que nós, mulheres, vivemos (MENDONÇA, 2020; LORDE, 2019; AUAD, 2020), buscando criar fissuras na pedra do patriarcado racista e capitalista, pois o registro das histórias de vida destas três jovens mulheres negras LBT representa, a meu ver, um importante processo de rompimento com as violências e opressões sistêmicas.

Sobre a institucionalização das três jovens, podemos afirmar que significou o fim de muitas das violências sofridas no âmbito familiar. Mas, de maneira alguma, isso pode ser colocada como caridade ou habilitar novas violências, como as que foram trazidas nos relatos do ato de acolhimento das jovens que se encontravam em situação de rua, onde as profissionais que trabalhavam na instituição mentiram, dizendo que elas seriam levadas para comer lanches de uma grande rede de hamburgueria, o que não me parece corroborar para a criação de leitura crítica da realidade onde estas pessoas se encontravam inseridas. Ou, pior, colocando a instituição como conhecedora de uma ação mágica salvacionista, ou seja, onde aquela instituição saberia o que seria melhor para as pessoas, já que elas seriam incapazes de tal leitura.

Já dentro dos abrigos, podemos observar uma série de equívocos estruturais, desde a contratação de pessoas não preparadas para cumprirem os papéis a que foram designadas, até o uso estratégico deste mecanismo para que estas instituições sigam em defesa de um pensamento cristão, conservador, patriarcal, racista, homofóbico e reprodutor de violências de muitas naturezas. Inclusive, em alguns casos, conforme evidenciamos nesta pesquisa, mantendo violências sexuais contra jovens, por gestores e/ou funcionários destas instituições. O recorte de raça, nesse caso, não figura como central nas opressões dentro das instituições.

Além das violências manifestas, é importante destacarmos que o acolhimento certamente significou a permanência das vidas destas três jovens e, certamente, para muitas outras. Então, antes que a leitora se pergunte sobre o motivo pelo qual iniciamos este texto pela crítica ao invés de dizer que a instituição salva vidas, evidenciamos que a romantização sobre estas ações de Estado, de políticas públicas, devem ser amplamente combatidas, pois é exatamente como serviço social e política pública que estes serviços devem ser vistos e analisados, porque, no final de tudo, trata-se mesmo de garantir a vida de jovens, sobretudo, mulheres negras e LBT.

Seguindo com a questão da institucionalização, o acesso à escola, algumas vezes a trabalhos como Jovem Aprendiz ou estagiárias, reflete sobremaneira no processo de fortalecimento e retomada das rédeas de suas próprias vidas, assim como o acesso a cursos técnicos e livres. O que implica dizer também que as barreiras precisam ser rompidas e o acesso destas jovens ao mundo simbólico, ou seja, às atividades artísticas, pode e deve ser alimentado e ampliado dentro destas instituições.

Adentrando os aspectos relacionados à resistência, cabe dizer duas coisas: primeiro, que o fato de elas estarem vivas hoje, de estarem seguindo suas vidas fora das instituições de acolhimento, já se torna um importante demarcador de resistências; segundo, que as resistências se encontram implicadas nas duas outras categorias analisadas, violências e institucionalização, do mesmo modo. Cada uma destas categorias se encontra dentro das outras, mas vamos um pouco além.

Não hierarquizar as opressões significa, para esta pesquisa, compreender que cada uma das etapas vivenciadas pelas jovens que participaram desta entrevista está implicada por muita singularidade relacionada às categorias das desigualdades e que, portanto, constroem um complexo ciclo de violências que, nos casos estudados aqui, sempre tiveram como contraponto atos de resistência. Portanto, olhando para cada um dos casos, vamos apresentar o que reconhecemos aqui, notoriamente, por resistência.

Para seguir uma linha crítica do pensamento, quero trazer à tona a resistência numa perspectiva diametralmente inversa ao seu uso prioritário aqui, quero dizer, quando Raio narra que na primeira noite de institucionalização esperou, durante a noite toda, que sua irmã viesse buscá-la, me parece haver uma dificuldade para compreender a dimensão dos valores familiares construídos sob a égide do patriarcado. Ou seja, para Raio, sua irmã romperia com as estruturas familiares criadas e alimentadas pela relação de seu pai e sua mãe e viria em sua defesa. O tempo que Raio levou para compreender a dimensão estrutural das opressões nas vidas das pessoas, coisa que ela rompeu de maneira enfática, pode ter significado uma resistência sua, não objetiva, mas causada inclusive pela ingenuidade, carência, necessidade e até pelas vivências que teve com a irmã ao longo da vida, mas tudo isso foi traído pela atitude concreta da irmã que nunca apareceu para buscá-la.

Do mesmo modo, a própria permanência de Raio, mantendo sua decisão e seguindo no abrigo, seguindo com suas questões que perpassam a sexualidade por ser uma mulher bissexual, trazendo as discussões sobre sua religião de matriz africana para dentro do abrigo, remontam à resistência. No seu caso, há um outro aspecto que a diferencia de Gaia e Mar: ela buscou construir sua rede de apoio por meio de afetos, se relacionando amorosamente, tanto com

homens como com mulheres, mas em ciclos de constância, para não se ver sozinha. Quando realizei a sua entrevista, por exemplo, ela estava grávida, e agora, há poucos dias, ela mesma me enviou uma mensagem dizendo que perdeu a criança.

O fato de ela ter perdido o bebê também é um fato impactante em sua trajetória, pois, se tomarmos as narrativas de Gaia como balizadoras, podemos perceber que ela atribui à maternidade a maior dificuldade em seu processo de resistência, porque o cuidado que a criança exige de sua cuidadora, além do dinheiro que isso demanda, acabam por fazê-la sofrer ainda mais. Para Raio, é possível pensar no oposto disso, já que ela busca a construção de redes por meio de afetividades amorosas, principalmente quando isso está ligado a um homem e à noção tradicional de família, no que a criança poderia ajudar bastante, como já são bem conhecidos os valores cristãos e patriarcais.

Trata-se de situação complexa em ambos os casos. Gaia entende que o filho corrobora para a continuidade de opressões e violências vivenciadas por ela, por exemplo para a realização de um projeto seu de voltar a fazer teatro, e a impede de realizar uma série de atividades outras, inclusive relacionadas a envolvimento amorosos, uma vez que todo o tempo que ela tem fora do trabalho, fica comprometido com o cuidado do filho. E continua ainda hoje, quando ela ingressa em um curso de teatro noturno, tem de sair do trabalho para pegar o filho na escola e voltar para o curso de teatro trazendo junto a criança.

Neste caminho, Mar se dedica mais às perspectivas do trabalho, no sentido que busca construir sua resistência olhando de maneira bastante sistêmica e sem a aplicação de juízo moral para sua história, quero dizer, faz uso estratégico de sua sexualidade, inclusive da documentação que contempla seu nome de batizado e o nome social, para transitar performando masculinidade ou feminilidade a depender do ambiente em que se encontra, sobretudo ambiente de trabalho.

Gaia, por outro lado, como expõe com bastante ênfase e detalhes a estrutura familiar onde nasceu e o modo como foi criada pela mãe usuária de crack, que resultou em agressões, negligências com relação às violências sexuais, abandono de incapaz, atribuição de responsabilidade de cuidadora de seu irmão e fome, poderia se tornar uma reprodutora deste ciclo, mas não me parece ser procedente.

Outro aspecto trazido pela jovem Gaia são as condições estruturais de onde/como viviam, uma vez que não tinham casa própria e a mãe não pagava os aluguéis, o que fazia com que tivessem de viver se mudando e morando de favor com amigas e familiares ou nas casas de seus namorados. Esse fato evidencia o terceiro dos conflitos centrais trazidos por Gaia, os estupros que sofreu desde os seus seis anos de idade, culminando na gravidez aos treze anos. Dessa situação, destaca que sofreu as maiores violências físicas e os maiores impactos em sua

vida até hoje. O estuprador era seu irmão mais velho que, além do estupro, a agredia com queimaduras de cigarro, socos e esfregando seu rosto contra paredes sem reboco. Ela, hoje, mergulha no universo da arte, principalmente no teatro e artes visuais, além de estudar sobre feminismos.

Por último, fala da sua relação com o trabalho e com as artes, além de evidenciar suas perspectivas com o futuro. É este o ponto crucial que demarca a resistência para Gaia, porque foi no seu encontro com o teatro engajado com as questões humanitárias que ela passou a se projetar para além de como as pessoas do seu entorno a viam, ou seja, para além de ser mãe, ela passa a perceber que pode ser artista, e é neste o impulsionar que ela se prende, reorganizando todo seu modo de pensar, e vislumbra a vida como uma profissional da arte, uma multiartista feminista, lésbica e preta.

Além das questões já consideradas, evidenciamos as violências que estas jovens vivenciaram nas diferentes perspectivas, momentos e esferas de suas vidas, porque, inicialmente, como ficavam mais evidentes as críticas trazidas pelas jovens ao sistema institucional do que às violências que elas sofreram antes de serem acolhidas e que motivaram o acolhimento, parecia que elas não deveriam ter sido acolhidas. Mas isso não se configura como verdadeiro. Pelo contrário, consideramos que o processo de acolhimento – em detrimento de todas as críticas que foram levantadas e merecem mesmo ser averiguadas pelas políticas públicas e órgãos de fiscalização – garantiu a permanência das vidas destas jovens.

Entendemos que falas/depoimentos que trazemos por meio desta dissertação podem contribuir para outros estudos, bem como a produção e implementação de políticas públicas voltadas para a questão do acolhimento institucional, mesmo no seu grande guarda-chuva, uma vez que os relatos deflagram, em grande medida, uma conjuntura estrutural do funcionamento íntimo dos institutos de acolhimento. Embora as especificidades das vivências da desinstitucionalização por parte das jovens precisem ser mais profundamente estudadas, as jovens LBT parecem viver o desligamento institucional por meio de processos que, em grande parte, podem ser traumáticos ao reproduzirem situações de negligências, separações, violências e abandonos durante suas trajetórias, intensificando o aspecto de precariedade em suas vidas. As condições precárias vividas por essas jovens LBT nos leva a apontar para a importância da luta pela efetivação de políticas públicas que contribuam para a melhoria das condições de acolhimento, sobretudo durante o processo de desinstitucionalização.

Ao apresentar narrativas de jovens com trajetórias marcadas pelas categorias da diferença e pelo modo como se relacionam com as constantes transformações da condição humana na contemporaneidade, o estudo e a leitura de todos os referenciais teóricos utilizados

na escrita deste texto demonstram a complexidade e a amplitude da temática proposta por esta pesquisa, uma vez que é uma temática atravessada por análises e estudos de diferentes áreas do conhecimento, através da interdisciplinaridade encontrada no imbricamento das questões sociais, históricas, culturais e políticas.

As análises das três entrevistas realizadas reforçam a perspectiva da constante violação dos direitos básicos das jovens participantes da pesquisa, apresentando também os mesmos contextos e relações permeadas por diversas violências e negligências, potencializadas por meio do encontro das categorias das desigualdades presentes em suas vidas. Cabe apontar, mais uma vez, a importância de análise das categorias das desigualdades de modo indissociável, uma vez que as memórias das narradoras resgatam questões referentes às suas classes, sexualidades, gênero, idades e as suas raças, e de como essas categorias se encontram e se sobrepõem em suas vivências permeadas por abandonos e violências.

Mediante tudo que foi estudado, considero as pessoas adultas que se encontravam implicadas nas relações com as jovens entrevistadas, mães, pais, padrastos, namorados, irmãs, irmãos, tias e tios, vizinhas, amigas e amigos, familiares, comunidade escolar, policiais, delegados e até trabalhadoras da rede de assistência social, todas as pessoas adultas que tiveram conhecimento de fato ou convivência proximal com mínima chance de percepção dos crimes vivenciados por estas jovens em suas infâncias e adolescências, agressoras por omissão, constatação amparada pelo Código Penal, Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940¹³.

Por fim, cabe apontar a escassez de publicações que discorrem sobre trajetórias de vidas de jovens mulheres LBT que vivenciaram situação de acolhimento institucional. Sobretudo, como foi realizada aqui, de modo interseccional e apontando para resistência dos corpos contra os ciclos de naturalização das violências. Buscamos evidenciar a dignidade da vida social alcançada pós-institucionalização, ao passo que elas próprias, por intermédio do que lhes foi disponibilizado pelos aparatos estatais, construíram resistências e superação, rompendo com o ciclo de violências a que foram submetidas.

¹³ “Art. 135 - Deixar de prestar assistência, quando possível fazê-lo sem risco pessoal, à criança abandonada ou extraviada, ou à pessoa inválida ou ferida, ao desamparo ou em grave e iminente perigo; ou não pedir, nesses casos, o socorro da autoridade pública:

Pena - detenção, de um a seis meses, ou multa.

Parágrafo único - A pena é aumentada de metade, se da omissão resulta lesão corporal de natureza grave, e triplicada, se resulta em morte.”

REFERÊNCIAS

- ABRASCO, 2020. **Considerações da ABRASCO sobre a saúde da população LGBTI+ no contexto da epidemia de Covid-19**. Disponível em: <https://www.abrasco.org.br/site/wp-content/uploads/2020/04/Considera%C3%A7%C3%B5es-sobre-a-sa%C3%BAde-da-popula%C3%A7%C3%A3o-LGBTI-no-contexto-da-epidemia-de-Covid-19.pdf>. Acesso em 10 maio 2022.
- ADFAS. Caso Mariana Ferrer deve suscitar reflexões sobre o julgamento com perspectiva de gênero. **ADFAS**, 11 nov. 2020. Disponível em: <https://adfas.org.br/caso-mariana-ferrer-deve-suscitar-reflexoes-sobre-o-julgamento-com-perspectiva-de-genero/>. Acesso em: 15 fev. 2023.
- ADORNO, T. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz & Terra, 2015.
- ALBERTI, V. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2013.
- ANDRADE, M. M. V. Perspectivas feministas em criminologia: a interseccionalidade entre gênero, raça e classe na análise do estupro. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, v. 146, p. 435-455, ago. 2018. Disponível em: https://sistemas.rj.def.br/publico/sarova.ashx/Portal/sarova/imagem-dpge/public/arquivos/Perspectivas_feministas_em_criminologia.pdf. Acesso em: 15 fev. 2023.
- ANZALDÚA, G. Como domar uma língua selvagem. **Cadernos de Letras da UFF**. Dossiê: Difusão da língua portuguesa, Rio de Janeiro, n. 39, p. 297-309, 2009.
- ANZALDÚA, G. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p 232-236, 2000.
- ARANTES, E. M. M. A reforma das prisões, a Lei do Ventre Livre e a emergência no Brasil da categoria de “menor abandonado”, 2011, p. 1-7. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/12/A_reforma_das_prisxes.pdf. Acesso em: 15 fev. 2023.
- AUAD, D. Caminhos entrelaçados: Feminismos e Lesbianidades na Pesquisa em Educação. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 3, 2021, p. 1-15. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/4DZrrdvKWxfstXFkXZnYZkq/>. Acesso em: 15 fev. 2023.
- BARROS, M. **Matéria de poesia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Fatos e Mitos (Vol. 1). 1.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BENTO, B. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, n. 2, 2011.
- BOSI, E. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2013.
- BOUJIKIAN, K. Credibilidade da palavra da vítima como prova de violência sexual. **Organização Compromisso e Atitude**, 2021. Disponível em:

<http://www.compromissoeatitude.org.br/credibilidade-da-palavra-da-vitima-como-prova-de-violencia-sexual-por-kenarik-boujikian/>. Acesso em: 15 fev. 2023.

BRASIL. Lei n.º 6.697 de 10 de outubro de 1979. **Institui o Código de Menores**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/16697.htm#:~:text=1%C2%BA%20Este%20C%C3%B3digo%20disp%C3%B5e%20sobre,nos%20casos%20expressos%20em%20lei. Acesso em: 03 mar. 2022.

BRASIL. Lei n.º 8.069, de 13 de julho de 1990. “**ECA**”. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília, 16 jul. 1990. BRASIL].

BRASIL. Lei n.º 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Planalto**, Brasília, 13 de julho de 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em: 15 fev. 2023.

BRASIL. Lei n.º 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em: 03 mar. 2022.

BRASIL. **Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento Para Crianças e Adolescentes**, 2008. Disponível em https://www.tjsp.jus.br/Download/Corregedoria/pdf/Conanda_Orientacoes_Tecnicas.pdf Acesso em: 01 jul. 2022.

BRASIL. **Proteção Especial Social**, 2015. Disponível em <http://mds.gov.br/aceso-a-informacao/perguntas-frequentes/assistencia-social/pse-protacao-social-especial/pisos-piso-de-alta-complexidade>. Acesso em: 01 de julho de 2022.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BUTLER, J. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CALGARO, F. Bolsonaro repete que não estupra deputada porque ela 'não merece'. Portal de Notícias G1, 09 dez. 2014. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2014/12/bolsonaro-repete-que-nao-estupra-deputada-porque-ela-nao-merece.html>. Acesso em: 15 fev. 2023.

CAMARGO, K. A. **Abuso sexual infantil - uma cartografia: silenciamento, testemunho, ressentimento, esquecimento**. 2016. 78 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/18910>. Acesso em: 15 fev. 2023.

CHINAZZO, I. R. *et al.* Impacto do estresse de minoria em sintomas depressivos, ideação suicida e tentativa de suicídio em pessoas trans. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 26, supl. 3, p. 5045-5056, out. 2021. Disponível em: <http://old.scielo.br/pdf/csc/v26s3/1413-8123-csc-26-s3-5045.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2023.

CONANDA - Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente; CNAS - Conselho Nacional de Assistência Social. **Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças**. Brasília: Ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009.

COUTO, R. M. B.; RIZZINI, I. Acolhimento institucional para crianças e adolescentes em situação de rua: Pesquisa e políticas públicas. **Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 1-15, maio 2021. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fass/article/view/39173>. Acesso em: 15 fev. 2023.

CRUZ, F. 'Egressas' de Serviços de Acolhimento e a Invenção de Novas Possibilidades de Vida. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 34, n. 99, 2019, p. 1-20. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/psgLnCVYrppn4vCwWRpCsWG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 mar. 2022.

DAMACENO, N. S.; MARCIANO, R. P.; DI MENEZES, N. R. C. As Representações Sociais da Maternidade e o Mito do Amor Materno. **Perspectivas em Psicologia**, Uberlândia, v. 25, n. 1, p. 199-224, jan./jun. 2021.

DAVIS, A. **A Liberdade É Uma Luta Constante**. São Paulo: Boitempo, 2018.

DAVIS, A. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

EVANGELISTA, M. B. Segredos compartilhados: a transcrição como recurso narrativo em histórias sobre aborto. In: ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DE HISTÓRIA ORAL, 10., 12 a 13 out 2013, Campinas. **Anais...** Campinas: Unicamp, 2013.

EVARISTO, C. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FIGUEIREDO, M. **Entre a casa, as ruas e as instituições de acolhimento: crianças e adolescentes em situação de e as instituições de acolhimento no estado do Rio de Janeiro**, 2020. Disponível em: https://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccpg/pibic/relatorio_resumo2020/download/relatorios/CCS/SER/SER-M%C3%B4nica%20Regina%20de%20Almeida%20Figueiredo.pdf. Acesso em: 30 maio 2022.

FLORENTINO, B. R. B. As possíveis consequências do abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes. **Fractal: Revista de Psicologia**, Niterói, v. 27, 2015, p. 139-144. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/dPY6Ztc8bphq9hzdhSKv46x/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 fev. 2023.

FONTES, L. F. C.; CONCEIÇÃO, O. C.; MACHADO, S. Violência sexual na adolescência, perfil da vítima e impactos sobre a saúde mental. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 22, 2017, p. 2919-2928. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2017.v22n9/2919-2928/pt/>. Acesso em: 15 fev. 2023.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Violência contra mulheres em 2021**. Brasil: Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2022. Disponível em:

<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/03/violencia-contra-mulher-2021-v5.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2023.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Violência doméstica durante a pandemia de Covid-19**. 2. ed. Brasil: Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2020. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/06/violencia-domestica-covid-19-ed02-v5.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2023.

FRANCO, A. Anielle Franco toma posse como ministra da Igualdade Racial. **Globo News**, 11 jan. 2023. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=562468082143089>. Acesso em: 15 fev. 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

GONÇALVES, B. V. **As garotas (des)amélias**: acolhimento institucional e sexualidade. 2014. 85 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014.

GONZALEZ, L. **Primavera para as rosas negras**: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

GUAJAJARA, S. Declaração à imprensa. In: Sonia Guajajara toma posse do Ministério dos Povos Indígenas. **COIAB**, 12 jan. 2023. Disponível em: <https://coiab.org.br/conteudo/sonia-gujajara-toma-posse-do-minist%C3%A9rio-dos-povos-ind%C3%ADgenas-1673636498002x425740200327512060>. Acesso em: 15 fev. 2023.

HABIGZANG, L. F. *et al.*. Abuso sexual infantil e dinâmica familiar: aspectos observados em processos jurídicos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 21, n. 3, p. 341-348, set. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/RQSFdbchSLM3dbmt4VCjXZS/?lang=pt#>. Acesso em: 15 fev. 2023.

HANSEN, L. Pra quem vai o seu amém? In: Vários artistas. **Na luta pelo Estado laico contra os fundamentalismos**. [S. l.]: Nosotras Music, 2017.

HOOKS, b. **Erguer a Voz**: Pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, b. Vivendo de Amor. **Geledés**, 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor>. Acesso em 10 de julho de 2022.

INSTITUTO INTERNACIONAL DE RAÇA, IGUALDADE E DIREITOS HUMANOS. **Dossiê da Violência Contra a População Negra LGBT**. Disponível em <https://raceandequality.org/wp-content/uploads/2015/08/DossRede-Afro-2016.pdf>. Acesso em: 30 maio 2022.

INSTITUTO MARIELLE FRANCO. Disponível em: <https://www.institutomariellefranco.org/quem-e-marielle>. Acesso em: 15 fev. 2023.

JAEGER, M. *et al.* Bissexualidade, bifobia e monossexismo: problematizando enquadramentos. Bissexualidade, bifobia e monossexismo: problematizando enquadramentos. **Periódicus**, v. 2, n. 11, p. 1-16, maio/out. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/28011/20100>. Acesso em: 15 fev. 2023.

JESUS, M. N. **Adolescente em conflito com a lei**: prevenção e proteção integral. Campinas: Savanda, 2006.

KARPINSKI, M.; SANTOS, K. A. Discursos de Violência Contra Mulheres LBT: Invisibilidade e Silenciamento. **PSI UNISC**, Florianópolis, v. 3, n. 2, 2019, p. 55-71.

KAUR, R. **Outros jeitos de usar a boca**. São Paulo: Planeta, 2017.

KER, J. Linn da Quebrada: “ainda não conquistei a humanização do meu corpo”. **Revista Híbrida**, 2019. Disponível em: <https://revistahibrida.com.br/musica/linn-da-quebrada-ainda-nao-conquistei-a-humanizacao-do-meu-corpo/>. Acesso em: 15 fev. 2023.

LAGO, T. As doutrinas da situação irregular e da proteção integral, associadas ao filme "A voz do coração", de Christophe Barratier. **Jus.com.br**, 06 dez. 2015. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/45170/as-doutrinas-da-situacao-irregular-e-da-protecao-integral-associadas-ao-filme-a-voz-do-coracao-de-christophe-barratier>. Acesso em: 15 fev. 2023.

LEÃO, N. **Coisas do mundo**. [S. l.]: Philips, 1969.

LESSA, C. B.; MAYOR, A. S. A dificuldade na promoção de medidas preventivas contra o abuso sexual infantil nas escolas. **Humanas Sociais & Aplicadas**, v. 9, n. 25, p. 61-77, jun. 2019. Disponível em: https://ojs3.perspectivasonline.com.br/humanas_sociais_e_aplicadas/article/view/1745. Acesso em: 15 fev. 2023.

LORDE, A. **Irmã Outsider**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.

LORDE, A. **Sou sua irmã**. Escritos reunidos e inéditos de Audre Lorde. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

LULA. Declaração à imprensa. In: O que é a intervenção federal decretada por Lula no Distrito Federal, **G1**, 08 jan. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/01/08/o-que-e-a-intervencao-federal-decretada-por-lula-no-distrito-federal.ghtml>. Acesso em: 15 fev. 2023.

MACHADO, J. C. *et al.* Violência intrafamiliar e as estratégias de atuação da equipe de Saúde da Família. **Saúde e Sociedade**, v. 23, n. 3, 2014, p. 828-840. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/QJspb6DwvFvzK5KdTy5k43k/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 fev. 2023.

MAIA, A. L. Gênero e violência em unidades de acolhimento de crianças e adolescentes. In: JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, 6, 2013, São Luís. **Anais...** São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 2013, p. 1-8. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2013/JornadaEixo2013/anais-eixo7->

questoesdegeneroetniaegeracao/pdf/generoeviolenciaemunidadesdeacolhimentodecriancasead
olescentes.pdf. Acesso em: 15 fev. 2023.

MARQUES, C. C.; CZERMAK, R. O olhar da psicologia no abrigo: uma cartografia. **Psicologia & Sociedade**, v. 20, n. 3, 2008, p. 360-366. Disponível em: <http://old.scielo.br/pdf/psoc/v20n3/06.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2022.

MENDONÇA, V. M. **Um dia você vai sentir na própria carne**. Jundiaí: Paco Editorial, 2020.

MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS E DA CIDADANIA. 81% dos casos de violência contra crianças e adolescentes ocorrem dentro de casa, 14 jul, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2021/julho/81-dos-casos-de-violencia-contra-criancas-e-adolescentes-ocorrem-dentro-de-casa>. Acesso em: 15 fev. 2023.

MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS E DA CIDADANIA. Crianças e adolescentes são 79% das vítimas em denúncias de estupro registradas no Disque 100, 2 jun. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2022/junho/criancas-e-adolescentes-sao-79-das-vitimas-em-denuncias-de-estupro-registradas-no-disque-100>. Acesso em: 15 fev. 2023.

MISKOLCI, R. Pânicos morais e controle social: reflexões sobre o casamento gay. **Cadernos Pagu**, p. 101-128, jan./jun. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/tWFyRWkCdWv4Tgs8Q6hps5r/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 fev. 2023.

MULAMBA. **Mulamba**. Curitiba: Máquina Discos, 2018.

OLIVEIRA, T. C. Evolução histórica dos direitos da criança e do adolescente com ênfase no ordenamento jurídico brasileiro. **Revista Interdisciplinar do Direito**, Faculdade de Direito de Valença, [S.l.], v. 10, n. 2, out. 2017. Disponível em: <http://revistas.faa.edu.br/index.php/FDV/article/view/173>. Acesso em 25 maio de 2022.

PIRES, T. R. O. Direitos humanos traduzidos em pretuguês. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 11; WOMEN'S WORLDS CONGRESS, 13, 2017, Florianópolis. **Anais Eletrônicos**. Florianópolis, 2017, p. 1-12. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499473935_ARQUIVO_Texto_completo_MM_FG_ThulaPires.pdf. Acesso em: 15 fev. 2023.

POKER, T. C. D. Políticas de Identidade no sistema de acolhimento a crianças: A história de vida de uma pós-abrigada. **Psicologia & Sociedade**, v. 29, 2017, p. 1-9. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/8Zy4qzkVt7TsPv85qWcYwLH/?lang=pt&format>. Acesso em: 25 maio 2022.

PORTELLI, A. **História Oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra & Voz, 2016.

PORTILHO, A. Bolsonaro adota fala homofóbica e defende que 'Joãozinho seja Joãozinho a vida toda'. **Folha de S. Paulo**, 13 jul. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/07/bolsonaro-adota-fala-homofobica-e-defende-que-joaozinho-seja-joaozinho-a-vida-toda.shtml>. Acesso em: 15 fev. 2023.

PREFEITURA DO ESTADO DE SP. República Jovem, s. d. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/CENTRAL%20DE%20VAGAS/R ep%C3%BAblica%20Jovem.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2023.

PROUNI. Portal único de acesso ao ensino superior, 2022. Disponível em <https://acessounico.mec.gov.br/prouni>. Acesso em: 01 jul. 2022.

QUEBRADA, L. **Oração**. [S. l.], 2019.

QUEIROZ, A. C. S. Uma perspectiva decolonial para compreender o acolhimento institucional de crianças e adolescentes negros. In: RIZZINI, I.; COUTO, R. M. B. (Orgs.). **Entre a casa, as ruas e as instituições**: crianças e adolescentes em situação de rua e as instituições de acolhimento. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2021.

Rede Nacional Feminista de Saúde Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos. Disponível em: <https://www.redesaude.org.br/>. Acesso em: 15 fev. 2023.

RICH, A. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas-Estudos gays**: gêneros e sexualidades, v. 4, n. 05, 2010, p. 17-44. Disponível em: https://cchla.ufrn.br/bagoas/v04n05art01_rich.pdf. Acesso em: 15 fev. 2023.

RISTUM, M. A violência doméstica contra crianças e as implicações da escola. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 1, p. 231-242, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v18n1/v18n1a19.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2023.

RIZZINI, I.; COUTO, R. M. B. (Orgs.). **Entre a casa, as ruas e as instituições**: crianças e adolescentes em situação de rua e as instituições de acolhimento. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2021.

RIZZINI, I.; RIZZINI, I. **A institucionalização de crianças no Brasil**: percurso histórico e desafios do presente. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2004.

ROSA, G. **Grande Sertão**: Veredas. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado e violência**. 2ª edição, São Paulo: Expressão popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SAFFIOTI, H. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SAFFIOTI, H. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, A. O.; BRUSCHINNI, C. (Orgs.). **Uma questão de gênero**. São Paulo: Rosa dos Tempos Editora e Fundação Carlos Chagas, 1992.

SCHIBELINSKI, D. “Isso é coisa do capeta!”: o papel da “ideologia de gênero” no atual projeto político de poder. **Retratos da Escola**, v. 14, n. 28, p. 15-38, jul. 2020. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/1131>. Acesso em: 15 fev. 2023.

SEFFNER, F. Sigam-me os bons: apuros e aflições nos enfrentamentos ao regime da heteronormatividade no espaço escolar. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 145-159, jan./mar. 2013.

SEGATO, R. L. Território, soberania e crimes de segundo Estado: a escritura nos corpos das mulheres de Ciudad Juarez. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 265-285, maio/ago. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cVyTVdFx8FVgcppK7QNQR4B/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 fev. 2023.

SILVA, G. W. S. *et al.* Situações de violência contra travestis e transexuais em um município do nordeste brasileiro. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 37, n. 2, 2016, p. 1-7. Disponível em: <http://old.scielo.br/pdf/rgenf/v37n2/0102-6933-rgenf-1983-144720160256407.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2023.

SILVA, M. A, LUPPI, C. G, VERAS, M. M. S. M. Trabalho e saúde na população transexual: Fatores associados à inserção no mercado de trabalho no estado de São Paulo. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 5, p. 1723-1734, dez. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/DbBMCHS9t6QMC5YtYSQnCP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 fev. 2023.

SOUZA, G. T.; MELO T. M. P.C; SILVA, V.A.S. (Orgs.). **O tabuleiro das (im)pertinências**. Ciências humanas e ciências de dados: aproximações. Uberlândia: Navegando Publicações, 2020.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2018.

TAGLIAMENTO, G. *et al.* Minha dor vem de você: Uma análise das consequências da LGTBfobia na saúde mental de pessoas LGBTs. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 6, n. 3, p. 77-112, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/34558>. Acesso em: 15 fev. 2023.

TGEU. Transgender Europe, 2018. Disponível em: <https://tgeu.org/>. Acesso em: 04 abr. 2023.

VARGAS, J. D. Familiares ou desconhecidos? A relação entre os protagonistas do estupro no fluxo do Sistema de Justiça Criminal. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 14, 1999 p. 63-82.

VASQUES, L. VÍDEO: Bolsonaro volta a usar expressão racista e diz que negros são pesados em arrobos. **Revista Fórum**, 12 maio 2022. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/2022/5/12/video-bolsonaro-volta-usar-expresso-racista-diz-que-negros-so-pesados-em-arrobos-116290.html>. Acesso em: 15 fev. 2023.

YORK, S. W.; OLIVEIRA, M. R. G.; BENEVIDES, B. (2020). Manifestações textuais (insubmissas) travesti. **Revista Estudos Feministas**, v. 28 n. 3, 2020.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Resolução 510/2016 do CNS)

TRAJETÓRIAS DE JOVENS MULHERES LBT:

MEMÓRIAS DE (DES)ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL, VIOLÊNCIAS E RESISTÊNCIAS

Eu, Rute Bueno Caires, estudante do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar (Sorocaba) o (a) convido a participar, de forma voluntária e anônima ao conceder-me uma entrevista, da pesquisa “Trajetórias de jovens mulheres LBTQ+: processos de acolhimento institucional, violências e resistências, orientada pela Prof.^a Dr.^a Viviane de Melo Mendonça. O objetivo da pesquisa é compreender como as jovens mulheres LBTQ+ vivenciaram os processos de acolhimento institucional em Abrigos para Crianças e Adolescentes. De modo específico, tendo em vista que essas mulheres já são adultas e não estão mais nesses abrigos, pretende-se: a) analisar as narrativas de memória das experiências vividas dessas jovens nos abrigos, procurando identificar processos, ações e discursos de resistência e superação das possíveis violências sofridas durante sua vida; e b) analisar como o período de acolhimento institucional afetou o modo como essas jovens têm construído suas identidades e relações afetivas e sociais após o desligamento institucional. Você foi selecionada a responder uma entrevista semiestruturada com alguns tópicos sobre aspectos que envolvem o tema da pesquisa, a saber: memórias de infância: convívio com familiares, com outras crianças e no ambiente escolar, condições econômicas e estruturais da família e do espaço geográfico onde transitava. Processo de transição entre infância e juventude: momentos de transições, mudanças e rupturas, vivências nos abrigos de acolhimento e estrutura organizacional, relações nos ambientes em que circulava e redes de apoios, relações afetivas e sexualidade. A vida após o processo de desinstitucionalização: se estiver trabalhando, abordar sobre as relações no ambiente de trabalho, o local onde está morando e as relações com espaço geográfico, por fim, relações de amizades, afetivas e sexualidade. As entrevistas serão individuais e realizadas no local de preferência das entrevistadas, cabe apontar que, consideramos pesquisa semiestruturada, o procedimento onde, na medida em que as questões são elaboradas, não se vislumbra respostas diretas e objetivas. São questões acerca da temática que podem/devem servir como disparadoras mnemônicas para aferir confiança e interesse nas entrevistadas para assim, poderem discorrer

de maneira livre sobre o tema. Como visto acima, neste caso, as perguntas não serão invasivas à intimidade, entretanto, caso a participação gere estresse e desconforto como resultado da exposição de opiniões pessoais em responder perguntas que envolvem as próprias ações, os participantes terão garantidas pausas, liberdade de não responder alguma pergunta, abandonar o tema ou assunto, e podem ainda, interromper a entrevista a qualquer momento. Estimamos que cada entrevista tenha entre 60 e 120 minutos, mas consideramos também que os extremos possam ocorrer, sobretudo para o caso de estresses vivenciados pelas participantes que podem tanto inibir como fomentar o desejo de falar sobre os temas e assuntos abordados. Neste caso, se percebermos qualquer incômodo, ou atravessamento que nos pareça, motivar a participante a não falar ou qualquer outra coisa que interfira de forma a causar angústia demasiada a elas, ofertaremos que a entrevista seja encerrada imediatamente, se assim desejarem. Como as entrevistas serão gravadas em arquivos de áudio, elas serão posteriormente transcritas na íntegra e disponibilizadas para as participantes. É importante ressaltar ainda, que mesmo com termo de consentimento assinado e em posse de uma via deste termo, as participantes terão sempre acesso ao Registro de Consentimento, bastando fazer solicitação do mesmo à pesquisadora principal ou à sua orientadora pelos endereços eletrônicos expostos ao final deste termo. Todas as entrevistas serão feitas em pelo menos duas sessões, sendo que, a primeira sessão se configura pela entrevista realizada de maneira presencial e com gravação de áudio. A segunda sessão se dará quando, depois de transcritas as entrevistas, elas forem submetidas às participantes de maneira impressa, para que possam ler e fazerem suas considerações. Caso queiram alterar, excluir ou complementar alguma coisa, será em terceira e última sessão. Essas informações serão evidenciadas às participantes antes do início das entrevistas. O agendamento das entrevistas será feito de acordo com a agenda e disponibilidade de cada participante, e salientamos que o local da entrevista será combinado com as entrevistada, de modo a não ter nenhum custo para a mesma, ainda assim, caso haja qualquer outro gasto decorrente da entrevista, será imediatamente ressarcido pela pesquisadora com recursos próprios. Ressaltamos que a pesquisa em questão apresenta risco mínimo de danos para seus participantes, por se tratar apenas de uma entrevista. Os possíveis riscos relacionam-se a desconfortos emocionais que podem emergir no momento da realização da entrevista, devido à temática da pesquisa. Portanto, a pesquisadora a) garante que sempre serão respeitados os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos; b) assegura a confidencialidade, a privacidade e a não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou econômico – financeiro; c) garante que é habilitada ao método de coleta dos dados; d) estará

atenta aos sinais verbais e não verbais de desconforto; e) garante o acesso aos resultados individuais e coletivos da pesquisa; f) garante que a entrevista seja realizada local reservado e liberdade para não responder questões constrangedoras; e f) se necessário, em caso de encerramento da entrevista, por qualquer desconforto emocional, a pesquisadora também poderá orientá-la e encaminhá-la para profissionais especialistas e serviços disponíveis, visando o bem-estar da participante. Sua participação auxiliará na obtenção de dados que poderão ser utilizados para fins científicos, proporcionando maiores informações e discussões que poderão trazer benefícios para a área de Estudos da Condição Humana, com construção de novos conhecimentos e identificação de novas alternativas e possibilidades para os estudos sobre gênero e sexualidades. Os resultados destes estudos, tanto ficarão disponíveis em ambiente virtual e público com livre acesso, quanto serão impressos, encadernados e entregues em mãos, pela própria pesquisadora, a cada uma das participantes, em até 60 dias após a defesa da dissertação. Sua participação é livre e voluntária e a qualquer momento o (a) senhor (a) pode desistir e retirar seu consentimento. Sua recusa ou desistência não lhe trará nenhum prejuízo profissional, seja em sua relação ao pesquisador, à Instituição em que trabalha ou à Universidade Federal de São Carlos. Essa desistência deverá ser manifestada, mesmo após a realização da entrevista, por e-mail pelo endereço rutecaires@estudante.ufscar.br que é o e-mail da pesquisadora principal (Rute Bueno Caires), com cópia para o endereço viviane@ufscar.br que é o e-mail da orientadora da pesquisa (Viviane Mendonça de Mendonça). Todas as informações obtidas através da pesquisa serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação em todas as etapas do estudo. Caso haja menção a nomes, a eles serão atribuídas letras, com garantia de anonimato nos resultados e publicações, impossibilitando sua identificação. Ainda, solicito sua autorização para gravação em áudio das entrevistas. As gravações realizadas durante a entrevista serão transcritas e utilizadas apenas para fins científicos. Você receberá uma via deste termo, a ser assinado por você, pela pesquisadora e orientadora, onde constam os contatos das pesquisadoras. Se você tiver qualquer problema ou dúvida durante a sua participação na pesquisa poderá comunicar-se por qualquer um dos contatos abaixo a qualquer momento. Este projeto de pesquisa foi aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) que é um órgão que protege o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, visando garantir a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes de pesquisas. Caso você tenha dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos como participante deste estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da UFSCar que está vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa

da universidade, localizado no prédio da reitoria (área sul do campus São Carlos). Endereço: Rodovia Washington Luís km 235 - CEP: 13.565-905 – São Carlos SP. Telefone: (16) 3351-9685. E-mail: cephumanos@ufscar.br. Horário de atendimento: das 08:30 às 11:30. O CEP está vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde (CNS), e o seu funcionamento e atuação são regidos pelas normativas do CNS/Conep. A CONEP tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo CNS, também atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar - Asa Norte - CEP: 70719-040 -Brasília-DF. Telefone: (61) Telefone: (61) 3315-5877 E-mail: conep@saude.gov.br. Dados para Contato (24 horas por dia e sete dias por semana) Pesquisadora responsável: Rute Bueno Caires Endereço: Rua João Valentino Joel, 197, Vila Hortência, Sorocaba- SP Contato Telefônico: Telefone: (15) 99115 1834 E-mail: rutecaires@estudante.ufscar.br Universidade Federal de São Carlos (UFSCar/Sorocaba) / Telefone: (15) 991428450 Centro de Ciências Humanas e Biológicas. Pós-graduação em Estudos da Condição Humana. Orientadora: Professora Dra. Viviane Melo de Mendonça E-mail: viviane@ufscar.br

Eu, _____ declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. Sorocaba/SP, _____, de _____, de 2022

Rute Bueno Caires

Assinatura da participante

APÊNDICE B – ENTREVISTA COM GAIA

Encerrada a apresentação de seu novo lar, ela inicia a conversa falando baixo, misturando silêncios, lágrimas e pedindo para que eu não olhasse em seus olhos... Primeiramente eu vou falar da minha trajetória. É importante esclarecer as questões da minha mãe... O fato da minha mãe ser usuária de crack até hoje, pelas últimas notícias que tive da rede... Então desde quando eu me conheço por gente, lembro que minha mãe é usuária de crack, ela também tem algumas questões mentais, acho que desde a minha infância. Também vou falar um pouco da minha infância... Tudo que lembro da minha infância... Mas antes, podemos conversar de um jeito diferente. Por favor? Tenho dificuldade de falar quando tem gente me olhando... Você pode não olhar para mim?

A minha infância, parte do que eu lembro, foi de coisas muito difíceis, porque aos seis anos eu sofri o meu primeiro estupro, que foi o momento o qual consigo distinguir como estupro. Foi pelo pai do meu padrasto, que é avô do meu irmão. Tenho dois irmãos por parte de pai e dois por parte de mãe, um deles é o V. que é o neto desta pessoa, antes dos meus... Antes de acontecer isso na minha vida. Eu tive muito pouco contato com meu pai, morei em uma cidade grande, e depois de um suposto sequestro, por conta do meu pai ter me pegado em uma creche e me levado para uma cidade grande, não tive contato com minha mãe por nove meses... E aí, minha mãe conseguiu minha guarda junto com esse meu padrasto, e nesse contexto eu passei a morar com a minha mãe e com o meu padrasto, em uma cidade do interior, e depois, eu nunca mais tive contato com meu pai, como eu disse, quando comecei a falar dos meus irmãos.

Eu tenho um irmão, o V., nós temos cinco anos de diferença. Eu sou mais velha. Quando fui morar com eles, minha mãe e meu padrasto, eu tinha uns três anos, e quando eu fiz cinco anos o V. nasceu. Tenho dois irmãos mais velhos, um filho da minha mãe e o outro filho do meu pai, o G., que é o filho do meu pai, a gente nunca teve contato, ou no máximo um contato limitado, por conta que a mãe dele também é usuária de crack, e a gente era de mães diferentes, então era mais complicado, mas a gente sabe da existência um do outro.

Já o outro irmão, a gente conviveu na infância, por conta que a minha mãe o entregou para o pai quando ele tinha quatro anos... A gente tem doze anos de diferença. Hoje eu tenho 18 e ele vai fazer trinta. Ele morou sempre com o pai, e até os 18 anos ele não queria contato com minha mãe, porém aos 18 anos, ele foi preso e ficou detido por alguns anos.

Voltando lá na parte de onde eu parei... Onde eu consigo ter memória da minha infância que foi uma coisa muito difícil, é uma coisa é... É o que mais me dói hoje... lembrar das

inúmeras situações complicadas... É exatamente nesse ponto, nesse momento que começo a sofrer com os abusos sexuais...

Primeiro, eu vou contar um pouco do que aconteceu. Nós morávamos na casa desse avô do meu irmão que comente. Nessa época, a minha mãe estava grávida, então, tipo... já começou aos cinco anos ali - diz isso revelando que os assédios contra ela começaram neste período, apesar de os estupros terem sido aos seis anos, aos cinco, já havia abuso por parte deste avô -, é... A minha mãe estava grávida, gravidez de risco. Além disso, ela era usuária e a gente passava por várias questões em casa. Por isso, eu quase não ia para escola. Ninguém da família deste avô, do meu irmão, eu lembro nitidamente, não gostavam da minha mãe, e automaticamente isso acabava esbarrando em mim.

Essa pessoa, o avô do meu irmão, aparentava para todas as pessoas, ser muito cuidadoso, amoroso, muito brincalhão em relação às crianças. Acho que era a forma que ele usava para se aproximar. E a minha mãe, nessa questão, ela sempre confiou, ou sei lá se confiou também ou simplesmente nem ligava e me largava sem se importar. Me deixava em qualquer lugar, com qualquer pessoa... O lugar onde a gente morava era uma chácara, um lugar que tinha mato, tinha que carpir e essas coisas... Era muito fácil perder a gente de vista, e ele também tinha um outro neto que é o H., que é um ano mais novo que eu. Quando e o H. estávamos brincando, o avô, mandava o H. ir tomar banho ou fazer alguma outra coisa para ele poder ficar sozinho comigo. A primeira coisa que aconteceu, que eu me lembro, é de ele... assim... na hora de eu tomar banho, ele ir usar o banheiro. Não tinha privacidade. Sempre teve aquele negócio de que todo mundo achava que todo adulto cuida da criança. Então, começou com esse cuidado. E isso era uma coisa que também me deixava confusa na época, do que era cuidado?

Ele começou a me levar para trás da chácara onde tinha mato. E eu ia... às vezes, ele levava o H. junto, mas todas as vezes que aconteceu, estávamos só ele e eu. Eu acho que ele nunca fez nada com o H., porque era neto de sangue dele e porque era menino. Mas também não duvido que tenha feito e eu não saiba né...?

Mas o H. nunca esteve presente quando ele fazia isso comigo... E a minha mãe estava muito ocupada, porque minha mãe sempre priorizou os namorados, os machos da vida dela, e o V. enquanto ele estava na barriga dela, porque depois, quando ele nasceu... Tudo começou assim, ele me colocava no colo para eu sentir as suas genitais... é... Ele começou a ter esses tipos de “carinho”, até que chegou o fato dele tirar o pênis para fora e me mostrar e começou a querer me ver sem roupa, coisas assim... Antes de ocorrer realmente o fato... Ele me fazia isso... O mais doloroso para mim, são os episódios do sofá. Estes episódios me pegam muito forte, até sinto muito nojo de mim mesma por isso. Ele me colocava no sofá, deitada, assim... Sabe?...

No braço do sofá. E colocava as minhas pernas em cima dele. E aí começava com um carinho, e depois, enfiava os dedos em mim. E aí começava a prometer coisa para mim, e dizer que eu não podia contar para ninguém e que se eu contasse eu nunca mais ia ver minha mãe... E coisas assim... Eu me lembro, era pequena, era uma criança, mas eu realmente lembro de nunca mais ver minha mãe.

Quero dizer, eu fiquei muito tempo sem ver minha mãe, foram nove meses. E eu sempre me lembrava disso. Foi muito difícil lidar com isso naquele momento. Já tinha ocorrido a penetração e eu tinha muita dificuldade... e eu só contei para uma tia avó do V., porque ela sabia que tinha alguma coisa errada comigo. Ela via que eu não conseguia segurar o cocô, e eu tinha muitas dificuldades na escola. Eu não conseguia interagir e não conseguia deixar as pessoas me acessarem... Então eu contei para ela, e ela contou para as pessoas da família. Aí todo mundo falava que eu estava inventando, inclusive a minha mãe. Ela dizia que isso não tinha acontecido, e que era um absurdo eu falar isso. Enfim, ninguém acreditou.

Porém, na escola eles sabiam que estava acontecendo alguma coisa errada comigo, porque, como eu disse, minha mãe também era usuária de crack, e nós sofriamos outras coisas para além do abuso. A gente passava necessidades, e a minha mãe sempre foi muito agressiva. Então eu também vivia marcada, e na escola, eles perceberam que eu não conseguia segurar o cocô. Foi aí que eu comecei a ser atendida, comecei a passar por psicólogos e psiquiatra. Aos seis anos eu já tinha depressão. E como a violência permaneceu por muito tempo, eu tinha medo de contar até para os profissionais, e quando eu contava, na sessão seguinte eu desmentia. Desmentia porque minha mãe me colocava essa dúvida... ela dizia que não tinha acontecido, mas sim que eu tinha assistido em algum lugar, mas que na verdade não tinha acontecido comigo...

E acho que essa é uma das coisas mais difíceis de eu lidar hoje... Saber que tinha tanta gente por perto... é impossível ignorar isso, muita gente poderia ter feito alguma coisa! A minha mãe não fez nada...! Ela dizia que se ela fizesse alguma coisa, o E. que era o pai do V. iria se separar dela, porque o abusador era o pai dele... Minha mãe não fez nada para me proteger porque ela falava que o E. era o amor da vida dela e mais um monte de bobagem... Ela não fez nada... Na verdade, continuou me deixando com ele. Só que como ele sabia que eu tinha contado e ninguém acreditava em mim, ele passou a ser muito mais agressivo.

Na escola, tentativa 1

Por mais que algumas professoras que me acompanhavam, tivessem notado que alguma coisa não estava certa, nunca aconteceu algo efetivo, sabe... Que iria me tirar daquela situação, e eu tinha muita dificuldade, por algumas pessoas, que já comentei aqui, as minhas professoras, nunca foram muito boas minhas relações com elas, porque eu era muito atrasada e não conseguia acompanhar, e eu acho que todo mundo foi largando mão, assim... Sabe?

Então a minha vida inteira, foi como se eu não existisse, como se eu não estivesse sendo vista, e na escola não foi diferente, sinto que quando eles poderiam ter feito alguma coisa, que foi quando eu falei, ou até mesmo quando eles notavam essas coisas, eles ficavam esperando muito de outras pessoas, e as outras pessoas esperavam de outras, até que ficava insustentável...E ninguém fazia nada...

Em relação a minha guarda, que é curioso mesmo, a minha mãe ainda ter a minha guarda naquela época, mas é porque o pai do meu irmão se responsabilizou, com termos judiciais, pela minha guarda e pela guarda do meu irmão, por conta das questões mentais da minha mãe, minha mãe não estava psicologicamente estável para ter a gente, então ele estava, e ele ficou responsável por mim e pelo V.

E o acompanhamento que eles fazem em relação ao uso de drogas é muito falho, porque se um usuário falasse que não estava mais usando drogas, então eles eram liberados. Mas na verdade, seguiam usando, e era o que acontecia com minha mãe...

Em relação à família do V., como eu disse, eles não gostavam da minha mãe, então, não importava o que eu falasse, não importava, não importava... Porque eles não gostavam da minha mãe e isso automaticamente refletia em mim. E na escola, a minha relação com outras crianças era muito difícil, porque eu não conseguia interagir, não conseguia me integrar, não conseguia acompanhar, então eu preferi não ir mais.

Quando eu ia, era muito vergonhoso, porque na minha cabeça, e isso era uma coisa que persiste até hoje, parece que quando as pessoas me olham, elas sabem o que aconteceu comigo. E parecem que elas sentem de mim, o mesmo nojo que sinto. Sinto nojo de mim mesma... e sinto que as pessoas também sentem, mesmo que elas não saibam... E parece que é por isso que elas preferem fingir que eu não existo...

Amizades da escola, por exemplo, eu só me lembro de ter depois dos onze anos. Mas que eu tenho contato ainda hoje, são poucas. E isso só veio a acontecer quando eu já estava quase entrando na pré-adolescência... E é isso, o que eu consigo lembrar e distinguir... Sempre foi algo muito... Porque eu sabia que eu era diferente, sabia que a minha posição como pessoa

era diferente, o fato de, sei lá... A minha mãe ser daquele jeito, e as outras mães não quererem que os filhos estivessem comigo...

É isso, eu sei que eu tinha noção já naquela época... e também tinha essa dúvida dentro de mim, de não entender porque eu não podia falar, não podia falar das coisas que me machucavam, que aconteciam comigo... enfim... Isso tudo foi por conta da minha mãe...

Acolhimento

Desde meus seis anos, eu fui diagnosticada com depressão infantil, então eu frequentava o CREAS, e as psicólogas sempre me acompanhando... e a minha mãe, como eu disse, era muito agressiva, ao ponto de me deixar roxa de tanta pancada apenas porque eu estraguei um lápis de olho dela. Uma vez ela me bateu com uma rasteirinha, isso eu nunca mais esqueço, porque hoje isso pra mim é engraçado e assustador ao mesmo tempo... era uma rasteirinha que tinha uma flor embaixo, na sola, e a flor ficou na minha cara marcada e quando eu cheguei na escola, eu lembro de ter falado que eu estava em uma gangorra e cai em cima do chinelo da minha mãe, e aí eu fico imaginando, né... O que as pessoas pensavam dessa história, será que acreditavam? Não sei, eu escuto coisas vindas de crianças, eu presto muita atenção, mas acho que isso é responsabilidade...

Desde criança eu sempre tive responsabilidades, como minha mãe era usuária, desde quando eu lembro, quando o V. nasceu, ele já era meu, porque ele sempre foi minha responsabilidade. Então minha mãe saía de casa, e largava o V. comigo, e eu já não ia para a escola para cuidar dele... Então, juntava o problema que eu já falei sobre ir para a escola e como que era complicado para mim, e aí, somava essa questão de eu ter de cuidar do V. Era assim, eu não queria ir pra escola por causa das minhas dificuldades, porque eu tinha vergonha de tudo que acontecia, mais a depressão, que eu só queria mesmo ficar em casa, e isso tudo só piorava. Por fim, a minha mãe saía e deixava o V. comigo, e como eu disse, eu e ele temos cinco anos de diferença, então eu era muito pequena, mas tinha muita responsabilidade. E ela saía e me largava com ele passando fome, a gente não conseguia se virar e por isso nós passávamos muita fome. Alguns vizinhos, às vezes, levavam miojo para nós. E eu tenho um trauma horrível de miojo até hoje.

Mas era ou isso ou nada, porque minha mãe saía e nos deixava sem ter o que comer. Não que se ela estivesse lá, iria fazer muita diferença, porque não tinha quase nada em casa mesmo. Quem é usuário de crack, vende tudo para conseguir usar... E então tudo que tinha em

casa, e já não tinha mais quase nada, ela vendia... era complicado... O V., cresceu sob minha responsabilidade. Eu fui aprendendo a me virar e a cuidar dele...

Neste meio tempo, aquele ser humano, avô do meu irmão, faleceu. Eu tinha 8 anos, e eu acho a morte dele muito engraçada, na verdade, ninguém sabe ao certo como ele morreu, mas eu acho engraçado... Eu rio, porque eu tenho uma suspeita. Na verdade, uma suspeita muito grande, mas isso acho que vou explicar um pouco mais para frente. Todo mundo acha que foi infarto, porque ele foi encontrado caído no chão no quarto onde dormia... Depois eu conto. A gente se mudou de lá...

E a gente veio morar em outra cidade do interior, aí a minha mãe e o E., que era namorado dela, terminaram mais uma vez. Eles voltavam e terminavam mais do que tudo. Bom, depois que a gente se mudou dessa casa, e olha que a gente se mudou muitas e muitas vezes, para várias casas em várias cidades, porque a minha mãe não pagava o aluguel das casas onde estávamos... éramos praticamente nômades, porque não tínhamos endereço fixo nem ela tinha emprego. A gente só estacionou, paramos de mudar, quando ela começou a trabalhar em outra cidade pequena...

Nessa cidade foi diferente porque a minha mãe sempre morou lá, e o pai dela arrumou um emprego para ela. Um não, na verdade três... Ela trabalhava ao mesmo tempo em um hotel, no restaurante e no bar. Era três em um. Eu acho que foi o emprego que ela mais permaneceu. Nessa época nós fomos morar em um tipo de cortiço, e as casas eram muito engraçadas. Morar lá foi uma das partes boas da minha infância, mesmo sendo precário. Era engraçado porque eram quatorze casas idênticas, construídas de umas placas de uma material estranho. Eram todas ligadas e se uma caísse, todas cairiam. Elas existem até hoje, inclusive quero te levar para você ver, porque tudo que eu falo tenho necessidade de legitimar e trazer alguma coisa que comprove.... eu tenho impressão de que as pessoas não acreditam em mim, e às vezes, eu mesma me coloco em dúvida. Sabe?

Bom, como eu disse, lá era engraçado, tinha de tudo, de vovozinhas crentes, até traficantes e usuários de crack. Cada casa tinha umas cinco crianças e olha que eram apenas dois cômodos. Neste momento, eu comecei a frequentar um pouco mais a escola, mas o V., ainda era responsabilidade minha, então, eu só podia brincar com outras crianças se o V., estivesse junto, mas como ele era bem pequeno ainda, ficava difícil. Mas tudo bem, porque eu me acostumei a engolir o meu choro, a aguentar calada. Agora, por exemplo, eu quero chorar, mas não consigo... E eu fico constantemente assim, meio que engolindo o choro.

Como a minha mãe separava e voltava com o pai do V. constantemente, num desses intervalos a gente teve um outro padrasto, que se chamava S. Ele era funcionário de uma

empresa e tinha que ficar viajando. Numa dessas viagens, ficou hospedado no hotel onde minha mãe trabalhava. Eles começaram a se envolver e a minha mãe já começou a levar ele para casa... Eu acho que homens têm tendência de procurar vítimas, e eu não sei se minha mãe chegou a contar pra ele sobre os estupros que sofri... mas o fato é que eu fui abusada por ele também... a minha mãe não sabe disso porque eu omiti dela. Eu não contei isso para ninguém, apenas pra você agora. Esse abusador, essa pessoa que estou falando agora, ela está viva e não está longe... e a minha mãe trabalhava nesse hotel, e eu era abusada pelo namorado dela...

É como se abusadores usassem a mesma estratégia sempre, ameaças... hoje eu acho ridículo ter guardado tudo isso só para mim, ter passado tudo isso... Eu não fiz nada sozinha, por conta da minha mãe... e se no mínimo ela me amasse, como ela diz que me ama...

O S., tinha um filho chamado G., que é 3 anos mais novo que eu, e tinha também o Y., que tinha 9 meses. Ele era muito próximo a mim, todo mundo sempre dizia que eu tinha espírito maternal, mas eu não concordo! Eu fui obrigada a exercer o papel da minha mãe para que meu irmão não passasse pelo que eu passei, por isso eu acho que o V., me olhava como mãe. O V., era a única coisa com que eu podia me apegar, ele era tudo que eu tinha. Isso é estranho também, né? E detalhe, nesse período todo, eu tinha depressão, então era como se você estivesse drogada, e eu lembro que nessa fase eu já pensava muito sobre o que eu estou fazendo naquele lugar, vivendo aquelas coisas? Mas aí eu lembrava da minha mãe e do V., e eu não conseguia fazer nada para me livrar de tudo aquilo. Sei lá... eu pensava em muitas coisas, como o fato de a minha mãe me culpar novamente pelo ocorrido, já que foi isso que ela fez com relação ao primeiro abuso que eu sofri. Ela dizia que eu tinha inventado, que era eu que seduzia os namorados dela. Sabe?

Então, sobre este segundo abusador, eu nunca contei para ela, mas isso não significa que ela não saiba... apesar de eu nunca ter falado e ela nunca ter visto nada, não significa que não tenha acontecido e que ela não saiba. Porém, às vezes eu tenho vontade de contar tudo, principalmente quando ela taca na minha cara que eu seduzia os namorados dela, sendo que eu tinha entre 9 e 10 anos... Enquanto todo mundo dormia, este meu padrasto abusava de mim... e eu não conseguia fazer nada a não ser pensar, o que eu estava fazendo naquele lugar... eu não conseguia reagir...

Durante muito tempo eu achei que o que eu fiz, de não dizer nada, significava que eu tinha consentimento com tudo aquilo, até hoje isso é algo que me machuca muito, por eu não ter conseguido reagir. Mas por que eu iria fazer...?

Acho que se eu sofresse algum abuso hoje, eu não conseguiria fazer nada também, porque... eu fico pensando, sabe? Por que eu reagiria, se eu tenho a impressão que ninguém se

importa... então eu acho que nem eu mesma me importo, sabe? E eu não sei explicar... Eu sinto muita culpa.

A morte e o terceiro abusador

Eu sinto muita culpa, e como eu disse, minha mãe separava e voltava com um dos namorados, o E., mas o durante todo o tempo ela ainda estava com o outro, o S. Por conta das confusões que ela se metia, sempre tinham muitas brigas e por causa disso, a gente foi embora para outra cidade. Em alguns meses, o E. foi assassinado por sua irmã. Durante um tempo eu achei que ela era um monstro por ter feito isso, mas hoje em dia eu não acho mais. Consigo entender quem era ele de fato, misógino e agressivo... apesar disso, ainda sinto confusão de sentimentos sobre ele, mas também, quando ele foi assassinado eu tinha apenas dez anos de idade. Agora, eu acho que estou na fase de entender melhor essas memórias, principalmente tomando como base os estudos que tenho...

Olha só, me lembro de ele, o E., também ser lesbofóbico, porque a tia do V., a N. era lésbica, e ela não reproduzia feminilidade, e ele dizia que ela era "Maria Macho" e que ela estava querendo ser ele, porque eles eram muito parecidos fisicamente, e eles brigavam muito... a ponto de se agredirem fisicamente mesmo, de sair na mão. Muitas vezes, não tinha motivo aparente, ou começavam das agressões verbais e já partiam para as agressões. Ele agredia ela e também a própria mãe...

O episódio da morte dele deve estar registrado em alguma plataforma da internet, porque deu noticiário. Quando aconteceu, nós já estávamos morando em outra cidade. Começaram mais uma briga que a deixou cheia de hematomas. Aí, ela pegou a espingarda do pai dela, que foi meu abusador, uma espingarda antiga, de caça, e enquanto ele estava subindo na moto ela atirou nele... A bala entrou no pulmão, e por isso que ele morreu.

Eu odiava muito toda essa situação, todo este clima de tensão e briga que tinha o tempo todo e, sempre achei que isso era sim por culpa da minha mãe também, porque ela era adulta e podia ter feito alguma coisa para não vivermos assim... E minha mãe era o centro da minha vida, né? Tenho lembranças da minha primeira infância, de não querer estar nesse mundo, porque sempre foi muito difícil existir, e eu não me lembro de nenhum momento leve, sabe? Depois que o pai do V., foi morto, tudo piorou, porque também tinha a fome! E a gente passou muito mais fome! Apesar de tudo, antes de morrer, o pai do V., nos ajudava um pouco e não deixava a minha mãe me matar, quando ela tinha aqueles descontroles mentais.

Nem sei até que ponto eram mesmo mentais os descontroles que ela tinha. Quando ele morreu, eu tinha dez anos, a gente continuou morando na casa do outro namorado da minha mãe, o S., e eu voltei para a escola. Mas todas essas confusões e abusos, quando eu comentava na escola, a resposta que eu tinha, era que eu devia contar para minha mãe, mas eu sabia que não podia contar para ela. Então, sempre ficava tudo por debaixo do pano... Até porque quando eu mudei de cidade, de escola, a responsabilidade de acompanhar meu caso era da cidade e da escola nova, mas nunca ninguém fez nada, parecia que eles não estavam nem aí. Então parei de fazer acompanhamento psiquiátrico e psicológico. Neste momento eu já tinha 11 anos, e foi neste momento que a minha mãe começou a visitar o meu terceiro abusador. Agora estou falando do abusador que me engravidou, que é filho da minha mãe. Ele estava preso por tráfico de drogas, desde os dezoito anos e minha mãe não podia ter contato com ele porque o namorado dela que foi morto, não deixava ela ter nenhum contato com ele, nem com o meu pai também.

Ele morava em uma cidade do interior, porque ele ficava “de bonde”, sendo transferido de um presídio para outro. E depois que o S., foi morto, a gente tinha de fazer uma carteirinha para ir ver ele, tanto eu quanto V., e minha mãe. Eu me lembro de ter ido visitá-lo umas duas vezes na cadeia, mas antes disso, por conta do namorado dela, a gente não tinha contato nenhum com ele. Então, por conta desse negócio de território, que enquanto a minha mãe era namorada de um, não podia ter contato com o outro, e cada um determinava o que a minha mãe podia e não podia fazer, eu nunca tive a oportunidade de conviver com este filho dela, e ele também nunca me procurou.

Quando comecei a conviver com ele, eu já era pré-adolescente, já tinha onze anos. Foi quando nós nos mudamos mais uma vez de cidade e ele foi solto, saiu da cadeia. Ele veio morar com a gente porque ninguém mais, nem o pai dele queria ter contato com ele. Bom, nessa época eu tinha um celular. Ele dizia que eu não tinha idade para ter celular, que eu era muito nova, e que não sei o que... enfim, ele convenceu a minha mãe, que era usuária de crack, de que eu não podia ter celular... Sei que já falei isso, mas por minha mãe ser usuária, nós nos mudávamos bastante de cidade, porque quando ela ficava devendo drogas, ela entrava no "prazo", o que significa que ela começava a ser cobrada pelos traficantes. E por isso, ela podia apanhar, ou até ser morta pelos traficantes para quem ela devia, entendeu? Até morrer... se não pagar...

É muito comum as pessoas morrerem por dez reais, então é por isso que a gente mudava muito de cidade, inclusive a gente foi embora para outra cidade, mudamos por conta da minha mãe.

Laços de Família

A família da minha mãe é um pouco complicada. Também, ela tinha quatorze irmãos. Atualmente, oito estão mortos e seis estão vivos. Minha mãe também tem uma trajetória muito difícil, e isso não dá para negar. Por isso que, às vezes, minha cabeça, minha consciência, oscilam. Muita coisa poderia ter sido evitada por minha mãe. Por ela não ter feito nada para acabar com tudo isso, ela se tornou a autora de quase todas as violências que aconteceram comigo...

Eu reconheço que, de muitas maneiras, minha mãe também é vítima. Ela também já sofreu estupros... Então, às vezes, eu quero tentar entender tudo, inclusive o lado dela, mas é complexo, e eu não consigo... não consigo entender e muito menos explicar...

Então, nos mudamos de cidade e o meu terceiro abusador foi solto e veio morar com a gente. E tudo começou da mesma forma que das outras vezes. Ele se colocava como meu cuidador, dizia que as minhas amigas que, como eu, tinham onze anos, não eram boa companhia para mim, e dizia também que eu não podia ter amigos meninos... Isso é uma coisa muito engraçada, em relação a minha sexualidade, os homens operam sempre neste registro, né...?

Também por isso, homens nunca foram a minha principal rede de confiança e proteção. Sempre foram as mulheres e as meninas. Então eram muito poucos os meninos que me acessavam, exatamente por conta disso, até hoje me esquivo muito dessas relações com homens, porque eu acho que é um jeito de seguir viva. Existe uma coisa aqui dentro de mim, uma coisa complexa que me faz ficar sempre angustiada, é uma questão, uma constante divergência de pensamento comigo mesma. Eu sabia que tinha alguma coisa errada e eu nunca consegui nomear isso, e eu nunca consegui dividir isso com ninguém, porque a vida inteira fui chamada de louca. Desde os meus seis anos as pessoas já diziam que eu inventava histórias... Mas como seria possível eu inventar o cheiro de uma pessoa? Sim, porque eu sentia o cheiro dos meus abusadores em mim, em meu corpo. Eu não acho que isso seja possível, inventar um cheiro, entendeu? Do mesmo jeito, eu acho que sou injusta comigo mesma por acreditar nas pessoas, que sempre me fizeram mentir, e é muito louco isso.

E aí ele saiu da cadeia, e veio morar com a gente. Segundo ele, eu era muito nova para ter um celular. Nem eu nem minhas amigas podíamos ter celular. Ele dizia que elas iriam me levar para o caminho errado. Elas e os meninos iriam me levar para o caminho errado, porque ele achava que eu ficava de graça com os meninos. Que idiota, né? E a minha mãe acatava, porque como eu não tinha pai, ela acatava o que ele dizia como se ele fosse o meu pai. O meu verdadeiro pai nunca me procurou... Isso também é muito estranho, porque com essa fala dela,

parecia que ela se importava com isso de eu ter pai, mas ela não me deixava aproximar da minha família paterna. E também, eles sempre “cagaram” para minha existência e da minha mãe. Por ela ser usuária e as questões mentais, eu acho até um pouco natural eles se afastarem dela, mas isso respingava em mim, isso me atrapalhava muito, até na escola, sabe?

Apesar de tudo, acho que esse foi o período menos ruim na escola, porque tive algumas professoras que, eu não consigo explicar, mas parece que elas me enxergavam de verdade, mesmo com as minhas dificuldades, elas me inseriram, me ajudaram a me integrar com outros alunos... Quando elas faziam isso, as outras pessoas também faziam o mesmo. Os adultos sempre me invisibilizavam, mas elas não.

Com onze anos eu já estava no sexto ano, e já tinha mais de um professor, e isso ajudou bastante porque tiveram essas professoras que me notaram e a partir disso, outras crianças me notavam também, então foi quando eu comecei a fazer novas amizades, inclusive, isso é uma coisa muito engraçada, hoje, eu tenho bastante contato com pessoas dessa minha sala de sexto ano. Nós estamos inclusive, marcando um encontro...

Olha, tem outra coisa que é muito louca na minha cabeça. Todas essas pessoas conheceram o meu terceiro abusador, e isso torna tudo muito mais difícil para eu lidar hoje, porque como eu disse, parece que as pessoas, quando vem conversar comigo, querem saber de tudo, mas quando eu conto, parece que começam imediatamente a duvidar de mim. Essa é uma situação, uma sensação que eu lido muito. Tenho de lidar com o fato de que o pai de meu filho é meu irmão que abusou de mim. Mas quando eu conto isso, porque todo mundo pergunta como se esperassem uma resposta romantizada, ninguém parece acreditar. Enfrento isso em muitos lugares, desde uma consulta médica até na escola do meu filho...

Quando ele veio morar com a gente, foi um momento decisivo para que a minha mãe perdesse de vez a minha guarda. Porque a vinda dele para morar com a gente foi o segundo momento mais traumático da minha vida. Sim, porque no meu segundo estupro, pelo meu padrasto, que eu silencieei, eu já sabia exatamente o que estava acontecendo, mas eu não fiz nada e por isso é uma das partes da minha vida que eu mais me culpo. Me culpo por não atribuir a responsabilidade para quem era responsável... Então, como o terceiro usou as mesmas estratégias que o outro abusador, e eu não consegui dizer nada, mesmo tendo um pouco mais de consciência, porque eu já havia sofrido o outro abuso... Isso é traumático para mim...

Este abuso sexual cometido contra mim, por esse meu irmão que eu vou chamar aqui de terceiro abusador, porque é assim que eu o chamo em todas as ocasiões.

Ele começou a limitar minha rede. Ele tinha ciúmes de mim na escola, porque eu comecei a fazer amigos, e foi um ano muito bom na escola, porque foi o ano que eu mais tive

rendimento escolar, que eu comecei a notar que eu também era inteligente. Porque, primeiro que eu nunca fui reconhecida como uma criança branca e isso eu acho importante citar, todas as crianças, voltando lá nos meus seis anos, tipo, na festa junina, por exemplo - que é uma festa machista e racista, horrível -, na festa junina a menininha branca, do cabelinho preto ou loirinha que todo mundo queria que fosse a noivinha, e não sei o que... a menina de quem a professora sempre foi puxa-saco por ela ter 50 canetinhas, e eu por exemplo passava fome em casa, como eu iria ter e enfim... Eu acho que é por conta disso que eu sinto muito nojo de mim mesma, porque eu acho que se eu fosse uma criança branca, todo mundo se importaria mais, ou todo mundo tentaria cuidar de mim do jeito certo.

Eu acho que é por isso que é tão difícil a minha relação comigo mesma hoje e não só hoje, sempre foi assim minha relação comigo mesma... E como foi difícil superar esse meu segundo estupro feito pelo meu padrasto, porque é muito pesado para mim o fato de eu ter silenciado, ter escondido, porque parece que foram tantas as vezes que nem parece que importa, sabe? Mas tem esses dois lados na minha cabeça, o que sabe que aconteceu, e o lado que quer fingir que não aconteceu, porque eu sinto vergonha de falar isso na verdade.

Pensar assim, está mesmo em outro registro, tipo, prefiro não ficar pensando sobre isso, mas acho que passa por dois momentos, na verdade, o primeiro momento acho que é muito aquela frase “sigo aguentando”, e eu não tinha escolha, e até quando eu estava escondendo não tinha muito o que fazer e não dependia de mim, até porque com as ameaças que me faziam e a pouca idade que eu tinha, não tinha literalmente nada que eu podia fazer, e nem ninguém para recorrer, apesar de eu achar que tivesse sim alguém, mas não tinha. Eu só tinha mesmo uma responsabilidade, cuidar do meu irmão V., e essa questão é que envolve os meus piores medos, sei lá, imaginar que alguém fazer algo para ele. Essa é a parte que mais me dói, na verdade, porque o V. me culpa...

Este segundo estupro cometido pelo meu padrasto, como eu omiti ele para todo mundo, eu tive de encontrar uma maneira de superar, mas como não consegui porque ele foi mais traumático, porque além do estupro tinha o fato de o estupro ser o meu padrasto, este processo que vivenciei para tentar superar teve uma espécie de término quando eu tinha onze anos. Foi um longo processo, e quando eu estava no meio dele, vem o pior de todos. Com a vinda do terceiro abusador para morar com a gente, com esse disfarce de cuidador, vem o terceiro estupro, e esse terceiro é o mais difícil, porque tem outros atravessamentos, tem possessividade, pois ele não me deixava ter contato com outras pessoas... e eu já era uma pessoa que tinha poucas amizades, poucas pessoas me acessavam, e isso é assim desde sempre... Tudo piorou com essas barreiras impostas por ele, e aí minha mãe começou a trabalhar de novo, mas

ainda usava crack, e esse é um ponto importante, minha mãe sempre foi usuária e ele tinha acabado de sair da cadeia...

E quando se sai da cadeia, tem que assinar a carteirinha de monitoramento, porque no caso dele, ele não podia sair da cidade. Mas ele foi morar com a gente em outra cidade por um curto período de tempo. Por isso, eu consegui ir para a escola até o mês de julho, depois, não pude mais voltar até o final do ano. Minha mãe alegava para toda a minha rede, que aliás sempre foram as mesmas pessoas que cuidaram de mim desde meus seis anos, que eu não estava indo para a escola por conta da minha depressão.

Mas na verdade, o que estava acontecendo era que eu não podia ter contato com ninguém, e olha que a minha casa estava sempre cheia de gente, porque como minha mãe é usuária, e usuários nunca fazem nada sozinhos, tinha movimento em casa o tempo todo. E ainda tinha a polícia que volta e meia aparecia lá em casa também, a gente tomava muito enquadro policial... Foi bem traumático para mim, ter que assistir a violência dos policiais contra essas pessoas. Não importa se o que elas faziam era certo ou errado, mas presenciar isso me atravessava... Mesmo com tantas pessoas em minha casa, eu sabia que não podia contar com ninguém. Eu não podia ir ao mercado, ir a uma praça sozinha, tinha de ir sempre com ele...

Antes das minhas férias, ele me deixava na porta da escola e me buscava na porta da escola, e se ele me visse falando com um menino era motivo de eu apanhar. Porque minha mãe deu essa autoridade para ele. Ele podia me bater, e então a agressão física já era muito comum por conta disso. A minha mãe começou a trabalhar e aí começou a acontecer com ele também.

A pior parte

A gente dormia em um beliche, inclusive... e o meu irmão caçula, o V., dormia na parte de baixo porque ele fazia xixi na cama, e o ser colocava o V. para dormir lá em cima, para ficar fácil o acesso em relação a mim. Ele deitava do meu lado e ficava fazendo carinho em mim, na maior parte do tempo era assim, até que um dia, eu senti a mão nas minhas partes íntimas, no meu corpo todo... eu já comecei a ficar em choque e ele começou a fazer questão de fazer eu ficar acordada durante esses momentos. Com o passar dos dias, começou a penetração. Neste caso, em específico, os abusos que ele cometia comigo, eram sempre muito violentos, não era igual os outros que me prometiam coisas, que me falavam que iam fazer coisas... Com o ele era diferente. Ele me machucava durante o estupro. Me fazia e dizia coisas difíceis como, dizer que ninguém ia fazer nada e que ninguém se importava comigo. Era isso que ele e a minha mãe me falavam.

Ele sabia do meu apego e responsabilidade com o V., e esse era o meio que ele pegava para me silenciar. No ato dos estupros, ele me mandava ficar de diversas posições, me fazia me depilar, puxava meu cabelo e prensava minha cabeça contra a parede. Um dia quero te mostrar a casa em que esses episódios aconteciam, as paredes eram só rebocadas... e ele prensava minha cabeça nessa parede. Eu me lembro de suar com a minha cabeça prensada na parede durante o estupro, ardia e eu chorava. Me sufocava tanto que eu não conseguia respirar... Ele deixou várias marcas em mim... olha aqui minha perna, isso foi uma facada que ele me deu. Tudo em mim é memória, como o cheiro dele... eu me lembro de ele me usar de todas as formas... eu sinto o gosto dele... e... é, eu tenho agonia de cumprimentar homens porque eu sinto a barba e isso me lembra ele...

Isso tudo é horrível, mas me faz pensar... E eu sempre soube que eu era diferente, que eu, mesmo sendo uma criança, tinha um perfil que chamava a atenção desses estupradores. Nesse terceiro caso, o mais violento, eu fiquei literalmente trancada dentro de um quarto onde eu não podia ver ninguém, no escuro mesmo. Minha mãe tinha síndrome do pânico e ela colocava cobertores até nas frestas das janelas e da porta. A casa ficava muito escura, e ainda tinham as pessoas usando crack, tudo dentro do mesmo quarto, e minha mãe dizia que não via eu sofrendo os estupros, jura que nunca viu essas violências acontecendo comigo dentro do mesmo quarto que ela estava, sendo que isso acontecia em muitos momentos, já que eu não ia para escola, e principalmente à noite! E todas as outras pessoas, eu culpabilizo elas sim! Porque ninguém nunca fez nada e eu acho impossível, ninguém nunca ter visto o que estava acontecendo comigo dentro do mesmo quarto que todo mundo estava. Se fosse o contrário, eu veria e eu não deixaria quieto! Isso me dói muito, porque eu só queria que alguém fizesse alguma coisa para me ajudar.

Morte e vida

Este foi o momento em que eu mais pensei em suicídio, porque aconteceu durante mais ou menos um ano, e em novembro de 2016 eu descobri que estava grávida e descobri sozinha... Porque eu não tinha acesso, as outras coisas do mundo.

Eu senti a diferença no meu corpo em novembro, porque eu realmente me conhecia muito bem, e comecei a passar mal. Eu tinha absoluta certeza de que eu estava grávida, e quando isso realmente foi uma verdade, quando eu contei para ele, ele dizia que tudo bem e que eu carregava uma parte dele dentro de mim e isso me dá muita raiva dessa gravidez... Ele continuou me estuprando do começo ao fim da gestação.

Essa minha gravidez foi a coisa mais horrível que aconteceu na minha vida, e ainda o que mais me dói é que nesse momento e em todos os momentos da minha vida eu estive sozinha. Porque é diferente você ser sozinha e estar sozinha... E é horrível pensar em algo crescendo dentro de você, imagine sabendo que é filho de alguém que te violenta e essa pessoa chegar em você e dizer que está tudo bem porque você carrega uma parte dele dentro de você! Isso deixou o meu fardo cinco vezes mais pesado. E, para piorar, quando eu estava com cinco meses de gestação, no meu aniversário de treze anos... porque quando eu engravidei tinha doze anos, este foi o meu pior aniversário, porque foi nesse dia que ele me disse essa coisa infernal... Mas como ele podia me dizer uma coisa dessa? O que ele pensava, sendo que nunca teve sexo consensual... Era uma coisa muito dolorida... e ele fazia questão de deixar ainda pior, me fazendo sofrer também com as agressões físicas... Ele tinha raiva da minha mãe, porque minha mãe me criou, e não criou ele. Como se tivesse sido fácil para mim, ter sido criada por ela...

E eu não sei bem se ele fazia isso comigo para atingir minha mãe, mas eu sei que ele fazia tudo com muito ódio, era diferente dos outros abusadores, e eu acho que é por isso que foi mais difícil... E quando eu estava grávida de cinco meses, um pouco depois do meu aniversário, eu estava escondendo a gravidez, só que uma das amigas da minha mãe reparou e perguntou, porque o corpo muda... E eu tinha doze anos, e de repente, comecei a mudar do nada. E aí vem essa amiga da minha mãe e pergunta... não tinha mais o que piorar.

Em vários momentos eu pensei em abortar, mas ao mesmo tempo, decidi levar à frente, porque eu achava que eu morreria antes da criança nascer. Acho que desejei muito isso, porque já não era mais suportável continuar, nem pelo V., porque eu não queria continuar nesta vida, nada mais fazia sentido...

E aí essa vizinha começou a me ajudar, mas acabou contando para minha mãe, e ela ficou com muita raiva de mim e correu contar para o meu agressor que mais gente sabia de tudo.

Então, ele me pegou e fez tudo que ele podia e não podia, e depois fugiu. A minha mãe ficou muito brava por eu ter contado para a vizinha que contou tudo para os caras da boca também. A minha mãe estava preocupada com o que aconteceria com o filho dela que teve de fugir dos caras porque eles também acharam muito erradas as atitudes do filho dela - eu não entendo muito bem o porquê, mas até para os caras da boca, as atitudes dele eram erradas...

Minha mãe e ele sabiam que agora ele corria risco de vida, e foi por isso que ele fugiu. Minha mãe me responsabilizou por isso. Ela teve um surto e tentou me matar com uma faca enorme... E ela falava que ia tirar o bebê de dentro de mim, chamava o bebê de "merda". Ela gritava e dizia que era por conta daquela "merda" que o filho dela estava correndo risco de vida!

Tentava me dar facadas enquanto jogava na minha cara que eu era a errada, que eu não podia ter feito aquilo e que ela não podia ter feito nada porque ele também era filho dela...

Nesse momento ela estava namorando outra pessoa, e esse namorado meio que apartou a briga. Foi muito traumático para mim. Eu consegui me esconder entrando debaixo da cama e me esquivar das facadas, o meu padrasto ajudou bastante, ele até levou uma facada dela que cortou o tendão de sua mão. Se não fosse isso, ela teria acabado comigo e com meu irmão. Eu tinha dois cachorros na época... Eu saí de casa descalça pela rua de terra da casa onde morávamos... Um dia quero te levar para conhecer este lugar, porque isso é importante para mim, porque tenho necessidade de ficar provando o que digo.

Eu tinha acabado de fazer treze anos e saí de casa levando meu irmão de oito anos... eu estava grávida e carregando meu irmão no colo, descalça e com meus dois cachorros, porque eu não sou uma mãe desnaturada! Meu irmão ficou na casa de uma amiga da minha mãe, não era uma amiga de verdade, sabe, era uma pessoa que tinha dó de nós e era uma das pessoas que dava miojo para comermos... Ele ficou lá e ela falou que eu não podia ficar com ele porque, como o terceiro abusador estava atrás de mim, e ele também estava fugindo porque os caras da boca queriam encontrar ele, isso iria colocar a família dela em risco, e por ele ter passado uns dias na cadeia, muita gente tinha medo... Então, nós, eu e meus cachorros, nesse caso, ficamos na rua, e a gente não ficava em um lugar específico, sempre mudava de lugar por conta dele, e às vezes, eu ia na casa de uma amiga, quando a mãe estava trabalhando e depois, quando ela ia chegar, eu saía... E tem uma amiga que é importante eu citar, que é a N., a mãe dela que era a proprietária das casinhas de placa que eu morava de aluguel, e ela não gostava da minha mãe, mas alugava a casa para ela.

Quando ela saía para trabalhar, eu entrava na casa para ver minha amiga, eu entrava pela janela. Era um sobrado, mas eu conseguia entrar pela janela. Mas era bem complicado... Eu grávida entrando pela janela do sobrado. Eu pensei várias vezes em pedir para minha amiga que ela subisse em minha barriga. Eu estava pensando em abortar quando isso passou por minha cabeça... quando a mãe dela ia chegar, eu ia embora e dormia na rua, mas na verdade eu não dormia, porque ninguém dorme na rua, tudo pode acontecer...

O Abrigo!

Eu fiquei em situação de rua desde... acho que um pouco depois do meu aniversário, mais ou menos do começo de abril, até dia 30 de maio. E aí no dia 30 de maio eu fui acolhida...

Tinha uma mulher na rua onde eu ficava, o nome dela é M., e ela sempre me via, acho que foi ela que chamou o conselho, ela já me conhecia antes de eu estar na rua, e chegou a conversar comigo sobre eu ficar lá, só que explicou que eu não podia ficar lá, por ser uma menor de idade, sem ter nenhuma autorização, porque daria problema para ela, e por isso ninguém nunca me acolhia... Sempre esbarrava em alguma questão...

Ou era por medo do que o terceiro abusador podia fazer, ou por questões de legalidade, sempre esbarrava em alguma coisa e eu não podia ser ajudada. Por isso, eu fiquei esse tempo na rua.

Lá na cidade em que eu morava, tinha um bosque com muitos pés de manga e umas verduras na horta. Eu sobrevivi um tempo comendo manga e verdura, basicamente isso... e eu passava muito mal, é uma coisa que eu preciso ressaltar, a gravidez era de risco por conta de ser consanguíneos, o que aumentou os riscos à minha vida, mas eu achava isso ótimo, porque eu não queria continuar tendo aquela vida mesmo. Por conta da gravidez tão jovem, do tamanho do meu corpo e do tamanho do bebê, por tudo de errado durante a gestação, eu desenvolvi um desvio na coluna, eu tinha acabado de fazer treze anos e pesava uns 40 quilos...

E eu cheguei no abrigo em uma situação muito precária, e fiquei tomando vitaminas por anos. Eu fui acolhida no final de maio... Eles me acolheram e foram buscar o meu irmão que tinha ficado na casa daquela vizinha, mas minha mãe tinha ido lá buscar ele, então eles foram lá na casa da minha mãe pegar o V.

Ah, um detalhe importante, esqueci de falar antes. Eu e minha vizinha ligamos para a polícia e contamos tudo que o terceiro abusador e minha mãe haviam feito, mas eles disseram que não podiam fazer nada, porque não tinha o flagrante. Mas para mim, eles fizeram vista grossa. Porque se eles fossem até o local, iriam comprovar tudo que eu estava dizendo, até a mão do meu padrasto cortada... Eu não estava mais na cena do crime porque eu havia conseguido fugir, mas o restante estava lá. Aquilo tudo significava risco para mim, o que eles queriam, que eu ficasse lá esperando... Ao mesmo tempo, eu mesma não sabia bem o que pensar, porque por outro lado, eu podia ser acusada de levar a polícia para “boca”.

Em meio a tudo isso, eu acho que só fui acolhida por estar grávida, porque se eu não estivesse carregando uma criança, eu acho que eu teria sido. Porque durante a minha vida toda, ninguém nunca se importou, e então é isso...

No dia que fui acolhida, porque eles me buscaram primeiro, só depois foram buscar o V. Eles usaram uma estratégia muito triste. Eu não sabia para onde estavam me levando, e hoje eu acho isso erro da equipe, porque começam traindo sua confiança. Eles chegam prometendo que vão levar você para comer um lanche numa franquía famosa e dizem que depois te trazem

de volta. Eu fui e deixei meus cachorros. No caminho, nós fomos até a casa da minha mãe para pegar o meu irmão. Isso foi muito difícil para eu assistir... a retirada dele foi triste. Eles se abraçaram, minha mãe segurava no portão e batia nas conselheiras tutelares, e meu irmão fazia uma estrelinha com os braços para não entrar no carro, e ele só parou quando ele me viu. Foi assim que fomos acolhidos. Ele estava só com uma bermuda e descalço, porque ele estava na rua. E eu não estava diferente... enfim, foi vergonhoso o jeito que fomos acolhidos...

Quando eu cheguei no abrigo, eu passava muito mal, no fim da gravidez tive crises de desmaio porque meu corpo não estava mais suportando a gravidez, e eu também não queria mais suportar, não aguentava mais, e o processo de crescimento da barriga e de todas as outras coisas que desencadeiam... no abrigo, eu sentia que eles só cuidavam de mim porque estava grávida, e não se importam de verdade comigo. Era como se eu não existisse. Faziam tudo pelo bebê e não porque eu precisava ser cuidada... era só porque eu carregava outra criança.

Antes de eu ser acolhida, na última vez que eu vi meu abusador, ele me disse que ia me matar, que não importa quanto tempo passe, ele vai me matar!

No abrigo, a equipe que me acolheu foi muito receptiva comigo, porém, eu estava em um lugar que eu não conhecia ninguém, e o abrigo estava quase vazio, porque quando eu cheguei na casa a capacidade de atendimento era para dez pessoas, com até dois excedentes, só que tinham apenas cinco crianças e eu fui uma das primeiras adolescentes desse lugar, porque eu tinha treze anos e estava grávida e tinha mais uma menina de quatorze anos.

Eu tinha muita vergonha porque algumas cuidadoras eram inconvenientes, mas eu entendo que não era por mal, mas elas realmente eram inconvenientes... me faziam perguntas do para confirmar que eu estava grávida, mesmo com todas as evidências... Algumas pessoas são insensíveis, me perguntavam onde estava o pai da criança... e me julgavam com os olhares quando eu respondia que não existia um pai. E tinham pessoas que ainda insistiam. Eu entendo que elas tinham que entender o que aconteceu, só que era difícil para mim também ficar falando de imediato... é difícil, é difícil...

Antes de ser acolhida eu passei por um atendimento com as assistentes sociais do CREAS, isso foi no caminho para o abrigo. Elas fizeram perguntas bem indelicadas, inclusive, eu acho que não são qualificadas para esse trabalho... Não acho que aquela seria a melhor forma de abordagem... mas também, eu entendo que elas precisavam entender o fato, por exemplo, eu estar grávida, saber se existia um pai, se foi fruto de sexo consentido, se eu teria condições de ser mãe... até porque, perante a lei, não existe consentimento sexual antes dos quatorze anos, e eu tinha apenas treze naquele momento, doze anos quando engravidei... Por eu achar que

idiota ficarem me perguntando este monte de coisas, eu acabava me esquivando muito de todas elas...

E a minha comunicação, principalmente relacionada a este assunto, sempre foi muito difícil... eu quase sempre respondia "aram" ou "hum"... e em muitos momentos ainda faço assim, até hoje... É muito difícil falar sobre isso... é muito difícil até hoje.

Eu já estava tão cansada de ter que ficar repetindo toda a história, ter de ficar reafirmando todas às vezes... Isso me lembra uma série de uma plataforma digital que mostra exatamente isso, de uma pessoa que sofre violências e ter que ficar toda hora recontando e revivendo essas histórias várias e várias vezes. Nos submetem a isso até que, em algum momento, alguém encontra alguma coisa diferente do que foi dito antes e aí passam a afirmar que é realmente invenção sua. É essa a impressão que tenho, sabe?

Bom, só para terminar isso, chegou o momento que minha mãe só ia ter contato comigo, se não acontecesse nada de ruim com filho dela. Então, para não perder o contato com minha mãe, eu cedi à chantagem dela, então, passei a dizer que foi o sexo com ele era consentido... Eu romantizava essa relação com a minha mãe. Quando ela me disse que se acontecesse algo com o filho dela eu podia esquecer que eu tinha mãe, eu fiquei com medo e comecei a falar que era sexo consentido. Também, eu já não tinha nada, perder a minha mãe, naquele momento... eu tinha medo.

No abrigo, também foi muito difícil para meu irmão. Ele sofreu com a adaptação. No início, nós dormíamos no mesmo quarto, que era o quarto da família. Éramos eu, meu irmão, e o meu filho que ainda estava na barriga.

Sexualidade

Como eu tive um filho e todo mundo que me conhecia sabia disso, então todas as pessoas me tratavam como se eu fosse heterossexual. Parece que ninguém consegue pensar em outra possibilidade... E como eu já disse a minha relação com homens/machos, sempre foi mínima, e as mulheres, sempre foram mulheres que me acolheram, mesmo que minimamente, mas sempre foram elas que me acolheram em todas as minhas relações. Eu acho que a partir disso eu comecei a me entender com outras possibilidades que não uma relação só com homens...

E por mais difícil que tenha sido, eu já me forcei a beijar meninos, e foram vários os momentos que fiz isso comigo. Porque mesmo com tudo que eu passei, eu nunca me limitei, mas também nunca achei que era algo que eu abominava em relação a me relacionar romanticamente com mulheres. Mas também, isso não era prioridade naquele momento. Eu tive

um momento ali e outro aqui, mesmo depois de ter parido, eu fiquei com outros meninos e depois passei a ficar apenas com meninas... Acho que fiquei durante um ano com meninos, depois eu parei e comecei a ficar apenas meninas.

Difícil mesmo era quando a gente queria falar das nossas sexualidades dentro do abrigo. Era complicado porque eram vários tipos de pessoas e principalmente mulheres, que tinham um pensamento muito fechado e muito impositivo. Lá no abrigo, era pra eu me sentir como se eu estivesse em minha casa, mas não me davam espaço para isso, para eu falar das minhas questões, para eu falar e me expressar.

Se você quiser, agora pode fazer contato visual comigo. Como eu estava dizendo, já era difícil até para me expressar, falar das minhas paixõezinhas e coisas assim. Durante muitos meses eu fui apaixonada por uma menina da escola, e eu não conseguia falar no abrigo sobre isso.

Então, eu criei um apelido para me referir a ela, para não ser um choque para as pessoas, porém, quem ficou surpresa fui eu ao conhecer, ali mesmo no abrigo a minha primeira referência de mulher lésbica e feminista. Foi uma cuidadora que se identificou comigo e eu com ela desde de que eu cheguei, ela se tornou minha referência. Eu a escolhi para assistir o parto do meu filho. Então para ela eu conseguia dizer, mas sempre alertando ela de que era segredo.

Dizia para ela que era segredo essas questões ligadas à minha sexualidade, porque eu ainda não me entendia como uma mulher lésbica e na verdade é muito contraditório, é muito difícil eu me nomear assim, porque é uma afronta, é abominável para grande parte da sociedade, e até algumas mulheres acham isso horrível, como se a gente estivesse perdendo a melhor coisa do mundo.

Quando na verdade, a forma como eu me interessei pelas pessoas, no caso pelas mulheres, não chega nem perto de ser por atração física, acho que é pela capacidade de acolhimento que me interessa. Por essa perspectiva humana. Eu nunca vi homens que tenham isso, e não só nas relações românticas, mas eu acredito que só mulheres têm essa capacidade com outras mulheres. Isso é uma afirmação que estou fazendo com base no que eu trago da minha vivência, porque o meu interesse é realmente o carinho, a escuta... A menina porque quem fui apaixonada, por exemplo, me apaixonei por ela simplesmente por ela se impor na sala de aula, por ela simplesmente falar e eu achava incrível ela falando...

Quando eu ia me referir a ela, a essa menina por quem me apaixonei, eu não usava o pronome feminino, eu apenas abreviava porque aí ficava a critério de quem estava ouvindo, e se alguém me perguntava, eu mudava de assunto, mas a tia J., ela sempre soube, porque a gente passava muito tempo juntas. Ela que acompanhava a mim e a meu filho, e era a única pessoa,

na época, que não ficava impondo que eu ficasse com o meu filho. Isso também foi muito difícil de passar, preciso mencionar aqui... Falar sobre a chegada do meu filho.

Eu cuidadora de mim...

Eu nunca tive a oportunidade de não estar cuidando, e eu nunca fui cuidada! Como eu disse, pensei em abortar por diversas vezes, e pensei em me matar outras tantas... Eu não tinha condições de escolher estar com aquela criança simplesmente por ele ter saído de dentro de mim, como achavam as técnicas do abrigo, porque era isso que elas pensavam, que eu tinha a obrigação de estar com ele... É muito difícil para mim ficar com ele mediante tudo que ele representa na minha vida.

É como se eu olhasse para ele e lembrasse de todas aquelas violências que vivenciei, olhar para ele me faz enxergasse meu abusador, além do que, ele é do sexo masculino... E isso é uma coisa difícil até hoje para mim, e eu não consigo dissociar as coisas...

A J., era a única pessoa que considerava a possibilidade de eu não ficar com meu filho, mas as outras pessoas não conseguiam ver isso. A tia J., o viu nascer e em seguida as médicas o pesaram e não sei o que, e foram me mostrar e me perguntaram se eu queria segurar a criança... eu disse que não! E as enfermeiras ficaram todas me olhando estranho. Por causa disso, a tia J., fez um barraco no hospital. Ela já tinha feito um barraco antes falando que não podia ser um homem para fazer o meu parto, porque eu não queria. No fim, foram médicas que fizeram. Tinha umas seis pessoas na sala e ficaram olhando para minha cara e perguntando se eu não queria a criança e aí eu disse que só não queria segurar... E foi sempre nessa posição de me esquivar que eu tenho lidado com isso.

Depois das perguntas e dos estranhamentos, elas simplesmente arrancaram o meu peito fora e enfiaram na boca do meu filho, e me falaram que eu tinha que trocar e levantar para cuidar, mas ninguém me perguntou se eu realmente queria fazer isso, e eu tinha medo de falar que eu não queria aquela criança porque eu tinha medo de perder o cuidado que eu estava tendo, mesmo sabendo que era por conta da gravidez.

Eu sabia que só estava sendo cuidada por causa daquela criança, porque antes disso eu não existia. Antes dessa gravidez, eu não existia... Durante todo esse tempo, a gente tinha medida protetiva por conta das coisas que o abusador fez e mesmo eu fazendo aquele discurso de que o sexo foi consensual, mesmo eu dizendo isso para defender ele e eu não perder a minha mãe, ele ainda tinha que responder a umas questões legais.

Chegou um momento que eu me sentei com a tia J... ela ficava na cozinha mas era cuidadora. No abrigo tem a equipe técnica e a cuidadora, ela era cuidadora. Na época a equipe era composta por pessoas muito queridas por mim, porém com essa relação de quererem que eu ficasse com meu filho, tornou as coisas muito mais difíceis para mim. Elas achavam a chegada do meu filho como uma coisa linda. A chegada de um bebê, todo mundo fica muito animado, porque na perspectiva deles, era uma coisa boa e deixava todos ansiosos...

Tem mais uma coisa ainda, o meu irmão, que também estava no abrigo, ele estava muito ansioso, porque ele não entendia o porquê eu estava parindo... e aí, nesse momento eu acho que fui muito negligente com ele, porque... olha só, como eu ia cuidar de alguém sendo que eu nunca fui cuidada? Como eu ia ter referência? Foi realmente difícil para mim estes momentos com o meu filho... muitas vezes eu tive pensamentos ruins, pensei que se ele não estivesse ali, que se ele morresse, seria melhor para mim...

Tirando a tia J., as demais pessoas do abrigo achavam que eu tinha que ficar com a criança. As pessoas ressaltavam o tempo todo como ele era lindo, que a partir de agora seríamos apenas eu e ele, coisas que só aumentavam minhas angústias, mas ninguém queria saber o que eu estava sentindo, e eu não conseguia me impor. Como eu não conseguia dizer nada do que eu pensava, eu apenas negligenciava ele em muitos momentos. Mas também, eu era uma criança de treze anos cuidando de um bebê! E dando conta da escola, e detalhe, nem as cuidadoras podiam me ajudar em relação ao meu filho, porque eu era a mãe, e então se alguém trocasse a fralda do meu filho, era como se eu não estivesse fazendo o meu papel de mãe... Porque é assim que funciona lá dentro.

Me diziam sempre que todas as mães dão conta dos filhos sozinhas, e é assim com todas as mães. Era esse tipo de coisas que elas me diziam. Quando meu filho fez nove meses, eu já não aguentava mais nada daquilo tudo, então tomei coragem e disse que não queria mais ficar com ele. Aquilo foi um choque para todo mundo, inclusive para a promotora do meu caso que mandou separar o meu filho de mim, encaminhando ele para outro abrigo. Eu fiquei sozinha no abrigo durante um mês, e durante todo este tempo eu pude sentir todas as pessoas em choque com minha atitude... Inclusive minha madrinha e, acho que todas as pessoas que tenho hoje. É uma coisa muito difícil... eu acredito que as pessoas do meu hoje só conseguem me enxergar por conta de toda essa minha dor, afinal, quem eu seria em sua vida, na vida da N., e da T.? Se eu não tivesse toda essa história, entendeu?

Se não tivesse sido tão difícil para mim, eu acho que não teria todas as pessoas que tenho ao meu redor, porque só me notam por conta disso, do meu sofrimento. Era meu direito escolher não ficar com ele... E eu não quero que você me olhe agora...

Naquele momento eu decidi estar com o meu filho, porque eu sentia que era por conta dele que eu tinha outras pessoas, e foi exatamente por isso... E talvez hoje eu me arrependa dessa decisão, sinceramente, é muito foda ser mãe solo, é muito difícil manter todos esses cuidados e toda essa atenção, e tudo que ele requer, sabe?

É uma das coisas que mais me machucam hoje, porque eu realmente acho que... Sei lá...é mais uma violência contra mim, algumas pessoas me jogarem essa culpa, me jogarem essa responsabilidade de me dizerem o que era melhor a fazer naquele momento, sendo que eu não tinha a menor condição... e isso é previsto por lei, que eu nunca tive condição de tomar essa decisão! Enfim...

Uma trans no abrigo

Eu acho que eu tenho que falar da Ga., porque ela era uma menina trans que chegou no abrigo com dezessete anos. Ela foi encaminhada para o abrigo porque ela tinha sido queimada pela mãe. Elas tinham uma relação muito conturbada porque ela era trans e ninguém a respeitava, ninguém a reconhecia como uma mulher trans e todo mundo insistia em chamar ela pelo nome e tratar pelo pronome masculino, e eu acho que foi disso que veio a revolta dela, sabe? Porque ela era revoltada com tudo... E ela tinha AIDS, estava contaminada... e detalhe, uma coisa muito triste é que ela se prostituía... ela pegou AIDS se prostituindo. Todo mundo a tratava como homem, e quando a gente chegava no abrigo eles doavam roupas para gente, e tudo que pegavam para ela era masculino, mas a gente emprestava as coisas para ela, eu dava coisas nossas para ela.

Ela ameaçou de passar AIDS para todo mundo, cortou a mão e passou em todos os copos para passar AIDS para todo mundo. E aí ficou todo mundo com medo... Ela falava que ia passar AIDS para todo mundo porque não a deixavam sair, porque ela queria sair, e ela acreditava que ela estava bem lá fora e mesmo queimada, mesmo com as questões da mãe, ela não conseguia aceitar o abrigo, mas na verdade ninguém consegue olhar para o abrigo como um lugar de cuidado, porque parece que é um castigo... Era para gente sentir sendo cuidadas, mas na verdade, éramos privadas de tudo... não só de sair, mas todas as regras que têm dentro de uma instituição, determinam a forma como você se comporta, o que você pode fazer, o que não pode... e se você tiver vontade de fazer alguma coisa diferente, a burocracia te impede, sabe? Não parece cuidado, parece castigo...

Dentro do abrigo, como tudo já está sendo imposto, você acaba sofrendo consequências... em toda a minha trajetória de instituição, a principal palavra que eu nunca vou

esquecer é o castigo. Tudo parece que acontece como castigo mesmo, até o fato de eu ser uma adolescente, porque as crianças são melhor cuidadas, e eu sei que elas precisam de mais cuidado, mas isso não significa que adolescentes sejam caso perdido. Mas é assim que é, todo mundo acha que sou perdida, até hoje.

Eu penso que as instituições deviam olhar de uma forma mais aprofundada para as adolescentes em situação de acolhimento, deveriam realmente ajudar a estruturar a vida dessas jovens, porque todo mundo sabe que é difícil a adoção tardia ou ainda voltar para a família depois de ter sofrido um monte de coisas, depois de se passarem vários anos... e isso é um fato. E acho que eles largam mão dos adolescentes... é, eles largam mão, e com isso, fica ainda mais difícil para os adolescentes seguirem suas vidas.

O nosso contato - falando como uma adolescente que foi abrigada -, com a instituição, é feito na base do enfrentamento, e nem sempre são amigáveis, por isso eu não julgo as posturas da Ga., de ter descido a mão em várias pessoas funcionárias, técnicas e pessoas do abrigo...

Tem muitas outras coisas mínimas da casa, não sei se consigo explicar... coisas mínimas, mas que se configuram violências, porque são pessoas diferentes e são formas de entender a vida. E a instituição achar que tem direito de decidir pelo outro, principalmente se tratando de um adolescente... acho que sim, que é violência. Olha, tenho um bom exemplo. Quando meu filho era bebê, a gente estava saindo quando uma tia me chamou e disse para eu dar de mamar para ele antes de a gente sair. Mas a outra tia me sugeriu de eu levar a mamadeira pronta. Acontece que eu fiquei paralisada com isso, fiquei sem saber se eu levava ou se eu dava antes. Parece pouco, mas é difícil. Para complicar ainda mais, uma terceira tia diz que não tem problema porque ele ainda mama no peito, então sendo assim eu não precisava levar nada. Você consegue me entender?

Minha amiga trans, a Ga., foi para outra instituição, e chegando lá, desceu a mão em um pessoal também, e não foi nas outras internas não, foi nas técnicas mesmo...E eu já tive divergências com essa acolhida, em relação às crianças porque isso sempre fez parte de mim, defender as menores, e não importa se era comigo ou não, eu sempre acabo me envolvendo... A Ga., foi tirada daqui de dentro do abrigo em um camburão, e isso foi muito violento.

E quando ela foi para lá, falaram que ela tinha que vestir uma roupa masculina porque eles iriam tratá-la como - usaram um termo preconceituoso e violento -, “florzinha, mulherzinha ou mariquinha”. E assim ela foi levada daqui para outro abrigo...

Voltando à questão da sexualidade, as outras adolescentes acolhidas, nenhuma das outras reproduzem essa vivência, porque elas tem entendimento. Eu já fiquei com quase todas elas.... Mas nenhuma delas se entendem nem como bissexual, e nem como lésbica. Mas ainda

assim se permitem experimentar... Eu acho que a heterossexualidade compulsória bate muito forte, acho que ainda estão tentando se auto afirmar e algumas delas precisam de tempo, porque acredito nisso, que só o tempo vai dizer... Mas enquanto este tempo não chega, é como se estivéssemos perdendo a melhor coisa da vida, e eu só consegui romper com isso a partir do momento que eu comecei a lidar com as outras adolescentes. A gente tinha essas relações dentro do abrigo, só que aí as tias e as técnicas começaram a desconfiar, e do nada nós não podíamos mais entrar no banheiro juntas, nem ficar no quarto juntas, mesmo durante o dia. Tínhamos de ficar sempre na sala, todo mundo junto e mais uma cuidadora, como se isso resolvesse alguma coisa...

A minha primeira referência lésbica e feminista, foi àquela tia, a J. e foi dentro da casa que conheci ela e que comecei a entender melhor o que isso tudo significava, porque desde pequena eu tinha curiosidades, como se eu entendesse algumas coisas, sabe? Eu já tinha questionamentos, mas nunca tive referências. Mas as turbulências que passei durante quase a minha vida inteira, me impediam de conversar sobre isso, de entender essas questões, porque eu tinha simplesmente que me manter viva... mas eu acho que o abrigo mudou com a minha passagem, eu acho que eu mudei o abrigo em relação a isso!

Depois de algum tempo que eu estava no abrigo, me senti confortável para contar para a tia V., mais detalhadamente tudo que tinha acontecido comigo. E foi uma coisa incrível, porque ela era uma mulher pomposa, até parecia um outro nível de pessoa, e detalhe, o abrigo foi o primeiro lugar que conheci pessoas que se formaram na faculdade, fora a rede que me acompanhou. Ela me levou para associação e a gente sentou na calçada, e essa cena para mim era absurda, aquela mulher chique, sentou na calçada, e eu contei, e eu chorava e ela limpava o meu rosto, é por isso que eu não sei lidar com as pessoas me olhando, porque eu nunca fui vista, e do nada as pessoas me olham. E eu ainda tenho que me acostumar com isso... E ela realmente acolheu o que eu falei, e em momento nenhum duvidou de nada, nem tentou reafirmar outra coisa diferente do que eu estava contando. Ela apenas me ouviu, me abraçou e a gente ficou lá até a chuva chegar... Então fomos para o carro e ficamos mais um tempo no carro. Ela ficou um bom tempo me abraçando.

E eu sei que ela estava revoltada com tudo que estava ouvindo, porque ela estava tremendo, e ela só me disse que ela teria que levar isso para frente, para a assistente social e elas teriam que fazer um relatório para o fórum e eu disse que tudo bem, desde que eu não tivesse que repetir tudo isso de novo, porque se eu tivesse que repetir eu não iria falar para mais ninguém e quando eu cheguei ao abrigo, a tia J. estava lá, mas já estava indo embora... Eu falei que queria falar com ela e a gente ficou umas três horas, para eu dizer um pouco do que

acontecia, e a partir do momento que eu falei para ela sobre a minha sexualidade, me senti acolhida...

Até aquele momento, ela era a minha única referência lésbica, e eu me reconhecia, me via muito nela. Antes dela, eu não sabia nada, eu não sabia nem o que era ser heterossexual e, nesse momento eu comecei a ter contato com essas coisas, eu comecei a reconhecer em qual lugar eu estava, me encontrando nesse processo de me reconhecer mesmo.

Identidade por semelhança e pluralidade

Depois de alguns meses, fui em um local que realizava atividades e aulas de linguagens artísticas... E eu não quero que você me olhe... Esse local foi muito importante para mim e não só nesse momento, porque eu comecei a frequentar esse local, e se eu não estiver enganada, nas últimas semanas de fevereiro, e eu lembro disso porque o professor de teatro me deu feliz aniversário adiantado, e os assuntos da minha primeira aula... Tinha ido eu e mais uma acolhida... fomos nós do abrigo e aquele grupo imenso. O professor, por mais que ele fosse homem, foi um lugar de muito acolhimento, de muitas coisas, e por mais que no abrigo eu não estivesse sofrendo as violências absurdas que eu vivia fora de lá, também era muito desgastante, eram pequenas violências, e não era como se a instituição assumisse que iria nos colocar para sofrer, mas tem uma tendência se imporem tudo que pensam como a única verdade.

E esse local foi me acolhendo, e não só sobre sexualidade, mas lá eu conheci outras pessoas, trans, pessoas que estavam descobrindo a sexualidade e identidade, pessoas diversas, sabe? Pessoas não brancas, e isso era muito importante para mim... comecei a conviver com pessoas de outros abrigos, porque querendo ou não, a outra adolescente que fazia curso lá comigo, tinha algumas limitações mentais e não tinha tanta troca entre a gente, e eu era uma adolescente muito sozinha nesse momento, e os outros eram crianças.

Foi lá que eu pude ter contato com outras adolescentes. Foi uma referência muito grande para nós todas, porque pudemos falar desses assuntos que éramos proibidas no abrigo, e não só pelo acolhimento. E também tem a forma como eu era tratada ali naquele espaço... E eu preciso falar ... você tem noção, do quanto aquele lugar fez a diferença na minha vida, principalmente naquele momento! Eu passava a semana inteira pensando em ir lá, porque lá eu não precisava estar cuidando de ninguém e nem apenas sobrevivendo, sabe? E o teatro significa muito para mim também, porque é uma afronta, é uma forma das pessoas te olharem, e essa situação em específico, que eu passava a semana inteira sabendo que aquele momento ia ser só meu... E que eu estava sendo cuidada, eu me sentia importante... Eu não queria estar chorando agora...

porque eu quero continuar a falar... Eu fiquei institucionalizada por cinco anos... e estou recém-saída desse processo...

A desinstitucionalização

Desde de o dia em que eu fui desinstitucionalizada, eu tive pouquíssimo contato com o abrigo, e isso foi bem difícil, porque acreditava nos vínculos que haviam sido criados por mim, mas descobri que foram importantes apenas para mim. Nem a rede de apoio criada para me acompanhar, se mostrou presente, a não ser quando solicitado por mim, a não ser por minha vontade, e olha que eu corro muito atrás dessa presença. Mas sinto que não fui acompanhada, não fui zelada como era o combinado, como era o esperado por mim. Eu criei mesmo essa expectativa de ser acompanhada de fato pela minha rede, como também havia sido dito na última entrevista do fórum...

Eu tinha de ter sido acompanhada depois do desacolhimento, porque eu sou mãe solo, e tendo 18 anos... Eu fui a primeira jovem acolhida dessa cidade a sair da instituição e ir morar em uma casa alugada e paga por mim. Eu também sou o primeiro caso do Estado a sair do abrigo com uma criança. E eu só sei disso porque foi uma das técnicas que me contou, porque na verdade, eu não tenho acesso a nada disso. Enfim, eu não me senti e não me sinto realmente apoiada. Nesses últimos meses eu tenho sentido mais na pele a falta de políticas públicas, principalmente por estes dois atravessamentos, ser uma jovem de dezoito anos e ser mãe solo... tem sido bem difícil.

Quando falo da rede, estou me referindo também ao CREAS, CRAS, CAPES, que eram para fazerem esse acompanhamento durante, no mínimo, seis meses, mas não fizeram literalmente nada. E os vínculos que permaneceram, foram os vínculos construídos a partir de voluntários do lar e pessoas às quais eu tive acesso, igual a esse local onde fiz o curso de teatro, por exemplo... mas sinto que depois da saída da instituição também muda a forma de como as pessoas se disponibilizam. Sabe?

Por não ter mais aquela visibilidade de voluntário, porque realmente passa a ser um vínculo. Então, eu também consegui sentir assim...um pouco dessas intenções...cada vez me sentindo mais sozinha!

O voluntariado é transitório, sem grandes compromissos... Nesses cinco anos de instituição eu pude perceber isso... e posso até estar sendo injusta ou até boba por falar isso, mas quando você não tem mais nada de interessante em sua vida ou quando você está querendo fugir de algo em sua vida, aí você vai lá e faz uma caridade, assim você se sente melhor... mas

não cria vínculos verdadeiros, porque as pessoas que recebem a caridade é que, na verdade, estão ajudando o "caridoso" a se sentir melhor.

E isso fez parte da minha vida por cinco anos, então muitas dessas pessoas passaram pela minha vida, só que algumas específicas ficaram até o momento do desacolhimento, mas depois... eu percebi isso em todas as relações, porque eu acabo acreditando, esperando um comprometimento maior, um envolvimento maior, eu acredito naquilo que está sendo prometido, mas depois... fica um pouco mais difícil... Não sei deu para entender?

Desacolhida, mãe solo e sozinha em rotina de abandono

Eu moro no centro da cidade, a pé, da minha casa até o meu trabalho, não levo mais que vinte e três minutos, e de ônibus, levo um pouco mais de tempo... é muito perto, porém não tem uma escola pública em período integral perto, nem a meia distância. Com vaga para ensino integral, só em bairros muito distantes, o que dificultaria minha logística e eu não conseguiria levar ele e voltar a tempo de entrar no horário no meu trabalho, e a mesma coisa aconteceria na hora de buscar ele na escola.

Por isso as coisas ficam bem difíceis... porque eu tenho que pagar aluguel, e não tenho condição de ficar pagando escola particular que custa o mesmo valor que o meu aluguel, mas é exatamente isso que estou fazendo, pagando aluguel e escola... Eu consegui fazer isso durante um ano porque eu tinha juntado um dinheiro durante o tempo que eu trabalhava e estava institucionalizada, mas não tenho mais este dinheiro... estou tendo um gasto tremendo com escola... trabalho exclusivamente para pagar o aluguel e a escola. Eu trabalho das oito horas da manhã às dezoito horas, e a escola é das oito às dezessete horas... eu ainda pago extra para meu filho entrar às sete e ficar até as dezenove, que é a hora que eu consigo ir buscar ele. Além disso tudo, eu trabalho alguns sábados, e às vezes não tenho com quem deixar meu filho, eu não tenho com quem dividir os cuidados relacionados ao meu filho... então, não sei...

Eu sinto muita falta das outras acolhidas, dos vínculos que estabeleci com elas, das rotinas diárias em que eu não estava literalmente sozinha, como estou hoje. E acho que neste ponto também posso dizer que sinto falta das políticas públicas, porque por meio da instituição, a gente acaba construindo o que seria a nossa família ou, seria o que chegaria mais perto disso. A ausência dessa continuidade de relações, desestabiliza tanto para mim quanto para elas... e sempre que alguém sai ou entra no abrigo, o ambiente fica desestabilizado...

No meu caso, e isso é bem particular, minha saída significou quase que um afastamento total, um fim de relações com todas as abrigadas e todas as pessoas mesmo. Mas acredito que

isso seja pelo fato de eu ter sido uma acolhida um pouco difícil... porque eu fazia enfrentamentos, trazia alguns problemas em relação a estrutura da instituição, procurava pessoas para reivindicar coisas, questionava e fazia rebeliões... acho que por eu estar lá a mais tempo e ter entendimento do que estava errado, e ter essa percepção, graças às deusas... acho que eles me breçam e colocam mais barreiras por conta deste meu histórico de abrigada. Então é difícil eu acessar a instituição, porque eles me veem como um problema, e eles não estão errados, acho que não tem também como desconsiderar isso.

Eu sofria com o que eu vivenciava quando estava abrigada, agora, acabo sofrendo por ver coisas que eu não consigo mais negligenciar, porque eu sei como funciona... eu fui, por muito tempo, a adolescente mais nova da casa, e acabei me tornando a mais velha de tempo abrigada, e depois a mais velha de idade... cheguei sendo a adolescente mais nova, mas acabei me tornando a mais velha de instituição... E aí, eu também tinha esse entendimento de como funcionava a instituição, por isso eu fazia um papel meio de liderança... até meu psiquiatra e a minha psicóloga falam que eu tenho esse poder de persuasão, então eu conseguia negociar algumas coisas, e também sabia como chegar, e hoje eu não consigo mais porque eu não tenho essas entradas... e isso me preocupa, porque eu sei que esse procedimento de isolamento, de abandono, não acontece só na instituição que eu fui abrigada, eu sei que não é só na casa onde eu estive acolhida, sei que isso é estrutural!

E isso me angustia, porque eu fico nesse lugar de impotência, de não conseguir fazer nada, sabendo que acontecem tantas coisas... algumas eu não consigo nem falar...

Uma ativista das jovens acolhidas no enfrentamento do despreparo da Instituição

É preciso combater essa perspectiva de que as crianças e as jovens acolhidas precisam de caridade, essa perspectiva acaba por marginalizar ainda mais essas pessoas, quando na verdade, o que precisam é o inverso disso, até porque está na lei da criança e do adolescente, no ECA, o que consta era que não era para nenhuma de nós estarmos passando por nada daquilo...

Também acho que é muito desumano o tratamento que recebemos como acolhidas por parte das pessoas que eles escolhem para trabalhar nos abrigos, porque grande parte delas leva o trabalho muito no automático, sabe... eu acho que deveria ser no mínimo um pouco mais humano... Uma coisa que a gente escutava muito lá das pessoas do abrigo é que eles já nos oferecem uma cama, um chuveiro e comida tem comida... como se isso também fosse caridade, entende? Mas isso é o básico, era para todas as pessoas do mundo terem isso! E não é caridade,

é política pública! Mas eles querem "tacar" isso na nossa cara, que é caridade, porque sendo caridade, eles ficam como sendo bonzinhos!

Quem vai trabalhar no abrigo, precisa entender que lá irão trabalhar com diversas crianças e adolescentes entre zero e dezoito anos... são faixas etárias diferentes, demandas diferentes onde cada criança vem marcada por uma trajetória diferente... eu falo no geral mesmo, porque essa pessoa que vai trabalhar, vai chegar no abrigo e se deparar com uma demanda diversa, vai se deparar com crianças e jovens com histórias, idades e comportamentos muito diferentes... e eu acho que falta um pouco mais de humanidade mesmo, de amor. Acho que é isso, então resumindo, os abrigos contratam pessoas que trabalham em qualquer outro lugar, que não tem nenhuma formação ou preparo, e colocam lá para serem cuidadoras no abrigo de acolhimento. Pessoas sem nenhuma visão humana.

E isso é parte das causas de tudo que a gente acaba vivendo lá dentro... a gente tem que lidar, a gente tem que literalmente, fazer uma "tribo" dentro do abrigo para gente conseguir sobreviver, isso quando a gente consegue, porque a maioria das acolhidas fogem. E isso é muito louco, porque você cria uma tribo contra a própria instituição, contra os técnicos, mas dentro das tribos têm outras tribos, afinal nós somos pessoas diversas, nós acolhidas também somos diversas... então, a gente também brigava, se pegava na porrada!

Enfim, como eu disse, cada pessoa reage de uma forma, então é bem complexo, e eu acho que tem essa perspectiva de dificuldade, o quanto que as pessoas também têm dificuldade para entender a demanda de outras pessoas, por exemplo o fato das pessoas atípicas que já passaram pelos abrigos terem sido "cuidadas" por pessoas completamente despreparadas, sem nenhum treinamento... Falta qualificação, ampliação de perspectivas e olhares para lidar com a diversidade por parte das pessoas que trabalham nos abrigos.

As políticas de assistência, os abrigos, precisam parar de colocar todo mundo dentro de uma mesma caixinha, como se todas as pessoas tivessem que seguir as mesmas regras independente das condições e necessidades. No abrigo que eu morei, foi até engraçado, porque teve um tempo que, por exemplo, a gente não podia sentar de perna aberta no sofá, e se alguém estava chegando era um desespero, porque todo mundo corria para cruzar a perna. Eu lembro do dia em que alguém foi lá conhecer a instituição, e eu fui obrigada a cumprimentar...

Eu era uma adolescente muito difícil, não gostava de cumprimentar pessoas... mas a gente era obrigada a cumprimentar - mais uma das coisas que são impostas -, acho isso muito invasivo, a gente ser obrigada a cumprimentar as pessoas mesmo sem querer. E com essas imposições, os problemas só eram agravados, a maioria dos problemas dentro da estrutura da instituição, são causados pela falta de preparo das pessoas que trabalham lá, que estão na linha

de frente. Eu não falo nem por só por formação, porque têm pessoas diversas trabalhando lá, mas falta de humanidade mesmo. Embora tenham psicólogos, recreadores, psicopedagogas, é com as cuidadoras que passamos o maior tempo. E como eu já falei, eles não tem um critério para contratar pessoas para trabalhar nesses cargos. Qualquer pessoa que levar um currículo, passa por uma entrevista e começa a trabalhar, simplesmente assim, sem nenhum preparo, sem nem entender o que é uma instituição de acolhimento, isso é muito preocupante.

Eu falo isso porque lá no abrigo que morei, para você ter uma ideia, a gente assistia as entrevistas de emprego para a contratação dessas pessoas espiando pela janela... a gente ficava espiando, a gente fazia bolão para ver quem ia passar na entrevista.

Eu acho que isso é muito importante, sobre as pessoas que trabalham na linha de frente não receberem qualificação ou orientações das normas que regem um abrigo de acolhimento, sobre as leis e processos de acolhimento de crianças e adolescentes. Falta acompanhamento por parte dos órgãos responsáveis pelo acompanhamento do sistema de acolhimento, até porque a grande maioria das jovens e crianças que estão nos abrigos são protegidas pela justiça, a maioria está sob medida protetiva, ou seja, envolve muitas questões de segurança, até no que diz respeito às vidas das outras acolhidas também... inclusive, sobre a vida das pessoas que estão trabalhando nos abrigos, e não tem esse preparo.

Entendendo as violências

Eu acho que eu sentia muito a necessidade de entender de fato o motivo pelo qual eu estava ali, o motivo pelo qual eu estava num abrigo. Acho que muitas outras acolhidas também sentem o mesmo que eu. Eu tenho muita raiva de ter demorado tanto para entender isso, para falar disso...

Eu tenho muita raiva porque quando eu consegui fazer essas conexões na minha cabeça, e eu acho que foi por mérito meu, de entender o porquê que eu estava lá, porque no começo eu não entendia muito bem... não entendia porque era muito difícil de entender mesmo... eu havia naturalizado muitas das violências que eu tinha vivenciado e que me levaram para o sistema de acolhimento. Até agora estou nesse processo de parar de naturalizar as violências que eu vivi, inclusive as que eu vivenciei na instituição... eu acho necessário que acolhidas saibam o porquê estão nos abrigos, até mesmo as crianças... é necessário elas entenderem o porquê de terem sido acolhidas. Entender o que temos de tão diferente das demais crianças quando a gente vai para a escola, quando a gente vai em todos os espaços... Por que isso acontece em nossa vida? Acho que falta essa discussão, essa abordagem mais direta, de explicar para nós acolhidas

porque nós estamos no abrigo, o que aconteceu que nos levou até lá... para que a gente possa entender... entender o que geralmente aconteceu no ambiente da família, isso pode nos ajudar a entender as violências que vivenciamos, porque isso não é uma coisa simples.

Como, de modo geral as pessoas não sabem porque foram encaminhadas para o abrigo, acho que algumas das acolhidas, acabam silenciando algumas coisas, ou apagando algumas violências na expectativa de voltar para suas casas, para esse ambiente que também é tóxico, violento... só que é difícil para gente identificar essa violência cometida contra nós, por pessoas tão próximas. Isso foi uma coisa que eu consegui minimamente entender, e não quis voltar para o mesmo ambiente familiar onde eu sofri diversas violências. Mas isso não acontece com todas.

Normalmente, os processos de acolhimento são conduzidos de forma velada, pelas equipes dos abrigos, ou seja, os motivos dos acolhimentos não são revelados às crianças e aos adolescentes que passam por esse processo. Isso contribui para uma naturalização das violências que nós todas, que todas elas sofreram, a ponto de muitas delas quererem silenciar, porque desejavam voltar para o ambiente onde sofreram as violências.

Causa ainda mais sofrimento o fato de a gente não entender porque foi acolhida, porque a gente foi retirada do convívio supostamente familiar, por mais bonito que seja a princípio, a gente não tem essa percepção. Porque por mais violento que seja, por mais horrível que seja, são pessoas que deveriam cuidar de nós, de nos criar... Não tenho dúvida, isso deveria ser explicado até para crianças de um pouco maiores, pois elas conseguem entender... elas percebem que estão em um ambiente diferente, com pessoas diferentes... já os bebês não tem como né...

Eu noto que, não saber o porquê estão lá, causa um sofrimento muito maior para todas elas, e isso se transforma em revolta. E muitas das pessoas que trabalham no abrigo acham que a gente é que vai para o inferno por nos revoltarmos... e isso acaba gerando um outro ciclo. Também tem esse pensamento, esse ensinamento de colher o que planta. Isso é mais uma punição, mais uma tentativa de nos calar, para não nos revoltarmos, porque nossa revolta não é entendida, ela não é acolhida. Aí a gente fica no embate, porque é isso mesmo, eles fazem um embate com a gente. A gente se revolta com toda a situação e ao invés de nos acolherem, eles travam embates, além deste longo sofrimento, tem as punições, as imposições, e a gente tem que andar de acordo com o estabelecido.

Deveria ser o oposto disso, o abrigo era para ser a nossa casa, eles deveriam tentar dialogar conosco, nos entender, entender que cada pessoa é única, com vivências diferentes, mas lá não tem essa visão... a gente precisa seguir o mesmo padrão.

Sexualidade como posicionamento político

Na instituição, eu sei que continua a mesma coisa, eles continuam exigindo o mesmo comportamento padronizado das acolhidas. Ou seja, a política do menino e menina. O fato de eu ter chutado o balde quando estava na instituição, fez com que despertasse outras pessoas, ajudou para que elas chutassem o balde também, até porque como eu disse, essas tribos que a gente forma lá dentro, nos ajudava a nos espelhar e inspirar umas nas outras, se fortalecendo, se conhecendo, se descobrindo...

Mas com certeza, eu me reconhecer como uma mulher lésbica passa não só pela sexualidade, para mim vem aflorando mais ainda em relação ao político... porque eu acredito que ninguém nasce... a gente se escolhe, se identifica de acordo com o objetivo, e algumas reflexões que eu tenho feito, tenho pensado que não se trata só de sexualidade, não é só atração física, na verdade, para mim, nem passa por uma atração física, e isso vem da minha luta, do lesbofeminismo, de priorizar única e exclusivamente mulheres, dentro dessa sociedade que nos oprime de diversas formas. E agora, estando fora do abrigo, eu vejo o quanto eu tenho tido dificuldades também de me expressar, porque querendo ou não, dentro da instituição a gente está numa caixinha, e aí quando a gente sai, o mundo se expande um pouco, um pouco não, muito!!! Torna-se uma caixa muito grande. Às vezes, eu me sinto uma folhinha no meio do mar, em um mar que é muito violento, é um mar onde não consigo fazer conexões com outras pessoas que tenham mesmo posicionamento que eu, porque eu considero que o meu posicionamento é um posicionamento político, o lesbianismo é um posicionamento político!

No entanto, eu não consigo fazer conexões com outras pessoas, com pessoas que passei a conhecer, desde a minha saída do abrigo eu tenho feito buscas, de tentar trocar, procurar pessoas com esse posicionamento, porque não passa só pela sexualidade, não passa só por beijar mulheres, ou por tipo de relações com mulheres, passa por outros lugares... e para mim tem sido muito violento, porque nem espaços para isso a gente tem. Então, eu tenho tentado explorar lugares para eu ver até onde eu consigo me posicionar, e existir!

O problema é que eu não tenho encontrado esses lugares, nem minimamente... e isso tem me trazido cada vez provocações em relação a chamada diversidade, o que não faz muito sentido, porque o L tá lá na frente da sigla do movimento, para dar visibilidade, mas na verdade é quase nenhuma. Eu por exemplo, até agora não tenho nenhum contato com nenhuma mulher lésbica minimamente politizada, que não seja uma mulher que somente se relacione com outras mulheres, e que, para além disso, reproduzem comportamentos heteronormativos, misóginos.

Até na forma de me relacionar... eu diria que eu sou um pouco... não diria que seletiva, mas eu também não consigo ignorar esse fator. A pior coisa que eu faço é deixar de ser ignorante, porque fica cada vez mais difícil existir!

Eu acredito que essa minha perspectiva sobre o lesbianismo reduz ainda mais o meu ciclo de convivência. Reduz quase que completamente. Aqui na cidade, eu não tenho conexões, eu tenho feito conexões com meninas de outros lugares, por conta de um *podcast*, por meio de conversas que a gente faz com data marcada, de forma virtual, e aí mesmo que minimamente, a gente consegue existir, e existir em um quadrado tão pequeno do mundo, que nem é justo, e isso só me dá mais certeza do quanto é difícil ser uma mulher que prioriza mulheres, inclusive na vida romântica, o que faz muito sentido já que o que a gente busca é emancipação!

Eu tenho dedicado muita energia para tentar trazer essa minha perspectiva para outras mulheres que estão próximas a mim, mas é muito difícil, porque muitas das coisas que penso, não consigo tirar de dentro da minha cabeça, nem mesmo para mulheres que têm minimamente essa visão um pouco mais liberal. Mas eu sigo engajada em fortalecer essa troca com mulheres que já compõem o meu ciclo de convivência.

Na verdade, faço essas provocações, porque não tem como eu ir lá e colocar na cabeça da pessoa, mas é isso... as pessoas têm essa resistência quando você é uma pessoa jovem, e no meu ciclo de convivência, no meu círculo de amizades, eu sou a pessoa mais jovem, então fica cada vez mais difícil convencer alguém! Eu acho que eu vou esperar ficar mais velha...

Minha existência como mulher lésbica é complicada, cheia de angústias, e falar sobre a minha perspectiva, às vezes, até por falta de identidade, de conexões, é difícil. Dividir isso tudo então... eu vejo muitos abraços na comunidade LGBTQIA+, mas ao mesmo tempo, eu vejo cada vez mais as mulheres sendo excluídas, como se não fizessem parte desse movimento, ou sendo obrigadas a reproduzir essa estrutura impositiva, que nos diz o tempo todo o que temos que fazer dentro dos movimentos, dentro de todos os lugares...

Durante minha transição, eu participei de vários momentos até tentar me olhar de outra forma, de tentar me encaixar, mas eu não consigo. Eu acho que seria menos dolorido se eu fosse de outra forma, eu sofreria menos... seria ter que lutar por uma sobrevivência a menos. Eu também estou me tirando desse lugar de fetichização, de ter que me expor, ter que me reafirmar a todo momento, porque ao mesmo tempo que me reafirmo, vem também uma carga de violência. E essas violências vêm de pessoas e relações próximas, inclusive com outras mulheres... realmente é muito difícil... mulheres que não vivenciaram essas violências, muitas vezes não conseguem identificar o sofrimento das outras e isso também torna doloroso!

Arte: o teatro como resistência

Eu já falei especificamente sobre meu interesse pelo teatro, mas lembro também de ter falado que a arte em si me acompanha desde a infância. Então, diante disso, preciso contar sobre a importância da existência do meu outro eu, meu eu artístico que chamo de M.F., porque esta outra eu, vai fazer parte de toda minha vida e eu vou me esforçar para que isso que isso aconteça, porque isso me traz uma outra reflexão que é sobre a vida. Eu acho injusto a gente passar a maior parte da vida no trabalho, acho injusto a minha maternidade solo, porque eu não tenho tempo nem para mim, mas quero que a arte esteja comigo, eu quero expressar através da arte tudo aquilo que eu acho que eu preciso gritar, seja no teatro, seja nas artes visuais, e eu tenho trabalhado com bastante coisas...

Eu acho que a maior dificuldade é me reconhecer como uma mulher artista, tendo esse pouco tempo para me dedicar. E quando consigo produzir alguma coisa dentro desse pouco tempo, parece que é pouco. Às vezes, aquilo que eu fiz, me parece incrível, mas ao expor, parece que não é a mesma coisa para as outras pessoas, então tem esse primeiro momento, o processo de se reconhecer como artista, para depois as pessoas passarem a te enxergar como tal. É muito difícil eu mostrar para as pessoas a importância que a arte tem na minha vida, é difícil conseguir que me olhem como artista, mesmo isso sendo uma parte importante de mim. É mais fácil, mais comum que as pessoas me identifiquem, e reconheçam pela minha maternidade e esqueçam de todas as outras coisas que eu também sou!

M. F. sou eu artista

A M. F., surgiu porque na verdade eu trabalho - na minha cabeça - com ressignificações. Acho que depois que descobri isso na terapia, fez muito sentido para mim, porque faço muitas conexões, e uma delas é sobre a M. F., porque no momento que fui acolhida, quando eu tinha 13 anos... foi nesse momento que eu também recebi um novo nome, por conta da medida protetiva.

Meu nome não podia ser revelado em nenhum lugar, e não fui eu que escolhi, foi uma funcionária, que também era artista. No início eu não gostava de M. F., porque eu achava que era nome de velha, mas depois eu passei a achar muito legal, então quando a gente saía, por conta da medida protetiva, eu não podia ser chamada pelo meu nome e comecei a usar o M. F., mesmo fora do abrigo. Com o tempo, acabei me acostumando e depois, eu comecei a pensar um pouco mais no que estava acontecendo comigo, e aí foi que surgiu esse processo de eu tentar

continuar existindo através da arte, primeiro pelo desenhos, ainda enquanto eu estava amamentando... ou fazendo tatuagens nas acolhidas com caneta permanente, e ficando de castigo. Ou ainda enquanto eu pintava as paredes do abrigo. Isso tudo foi aflorando o meu desejo de continuar forte, e foi assim que eu comecei a perceber toda minha trajetória de muitas sobrevivências e passei a ter noção de que aquilo não se tratava apenas da minha vida, mas era algo estrutural, então eu decidi que sim a M. F. continuaria a fazer parte de mim. Foi como se eu tivesse renascido na instituição, não só como uma artista, porque na instituição, eu tive que existir para continuar sendo artista, por conta de todas as outras demandas que eu tinha e, que fisicamente não eram possíveis de serem realizadas por mim.

Mas a M.F., também é fruto de uma consciência política, sabe... eu comecei a me entender como uma mulher não branca, e a pensar o que era ser uma menina, uma mulher, uma moça nessa sociedade. E sobre os meus traumas, toda a violência que eu sofri, sobre o que iria acontecer comigo depois, onde o meu corpo de mulher não branca, mãe solo, lésbica, onde este eu iria parar depois do desacolhimento? Então, começaram a nascer essas provocações... coisas que antes eu não tinha ferramentas para pensar. Mas eu consegui entender, consegui trazer para dentro da instituição, e por mais conservadora que seja, em alguns momentos, algumas pessoas que passaram por ali, também contribuíram para a construção dessa consciência, desses questionamentos.

E assim nasceu a M. F., não só como ser político, mas como artista, porque às vezes, até tinha medo de falar que era artista. Mas a partir daí, eu me assumi enquanto artista, e passei a usar o M. F. como nome artístico, gosto de ressignificar este meu nome artístico dentro da perspectiva das flores que nascem no asfalto. M. é um nome muito comum entre as mulheres, e me lembra também a ancestralidade, soa com um nome genérico para todas as marcas que eu ainda busco entender... e agora eu me sinto M. F.

O meu trabalho

O trabalho, de todas as formas, em todos os sentidos, foi muito importante, foi determinante na verdade, porque foi só através do trabalho que eu consegui criar uma economia, criar a possibilidade de existir por mim mesma. Hoje, ninguém me sustenta, eu me sustento com dinheiro do meu trabalho, mas às vezes, é estranho, é assustador pensar que a gente vai passar a vida inteira trabalhando.

Espero passar a vida inteira fazendo algo com que me identifique. Sinto que o trabalho em si, é a forma como contribuo com a sociedade, mas espero construir caminhos construir

tudo isso que planejo... contribuir para a sociedade de forma que isso faça sentido, de forma que seja leve.

Tudo isso que estou falando são perspectivas futuras, e isso não significa que eu não gosto do meu trabalho atual, mas faz sentido fazer projeções futuras, buscar coisas que façam sentido, que a minha percepção possa mudar muita coisa, que minha presença traga um questionamento. Resumindo, meu desacolhimento não seria possível sem esse trabalho. Hoje eu nem sei onde eu estaria... sozinha já seria difícil, imagina eu com uma criança... então, eu acho que nesse sentido, o trabalho para mim significa... a palavra que melhor define o meu trabalho é, emancipatório!

Foi, e é muito importante para mim, eu sou muito grata por essa oportunidade, de ter um trabalho, e eu sinto que é uma troca, eu contribuo para o lugar que eu trabalho, que contribui para sociedade, e esse lugar contribui para minha trajetória.

E quando eu falo dessa perspectiva de trabalhar com algo que faça mais sentido para mim, é porque isso está ligado a trabalhar com arte. Com uma arte mais sensível para essas questões, ou seja, trabalhar com pessoas, porque eu tenho muitas ideias, na verdade, às vezes, eu quero fazer muita coisa, sabe? Mas eu sei que tem que começar com calma, e aí eu volto lá na maternidade... e tudo que planejo para minha vida esbarra na maternidade...

Minha rotina é muito cansativa, ainda estou no momento de me estabilizar, mas isso é ainda mais difícil pela questão da maternidade, porque tenho de lutar pela sobrevivência e, por mais que eu esteja empregada, isso não significa que eu consiga dar conta de tudo, de uma estrutura necessária para criar uma criança, e cada vez mais eu me sinto mais sozinha.

No momento eu preciso de um pouco mais de estabilidade, eu acho que ainda não é hora de entrar em uma faculdade, algo que precisa se dedicar um pouco mais, até porque eu tenho uma criança pequena, e uma demanda de muitas coisas, e me sinto emocionalmente esgotada... e sentindo muito o que é ser sozinha no mundo, então nesse momento eu não faço projeções futuras, como por exemplo, voltar a fazer teatro.

A falta de projeções me causa sofrimento, porque eu sempre fiz esse processo de tentar me encaixar em lugares, de buscar outros lugares fora do espaço onde eu comecei fazendo teatro, ampliar esses horizontes, mas é muito difícil achar outros lugares que tenham esse acolhimento que existe aqui no lugar onde eu trabalho e que frequentei quando eu era acolhida. Um exemplo disso, é que eu passei por uma grande tristeza recentemente, porque eu passei em um processo seletivo e ganhei uma bolsa para um curso técnico de teatro.

Um curso bem estabelecido, muito conhecido. Eu passei fazendo uma prova alternativa e, como sou de baixa renda, consegui uma bolsa! Quando me ligaram avisando que passei e me

informando o horário do curso, percebi que é um horário que eu não teria com quem dividir os cuidados do meu filho. Então, eles me disseram que não teria como eu participar das aulas com uma criança e não teriam como me apoiar de forma alguma, e que eu não poderia levar meu filho comigo nas aulas, porque os conteúdos são apenas para adultos. Disseram que nunca tinha acontecido isso de uma mãe se inscrever e pedir para levar o filho na aula, e que eu não podia levá-lo, mesmo dando todas as soluções para diminuir o impacto da presença dele, como: levar coisas, comida, colchonete... tentei todas as opções para que eu pudesse fazer o curso, e levar meu filho, mas não concordaram, falaram para que eu procurasse o curso só quando eu tiver disponibilidade, foram super grosseiros, tanto por e-mail, quanto por WhatsApp e por ligação... e eu me senti muito mal... fui maltratada pela minha condição. Lembrando que ser mãe não foi uma escolha minha, muito menos ser mãe solo, ser mulheres, fêmea... porque só as mulheres na condição de fêmea podem parir, podem ter filhos, vivem a menstruação... enfim, como se nós não existíssemos!!!

Então eu passei por um momento muito triste, de muita revolta, mas independente disso tenho de continuar vivendo, eu estou em processo de ressignificar... na verdade, esse local não foi o único onde eu fui recusada. Eu tentei falar com uma companhia de teatro que tem na rua de minha casa e que oferecem aulas e trabalhos artísticos. Me pareceu ser bem legal, e como fica bem na rua da minha casa, pensei que seria muito bom, principalmente por causa da proximidade, mas também não deu certo, por causa do meu filho... apesar de terem me tratado um pouco melhor, pelo menos isso faz diferença, pelo menos o tratamento... porque no outro lugar fui muito maltratada, como se eu não pudesse nem ter me inscrito, como se não fosse um lugar para mim, pelas minhas condições, mas no fim, não deu certo.

Também teve a escola de circo... mas por causa do meu filho também não foi possível, e por questões financeiras também. Estes foram alguns dos desgastes que vivenciei, tentando voltar à arte, buscando alguma atividade voltada para mim, que seja produtiva para mim, que faça sentido, onde eu possa existir, onde eu não seja apenas uma das engrenagens, para que essa máquina continue funcionando! Um lugar para que eu possa existir!

A arte é central em minha vida, quero ocupar lugares como artista, vivenciar mais as artes, porque a arte faz parte do significado e do sentido da minha vida!

APÊNDICE C – ENTREVISTA COM MAR

Vamos lá...! Bem, eu ainda me chamo Mar, mas eu preciso te dizer que há uma questão nova desde a última vez que a gente conversou...estou me referindo à forma como eu me visto e os meus pronomes. Como você sabe, eu achava que eu era uma mulher trans, achava que eu era a Mar, mas eu estava focada em uma única caixinha e não conseguia enxergar o todo. Agora eu expandi um pouco essa caixinha, na verdade, sai dessa caixinha, e de uma mulher trans, atualmente, eu acho que eu me entendo mais como uma pessoa não binária. Mas, as pessoas não binárias também podem ser trans. Tá?

Eu imagino que seja confuso para você, para as pessoas, e não é simples mesmo. Já passei por momentos de gritar coisas do tipo, caramba, eu não sou um homem, eu sou uma mulher! E era porque eu tinha total certeza de quem eu era naquele momento, ou por pura necessidade mesmo, porque a gente passa por situações onde a necessidade fala mais alto. Sabe?

Nas entrevistas de emprego, por exemplo, eu sempre usei meu nome de registro, porque a gente não vê pessoas trans trabalhando como atendente de lojas, nos comércios do centro da cidade ou em qualquer outro lugar de visibilidade, principalmente durante o dia. Na verdade, tenho a impressão de que existe um trabalho certo pra gente... acho que uns 95% das mulheres trans trabalham com prostituição, e eu não quero fazer parte desse número. Esse é meu maior medo! Tanto é, que quando vou fazer entrevistas, eu uso meu nome de registro e roupas masculinas. Eu tento parecer o mais hétero possível, mais cisgênero possível...

Mas, já no meu primeiro emprego, isso acabou não dando certo, porque alguém já tinha contado para a minha gerente. Acabou no meu primeiro dia de emprego.

Mesmo assim, a empresa tentou agilizar muita coisa para me fazer sentir bem: colocou meu nome social no crachá; fizeram questão de me chamar e de que eu fosse chamada pelo nome social. E isso foi mágico para mim, porque eu não esperava que fosse tratada tão bem assim, tanto que eu consegui ser a única mulher trans da empresa na época, acho que em toda a história da empresa na cidade... no Brasil, eu acho!

Então, eu estava participando daquelas entrevistas que já comentei... mas eu ainda estava no meu antigo emprego... só que eu não passava em nenhuma entrevista de nenhum trabalho melhor e aí, nesse meio tempo, eu comecei a me entender, e passei a utilizar o gênero masculino novamente. Você não vai acreditar, mas eu consegui um emprego novo! Olha que irônico isso, a partir do momento que eu tirei a Mar do currículo, na mesma hora eu consegui um novo emprego, que é o que eu estou atualmente! Então, você percebe que o jeito de se vestir,

de falar quem você é, torna-se muito mais válido do que o seu currículo na verdade, porque eu não mudei absolutamente nada de um currículo para o outro, apenas um nome...

Quando eu era a Mar eu segui adiante, consegui mudar o nome no RG e agora eu tenho dois documentos de identidade. Quando eu mudei a documentação eu estava muito segura sobre quem eu era, mas logo depois eu comecei a me perceber de outra maneira, comecei a me entender diferente do que eu era, diferente da Mar então eu me perguntei novamente, “pô e agora?”

Imagine você, se eu tivesse mudado, além do meu RG, todos os meus outros documentos? A minha sorte mesmo é que estes documentos não são unificados, que mudei apenas o RG. Nele, agora consta meus dois nomes, mas tenho os outros documentos com meu nome de nascimento. O sistema de documentação no Brasil é assim, além disso, eu tenho os dois RG's, o antigo e o novo. E o RG novo tem os meus dois nomes, tem o nome social da Mar e tem o meu nome de registro, então não perdi, e não ganhei...

Se eu quiser eu posso usar um RG só, mas é bom ter os dois... na verdade, facilita muita coisa... mas no meu emprego novo e em outros lugares que eu estou frequentando, estou utilizando o masculino, ou seja, o RG antigo para evitar falatórios.

Outro dia, algumas pessoas da empresa em que eu trabalho, me viram em um lugar onde eu estava vestida de Mar, outras pessoas viram umas fotos mais antigas minhas onde eu também estava de Mar e vieram logo me questionar... queriam saber porque o meu crachá tinha outro nome?

Estas pessoas começaram a achar que eu tinha nascido mulher e estava me entendendo como homem agora, e aí algumas pessoas pararam de me tratar no masculino e começaram a me tratar no feminino... a me chamar de Mar.

Eu vejo isso como preconceito porque com isso, estas pessoas estavam me dizendo que me chamariam pelo meu nome de nascimento, pelo meu sexo biológico, então eu vi isso como um tipo de birra. Sabe? Além do que meu sexo biológico é masculino. E tem outra coisa, essas pessoas já me conheceram como Mar como masculino, mas por conta de umas fotos ou de um encontro comigo performando a Mar criaram essa confusão e passaram a me tratar no feminino, achando que eu tinha nascido uma menina... eu acho que isso também é transfobia!

Eu fico aqui me perguntando porque essa gente fica me tratando no feminino, sendo que eu já expliquei tudo isso para elas? Eu já falei que não nasci menina, nasci menino, então sou homem! Já falei assim para facilitar o entendimento delas, sabe?

Algumas até me pediram desculpas, falaram que não tinham a intenção de me ofender e que estavam achando que aquela era a maneira correta de se referir a mim. Eu expliquei não,

que não é assim que funciona, que a forma correta é de me tratar de acordo com o que eu determino. Se eu nasci menina, mas performo como menino, eu devo ser tratado por menino e pronto. Não faz o menor sentido as pessoas não respeitarem o modo como a gente se reconhece, não é?

Essas posturas são totalmente preconceituosas! Porque não faz sentido nenhum essa leitura que eles fizeram, essa confusão foi só para destilar mais ódio em cima de mim! Olha só como uma informação errada vira uma bola de neve... olha só, não é tão difícil de entender. Veja!

Até meus vinte anos eu fui a Mar trabalhei em um local que vende alimentos... Não, vou começar antes disso... Eu morei em abrigo desde os 14 anos porque eu fui expulsa de casa, aí eu morei três meses na rua. Neste tempo, eu dormia em um parque, e depois disso eu fui para um abrigo de acolhimento, é um antigo abrigo da cidade, mas por conta de desvio de verba ele foi fechado. Depois, eu fui para outra casa que tinha muitas denúncias de agressões e violências de diversos tipos, e que também fechou. Então, eu acabei indo para outro abrigo...

Mas antes ainda do abrigo, eu morava com uma tia minha, na época eu não me dava bem com o sobrinho dela que veio do nordeste. Ele era muito novo, e lá, a família dele era muito preconceituosa, sabe? Por conta disso, desse preconceito dele, a gente batia muito de frente, nossas ideias não combinavam mesmo. Por conta disso minha tia preferiu me expulsar de casa, e ficar com ele...

Eu era meio alienada, não me preocupava muito com o que fazer... achava que a escola ia se responsabilizar por mim, por me acolher, cuidar dessas coisas de apoio... eu não fazia ideia de como eram essas coisas... não foi nada disso. Eu tentei procurar ajuda em alguns professores, mas não rolou. Aí fiquei morando na casa de uma menina da escola por um mês, foi a mãe dessa menina que me falou que existiam abrigos e instituições de acolhimento, então no dia seguinte eu fui procurar o conselho tutelar. Lá eles quiseram saber de tudo, me perguntaram sobre toda a minha vida e depois, me enviaram para o abrigo...

Neste momento, eu já tinha passado por um bocado de coisas. Antes disso que te contei, eu já tinha morado com os meus pais até os 13 anos, não, acho que foi até os 12. Só que aí, minha mãe terminou com o meu padrasto e cada um basicamente foi para um canto... E eu fui junto com a minha mãe, para ir morar na casa de uma amiga dela, eu e meu irmão mais velho. Foi aí que a minha mãe simplesmente sumiu, “meteu o pé” e me deixou com meu irmão na casa dessa amiga, ela chamou o conselho tutelar, que nos entregou para minha avó, que foi com quem eu fiquei dos 12 até os 13 anos. Só que a minha vó estava em processo de mudança de casa, ela estava indo morar em um bairro distante, que não tinha escola por perto. Então eu e

meu irmão teríamos de pagar o passe de ônibus para ir à escola. Como a escola onde estávamos estudando, no endereço antigo da minha avó, estava em processo de virar escola em tempo integral, nós decidimos não nos mudar com ela, resolvemos que iríamos mudar para a casa da minha tia que ficava no mesmo bairro, assim, poderíamos ir para a escola a pé. Minha tia morava na rua de cima da casa da minha avó...

Eu sempre fiz amizade muito fácil, só que nunca é uma amizade com laço muito grande, então tipo, elas acabavam e começavam muito rapidamente. Quando eu era menor, na época do parquinho, por exemplo, eu não sofria *bullying* não, na verdade, só teve um caso uma vez que eu apanhei da sala toda... quero dizer, de todos os moleques... eu estava brincando de pega-pega com um dos meninos e aí eles me empurraram para o canto da quadra e me chutaram, aí depois eu bati em alguns deles... E o professor só botou eles de castigo, só isso! Não teve nenhuma outra providência, nem se preocuparam em chamar meus pais para relatarem o ocorrido... O *bullying* na escola começou mesmo foi no ensino fundamental dois.

Olha, antes de eu assumir a minha transexualidade, eu não sabia que existiam mulheres trans! Na minha cabeça, eu imaginava que todo homem *gay* se enxergava como uma mulher, então, antes de eu me assumir *gay*, eu sofri muito *bullying* na escola sim. Eles faziam *bullying* com a roupa que eu vestia, e até já tentaram enfiar a minha cabeça na privada! E o maior causador disso foi meu próprio irmão, o mais velho! Ele me agredia na escola, na frente de todo mundo. Então os outros moleques viam e achavam que podiam fazer o mesmo, entendeu? E sempre achei que um irmão, principalmente sendo o mais velho, teria que proteger os outros, né? Mas ele não!

Ele fazia o inverso disso, porque ele incentivava que os outros moleques fizessem as mesmas coisas que ele fazia comigo. Se eu voltasse da escola andando com qualquer outra pessoa, meu irmão vinha para cima de mim e ia me agredir... agredir literalmente no meio da rua... ele começava a me dar socos... é... é isso...

Quando a minha escola virou escola integral... comecei a ser extremamente pressionada, por todo mundo da sala, para falar se eu era *gay* ou não? E eu dizia que não, que não era, porque eu tinha medo, eles insistiam em me julgar! Aí, quando eu me assumi *gay*, meio que essas coisas acabaram, entende?!

A escola, quando passou para ensino integral, teve um avanço muito grande nessas questões LGBT, e em movimentos sociais também. Os movimentos secundaristas, meio que fluíram junto... nessa escola, chegou um momento que tinham 32 alunos LGBT assumidos, então, a gente não estava mais sozinhos ali, sabe? Um defendia o outro e a galera que fazia *bullying*, acho que foram saindo da escola. Não tinha mais ninguém que fizesse isso com a

gente. Se tinha alguém que não nos curtia, ficava na sua, não vinha mais mexer com a gente. Neste momento, tinha uma menina que era muito engajada com estas questões, ela tinha contato com uma ONG, e por isso ela trazia informações sobre as bandeiras minoritárias. Isso fazia com que pudéssemos ficar muito mais tranquilos do sétimo até o terceiro ano do médio. Neste período, eu não sofri mais nada...

Dentro deste período de tempo, entre o sétimo ano e o terceiro ano do médio, que eu morei na rua, mas eu continuei indo para escola. Eu tomava banho na casa de amigos, e ia para escola... como o ensino era integral eu passava o dia inteiro na escola, então eu conseguia pegar bolachas durante o intervalo para comer durante a noite... fiquei 3 meses morando na rua... três meses... Eu ficava no bairro mesmo, eu dormia no palco do parque, porque eu conheci uma mulher que morava na rua e ela falou que se eu fosse para o centro ia ser muito ruim pra mim, por conta dos outros moradores de rua. Eu tinha 14 anos, e aí imagina uma criança no meio de um monte de homens, não ia dar muito certo, porque ela contou que as mulheres que moram na rua, precisam ter um marido, porque se elas não se juntarem com algum homem, outros caras vêm para cima delas. Entendeu?

Aí eu fiquei pensativa e agradecida pela informação. Mas com isso eu decidi ficar no bairro mesmo, como não tinha outros moradores de rua onde eu estava, seria mais tranquilo para mim... Na escola, pouquíssimas pessoas sabiam da minha situação, porque eu não queria que soubessem. Eu contei para a professora que era quem podia me ajudar, mas nada aconteceu, então o que adiantava contar para o pessoal todo? Nada, não ia mudar nada...

Na minha cabeça, era isso que passava. A noite, para dormir, eu subia no palco e colocava minha blusa de frio como coberta e fazia minha bolsa como travesseiro, isso quando subia no palco, que tinha dias que eu não conseguia subir, porque o palco ele é meio torto para um lado, então tinha dias que eu tinha forças para conseguir subir, aí dormia no cantinho. Eu tinha medo de me encontrar com outros moradores de rua, então eu ficava sempre sozinha...

Às vezes, os policiais me abordavam e perguntavam porque eu estava lá no parque, aí eu só falava que eu tinha esquecido minha chave em casa e estava esperando minha mãe chegar... eu sempre dava essa desculpa e tals... mas é isso, eu continuava indo para a escola. Eu sempre gostei de ir para a escola porque acho que a educação é uma arma, é uma ferramenta muito importante! Então eu sempre prezei muito isso, aprender e tal... eu nunca fui a melhor aluna da sala, mas também não fui a pior, sabe? Sempre dei o meu melhor que podia. Até as matérias que eu não gostava eu tentava ser a melhor, entendeu?

Com tudo isso, de ter vivenciado essa experiência de morar na rua, o lugar onde eu mais sofri violência foi dentro do abrigo, sabia? Uma violência que vinha mais por parte das crianças,

não só dos adultos. É assim: imagina que te colocam numa casa com mais 23 crianças, você vai sair de sua casa, por mais perturbadora que ela fosse, e vem morar com mais essas crianças todas. Cada uma tem um jeito, uma personalidade bem forte, por conta de toda vivência que teve! Então, isso gerava muitos conflitos, quase sempre, sem motivos, por absolutamente nada... as coisas mínimas, mais simples, fazia com que as crianças se espancassem... e comigo não era diferente... eu também estava no meio... Sabe?

Teve um episódio que eu quase fui para uma a F. C., mas neste momento eu decidi parar com essas coisas, percebi que era errado, então eu parei de brigar e comecei a evitar os conflitos. Mas nos abrigos sempre teve muita violência, juntar crianças com adolescentes é uma coisa extremamente errada. E juntar com pessoas atípicas também é extremamente errado, porque elas precisam de todo um cuidado maior a parte, aí junta essas crianças com outras crianças violentas, meio que dá muito choque de idade e elas acabam construindo um ciclo de violência sem fim, ali mesmo... Neste momento, eu fazia muitos cursos e vivia mais para o lado da escola do que no abrigo, praticamente eu só dormia lá, por conta de toda a minha rotina e tal...

No abrigo, nunca tive problema nenhum com as cuidadoras, porque eu acho que toda a galera que trabalha nessa área, tem todo um conhecimento e um coração maior... voltado para essa parte, e sempre fui muito abraçada por todo mundo, sempre fui muito elogiada, eu sempre dei o melhor de mim para mudar meu comportamento depois do probleminha que tive e quase me levou para a F.C. Eu quis mesmo tentar uma outra vertente, e essa galera, as cuidadoras, sempre me apoiou muito. Me ajudaram para que eu pudesse fazer meus cursos e com as coisas da escola...

Eu comecei a trabalhar como jovem aprendiz, e lá no emprego, eles pediram que eu passasse por uma psicóloga, por conta de eu fazer uso de bebidas alcoólicas, só que, na cabeça deles, eu era uma alcoólatra, uma viciada, coisa assim, o que não é verdade. Na terapia comecei a trabalhar outros assuntos, sobre a questão da minha sexualidade, que era uma coisa que realmente valia a pena. A psicóloga começou a me trazer indicação de vários artistas LGBTQIA+. Começou a me apresentar um outro público, e eu fui me abrindo com ela, dizendo como que eu me sentia e tal, e aí quando falei que eu me sentia, que eu me entendia como uma mulher, numa sessão, na outra ela trouxe vários exemplos de várias mulheres trans e trouxe um livro que falava sobre essas coisas e trouxe até páginas da internet que falavam como elas se entendem e tal, eu comecei a pesquisar e comecei a juntar as coisas, até que falei, caramba eu não sou um homem, eu sou uma mulher! E foi nesse processo que eu comecei a trazer mais essa questão para o abrigo.

Eu comecei a trazer essas questões para os técnicos do abrigo, para ver se eles podiam me ajudar. Um dia teve uma festa e eu decidi experimentar uma coisa, algo que pudesse me ajudar a entender realmente quem/o que eu sou. Primeiro de tudo, pensei que eu precisava de um nome, então eu comecei a procurar na internet, ver algumas referências, até que encontrei a Mar que foi um dos nomes que eu vi e gostei. Acho que ele se encaixa bem comigo, sabe? Então eu fui nessa festa e comecei a utilizar esse nome, e as pessoas me chamavam por esse nome lá na festa, e eu atendia por esse nome. Foi quando caiu a minha ficha realmente, foi quando eu me entendi como uma mulher trans! Naquele momento pensei comigo e percebi que eu estava atendendo por Mar e não era nada forçado da minha parte. Então eu comecei a deslanchar, a procurar questões hormonais e todo esse processo...e comecei a trabalhar isso lá na casa com as crianças e com os técnicos, como eu gostaria de ser chamada, e isso também no meu trabalho.

No trabalho isso também foi tranquilo, por incrível que pareça, foi muito mais natural que eu imaginei, na minha cabeça achei que ia ter muito mais resistência, e não aconteceu assim, as pessoas me trataram muito bem, e até uma pessoas que eu imaginei que não me tratariam bem... eu acho que tive muita sorte nisso, de sempre estar com pessoas boas...

Só tive problemas mesmo em um curso que eu fiz, lá eles não abraçaram nenhum um pouco a ideia não, tanto que, no dia da minha formatura, eles queriam que eu usasse um terno. Eles não queriam que eu fosse de vestido. Na cabeça deles, eles achavam que eu ia de vestido curto ou qualquer outra coisa e não queriam mostrar para outras pessoas que eu era uma mulher trans, sabe? Então eu fui atrás de leis, os técnicos do abrigo onde eu estava na época, me apoiaram muito. Os técnicos do abrigo me abraçaram muito e foram lá mostrar que tinha leis a meu favor, que eu devia e podia ser chamada de Mar sim, o tempo todo e também na hora da minha formatura, na hora de eu ser chamada para pegar meu certificado... Foram os técnicos do abrigo que bateram forte nesta tecla junto comigo, assim conseguimos resolver essa questão. No fim, eu consegui ser chamada de Mar, eu fui de vestido. Mas não foi vestido curto não, na verdade foi um vestido bem grande, longo... e foi incrível aquilo pra mim, sabe... Eu lutei para poder viver aquilo, sabe? Eu me tornei a primeira mulher trans a se formar nesse curso técnico de assistente administrativo, no brasil...

MAR início de carreira! Trabalho(s)

Então é assim, eu fico feliz pelo trabalho porque com ele eu não preciso me prostituir, mas ao mesmo tempo, não posso ser eu mesma. Mas eu sigo com um propósito. Sabe?

Uma das minhas tatuagens foi por conta do trabalho. Vou explicar, lá onde trabalho, eles pregam muito ideia de cura para pessoas, eles acreditam que existe cura para certas coisas, é meio estranho mas é assim mesmo. Eles também acreditam que existe um laço entre a gente e o cliente, porque tem clientes que estão lá todos os dias, principalmente idosos. E eles vão lá porque não têm família, não tem para onde ir, então eles vão lá e ficam a noite toda, a madrugada toda...

Tem cliente que fica a madrugada toda, porque não quer ficar sozinho em casa. Já teve dia - eu sou uma pessoa que não acredito nessa ideia de cura -, mas teve um dia que eu pude fazer a diferença na vida de alguém. Foi uma mulher... quando fui sair para comer e eu encontrei uma moça na rua. Ela me parou e perguntou se eu poderia ajudar ela. Me pediu para eu chamar um carro de aplicativo e tal, porque ela estava na delegacia até às três horas da manhã. Para ir, os policiais levaram ela, só que deixaram ela lá e foram embora e ela não tinha como voltar para a casa dela. Era três horas da manhã! E ela estava sem dinheiro, porque ela tinha sido vítima de estupro e ela estava com o papelzinho da delegacia... ela estava toda machucada...

Eu não consegui ser indiferente... eu fui tentar ajudar ela, tentei arrecadar dinheiro com os clientes do meu trabalho para chamar um carro e ela. Ela não queria entrar no estabelecimento, aí eu meio que forcei um pouco para ela entrar, porque estava frio lá fora e não tinha porque ela não entrar, independente do que aconteceu com ela, ela tinha o direito de entrar. Eu dei um salgado e uma bebida para ela e ela queria muito me provar que ela tinha sido realmente estuprada, acho que na cabeça dela, eu estava duvidando da história, mas eu não estava. Para ela, eu achava que era um golpe ou coisa do tipo, só que era visível que ela estava sofrendo. Ela tinha marcas roxas no corpo, na coxa... ela estava com um papel na mão e li. Só que a primeira coisa que eu li “algo sobre amor”...

Eu tatuei isso no meu braço. Quando eu vi o papel, eu soube que ele era o marido dela. Depois ela me disse que era a segunda vez que ele fazia isso com ela, porque ela estava tentando terminar com ele e ele não queria...e aquilo acabou comigo. Depois que eu consegui chamar o carro para ela, eu vi que ela ficou feliz pela ajuda, só que aquilo acabou comigo. Eu chorei muito, depois que ela saiu do meu trabalho. Todo mundo do meu trabalho falou que meu gesto deve ter feito muita diferença para ela, porque fiquei ao lado dela o tempo todo e que tratei ela com carinho...

Eu quis tatuar isso no meu braço, porque isso aconteceu comigo também. Não em relação ao estupro, mas em relação a minha mãe que dizia que me amava, ao meu pai que dizia

que me amava, a outras pessoas que diziam que me amavam e acabaram sumindo da minha vida... e fizeram coisas horríveis para mim... e... e... Ah, sei lá... É importante acolher, né?

No meu emprego atual - referindo-se à empresa de alimentos -, minha gerente me recebeu muito bem, e no começo ela me mostrou toda a empresa, e tentou fazer com que eu me sentisse em casa, aí ela me puxou de cantinho e falou que eu era uma mulher trans, e que ela sabia. E me disse ainda que eu podia, se eu quisesse, usar meu nome social. Ela disse que elas respeitavam muito as escolhas das pessoas. Eu me senti muito bem acolhida, tanto que em menos de uma semana já tinha mudado meu uniforme para um uniforme feminino, e já tinha o nome no crachá como Mar. Sabe?

Este foi um período muito mágico! Só que eu tive um outro problema nesta mesma empresa. Porque esta empresa, como era do ramo de alimentação, tinha um quiosque, uma loja pequena dentro de um hospital aqui da cidade. Serviço terceirizado em um hospital, sabe? E, apesar de a minha empresa me receber e me tratar muito bem, o hospital estava me barrando em muitas coisas, como meu nome social que na portaria, não era mais aceito. Ou ao utilizar o banheiro, lá eu tinha que utilizar o vestiário masculino, pois eles não me deixavam utilizar o banheiro feminino... eu achei um absurdo. Eles fazem muita campanha sobre diversidade, mas na prática...

Na tentativa de me auxiliar, de se colocar do meu lado, a gerente e a dona da minha empresa tentaram conversar com o hospital, mas eles não foram flexíveis, nem um pouco. Na época eu estava com muito medo, porque eu estava em período de experiência e sentia medo de não ser efetivada por conta disso. Porque uma empresa não vai ficar batendo de frente com seu cliente por conta de uma funcionária nova. Mas, como elas não conseguiram negociar com o hospital, minha gerente preferiu me trocar de estabelecimento. Novamente fui muito bem recebida, abraçada por todo mundo. Quando eu cheguei, eles já esperavam por mim. Chegaram a conversar entre eles sobre preconceito antes de me receber. E as gerentes ficavam muito atentas a qualquer coisa que pudesse ser ofensiva. Tudo isso para que não houvesse nenhum tipo de transfobia no trabalho. Lá já tem outras pessoas que são LGBT, só que não são trans, pessoa trans, acho que só tem eu, mas o resto...

Já trabalho nesta empresa que estou agora, há mais de um ano. Quando eu comecei a trabalhar aqui, eu fazia o horário das 14h00 às 22h00, e agora eu faço das 22h00 às 6h... o trabalho em si é uma delícia, o meu maior problema é com o público. Eu não sou nem um pouco respeitada. Apesar de algumas pessoas conversarem comigo...

Estou falando isso em relação a clientes, porque eles sempre me chamam no masculino, e por normas da empresa, eu preciso fingir que está tudo bem. Não posso corrigir, nem

debater... tenho de aceitar as desculpas, e deixar por isso mesmo. Na verdade não, porque da parte da empresa, ainda me dizem coisas do tipo, "você sabe quem você é, então você não precisa ficar discutindo isso." Sim, eu sei quem sou, mas parece que as pessoas não sabem, nem precisam ou, nem podem saber quem sou. É muito chato, mesmo vestida de Mar ser chamada de mano, de cara, de tio, de chefe, de trilhões de nomes, porque não sei de onde as pessoas tiram tantos nomes para se referirem a mim. A única coisa que não fazem, é ler o meu nome no crachá!

Uma vez, aconteceu uma situação. Quando eu ainda trabalhava à tarde. Um cliente me entregou uma bíblia... sim, me entregou uma bíblia... e sugeriu que eu tivesse trocado de crachá com alguém, pois o meu nome estava errado. Me deu uma bíblia e disse que se eu precisasse de qualquer coisa, era para eu conversar com ele. Eu fiquei sem reação, consegui apenas agradecer, dizer obrigada, e aceitei o presente. Lógico que depois eu dei para alguém, porque tipo não faz sentido, sabe? Eu já fui xingada de vários nomes, e até para o xingamento usam os pronomes no masculino... e me xingam sem motivação nenhuma, sabe?

Eu tento relevar todas essas coisas assim... mas algumas pessoas, eu corrijo, mas outras, eu prefiro não debater, principalmente agora que eu estou trabalhando no horário de noite, porque tem muito bêbado, tem muita gente sem noção. Como te disse, eu já fui xingada de vários nomes, só por perguntar para o cara se ele queria um pão com requeijão, ou não? Só por eu pedir para um cliente me especificar o pedido... porque às vezes os clientes chegam e dizem apenas que querem pão... mas temos muitos tipos de pães, então é preciso especificar o pedido. Só que até isso se torna motivo para me xingarem... tenho que perguntar para saber o que o cliente quer, para eu entregar o produto certo, para eu fazer o lanche certo. Mas aí o cara não curtiu que eu fizesse a pergunta, então, se sente no direito de me xingar, de me falar um monte de bobagem.

Já com os colegas de trabalho, os xingamentos são casos isolados, na verdade são bem raros. Mas o uso dos pronomes masculinos, isso acontece todos os dias, mesmo por parte das pessoas que trabalham comigo.

Eu tenho outra perspectiva de trabalho, tenho uma entrevista de emprego, na semana que vem, porque trabalhar com o público é um pouquinho difícil, sabe? Não é nem um pouco fácil lidar com pessoas. Por isso eu estou tentando uma vaga de vendedora comercial, que é um trabalho específico com o público da empresa, A entrevista ficou marcada para a semana que vem...

Eu tenho tentado me organizar para o futuro. Eu já estou até guardando um dinheirinho bom para quando eu puder pagar alugar um lugar para eu morar, porque precisa pagar o caução mais o mês do aluguel, e ainda preciso comprar meus móveis...

Estudo e amizades...

Atualmente, eu parei com os estudos, mas antes de começar a pandemia eu fazia engenharia de produção na I., e aí por conta que entrou a pandemia, eu fiquei muito desmotivada, eu não estava conseguindo acompanhar o EAD. Foi um momento complicado para mim, principalmente porque eu estava em processo de mudança.

Eu morava no abrigo, mas como eu já tinha completado 18 anos, então não podia mais ficar no abrigo, e como eu não tinha outro lugar para ir, fui para a casa que cuida das mulheres que estão em situação de rua ou são vítimas de violência. É uma casa provisória que acolhe mulheres, mas não é um abrigo. Sabe? Para eu estar lá, foi complicado, porque na verdade eu não podia. Enfim, por conta disso acabei deixando a faculdade no meio. Eu tranquei e no meio do ano, mas no segundo semestre, ao invés de eu voltar, me matriculei no curso de enfermagem presencial em outra faculdade. Mas foi a mesma coisa, por conta da pandemia, as aulas ficaram online, e aí, ficou igual EAD. E quando as aulas voltaram a ser presencial, eu não consegui acompanhar. Eu odeio EAD. Eu não consigo focar em nada pelo computador ou pelo celular. Então eu parei, e dei uma guinada mais para o trabalho, deixei os estudos de lado. Foi nessa época que eu comecei a fazer entrevistas e entrei no trabalho que tenho hoje.

Nessa casa eu fiz uma amizade, mas isso não foi fácil não, sabe, porque as pessoas ficam por lá no máximo quatro ou cinco meses, e tem de se mudar, vivem se mudando. Geralmente são mulheres adultas, bem mais velhas que eu, então têm uma faixa etária muito mais acima das crianças. Por isso, elas mesmas e as pessoas da casa também, preferem evitar esse tipo de contato, até porque às vezes, pode ter mães das crianças que estão lá também ou uma conversa ou convívio, pode ser um gatilho para outras pessoas, então elas preferem não se aproximar e as pessoas que trabalham na casa, preferem nos deixar mais afastados. E elas têm bastante atividades para fazer lá, como treinamento para conseguir emprego, e outras coisas, porque o pessoal dessa casa ajuda e incentiva muito as mulheres que estão lá.

A questão pra mim também, é a mistura das idades, porque no abrigo fica todo mundo junto, não importa a idade, mas eu acho que tinha de ter separação das crianças e adolescentes. Mas isso é uma coisa da prefeitura. Acho que a prefeitura já não quer abrir uma república para as mais velhas, imagina dividir as pessoas tendo de ter uma casa para as crianças e outra para

adolescentes... acho que ficaria difícil manter duas casas, uma para crianças de uma idade e uma de adolescentes. Acho que em todos os abrigos desta cidade, as pessoas são misturadas...

Eu acredito que em cada casa tenha no máximo umas seis pessoas, porque não tem uma grande demanda... Eu tenho uma amiga, a J., que estava em uma república e acabou não aguentando muito. Ela não tinha muita perspectiva de vida em relação a essas coisas, e depois que ela sofreu uma agressão na rua, ela deixou de acreditar no abrigo sabe. E aí, chegou uma hora que ela não aguentou e foi de vez para a rua... e isso mexeu muito comigo, me quebrou mesmo ela ter saído. Eu fiquei muito próxima dela e quando soube da violência que ela sofreu, acabou com o meu psicológico, acho que mexeu mais com o meu do que com o psicológico dela. Ela, a J., tinha sido machucada fisicamente e eu, fiquei machucada mentalmente por ver e saber o que aconteceu com ela... Sabe?

Porque no dia que ela chegou em casa toda machucada, ela tinha um buraco na cabeça, que um menino fez nela e ela simplesmente só queria dormir, tipo, ela não estava nem chorando quando ela chegou, simplesmente ela estava conformada com o que tinha acontecido com ela e ela simplesmente só queria dormir e se eu não estivesse acordada, se eu não estivesse em casa na época, ela provavelmente teria morrido na cama, porque a gente só foi ver que ela tinha um buraco na cabeça porque tinha muito sangue vivo no travesseiro, tinha uma quantidade gigante no travesseiro, que eu até acho engraçado que essa menina não precisou fazer uma transfusão de sangue, ela perdeu muito sangue e aí levaram ela para o médico. Fizeram tudo que tinha que fazer, e ela estava conformada, literalmente, ela não se importava com o que aconteceu com ela, só que comigo foi diferente. Eu acabei desenvolvendo crise de pânico e, nesses três meses, durante todo o tempo antes dela sair de casa, eu não conseguia sair, eu não conseguia ter contato com homens mais velhos, não conseguia sair de casa e quase toda a noite eu tinha que dormir com a metade da casa acesa porque eu não conseguia apagar as luzes, porque na minha cabeça, ia acontecer alguma coisa ruim comigo. Então chorava muito, tinha muitas crises de pânico, ataques de ansiedade, tanto que eu ligava muito para a minha psicóloga de madrugada e ela passava quase uma hora comigo no telefone, até que eu parasse de chorar, coisas assim sabe...? Isso foi bem difícil para mim, saber que a minha amiga J. saiu de casa e foi morar na rua. A última vez que me falaram dela, ela estava morando na Cracolândia.

Para conseguir sair dessa, eu comecei a passar por uma outra psicóloga, porque eu passava pela psicóloga lá da casa, só que como eu estava muito acima do que ela podia ajudar, eu comecei a passar por uma outra psicóloga e por psiquiatra. Eu comecei a tomar remédios para baixar um pouco os ataques e as crises de ansiedade e aí, quando eu finalmente achei que eu estava recuperada, eu desenvolvi transtorno alimentar. Por conta disso, eu ainda sigo na

terapia e passo no psiquiatra. Ele é maravilhoso. Estou conseguindo me recuperar, me sinto bem melhor.

Trajetória

Nós sempre moramos em uma cidade do interior. A gente tinha uma boa relação. A gente era como a família perfeita do bairro. Uma mãe, um pai, três filhos e um cachorro... essa era nossa família feliz...

Por parte de mãe, tenho mais dois irmãos, que é o A. que é mais velho e a C. que é filha do meu padrasto, que é a mais nova... era tudo perfeito! Não existia violência. Minha mãe sempre foi muito amorosa e eu sempre fui muito apegada a ela, só que... um dia ela começa a trabalhar e a voltar a estudar para terminar a escola. O trabalho dela era com eventos... Um dia, ela quis terminar com o meu padrasto e foi um término bem complicado...ninguém esperava que o relacionamento deles acabasse... e aí meu padrasto ficou com a minha irmã mais nova, e eu e meu irmão foi morar com a minha mãe na casa de uma amiga dela. Aí meu irmão começou a usar e vender drogas. Minha mãe me tirou da escola e simplesmente sumiu... ela não deu mais sinal de vida, e só apareceu novamente quando eu já estava no abrigo. Ela foi atrás de mim, só que foi muito estranho eu ver ela depois de tanto tempo, porque como eu tive muitas perdas, eu trabalhei isso muito na terapia, a minha psicóloga disse que a minha cabeça ela funciona assim, sempre que alguém se afasta, eu esqueço, tipo os sentimentos que eu tinha por essa pessoa... e quando minha mãe voltou, foi como se eu não a conhecesse. Nem a aparência dela era igual, e foi como se eu tivesse com um livro em branco... não tinha nada... e aí ela veio com um monte de promessas, falou muita coisa, só que como eu estava meio que vacinada de tanta gente que tinha saído da minha vida, eu realmente não tinha nem um pingo de sentimento por ela... é estranho falar isso, mas eu então não botei muita fé nas promessas dela, e realmente eu estava certa, porque depois ela sumiu de novo...

Quando ela nos deixou, ficamos na casa de uma amiga dela. Fiquei quase que dois meses lá... porque essa amiga tinha os filhos dela também, que a gente chamava tudo de primo, tinha acho que tinha uns 12 primos, uns 12 filhos assim... já era muita criança e ainda receber mais duas que não são dela... foi aí que eu fui morar com a minha avó e teve todo aquele problema e eu fui para o abrigo...Eu sempre quis voltar a ter aquela família felizinha do começo, sabe? Só que depois de tanto tempo chorando e passando a vivência com a minha vó, que era uma pessoa muito fria... não tinha nem abraço, não tinha nem um "eu te amo", e essas coisas...

então fiquei enrijecida com isso, e aí quando minha mãe voltou, eu só aceitei vê-la porque as técnicas falaram que ela queria muito me ver.

Eu já imaginava que ia ser assim, porque os meus pais, tanto o meu pai de sangue, quanto meu padrasto e minha mãe, tinham essa mania sabe, de sumir... eu já estava acostumada ao meu pai fazendo isso, então quando ela veio eu já imaginei que ela ia fazer de novo e foi o que realmente aconteceu...

De vez em quando eu falo com a minha irmã mais nova, mas faz anos que eu não vejo ela e meu irmão mais velho a última vez que eu fiquei sabendo dele, que me enviaram e me contaram que ele estava morando na rua, morador de rua... a única pessoa que eu tenho vínculo atualmente, mas é bem fraco é com meu pai de sangue. Mas eu não boto muita fé nele porque logo, logo ele some de novo... ele me trata bem, ele tenta se esforçar, mas eu não consigo botar muita fé nele, então eu não tenho muita esperança... atualmente eu tenho mais contato com os meus parentes de outra cidade, que são a mãe dele e tal... só que nem eles gostam muito do meu pai, então eu passo mais tempo com eles do que com meu próprio pai...

No começo, logo que eu cheguei no abrigo eu pensei que poderia ser adotada, só que quem adota uma criança de 13 anos? São pouquíssimos casos, isolados mesmo sabe... geralmente, quem quer adotar, procura mais por crianças... então eu nunca botei muita fé nisso... nunca... Mas eu gostaria de fingir por uns dias que tenho uma família de verdade... Eu não vou negar... só que ao mesmo tempo que sinto saudade da época que eu era criança, eu percebo o quão errada aquela história começou... então, eu acho melhor cada um ficar no seu canto, para não acontecer novas besteiras... É, por isso que talvez eu nunca faça laços de amizade por muito tempo sabe, por conta de todo esse processo de sempre entra e sai na minha na vida, então meio que fico mais blindada para não sofrer tanto...

Mesmo no meu trabalho, eu evito muito estabelecer vínculos... eu converso com muita gente, dou risada, mas é aquela coisa... só no trabalho mesmo, fora do trabalho, não sou muito assim não... Sempre tem um ou outro que eu gosto de sair conversar, mas não é nada muito afetivo... eu gosto de deixar os laços afastados, porque é aquela coisa que eu já conheço, todo mundo que faz amizade comigo, no curso ou trabalho, quando acho que seremos melhores amigos para sempre, depois é cada um para um canto e eu fico sozinha de novo.

Com as pessoas do meu trabalho mesmo, a gente não consegue ter um contato fora do trabalho, porque principalmente quem trabalha a tarde, eu tenho bastante amizade com o pessoal da tarde, mas é difícil nos encontrarmos, porque eu saio do trabalho quase 11 horas, e chego em casa quase meia noite. Durmo, acordo e já tenho que voltar para o trabalho, não tem

um vínculo muito forte! Até pessoas que eu tinha um vínculo forte antes de começar a trabalhar, atualmente não tenho mais... eu não consigo manter contato.

APÊNDICE D - ENTREVISTA COM RAI O

Boa tarde, eu tenho 18 anos e estou disposta a compartilhar tudo que for ajudar nessa pesquisa. Eu fiquei no abrigo de acolhimento desde o ano de 2019 até meados de 2022, um pouco mais de dois anos. No abrigo em que eu estava, tinham crianças e adolescentes. Era tudo misturado.

Quando eu saí, depois de dois anos, e fui morar em uma república, mas também fiquei só por quatro meses lá, depois fui embora para morar com meu namorado...

Minha Institucionalização

Eu fui acolhida porque meu pai abusava de mim, e eu não tinha a quem recorrer, porque minha família não me apoiava, não acreditava em mim, falava que era culpa minha, por causa das roupas que eu vestia, e tudo... e aí me deram duas escolhas, ficar na rua ou ir para o abrigo de acolhimento. E eu escolhi o abrigo. Minha família disse que eu deveria escolher a rua ou o abrigo. E eu fui procurar um abrigo... Fui para o abrigo e fiz a denúncia do meu pai.

Eu já conhecia um pouco de como funcionava o abrigo. Conteí tudo e acionaram o Conselho Tutelar, eles me perguntaram se eu tinha certeza da minha decisão de não ficar com a sua família, e eu disse que tinha, afinal eles não acreditaram em mim... E logo, me encaminharam para um abrigo. Eu cheguei lá e as cuidadoras me deram roupa limpa, falaram que eu podia tomar banho...

Antes, morávamos apenas eu e meu pai... eu cheguei a morar com a minha irmã um período também, mas discutíamos muito, por causa da minha sexualidade, por eu ser bissexual, aí fui morar com meu pai. Ela era homofóbica, a nossa família era crente, era super religiosa, do tipo homem é para mulher, e mulher é para homem, não tem outra opção. E eu sempre falava que temos livre arbítrio, se eu quiser ficar com mulher eu fico, se eu quiser ficar com homem eu fico, a escolha é minha, é nós sempre discutimos por causa disso... meu pai também não era liberal, mas a gente não discutia tanto, porque eu já sabia como ele era, então eu evitava falar com ele sobre isso, eu sabia que ia dar merda...Então, eu era mais cautelosa.

A minha mãe é moradora de rua, desde 2014 que não a vejo. A última vez que a vi foi no velório da minha vó... eu morei com ela quando eu era bem pequena... meu pai batia nela, a espancava, pelo fato dela usar drogas... aí ela foi morar na rua. Eu nem sei se ela está viva ou morta... e eu só tenho uma irmã, e fui morar com ela depois que minha vó faleceu, porque eu

ficava mais com a minha vó. Até que minha vó faleceu, e eu fui morar com a minha irmã. Depois, brigamos e fui morar com meu pai por dois anos...

Início dos abusos

Eu comecei a ser abusada por ele quando ele tinha uns ataques de raiva, tipo, eu dormia e sentia ele pegando em mim, só que eu pensava que não era possível, eu devo estar sonhando, e eu voltava dormir... eu fui trouxa... até que quando eu completei dezesseis anos, e ele fez novamente e eu falei agora acabou, então abri a boca para todo mundo, e até a pessoa para quem eu fiz a denúncia, viu um chupão no meu pescoço, e disse “a culpa foi sua”, e o delegado concordou...

Não aconteceu absolutamente nada com ele, ele está vivendo a vida dele, enquanto eu perdi dois anos da minha vida me escondendo dele, porque eu não conseguia nem ir para a escola, porque eu pensava que estaria na rua e que ele iria me ver... ele me ameaçava, batia a minha cabeça na parede...

Quando foi encaminhada para o sistema de acolhimento, nem exames eles solicitaram de mim, para ver como eu estava... o delegado nem sequer pediu exames. Ele duvidou de mim, disse que meu pai não faria aquilo. Eu fui sozinha denunciar ele, e estava com as roupas rasgadas...

Mesmo depois que eu fui acolhida, ninguém fez literalmente nada sobre isso, ninguém deu continuidade ou atenção à minha denúncia, porque quando você já está dentro do abrigo, o sistema te larga, afinal você já está lá mesmo, e só tem duas opções: ser adotada ou voltar para a família, e eu sabia que não seria adotada, e voltar para a família não era uma opção...

Memórias do abrigo

Lá dentro do abrigo, tenho lembranças de várias coisas boas e ruins... tinha o apoio da maior parte das cuidadoras do abrigo, porque o “sistema” não está nem aí... mas também os maus tratos, que por mais que você esteja ali para ser protegida, não é isso que acontece.

Já presenciei certas pessoas pagando para acolhidas maiores, baterem nas crianças, porque alegavam que as crianças estavam incomodando, deixar o portão aberto para crianças fugirem.

Teve uma menina que se cortava, e ela pegou uma faca, e uma pessoa falou assim “você gosta de se cortar? Então me dá aqui que eu corto para você...”

Teve um outro caso que... um voluntário uma vez... Tinha uma coordenadora lá, ai essa coordenadora colocou uma monte de câmeras lá, porque essa coordenadora era perita criminal, ela começou a desconfiar, por isso ela colocou as câmeras... e surgiram imagens de um homem que ocupava um cargo alto no abrigo, passando a mão em uma acolhida... e foi um fuzuê. Mas nem isso se tornou público, pelo contrário, foi abafado... eles sempre davam um jeito de encobrir. Sempre! Inclusive, mandaram essa coordenadora embora, porque mexeu com um homem poderoso, e ele perseguiu ela lá dentro. Até hoje eu não consigo entender essas coisas, e é muito difícil de falar sobre isso...

Memórias boas...

Eu me lembro de algumas cuidadoras, de eu estar chorando muito e poder contar com algumas delas, como no dia que eu cheguei, eu não consegui dormir direito, estava com muito medo, medo do meu pai...eu só pensava "ele vai me achar", e uma cuidadora deitou ao meu lado e ficou cantando para eu conseguisse dormir...

Convivência e sexualidade

Era péssimo conviver dentro do abrigo com a mistura de idades na mesma casa, eu não recomendo... porque crianças não sabem o que é sexo, drogas, mas os adolescentes já sabem e conversam sobre isso... e também a questão de misturar conversas sobre religião, porque nessa conversa sempre tem posturas homofóbicas. Algumas cuidadoras, por exemplo, falavam que eu era "sapatão", porque eu falava abertamente sobre isso... eles perguntavam e eu falava. Eu não tinha porque esconder, só que depois eu tinha que aguentar essas "brincadeiras..." Eles não entendiam que na verdade eu era bissexual, e não "sapatão", e essas gracinhas me deixavam bem mal. Por conta disso, as crianças passaram a ter medo de mim...

Revelar minha sexualidade dentro do meu ambiente familiar, foi mais complexo, porque, como eu disse, todas as pessoas são muito ligadas à religião... Então isso foi bem difícil, porque eu mesma, às vezes pensava em ir para a igreja para dar um jeito nisso, procurar a "cura" na igreja, porque falavam que tinha cura!

Quando eu tinha uns doze anos, as pessoas começaram a notar que tinha algo diferente comigo, e eu ficava com medo do que elas iriam fazer. Mas logo me apaixonei por uma menina e comecei a namorar com ela. Eu falei para todo mundo que estava namorando com ela, porque eu não conseguia segurar... e todo mundo começou a me falar para eu ir para a igreja para me

curar disso. Diziam para eu ir para a igreja ou ir para o CAPES fazer terapia. A questão para essas pessoas era que eu deveria me “tratar” de uma doença psicológica e espiritual!

Eu já dizia que era anormal. Eu respondia dizendo que é super normal, porque assim como elas gostam de homens, eu gosto de mulher, e às vezes, posso gostar de homem também, eu tenho o direito de escolha. Eu logo entendi que eu não precisava ser curada de nada, então consegui me livrar logo deste período em que as pessoas ficavam me “mandando” ir para a igreja. E outra coisa também, eu logo entrei para a Umbanda, que é bem mais tranquila para tratar dessas questões.

Mas em outros ambientes eu continuo vivenciando violências e LGBTfobia. Sempre acontece alguma coisa, piadinhas, ofensas... segue sendo muito difícil.

Na escola

Eu ia para escola, mas eu não tinha muitas amizades. Eu tinha medo de me aproximar, especialmente das meninas, porque tinha medo de me apaixonar por elas e ser rejeitada, até mesmo agredida.

Teve um dia que eu participei de uma brincadeira de verdade ou desafio e me perguntaram se eu era bissexual, e eu respondia que sim, aí eles pegaram a garrafa de vidro e tacaram na minha cabeça... até que a diretora veio, chamou o SAMU e eu fui levada ao hospital, eu tinha 14 anos, e não queria falar sobre o ocorrido... eu não consegui nem denunciar porque eu senti muito medo... achei melhor não denunciar.

Depois disso, eu não consegui frequentar mais essa escola. A única lembrança boa de lá, é da diretora que era muito gente boa. Qualquer coisa que eu precisasse, podia contar com ela, mesmo que ela tivesse muita coisa para fazer. E isso fazia muita diferença. São só essas memórias de escola que gostaria de compartilhar.

Deixando o abrigo

Eu saí do abrigo esse ano, 2022 que foi quando completei 18 anos. Saí e fui para a república por um tempo, mas agora eu já saí também...

Na república é mais tranquilo em partes, porque só tem meninas, é dividido... uma república só de meninas e outra só de meninos, e não tem mistura de idades também. Mas não tem cuidadoras, então sempre tem revanche entre as meninas, agressões... mesmo sendo maiores de dezoito anos, ainda são muito jovens, vivem com a cabeça quente, falam e se xingam

muito. E são seis meninas no mesmo abrigo. São seis porque é o número máximo permitido por lei.

Na república as pessoas são mais abertas, aceitam melhor as coisas referentes à sexualidade, à religião... as responsáveis pela repúblicas que são mulheres de um movimento negro têm as cabeças bem mais abertas.

Eu pedi para sair dessa república faz um tempinho, porque eu estava trabalhando e meu namorado também, então alugamos uma casa, e eu pedi para sair da república. Eu conheci meu namorado quando estava no abrigo...

Mas agora eu não estou mais trabalhando, porque comecei a passar muito mal no trabalho até que descobri que estou gestante... trabalhava com telemarketing, fiquei três meses e agora fui dispensada... era período de experiência ainda...

Depois que eu saí da república, eu não recebi nenhum apoio de nenhuma rede ligada ao sistema de acolhimento institucional. Nada! Eu fiz dezoito anos, fui para república, depois saí e já era, e acabou!

Quando eu estava no abrigo, passava por acompanhamento psicológico, depois fui para república e nada... e sentia, sinto falta desse acompanhamento, porque me ajudava bastante... e só criei vínculo com um único voluntário no abrigo o J., sempre que estava triste, ele me ajudava, mesmo que eu estivesse sorrindo, ele sabia que eu estava chateada com alguma coisa, e ele me apoiava... E estou gestante, seria bom ter apoio. Seria extremamente importante ter uma rede de apoio e políticas públicas para quem passa pelo processo de desacolhimento institucional... é difícil sair do abrigo ou da república sem ter nada... precisamos de muita coisa... Agora eu pretendo buscar ajuda, principalmente porque estou gestante e desempregada, e espero ser acolhida.

Relações familiares (sendo mãe)

Eu nunca planejei ser mãe... meu namorado trabalha, mas ele mudou de cidade, para onde a família dele mora, e estamos pensando em viver lá, para que eles nos ajudem... ele já foi, e eu fiquei... estou morando com uma amiga. Estou com medo... como na época que tinha medo do meu pai...

Eu me sinto como na época em que eu nem saía de casa, só ia onde era necessário... mas chega uma hora que não adianta se esconder, tem que viver! Não dá para pagar eternamente pelos erros que outras pessoas cometeram.

Não tenho mais nenhum contato com ninguém da minha família porque ninguém mais quis saber de mim... quando eu fui para o abrigo, lembro que na primeira noite, eu fiquei a madrugada inteira, sentada na varanda, esperando...esperando minha irmã ir me buscar, e dizer que acreditava em mim. Mas ela nunca foi. Ela tinha vinte e dois anos...

Quando eu morei com ela, éramos só nós duas na casa, aí briguei com ela e fui para a casa do meu pai... depois disso tive bem pouco contato com ela, tipo “cada um no seu quadrado”. Nunca mais teve reunião de família... nem no natal, porque só termina em briga... mas ainda assim eu tive esperança que ela me buscasse no abrigo...

Mas eu não sinto nenhuma falta de ter contato com meus familiares... Não! Não tem como sentir falta de algo que nunca tivemos de verdade, nunca recebi carinho dessas pessoas... só da minha avó, dela recebi bastante carinho, ela cuidava de mim.

Eu cheguei a morar com minha avó por algum tempo...ela percebia questão da minha sexualidade, e dizia nunca deixe de ser que você é de verdade, ela me apoiava...E olha que tive muitos enfrentamentos em minha vida, porque tipo assim, uma mulher já nasce menina, e eu uma mulher bissexual, preta... e se você notar a maior parte das mães desejam que seus filhos sejam homens, não querem meninas... e isso já é um pensamento machista. Mas eu quero que minha filha seja uma menina. Acredito que se eu for mãe de uma menina, eu posso desconstruir a forma machista como fui criada... eu penso que ela poderá ser o que ela quiser, ser livre para sentir e viver...

Vou compartilhar uma lembrança que tive... No dia do enterro da minha vó, tinha muitos parentes que eu nem conhecia, e tinha um menininho pequeno, eu estava chorando muito, e ele chegou perto, me entregou um girassol e me disse para eu não ficar triste, porque a minha avó não ia querer. Ele disse para eu olhar sempre para a luz e não para a escuridão... Foi neste momento que decidi procurar o abrigo... essa era a minha única opção. Ou era isso, ou ficaria na rua, e entraria para as estatísticas de mulheres mortas, jogadas por aí...

Mas tenho muitas memórias ruins desse processo também, coisas que poderiam ser mudadas... o sistema precisa ser mudado, tem muita coisa que acontece lá e ninguém fica sabendo... agressões que não são denunciadas... mistura de idades, assédios... tivemos abrigo nessa cidade que fechou por conta de denúncias de assédio, violências... como a C.M. É difícil falar sobre isso...

Mesmo dentro dessa estrutura, eu tinha uma enfermeira que me acolhia... ela ia para cuidar de uma menina que era “especial”, mas toda vez que eu ia na sala dela para conversar, ela me ouvia, ela me acolhia e era muito bom... E sobre ter uma menina especial lá, não deveria ser assim, porque não tem estrutura, eles deveriam criar um lugar específico para isso, não era

preparado para receber alguém com outras necessidades, tinha escada, lugares onde ela poderia ter se machucado... não era apropriado, nem o pessoal do SAMU conseguia acessar adequadamente a casa porque não tinha acessibilidade.

Trajetória

Quero falar sobre os encontros de ser uma mulher bissexual, negra, porque foi e é muito difícil... as pessoas têm a mente muito fechada, e tem muita ignorância. Olha um exemplo: se você perguntar quem é a Marielle Franco? A resposta vai ser que ela foi só uma vereadora, mas na verdade ela é uma referência para mim, lésbica, mãe, favelada, preta! E teve muito isso na minha trajetória, eu era a escurinha, e tinha as crianças de olhos e peles claras... as crianças de pele clara recebem mais colo, e são as mais adotadas... eu presenciei muito a dificuldade de adoção de crianças negras acolhidas. No abrigo em que eu estava, crianças brancas eram adotadas rapidamente, crianças negras estavam lá há anos... teve uma criança negra que foi devolvida. Ela foi adotada e depois devolvida, sim, devolvida! Como se fosse uma roupa, um brinquedo. Sabe?

No processo de adoção, as crianças passam os dias com a família interessada, e quando está tudo certo, levam as crianças definitivamente... e aí devolvem a criança, como nesse caso, e a criança fica toda lascada.

E tem a questão da homofobia que também era espalhada nesse ambiente, tanto que tinha uma casal gay que queria adotar uma menina, e eu era muito apegada a ela, fiquei feliz quando soube da possibilidade dela ser adotada..., mas os gestores e as cuidadoras eram religiosos, e ensinavam que isso era errado, era pecado, isso é repetido lá... e a menina ficou com aquilo na mente, e não quis ser adotada por esse casal.

Ela tinha um irmão, e o irmão dela foi com esse casal, e como ela não quis, o juiz separou os dois... ele foi e ela ficou... para você ver que esse abrigo era religioso, tipo não tinha a minha crença, eu já era do candomblé!

Tinham umas pessoas que iam fazer célula, pregação mesmo, e eu não queria participar, e eu era ameaçada, do tipo “se você não for, vai ficar de castigo, sem passeio”... então, eu ficava lá de castigo, mas não participava.

Eu não podia falar sobre o candomblé lá dentro... como eu falava, eu vivia de castigo por conta disso. Não deveria ter nenhuma atividade religiosa em lugares assim, cada um segue o que quiser. Liberdade!

Minha família era religiosa... frequentava a igreja no bairro onde cresci... eu gostava do bairro, de morar lá. Os meninos e eu saíamos para jogar futebol à tarde, soltar pipa, era muito bom! Mas faltava muito acesso, tipo se ficávamos doentes - eu tenho a imunidade muito baixa -, se eu pegar um resfriado forme, preciso de atendimento de emergência, precisa chamar o SAMU, e lá neste bairro, era muito difícil o acesso... eu tive muitas convulsões quando morava lá, e precisava de socorro, dos oito aos onze anos... e era um morro difícil subir... no pronto atendimento não tinha o aparelho para ajudar a respirar, e eu precisava. Então, pessoas da comunidade me pegavam no colo e faziam carros pararem e me levavam para o hospital... lá eu me sentia acolhida, lá tinha pessoas pretas, lésbicas, LGBT, todas pobres!

É isso! Podemos encerrar?